Santa Cecília do Sul

Estado do Rio Grande do Sul

Resgatar memórias e eternizar histórias de Santa Cecília do Sul

Organizadoras

Adelides Teresinha Lara Piffer

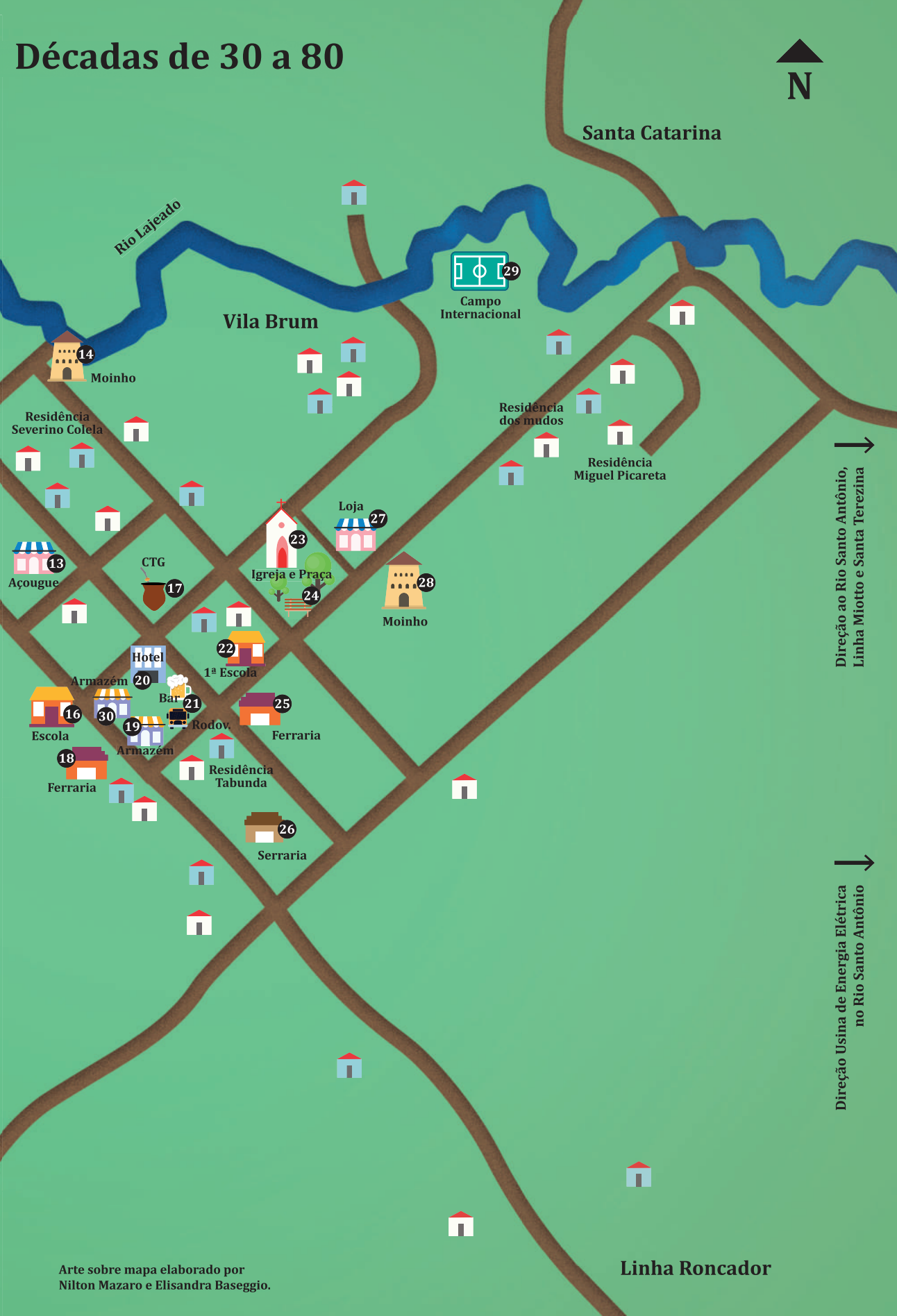
Rubia Caumo Crespi

Suelen Defaveri

Mapa de Santa Cecília

1 - Gerador: Família Zanella
2 - Curtume: Família Salomão
3 - Serraria: Família Secco
4 - Costureira: Família Roman
5 - Armazém: Família Baseggio
6 - Taxi: Família Baseggio
7 - Costureira: Família Roani
8 - Costureira: Família Pedó
9 - Armazém: Família Zanela
10 - Sapataria: Família Roani
11 - Cemitério Municipal
12 - Campo Fluminense
13 - Açougue: Família Fernandes e Telles
14 - Moinho
15 - Posto Esso: Família Cavichioli
16 - Escola Rural Santa Cecília
17 - CTG Poncho Verde
18 - Ferraria: Caumo e Fontana
19 - Armazém: Família Rampazzo
20 - Hotel: Família Azzolini
21 - Bar e Rodoviária
22 - 1º Grupo Escolar
23 - 1º Igreja
24 - Praça Santa Cecília
25 - 1º Ferraria: Família Toldo
26 - Serraria: Família Girardi
27 - Loja: Família Bernardes
28 - Moinho
29 - Campo de Esporte Clube Internacional
30 - Armazém: Família Kadini

Décadas de 30 a 80



Arte sobre mapa elaborado por
Nilton Mazaro e Elisandra Baseggio.

Vista aérea de Santa

Foto: Atos Produtora

Cecília do Sul - 2024

Santa Cecília do Sul

Estado do Rio Grande do Sul

Resgatar memórias e eternizar histórias de Santa Cecília do Sul

Organizadoras

Adelides Teresinha Lara Piffer

Rubia Caumo Crespi

Suelen Defaveri

Prefeitura Municipal de Santa Cecília do Sul-RS
2024

Prefeito: João Sirineu Pelissaro
Vice-Prefeito: Leonardo Panisson

Organizadoras:
Adelides Teresinha Lara Piffer
Rubia Caumo Crespi
Suelen Defaveri

Colaboradores:
Ana Caroline Piffer
Eliane Maria Simioni Comparin
Elias Nunes
Fernanda Caumo Telles
Gabrieli Panisson
Juliana Dahm
Marcieli Perera Marcon
Nilton Mazaro
Valéria Marsilio
Veronica Heloisa Panisson

Projeto gráfico e diagramação:
Orange Agência

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte

R433 Resgatar memórias e eternizar histórias de Santa Cecília do Sul / Organização de Adelides Teresinha Lara Piffer, Rubia Caumo Crespi e Suelen Defaveri. – Santa Cecília do Sul : Prefeitura Municipal, 2024.
320 p. : il. color. ; 17 x 25 cm.
Inclui bibliografia.
Editado também como e-book em 2024.

1. Município de Santa Cecília do Sul, RS. 2. História. 3. Emancipação. 4. Comunidades. 5. Memórias. I. Piffer, Adelides Teresinha Lara, org. II. Crespi, Rubia Caumo, org. III. Defaveri, Suelen, org.

CDD: 981.652
CDU: 94(816.5)

Catalogação: Marina Miranda Fagundes - CRB 14/1707

"A cultura de um povo é o seu maior patrimônio. Preservá-la é resgatar a história, perpetuar valores, é permitir que as novas gerações não vivam sob as trevas do anonimato." (Nildo Lage).

Que você possa desfrutar dessa leitura, viajar no tempo e se orgulhar de toda história traçada por muitas pessoas batalhadoras. Orgulhe-se dos seus ancestrais, honre teu passado e viva o presente, para que novas histórias sejam contadas a partir daqui.

Agradecemos, de coração, a toda comunidade que se envolveu nesta obra, seja por meio de entrevistas ou colaborando com fotografias. A vocês, nosso muito obrigada e boa viagem nesta leitura!

Prezado leitor!

Você está prestes a mergulhar na centenária, linda e emocionante história de Santa Cecília do Sul!

Este é, com certeza, o trabalho mais completo já realizado sobre nosso município. Muita pesquisa, entrevistas, reuniões, visitas, viagens, conversas e mais de um ano de muito esforço e dedicação para fazer desta obra, a mais completa possível!

A professora Adelides Teresinha Lara Piffer, sempre teve o sonho de escrever um livro sobre Santa Cecília do Sul e contava com muito material, textos e estudos guardados. Com a parceria da incansável Rúbia Caumo Crespi e toda equipe da Secretaria de Habitação e Assistência Social, "arregaçaram as mangas" e trabalharam muito para que este livro, esse sonho, agora se tornasse realidade. Claro que a construção foi a muitas mãos, a cada foto fornecida, cada causo contado, cada entrevista dada. O engajamento das pessoas foi incrível, com centenas de contribuições, fazendo com que o resultado fosse o somatório desta colaboração coletiva e todos são autores diretos e indiretos deste livro.

Nesta obra você encontrará relatos, histórias incríveis, descobertas, causos, documentos e muitas fotos que estavam guardadas e, até, esquecidas. Conjunto esse que contará detalhadamente a evolução de Santa Cecília do Sul através dos anos. Desde o tempo das grandes fazendas, da formação do vilarejo, da construção das primeiras escolas, igrejas e locais de encontros. Sobre os tropeiros que por aqui passavam e faziam parada, sobre a colonização, chegada e história das primeiras famílias e o surgimento de todas as comunidades. Passa pela luta árdua e vitoriosa do processo emancipatório e a importância deste fato para o crescimento do município. E, por fim, traz relatos históricos dos executivos, legislativos, secretarias e grupos organizados, que atuam no dia a dia da comunidade.

Esse livro é uma verdadeira e fidedigna viagem na história de Santa Cecília do Sul. Com certeza será fonte de pesquisas e estudos a quem interessar e, de maneira especial, aos nossos estudantes.

Percebam que procurei não citar nomes, pois no prefácio do livro não teria espaço para todos que contribuíram com esse promissor município. Sendo assim, a melhor forma de saber a todos é lendo. Boa leitura a todos!

João Sirineu Pelissaro
Prefeito de Santa Cecília do Sul

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 16

ASPECTOS FÍSICOS E GEOGRÁFICOS DO MUNICÍPIO DE SANTA CECÍLIA DO SUL 17

PANORAMA DO POVOAMENTO DO RIO GRANDE DO SUL 20

CAPÍTULO 1 – ORIGEM E RESGATE HISTÓRICO

1.1 De Ramón Rico à Santa Cecília do Sul 37
1.2 Fazenda Santa Cecília 39
1.3 Fazenda Taymbé 42
1.4 Famílias colonizadoras e o desenvolvimento de Santa Cecília do Sul 43
1.4.1 Vila Zanela 45
1.4.2 Vila Santa Cecília 49
1.4.3 Família de João Lissa Dal Prá e Angelina Frosi Dal Prá 51
1.4.4 Família Guerra 54
1.4.5 Família de Romano Kadini 55
1.4.6 Família de Ampélio Tieppo 57
1.4.7 Família de Genuino Teles de Souza e Oraide Tieppo 59
1.4.8 Família Fernandes e Telles 61
1.4.9 Família Pelissoni 63
1.4.10 Família Panisson/Panizzon 67
1.4.11 Família Camargo de Melo 75
1.4.12 Família de Benedito Azzolini e Maria Luiza Zorzi Azzolini 77
1.4.13 Família de Arnaldo Gratieri 80
1.4.14 Família de Carlos e Ines Parizotto 81
1.4.15 Família de Francisco e Ernesta Tofoli Dalsolio 83
1.4.16 Família de Victorio Piffer e Fiora Fraporti 85
1.4.17 Família Martini 87
1.4.18 Famílias Caumo e Fontana 90
1.4.19 Família de Giacó Basso e Elisa Felini Basso 91
1.4.20 Família Biasi 93
1.4.21 Família de Santo Girardi 95
1.4.22 Família Felini 96
1.4.23 Família Tres 97
1.4.24 Família de Bortolo Grando 99
1.4.25 Família Rampazzo 100
1.4.26 Moinho 102
1.4.27 Posto Esso 104
1.4.28 Clube Esportivo e Recreativo Internacional 105
1.4.29 Esporte Clube Fluminense 107
1.4.30 Subdelegacia de Santa Cecília 113

1.4.31 Meios de comunicação 116
1.4.32 A energia elétrica em Santa Cecília 121
1.4.33 Poesia sobre Santa Cecília do Sul 123

CAPÍTULO 2 - A EMANCIPAÇÃO E CRIAÇÃO DE SANTA CECÍLIA DO SUL
2.1 O Distrito de Santa Cecília rumo a emancipação 127
2.2 Galeria de Prefeitos e Vice-Prefeitos 135
2.3 Poder Legislativo 138
2.4 Serviços públicos e criação das secretarias municipais 144
2.4.1 Secretaria da Fazenda 144
2.4.2 Secretaria da Administração 145
2.4.3 A trajetória da saúde no município 146
2.4.4 A trajetória da educação e da cultura 151
2.4.5 Secretaria de Agricultura 166
2.4.6 A construção histórica da assistência social no município 168
2.4.7 Secretaria de Turismo e Esporte 171
2.4.8 Secretaria de Obras e Viação 172
2.4.9 Secretaria de Serviços Urbanos 173
2.4.10 Segurança Pública 174

CAPÍTULO 3 – COMUNIDADES RURAIS
3.1 Capela de São Marcos 177
3.2 Comunidade de Santana 185
3.3 Comunidade de São Sebastião – Vista Alegre 191
3.4 Capela de São Valentim 202
3.5 Linha Fernandes 209
3.6 Comunidade de Santa Terezinha 217
3.6.8 Linha Miotto 231
3.7 Comunidade de Santa Catarina 233
3.8 Comunidade de Santo Antônio 237
3.8.1 Várzea Bonita 240
3.8.2 Secção Fracasso 241
3.9 Sede 242
3.9.1 Capela Santa Cecília 242
3.9.2 Festa do Rio, mais de 80 anos de história 247
3.9.3 Linha Roncador 252
3.9.4 Linha Mazaro 255
3.10 Igrejas que contemplam o município 257

CAPÍTULO 4 – GRUPOS E ENTIDADES
4.1 Grupo da Terceira Idade “Sonhar é Viver” 261
4.2 Cavaleiros da Amizade 266
4.3 Moto Clube Picadão em Duas Rodas 269
4.4 Companhia do Pedal Bikers 271

CAPÍTULO 5 - PERSONAGENS POPULARES E HISTÓRIAS CURIOSAS

5.1 Miguel Picareta 273
5.2 Tereza e "os mudinho" 278
5.3 Florenal Alves Ramos 279
5.4 Tabunda (Otávio Fagundes) 280
5.5 Severino Colella 282
5.6 Angelin Grosseli 282
5.7 Origem da música "O colono" de Teixeirinha 283
5.8 Relatos de Celestino Meneghini 285
5.9 Poesia - "Homenagem a Santa Cecília" 286
5.10 O avião que caiu 287
5.11 A construção do paraquedas 288
5.12 O caminhão que caiu na ponte do Rio Ligeiro 288
5.13 Santa Cecília do Sul - A Sibéria 289

CONSIDERAÇÕES FINAIS 290

EQUIPE DO LIVRO 291

DEPOIMENTOS 292

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 296

ANEXOS 302

INTRODUÇÃO

A relevância desse trabalho está alicerçada no resgate das raízes históricas de Santa Cecília do Sul frente a uma maior compreensão e valorização da sua identidade, como também remete a contribuição que o mesmo poderá exercer no âmbito social, histórico, cultural e educacional, auxiliando nas reflexões em torno das relações e constituição das identidades, tanto grupais, quanto individuais e familiares.

Como diz Zanolla (1994, p. 8), pouco conhecemos sobre os fatos acontecidos antes da civilização. Porém, por meio da capacidade de guardar as lembranças, das vivências e das narrativas, a história foi se constituindo.

Assim, cabe ressaltar que os fatos presentes estão fundamentados no passado e, estes, projetam e impulsionam o futuro, contados, mediante uma linguagem simples e acessível, buscando a veracidade das histórias por meio dos depoimentos e seus diferentes pontos de vista.

Muitos depoimentos foram colhidos e muitas pesquisas foram realizadas acerca das origens. O desafio maior foi reunir, em uma obra, um passado de tradições, cultura e costumes de um povo que sonhou, lutou e venceu.

Que cada trecho do livro te teletransporte para o passado e, ao mesmo tempo, te orgulhe do quanto o município se desenvolveu e que você desfrute dessa história e vibre com toda essa evolução.

ASPECTOS FÍSICOS E GEOGRÁFICOS DO MUNICÍPIO DE SANTA CECÍLIA DO SUL

- Localização

O Município de Santa Cecília do Sul está situado na região nordeste do estado do Rio Grande do Sul, na latitude: 28°09'40" sul e longitude: 51°55'52" oeste; integra a Microrregião de Passo Fundo e a Associação dos Municípios do Nordeste Riograndense (Amunor).

Conforme o último Censo do IBGE, realizado em 2022, Santa Cecília do Sul possui 1674 habitantes e uma área territorial de 200.056 km², resultando em uma densidade demográfica de 8,37 habitantes por km².

A estimativa populacional do IBGE em 2021 era de 1630 pessoas. Conforme o instituto, haveria um declínio no número de habitantes no município, fato esse que não se concretizou.

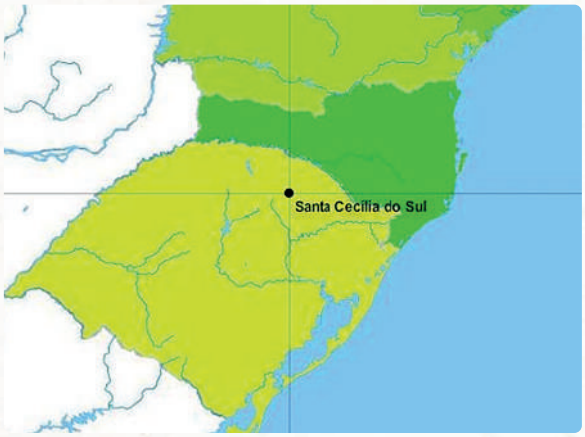


Figura 1 – Localização. Fonte: Plano de Saneamento Básico de Santa Cecília do Sul.

Santa Cecília do Sul tem como via de acesso à BR-116, ERS-122, ERS-446, BR-470, ERS-324, ERS-129 e ERS-430. O acesso principal ao município se dá através da ERS-430 via Tapejara e BR-285, que liga Lagoa Vermelha e Passo Fundo. Está distante 307,7 km da capital do estado, Porto Alegre.

Figura 2 - Mapa de acesso ao município. Fonte: Google Maps/2012.

- Limites

O município limita-se ao norte com Tapejara, ao sul com Caseiros e Ciríaco, a leste com Ibiaçá e a oeste com Água Santa.

Figura 3 - Limites municipais. Fonte: Plano Municipal de Saneamento Básico.

- Hidrografia do Município

A rede hidrográfica do município compreende a grande bacia do Rio Uruguai e pertence à Bacia Apuaê-Inhandava, que reúne os arroios e rios que cruzam o município, porém antes disso a cidade está compreendida na Bacia do Arroio Boneto, pois este arroio recebe as águas dos demais arroios que passam pelo perímetro urbano do município.

Sua hidrografia possui densidade concentrada, porém apresenta rios de pequena extensão. "A configuração dos leitos dos rios do município, em sua grande maioria estreitos, favorece um rápido aumento do nível das águas por ocasião das chuvas." (PMSB, p. 28).

O manancial hidrográfico de Santa Cecília do Sul é formado por arroios, sangas e rios. Os principais rios que banham o município são: Rio Santo Antônio, que possui sua nascente ao sul do município; Rio Ligeiro ou Rio Apuaê e Rio Vespeira, cuja nascente está localizada na Comunidade de Linha Fernandes, mais precisamente na propriedade do Sr. Arduino Zancan, próxima à divisa territorial com o Município de Água Santa.

- Relevo

Situa-se na zona de relevo do Planalto Médio, caracterizado por planaltos, morros, cadeias de pequenas elevações montanhosas, além de vales e planícies que acompanham as encostas dos rios. Destacam-se, ainda, paredões rochosos e ladeiras com muita declividade na formação de cachoeiras ou no curso dos rios.

- Clima

O clima predominante no município, assim como em todo o estado do Rio Grande do Sul, é subtropical. A temperatura média anual do município fica em torno de 18 °C. Possui verão instável, com uma temperatura que varia entre 28 °C e 35 °C. O inverno é bastante frio, com temperaturas que variam entre 5 °C e 9 °C, podendo ser registradas temperaturas de 0 °C.

Por estar situado em latitudes médias, o município sofre constantes invasões de frentes frias de origem polar, o que implica em bruscas mudanças de tempo. Em razão disso, ocorrem geadas com maior frequência no inverno até o início da primavera.

A precipitação anual é elevada, ocorrendo chuvas com maior intensidade também no inverno e na primavera. Essas precipitações não ocorrem sempre de forma uniforme, registrando-se períodos de estiagem ou enchentes.

- Fauna

Não há uma fauna muito diversificada, embora em determinadas áreas registre-se a presença de: ratões-do-banhado, tatus, gambás, veados, raposas, lebres e algumas jaguatiricas (gato-do-mato). Cita-se, também, alguns répteis, como lagartos e cobras, e anfíbios (rãs e sapos). Existe, ainda, uma considerável variedade de aves: joão-de-barro, sabiás, coruja, papagaios, caturritas, gralhas, canários e outras espécies. Quanto ao ambiente aquático, existem: carpas, jundiás, traíras, tilápias, cascudos e lambaris.

- Vegetação

A vegetação pertence ao bioma Mata Atlântica, caracterizada, principalmente, pela floresta subtropical, com araucária, vegetação típica do Planalto Rio-grandense. Com a ocorrência do extrativismo e atividades agrícolas, a vegetação sofreu intensas modificações. A extração da madeira é devidamente autorizada e beneficiada, seguindo destino para construção civil.

Também encontram-se áreas de reflorestamento com eucalipto, usado na construção de galpões, instalações rurais ou aquecimento de fogões nas residências. Registra-se, ainda, a presença de árvores nativas como: cambará, angico, pinheiro, bracatinga, cedro, timbaúva, tarumã, ipê, entre outras espécies.

PANORAMA DO POVOAMENTO DO RIO GRANDE DO SUL

Localizado ao sul do Brasil, com uma área de 281.707,151 km² e ocupando pouco mais de 3% do território brasileiro, está o Rio Grande do Sul. Inúmeros fatos marcaram o povoamento deste estado, entre eles a presença de diferentes povos neste processo de colonização, o que o torna um espaço com características peculiares.

O povoamento ocorreu em três momentos distintos. Segundo Oliveira (2005, p. 12):

"... num primeiro momento, há mais de dez mil anos, por caçadores coletores;

... segundo momento, por povos ceramistas, horticultores, por volta do início da Era Cristã.

... e a terceira onda iniciada com o descobrimento da América, cujo movimento populacional persiste até o presente."

Descrevem-se os caçadores coletores, como pessoas que viviam em uma sociedade cujo sustento era obtido através da coleta de vegetais e caça de animais selvagens. Os ceramistas horticultores dominavam a técnica da cerâmica, cultivavam alguns vegetais para consumo alimentar, características próprias dos indígenas. A terceira onda ocorreu por volta de 1492, ano do descobrimento da América, com a chegada dos portugueses e espanhóis e, mais tarde, os imigrantes italianos, alemães e luso-brasileiros.

O território que hoje compõe o estado do Rio Grande do Sul encontrava-se, na época, sob domínio espanhol, situação esta determinada por acordos firmados entre os portugueses e os espanhóis que disputavam as terras e as riquezas que porventura ali fossem encontradas.

- Os indígenas

De acordo com Fitz (2011, p. 49): "... com a viagem de Colombo, ficou clara a ligação entre a Espanha e a Igreja. O Papa Alexandre VI, nascido na Espanha, garantiria ao seu país os territórios conquistados ou a serem conquistados através das bulas Inter Coetera, mais tarde Tratado de Tordesilhas. Ao sancionar estes tratados, o Papa exigia dos espanhóis que levassem missionários a esses territórios."

A intenção da Coroa Espanhola, que confiou na Companhia de Jesus, era de que os jesuítas garantissem a ocupação das terras em nome da Espanha, catequizassem e ensinassem a cultura local aos indígenas. Havia, porém, enorme interesse comercial dos portugueses que passaram a chegar no Rio Grande do Sul pela Bacia do Prata. O século XVI marcou o contato com os primeiros colonizadores vindos do continente europeu com os povos nativos. Souza (2008, p. 42), afirma que os povos indígenas do Planalto Médio do Rio Grande do Sul sofreram com o crescente povoamento e passaram a conviver com os estrangeiros em seus antigos territórios.

A conquista do território do Planalto Médio do Rio Grande do Sul, região de Passo Fundo, deu-se em 1632 com a chegada dos jesuítas espanhóis na região habitada por indígenas descendentes dos Gês (Kaingang) e os Coroados que viviam de

acordo com sua cultura: caça, pesca, coleta de frutos e ervas, cultivo de erva-mate, milho, mandioca e outras plantas. Produziam, coletavam e caçavam o necessário para sua subsistência e viviam em aldeias ou casas subterrâneas com mais de uma família. Possuíam sua própria religião e cultura.

Conforme o livro "Tapejara, Origens e Desenvolvimento", os Gês ou Kaingangs formavam a tribo mais numerosa do Rio Grande do Sul, somando mais de 30 mil indivíduos distribuídos em mais de 30 terras indígenas localizadas, além do Rio Grande do Sul-RS, em Santa Catarina-SC, Paraná-PR e São Paulo-SP (2016, p. 25).

O maior símbolo de poder dos indígenas era o pinheiro "Araucária", que era abundantemente encontrada no norte do Rio Grande do Sul. Durante o inverno, esta árvore produz o pinhão, uma fruta muito nutritiva e apreciada pelos Kaingangs e Coroados, que dominavam a técnica da produção de farinha de pinhão, que, após estar seca e moída, era armazenada em cestos confeccionados com taquara por um longo período. Havia abundância de alimentos, proporcionando aos Gês, maior mobilidade, vindo de São Paulo ao Rio Grande do Sul, entrando pelo Alto Uruguai, descendo pelo Planalto Médio e indo até o litoral norte por dentro das matas.

A terra era abundante, porém havia regras de sobrevivência. Homens e mulheres, cada um possuía suas tarefas específicas: as mulheres, mesmo grávidas, eram encarregadas de coletar frutas e sementes para o sustento da tribo. Antes de dar à luz ao filho, elas se isolavam em um local com uma das anciãs que fazia o papel de parteira. Após nascer, limpavam a criança e entregavam ao pai. Ela crescia alimentada pelos frutos da terra e aprendia a cultura de seu povo.

Os povos indígenas retiravam da natureza a matéria-prima, como cipó e taquara, para a confecção dos utensílios de uso doméstico, como diversos tipos de cestas, peneiras e balaios. Chefiados pelos caciques, pessoas escolhidas por sua influência e valentia, sempre buscavam defender os interesses da comunidade. Outra figura importante era o Kuiã, que exercia o poder religioso dentro da tribo, como líder espiritual, possuindo também, conhecimento sobre as plantas medicinais

A fundação dos "Sete Povos das Missões" em 1682, tinha por objetivo a catequização, introdução da cultura europeia aos indígenas, pelos jesuítas, o que não foi aceito de forma pacífica pelos mesmos. Eles eram forçados a trabalhar e produzir erva-mate em larga escala, que era exportada para Montevidéu, Buenos Aires e Europa. Além disso, criavam gado bovino, introduzido pelos jesuítas espanhóis, pois no Brasil não existia esses animais até a chegada dos europeus. Eram obrigados, também, a aceitar uma religião diferente dos rituais que possuíam, pois, para os jesuítas, todos necessitavam viver à luz do Cristianismo.

Muitos destes nativos, não se deixando escravizar, refugiavam-se no interior do estado, onde havia mata fechada, formando outras aldeias e desenvolvendo papéis fundamentais no desenvolvimento e apropriação da terra. Estes povos viabilizaram o cultivo da erva-mate, o extrativismo da madeira e abriram caminhos para a passagem de tropas de gado, muares, transporte da produção agrícola e a interligação de territórios. (Município de Vila Lângaro, 2020, p. 21).

A prosperidade dos "Sete Povos" contrariou os interesses do Rei de Portugal, determinando, assim, o aniquilamento das reduções Jesuíticas e os missionários. Desta luta sangrenta surgiu o herói Sepé Tiarajú. Com esse episódio, após o

aniquilamento dos missionários, muitos indígenas começaram a vagar sem rumo, juntando-se a outras tribos Kaingangs existentes ou formando grupos menores incorporados pelos portugueses por volta de 1800 (Tapejara, Origens e Desenvolvimento, 2016, p. 26). Esta incorporação causou o extermínio dos Charruas e Minuanos, a destruição dos Sete Povos, que espalhou indígenas Guarani por todo o território do Rio Grande do Sul. Justifica-se, assim, a existência de povos indígenas aqui nesta região.

Em 1824 chegaram os colonos alemães e, em 1875, os italianos. Os indígenas não compreendiam a derrubada da mata pelos novos colonizadores e, com frequência, invadiam os terrenos cultivados. Com o passar do tempo compreenderam, porém, que não podiam entrar nas plantações e envolveram-se em conflitos.

Coletavam os produtos no pátio dos colonizadores e fugiam refugiando-se na mata. Mais tarde, tornaram-se mais cautelosos ao perceberem que os colonos possuíam armas e, então, passavam dias e dias espreitando de longe as moradias e somente atacavam quando tinham a certeza de que os moradores não estavam por perto. Em pouco mais de duas décadas, os colonizadores alemães conseguiram afastar os indígenas Kaingang para a região da atual cidade de Passo Fundo.

Em Santa Cecília do Sul, há relatos de que havia indígenas na região da atual Comunidade de Vista Alegre e arredores. Acredita-se que, como há reservas indígenas localizadas nos Municípios de Água Santa e Charrua, estas tribos transitavam e, até mesmo, formaram suas aldeias nesta região.

- Espanhóis e portugueses

Os espanhóis, liderados por Cristóvão Colombo, chegaram ao continente americano pela primeira vez em outubro de 1492. Já a chegada dos portugueses ao Brasil aconteceu em 1500, quando Pedro Álvares Cabral desembarcou em terras brasileiras. Este evento marcou o início da colonização e influenciou diversos aspectos da sociedade brasileira.

Os portugueses chegaram ao Brasil em busca de riquezas, principalmente o Pau-Brasil, uma madeira muito valorizada na Europa. Além disso, eles também tinham o objetivo de expandir o domínio português e estabelecer colônias na nova terra descoberta. Assim como os espanhóis, que também queriam colonizar a nova terra e buscar pelas especiarias existentes. Desta forma, as disputas por terras e riquezas deram início a diversos conflitos entre eles.

O processo de colonização do Brasil iniciou quando os portugueses estabeleceram feitorias ao longo da costa, onde exploravam o Pau-Brasil e mantinham relações comerciais com os indígenas. Esta exploração foi um dos fatores que impulsionou a criação do tropeirismo, pois era necessário transportar a madeira das áreas de extração até os pontos de embarque para a Europa. Há indícios de que esta atividade com os tropeiros iniciou no século XVII e durou até o início do século XX.

Além disso, a Coroa portuguesa tinha o objetivo de desenvolver o interior do Brasil, o qual era composto por um vasto território com grandes distâncias entre as cidades e pouca infraestrutura de transporte e, para isso, era necessário transportar mercadorias entre as diferentes regiões. Foi neste contexto que surgiram os tropeiros, solucionando essa lacuna na economia regional.

- O legado dos tropeiros no Brasil e sua influência no Rio Grande do Sul

Os tropeiros eram responsáveis por transportar mercadorias, principalmente gado e produtos agrícolas, de uma região para outra. Essa atividade era essencial para a economia da época, pois permitia a circulação de bens entre diferentes áreas do país. Eram, em sua maioria, homens vindos de regiões rurais, com habilidades de montaria e conhecimento das rotas comerciais.

Percorriam jornadas longas e cansativas pelas estradas precárias do Brasil colonial, repletas de obstáculos, como rios, serras e, até mesmo, conflitos com povos indígenas, além de intempéries e ataques de animais selvagens. Entre as regiões de população e os centros consumidores no Brasil, os condutores de tropas ou comitivas de muares e cavalos eram conhecidos por tropeiros, condutores de tropas, arrieiros ou bruaqueiros. Já no sul, eram conhecidos como carreteiros devido às carretas com as quais trabalhavam transportando feijão, milho, banha, farinha, arroz e outras mercadorias.

Com o passar do tempo, eles criaram rotas comerciais que conectavam diversas partes do país, facilitando o intercâmbio de bens e conhecimentos entre diferentes regiões. A formação e o desenvolvimento de várias cidades do interior do Brasil também foi impulsionado pela criação de infraestruturas para atender às necessidades dos tropeiros, como hospedarias, pousadas, armazéns e ferrarias. Esses estabelecimentos foram fundamentais para garantir o abastecimento e a manutenção das tropas.

No RS os tropeiros desempenharam um papel fundamental na história, trazendo desenvolvimento, cultura e um estilo de vida único à região e aos gaúchos. A coragem, a determinação e a solidariedade dos tropeiros, em desbravar terras selvagens, enfrentando perigos, trouxeram consigo um estilo de vida único.

A cultura tropeira é uma parte intrínseca da identidade do RS. Os tropeiros deixaram um legado cultural rico, que inclui danças, músicas, tradições e culinária. Esta última, por sua vez, é uma herança valiosa, que conta com pratos como o famoso churrasco gaúcho, o carreteiro, feito com carne de charque e o feijão tropeiro.

No RS, a Estrada dos Tropeiros foi a rota principal utilizada pelos tropeiros para atravessar o estado. Essa estrada, que se estendia por centenas de quilômetros, ligava diversas cidades e vilas, permitindo o comércio e a troca de mercadorias entre diferentes regiões. Era conhecida por suas paisagens deslumbrantes e por ser um caminho repleto de aventuras e perigos.

Também, utilizavam a rota denominada de Estrada do Viamão, que ligava a região de Viamão, próxima à capital Porto Alegre, à fronteira com o Uruguai. Outra rota importante era a Estrada do Mar, que seguia pela costa litorânea do estado, permitindo o transporte de mercadorias entre as cidades litorâneas e o interior. Essa rota era especialmente utilizada para o transporte de charque. Ainda, utilizavam a Rota das Missões que tinha como destino os povoados das reduções jesuíticas nas Missões Guaranis.

Além dessas, existiam outras rotas menores, como a Estrada da Serra, que ligava a região serrana do estado com o litoral e a Estrada do Faxinal, que conectava a região de Cruz Alta-RS com a cidade de Rio Pardo-RS.

Outro ponto importante a ser citado é a Colônia de Sacramento, cidade his-

tórica do Uruguai, estrategicamente localizada na margem norte do Rio da Prata, o que a tornou um importante ponto de disputa entre os espanhóis e os portugueses durante o período colonial.

Para apoiar e proteger ainda mais a Colônia do Sacramento, os portugueses decidiram fundar Laguna, em Santa Catarina e, assim, intensificar o comércio entre as duas vilas, optando por viagens pelo litoral. E foi nesse trajeto que descobriram a Vacaria do Mar, um lugar com vastas planícies, rica vegetação e com potencial para criação de gado e produção de alimentos.

No decorrer de suas viagens, os tropeiros faziam paradas, conhecidas como invernadas. O tropeiro Cristóvão Pereira estabeleceu o caminho das tropas e currais ao longo do litoral. Em Torres e ao norte do canal de Rio Grande, foi criado um pedágio do gado, retirado da Vacaria do Mar. Por essa rota, pelo litoral ser muito acidentado, em 1727 foi descoberto outro caminho: a estrada de Morro dos Conventos, de onde as tropas chegavam facilmente até Lages-SC, Curitiba-PR e Sorocaba-SP.

Figura 4: Mapa do caminho das tropas, ou caminho dos tropeiros, partindo do sul para São Paulo e Minas Gerais, passando por Passo Fundo e Paiol Grande (hoje Santa Cecília do Sul) em direção a Lagoa Vermelha. Fonte: Paixão Côrtes (2000, p. 52).

- A passagem dos tropeiros por Santa Cecília do Sul

Antigamente, a tropeada era a única maneira de transportar animais comercializados. Santa Cecília do Sul, na época chamada de Paiol Grande, foi um dos municípios que presenciou a passagem dos tropeiros.

Relatos de pessoas com vasto conhecimento, transmitindo suas memórias e experiências de vida possibilitaram irmos além, conhecermos a história e, assim, enriquecer o resgate sobre o tropeirismo. Nos depoimentos, os entrevistados retrataram a realidade e suas vivências, tão indispensáveis em um trabalho investigativo que, para tanto, merecem a credibilidade e o registro.

O caminho de Vacaria foi considerado um percurso clássico do tropeirismo: "... ia de Cruz Alta, município de grandes invernadas no passado, até Sorocaba, principal centro de compra e venda de muares no Brasil colonial, do século 18 até início do século 21" (Globo Rural, p. 3).

Este movimento tornou-se um importante fator sóciopolítico-econômico das regiões que abrangeu, razão pela qual é considerada como uma das atividades mais relevantes da história e deixando uma herança cultural muito significativa. Entre tantos caminhos estabelecidos pela atividade tropeira na região sul do Brasil, o Município de Santa Cecília do Sul foi palco de inúmeras tropeadas e, portanto, teve importante participação no desenvolvimento do cenário regional e nacional.

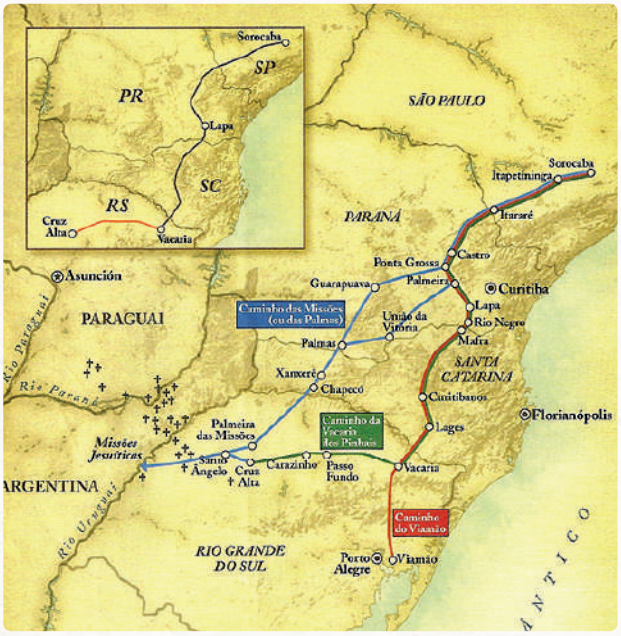


Figura 5: Mapa da região "cortada" pelos caminhos. Fonte: Revista Globo Rural, Edição Especial, fascículo 1:1.

Seu Genuino Teles de Souza, filho desta terra, atuou na lida tropeira e retrata, claramente, o cenário das tropas que passaram em Santa Cecília do Sul, atravessando a cidade onde, na época, era apenas "um carreiro de chão batido".

"Na escuta: se recolham que a tropa é braba"

Filho do tropeiro Inocêncio Telles de Souza, popular "Inocêncio Preguiça", Seu Genuino viu muitas tropas apontarem no "Tiso Panisson", vindos de Sorocaba em direção à BR-285, seguindo para os Campos de Cima da Serra, Lagoa Vermelha e Vacaria. *"Na escuta: se recolham que a tropa é braba"*, afirmou que certa vez estimou cerca de mil animais em uma delas.

Mais tarde começaram a passar tropas de mulas e foi aí que Seu Genuino aprendeu o ofício de domador: *"... bem cedinho, eu ia trabalhar na roça e voltava ali pelas onze e meia, iniciava a lida de domador. Encilhava a mula e começava doma que*

demorava uns 20, 30 dias e era feita por etapas: primeiro galope era de 1 km, segundo de 2 km e, assim, por diante, devagarinho até ficarem bem mansinhas para colocar na carroça, puxar arado, colocar o selim[1] *para as mulheres montar. Tinha que ficar parada, quietinha com a rédea no chão".*

Seu pai, Inocêncio Telles de Souza e os Srs. Ângelo Tres e Valério Bacega, comercializavam em média 50 mulas cada um. Os animais domados eram vendidos na região de Getúlio Vargas: *"... o negócio era feito através da moeda nacional da época, o cruzeiro"*, afirmou. O percurso durava um mês e só retornavam para casa após concluída a venda de todo o lote.

No decorrer dos anos, passaram a comercializar gado para a região de Clevelândia-PR. Viajavam a cavalo, seguindo pelas matas fechadas, trilhando carreiros ou estradas, demorando mais de um mês. Compravam o gado dos colonos da região e no trajeto era preciso manter a tropa reunida. Organizavam, então, uma comitiva, um grupo capaz de lidar com os animais e que desempenhassem, com eficiência, as diferentes tarefas exigidas na atividade. O longo percurso não estava isento de muitas dificuldades. Todos compartilhavam do prolongado isolamento, da rusticidade do pouso noturno, dos terrenos e rios de travessia arriscados e do possível ataque de feras ou indígenas. De certa forma, peões e tropeiros se igualavam.

Sr. Inocêncio Telles de Souza, montado no último cavalo, na estrada de Tapejara/Rio do Peixe, seguindo a Passo Fundo e com destino à Clevelândia-PR para vender a tropa de gado. Foto: Arquivo de Genuino Teles de Souza.

Em muitos grupos, a convivência diária e o fato de terem apenas uns aos outros com quem contar, possibilitaram criar laços de amizade, companheirismo e camaradagem existentes até hoje. O gosto pela vida simples em meio à natureza e aos animais, a aventura, o respeito pelo outro e a obediência pelas regras foram

[1] Define-se "selim", como "uma antiga sela de cavalo para mulheres, muito utilizada no início do século XX, na zona rural".

compartilhados ao longo desta trajetória repleta de valores como coragem, valentia, honra e liberdade.

Santa Cecília do Sul não foi somente um caminho de passagem. Foi também um ponto de paragens para descanso e restabelecimento, promovendo um intercâmbio de trocas, hábitos alimentares, cultura, costumes e modo de vida, ser e agir.

Sr. Zacarias da Rosa (em memória), proprietário do potreiro na Comunidade de São Marcos, uma das paragens dos tropeiros. Foto: Arquivo de Paulo da Rosa, filho de Seu Zacarias.

Carlos Ferronato e sua esposa Francisca Biasi Ferronato revelaram que um dos pousos dos tropeiros era em São Marcos, no potreiro de Seu Zacarias da Rosa (em memória). Neste pequeno campo fechado, mais tarde foi construída uma escola. Ali, encontravam água e alimento para os animais. Os peões dormiam no galpão. Rolavam causos, histórias e aprendizados. Dona Bifalda Caumo complementou: *"... na propriedade de Seu Dionísio Tres havia um local seguro, que também serviu como pouso em diversas ocasiões"*. Era também chamada de "Casa de Pasto", confirmada pelo tropeiro, Seu Luiz Lopes.

Nelson Ferronatto, residente na Comunidade de São Marcos, viveu este momento especial: *"Mas quanto boi passou naquele São Marcos! Vindo de São Borja, São Luís Gonzaga e Santo Antônio das Missões. A cada 35, 40 dias vinham tropas da fronteira. Na frente vinha a égua madrinha servindo de guia para a tropa já acostumada a ela. Pendurado no pescoço, um cincerro[2] cujo som os animais seguiam. Também era responsável por carregar o cargueiro, que continha os alimentos e os utensílios para a viagem"*.

"Mas quanto boi passou naquele São Marcos!"

Figura 6: Imagem ilustrativa de um trempe. Fonte: Pinterest.

Entre os apetrechos[3] utilizados, estava o "trempe" e a "cambona", ambos indispensáveis nas lidas tropeiras. A cambona, usada tanto para esquentar água do chimarrão, quanto para preparar um gostoso café. Ao invés do coador, usavam um tição aceso para assentar o pó no fundo da vasilha, proporcionando um cheiro forte e agradável e, conforme o tronco que se colocava, dava um aroma marcante e distinto, um tempero a mais. O trempe,

[2] Define-se "cincerro" como "campainha que se pendura no pescoço da besta que guia as outras".
[3] Define-se "apetrechos" como "acessórios; conjunto das coisas ou do que é necessário a certos usos: apetrechos de viagem".

uma estrutura com três pés e uma corrente, onde penduravam a chaleira e a panela para aquecer a água e cozinhar os alimentos, uma comida simples, prática e de muita "sustança" (saciedade/força), assim definida pelos tropeiros. Levavam o básico para comer no caminho: feijão, arroz, carne seca, toucinho e alguns acompanhamentos como: farinha de milho, farinha de mandioca, sal, alho, açúcar e café.

Figura 7: Imagem ilustrativa de uma cambona onde era feito o café. Fonte: Site Portal das Missões.

Em seu depoimento, o Sr. Nelson contou: *"o café, preparado de manhãzinha pelos tropeiros, era ferrado com um tição em brasa, era feito dessa forma, já que, por ser uma bebida quente e apreciada logo cedo, evitava fazer mal, ou a pessoa pegar um ar e entortar o rosto. As lidas campeiras envolviam enfrentar o tempo, chuva ou sol e tinham que se proteger"*.

Normalmente, descansavam em um local fechado e cercado, mas se não houvesse um lugar seguro, posavam nos corredores, com os peões fazendo ronda ao redor da tropa. Acendiam o fogo a uns 15 metros de distância, deixando aceso a noite toda, à frente e atrás da estrada e dormiam ali mesmo, garantido o repouso e a segurança dos animais e boiadeiros.

Sr. Nelson Ferronato. Foto: Arquivo da equipe do projeto do livro.

Na memória permeada por lembranças, Seu Nelson destacou, ainda, que *"quando ficava algum animal para trás, ou que se extraviasse da tropa, tinha a "arribada", que poderia durar mais que um dia e consistia na volta do arribador*[4] *que tinha que dar um jeito de buscar o animal perdido"*.

Com a tropa, traziam alguns cordeiros, presentes dos estancieiros, onde adquiriam o gado. *"Estes serviam de alimento para a comitiva. O gado era cruzado com zebu. Provavelmente, proveniente da fronteira e das regiões missioneiras"*, contou Seu Nelson.

Em seus causos, ele seguiu lembrando: *"uma vez, em São Marcos, quando veio uma tropa de gado xucro, havia uma pequena festa na capela e as pessoas ficaram curiosas. O gado assustado estourou em uma lavoura de milho, não deixando um único pé. O gado voltou 3 km, sendo difícil o retorno ao caminho que deviam seguir. Foi com muito custo que os peões conseguiram reunir a boiada. Em outra tropeada, vieram apressados, devido à legalidade*[5] *e encontraram-se com uns caminhões cheios de pessoas que gritavam: vamo mata os bois"*.

---

[4] Define-se "arribador" como "tropeiro cuja função é retornar à cata de animais desgarrados da tropa em marcha".
[5] Define-se "legalidade" como "particularidade ou estado do que é legal; que está conforme a lei".

Figura 8: Imagem ilustrativa da tropa de mulas e da comitiva. Fonte: Blogspot Imagens Históricas – tropa de mula, Acervo Tropeiro Camponez.

Outro fato curioso revelou Seu Alcides Concolatto: *"muitas vezes a gente chegava atrasado na escola, pois tinha as tropas indo à frente. Outra vez estava pescando na cachoeira de São Marcos, o pai chegou e pediu para ir pra casa, pois um boi tinha caído no poço do Nelson Tres. Quando chegamos, os moradores estavam tirando o boi do poço. Assim que tiraram, mataram e dividiram entre os que estavam por ali".*

"Ao anúncio de aproximação da boiada ou dos muares, nos recolhíamos no interior de nossas casas e ficávamos espreitando pelas frestas das janelas."

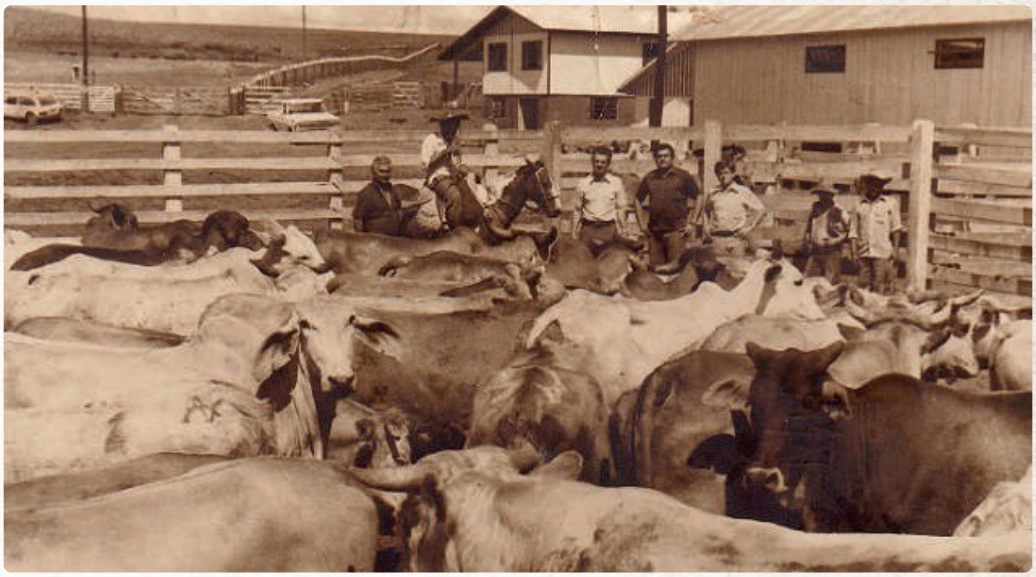
Outro ponto de parada era a "vargem", no Rio Santo Antônio e descrita como um local favorável e, segundo relatos de pessoas mais antigas, havia uma construção rústica de tábuas de pinheiro lascadas, coberto por tabuinhas que servia de abrigo para os peões.

Em suas lembranças de infância, Celestino Meneghini retratou a passagem das tropas com um misto de curiosidade, medo e emoção. *"... era lindo de ver. Ao anúncio de aproximação da boiada ou dos muares, nos recolhíamos no interior de nossas casas e ficávamos espreitando pelas frestas das janelas. Lembro dos homens montados em suas mulas vestindo uma capa, indo de cá para lá, gritando, conduzindo com maestria todo o rebanho. Uma égua madrinha conduzia a tropa".*

Tropeiro Luiz Lopes. Foto: Arquivo pessoal da família.

Luiz Lopes nasceu em Charrua e migrou com a família para a Comunidade de São Marcos quando tinha aproximadamente 8 anos. Ficou acampado nos matos do Seu Mario Lopes, mais ou menos três anos, pois era o trabalho na época. Mais tarde, Seu Luiz foi para o campo, na Fazenda Taymbé.

Atualmente, reside na Comunidade de Santa Teresinha. Atuou como tropeiro por estas redondezas e com muita história para contar. Destacou que certa vez chegaram 500 cabeças de gado e 500 de ovelhas transportadas em um trem. Foram descarregadas onde hoje é o Shopping Bourbon em Passo Fundo. *"Reunimos a tropa e seguimos pela estrada de chão, devagarzito. Eu, o Paulo Cardoso, o Índio Boeira e o Sadi Machado, hoje todos já falecidos. O primeiro pouso foi em Engenho Grande e durou três dias. A segunda parada foi em Bom Retiro e, daí, direto para a fazenda. Sempre contavam os bois e a cada 50 cabeças gritavam "taia" e guardavam um palito. Ficava um peão em cada lado do potreiro para acompanhar a contagem.*



Tropeiro Luiz Lopes, peões e proprietário da Fazenda Tumelero. Foto: Arquivo pessoal da família.

Na vez dos 500, Seu Fernandes gritou e eu não confirmei. Contei novamente e faltava uma rês. Lembro que ao descer do trem, esse boi havia arrancado uma guampa e no trajeto se perdeu. Depois foi encontrado vindo rumo à Santa Cecília".

Em outra tropeada, foram para Esmeralda. Paulo Cardoso, Índio Boeira, Sadi Machado, entre outros, eram companheiros nas lidas tropeiras. *"... era uma época boa, as dificuldades a gente vencia junto. Levamos uma panela pequena e faziam comida na beira da sanga. Durante o intervalo ou repouso, os arreios viravam travesseiros, pelego era o colchão, o ponche era a coberta..."*, contou Seu Luiz.

Sr. Luiz Lopes. Foto: Arquivo da equipe do projeto do livro.

Na travessia do gado no Passo das Mulas, no Rio Forquilha, 50 homens aproximadamente eram necessários para

garantir a segurança de todos os envolvidos: tanto dos animais, quanto dos peões. Neste local tinha um poço, os animais atravessavam a nado. Tal situação exigia extrema atenção, mas também proporcionava um espetáculo fascinante. Numa destas passagens, aconteceu um incidente: *"... Paulo Cardoso, estava montado numa pitiça que carregava as panelas. A mula atravessou o rio e demoramos pra encontrar. Ficamos sem comida"*.

Paulo Cardoso de Oliveira. Foto: Arquivo de Clelia Tamanho.

Para as tropeadas, Seu Luís e o Índio tinham uns oito animais entre éguas e mulas. *"... pra fazer a troca, quando um animal cansava. Às vezes, era meia-noite e tinha que atravessar o rio. Tinha lua cheia, daí era mais fácil. Em uma dessas, voltamos por Santa Luzia e posamos em Vila Vitória, Ibiaçá."*.

Somando aos relatos, João Batista Fernandes da Silveira, revelou que seu avô materno, Alípio Fernandes *"saia com tropas de 30 a 40 bois e seguia em direção à Porto Alegre para vendê-los. Retornava recebendo ovelhas em troca, essas mais para consumo. Os tropeiros passavam na estrada em frente à sede da Fazenda Taymbé com gados e mulas."*

O declínio do "fazer tropeiro" ocorreu com o surgimento da estrada de ferro, dos veículos automotores e do asfalto riscado sobre o caminho dos muares. Grande parte desta pesquisa está alicerçada nas narrativas orais, culturas revivenciadas por personagens que fizeram parte deste passado histórico e, que de memória em memória, reproduzem um pouco da história de Santa Cecília do Sul.

- Refazendo o trajeto, revivendo a história

Santa Cecília do Sul, como mencionado anteriormente, foi um dos municípios que presenciou a passagem dos tropeiros. Este fato pode ser confirmado na manhã do dia 9 de setembro de 2022, quando o município recebeu uma Comitiva Paulista, composta por cinco amigos que se reuniram em prol de uma paixão pelos muares, os quais se propuseram reproduzir a tropeada de Cruz Alta a Sorocaba, refazendo o caminho tradicional das tropas.

Na ocasião, foram recepcionados com um café da manhã na Câmara Municipal de Vereadores, na companhia do prefeito, João Sirineu Pelissaro; vice-prefeito Leonardo Panisson; presidente do Legislativo, Fábio de Quadros, vereadores e secretários municipais.

O objetivo principal foi homenagear os tropeiros. Esta aventura contou com uma estrutura completa, contendo: um caminhão motorhome com capacidade para dez animais, uma camionete e uma moto de apoio durante todo o trajeto.

A equipe era composta por um médico veterinário, um ferrador, um cozinheiro e motoristas. Além deles, também haviam 14 animais, entre eles uma égua madrinha e 13 muares (burros e mulas). Iniciaram o trajeto no dia 29 de agosto de 2022 e ficaram, em média, 60 dias na estrada, construindo memórias, fazendo história e relembrando tradições.

Comitiva Paulista passando por Santa Cecília do Sul. Fonte: Câmara Municipal de Vereadores de Santa Cecília do Sul.

- Afrodescendentes

Depois do Império do Brasil, o Rio Grande do Sul, assim como outras partes do país, aderiu à cultura escrava introduzida nos primeiros tempos da colonização portuguesa.

A presença dos negros como escravos no estado é atestada desde o início do século XVIII. Foram enviados para trabalhar nas estâncias de criação de gado e, na primeira década do século XIX, sua presença praticamente dobrou, pois a cultura das charqueadas ganhava corpo como a principal atividade econômica da província e exigia intensa mão de obra. Cabe ressaltar que o estado era o 6º em população negra no país.

No decorrer dos tempos, passaram a atuar em diversos ofícios braçais no campo e nas cidades. Eram também requisitados em tempos de guerra devido à sua coragem e bravura. Na Revolução Farroupilha (1835-1845), compunham mais de um terço das tropas revoltosas, junto com mestiços, indígenas e escravos fugitivos do Uruguai.

Desempenharam um papel importantíssimo na consolidação do espaço geográfico brasileiro e regional, marcando forte influência também nas demais

culturas, como culinária, economia, espiritualidade, movimentos sociais e expressões artísticas, enriquecendo a cultura e a identidade regional e, de certa forma, a realidade nacional.

- A chegada dos alemães

As guerras na Alemanha, a obrigatoriedade de alistamento dos jovens no exército, a falta de terras para cultivo dos alimentos e a falta de empregos na cidade tornaram difíceis a permanência dos alemães em seu país de origem, obrigando-os a buscar novos rumos para suas vidas no outro lado do continente.

Atraídos pela propaganda de que o Brasil possuía boas condições para oferecer aos imigrantes, os alemães foram os primeiros a imigrar para o solo brasileiro, visto que o Brasil necessitava povoar o seu território:

> "O Brasil precisava de pessoas para habitarem as terras ociosas do sul do país, a fim de manter suas divisas, e no caso de guerras, ter pessoas que pudessem formar um exército. Para este fim, foi encaminhado à Europa o Major Schaeffer, para alistar famílias que desejassem habitar o Sul do Brasil" (LANDO E BARROS, 1976).

A imigração iniciou em 1824, com a chegada de várias famílias alemãs, estabelecendo-se, principalmente, na região do Vale do Rio dos Sinos (São Leopoldo e Novo Hamburgo, atualmente pertencentes à região metropolitana de Porto Alegre), assumindo então o papel da colonização, cuja principal finalidade era desenvolver o trabalho agrícola, ocupar o solo, "garantir a posse e a exploração de regiões menos povoadas, conturbadas por questões de limites"(Lando e Barros, p. 22).

Para convencer os interessados, o governo brasileiro acenou com uma série de vantagens: passagem, lote de terra de 78 hectares, subsídio diário de 160 réis para cada colono no primeiro ano e metade do segundo, uma quantia de bois, vacas, cavalos, porcos e galinhas, conforme o número de pessoas na família.

Ao chegarem no RS, os imigrantes foram recrutados para trabalhar nas lavouras, porém, na Alemanha, exerciam outras profissões. O país esperava estrangeiros que soubessem trabalhar a terra, porém muitos alfaiates, carpinteiros, ferreiros e artesãos imigraram com os agricultores. "Isso ocorreu porque o Major Schaeffer, o primeiro agenciador encarregado pelo governo brasileiro de recrutar colonos na Alemanha, não soube escolher as pessoas mais indicadas, mas aceitou todos os que se apresentaram"(Mulhall, p. 104).

Muitas foram as dificuldades enfrentadas na chegada: mata fechada, o perigo dos ataques indígenas e dos animais selvagens, falta de demarcação de terra e a demora para a efetivação desta demarcação. A técnica agrícola que utilizavam em seu país de origem, na agricultura, nem sempre era possível utilizar em solo brasileiro devido ao relevo da região. A falta de habilidades também dificultava o trabalho de muitas famílias na lavoura, pois estas exerciam outras profissões.

Com o passar do tempo, conseguiram derrubar a mata nativa, abrir estradas e conservá-las, fazer as primeiras lavouras para, em seguida, cultivar seus próprios

alimentos. Suas casas foram feitas com coqueiros lascados e cobertas com folhas dessas árvores. Muitos conseguiram paralelamente plantar e exercer sua profissão, garantindo um ganho extra para suas famílias. Como era costume na Alemanha, passavam seus saberes para os filhos. Para os colonos, o mais importante era a agricultura, o resto ficava para depois.

Apesar das dificuldades e com uma visão de progresso, por meio da Igreja, da comunidade e da fé, os religiosos pregavam uma mensagem de uma nova vida em Jesus. Esta foi a motivação para reavivar o ânimo destes imigrantes, renovando suas forças. Os pastores transformaram-se em "conselheiros, capazes de auxiliar nas práticas econômicas dos imigrantes, incentivando serviços profissionais de carpintaria, marcenaria, ferraria, bem como a troca de serviços entre as pessoas"(Município de Vila Lângaro, p. 24).

- Imigração italiana

Na segunda metade do século XIX, o Brasil perdia os motores da economia: o trabalho escravo. Os negros conquistaram a tão sonhada e merecida liberdade, com a assinatura da Lei Áurea. O Brasil foi o último país a acabar com a escravidão, porém a mão-de-obra não poderia ser menosprezada e, sem ela, a soberania do país estava ameaçada.

Com uma extensão de mais de 8.000.000 km², o Brasil necessitava de mão de obra para trabalhar nas grandes fazendas de café e colonizar as grandes extensões de terras nos três estados do sul.

Neste mesmo período, a Itália vivia um período muito conturbado, principalmente ao norte, com uma crise econômica, política e social comprometedora. Essa crise forçou a população italiana a procurar alternativas em outros locais. A situação era extremamente difícil. Os lavradores, flagelados pela "Pelagra" (doença causada pela subnutrição) tornava-os incapazes de manter o sustento da família.

A região de Vêneto, nordeste da Itália, fazia parte da República de Veneza e era constituída por monarquias independentes, onde fervilhavam as discussões e indignações políticas diante do cenário da época. Foi dessa região que imigraram a maioria dos italianos em meados do século XIX. Segundo Maestri:

> "Muitos italianos decidiram sair do país e tentar a sorte em outro continente onde se anunciava a oportunidade de uma vida melhor. Nos primeiros anos de imigração o governo brasileiro pagava a passagem dos imigrantes e ainda lhes fornecia sementes e ferramentas de trabalho para iniciarem suas atividades nas colônias. Viajando de trem, carroças e até mesmo a pé, milhares de famílias abandonaram suas casas e percorriam enormes distâncias até os portos de embarque para o Brasil" (MAESTRI, 2000, p. 42).

Era o ano de 1875. A viagem rumo a uma América desconhecida foi longa e difícil. Meses em alto mar, aventuraram-se esperançosos em busca de uma nova alternativa, de uma melhor qualidade de vida. A norma estabelecida pelo governo

era de que as passagens concedidas gratuitamente às famílias seriam de terceira classe. Como a maioria das famílias não possuía condições financeiras para custear a própria passagem, estas aceitavam as ofertas oferecidas pelo estado brasileiro e eram embarcadas nos porões dos navios, em sua maioria, abarrotados de passageiros.

A superlotação, as precárias condições de higiene, falta de ventilação e excesso de umidade favoreceram a proliferação de doenças contagiosas e a ocorrência de nascimentos prematuros e mortes durante a viagem. Era o pior lugar do navio. Quando ocorriam óbitos, o corpo era embalado em sacos feitos de lençóis ou panos e junto colocavam pedras de carvão mineral para fazer peso. Costurava-se o saco e, após uma rápida celebração religiosa, era lançado ao mar. Esse procedimento era utilizado pela impossibilidade de manter o corpo a bordo e evitar contágio à tripulação.

Somente a esperança da tão sonhada "nova terra" é que os mantinha corajosos diante de uma viagem recheada de obstáculos: escassez de alimentos, variações climáticas, doenças e mortes.

No imaginário italiano, as terras do Brasil eram de fartura, montanhas de ouro, "terra onde corria leite e mel". Para eles, o solo brasileiro era o novo mundo. Para o estado, o imigrante era visto como objeto comercial, pois quanto mais pessoas migrassem, maior seria o lucro às empresas.

Ao chegarem aos portos brasileiros de Santos e do Rio de Janeiro, após longa e cansativa viagem, é que os imigrantes descobriam para qual região do país seriam direcionados.

Os italianos, colonizadores do Rio Grande do Sul, desembarcaram no Porto Dona Isabel, hoje Porto de Santos, seguindo, logo após, para as localidades de Alfredo Chaves (atual Veranópolis), Dona Isabel (atual Bento Gonçalves), Conde d'Eu (atual Garibaldi) e Caxias do Sul.

Nesta época, o estado era um território desestruturado, sem estradas, pontes, recoberto por extensas matas e animais perigosos. Ao se estabelecerem aqui, não tiveram outra alternativa senão desbravar essas terras com muito trabalho, coragem e perseverança, transformando o espaço natural em um local produtivo para a sobrevivência de suas famílias.

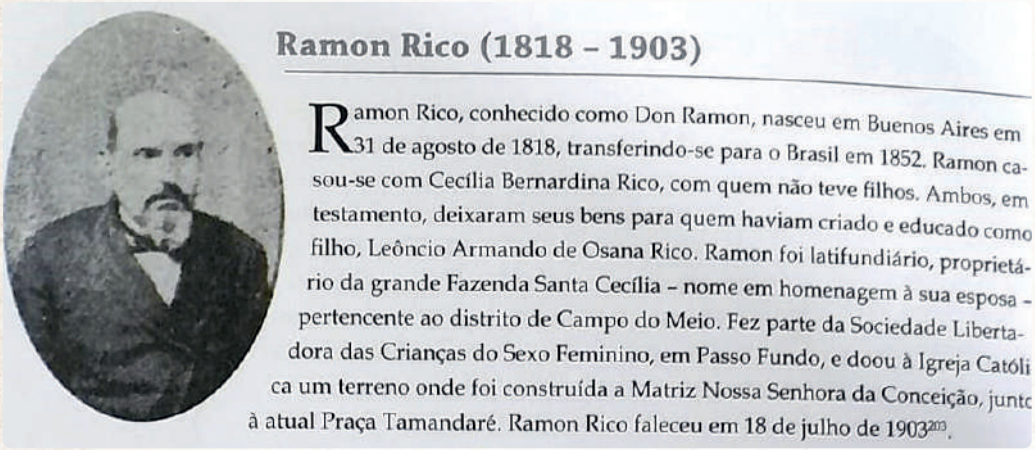
CAPÍTULO 1

ORIGEM E RESGATE HISTÓRICO

CAPÍTULO 1
ORIGEM E RESGATE HISTÓRICO

1.1 De Ramón Rico à Santa Cecília do Sul

Conhecido como "Don Ramón", Ramón Rico nasceu em Buenos Aires em 31 de agosto de 1818. Em agosto de 1851, iniciou a Guerra do Prata, também conhecida como Guerra contra Oribe e Rosas, travada no Uruguai, Rio da Prata e nordeste argentino, tendo como combatentes Brasil e Uruguai x Argentina, findando-se em fevereiro de 1852.



Ramon Rico (1818 – 1903)

Ramon Rico, conhecido como Don Ramon, nasceu em Buenos Aires em 31 de agosto de 1818, transferindo-se para o Brasil em 1852. Ramon casou-se com Cecília Bernardina Rico, com quem não teve filhos. Ambos, em testamento, deixaram seus bens para quem haviam criado e educado como filho, Leôncio Armando de Osana Rico. Ramon foi latifundiário, proprietário da grande Fazenda Santa Cecília – nome em homenagem à sua esposa – pertencente ao distrito de Campo do Meio. Fez parte da Sociedade Libertadora das Crianças do Sexo Feminino, em Passo Fundo, e doou à Igreja Católi ca um terreno onde foi construída a Matriz Nossa Senhora da Conceição, junto à atual Praça Tamandaré. Ramon Rico faleceu em 18 de julho de 1903[203].

Biografia de Don Ramón Rico. Fonte: Livro "A morte não é o Fim" de Fernando Miranda e Gizele Zanotto, 2018.

Para não se submeter aos desafios da guerra, Ramón migrou para a Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, pertencente ao Império do Brasil. Após percorrer diversas localidades, casando-se com Cecília Bernardina Rico, natural de Pelotas-RS, estabeleceu residência em Passo Fundo, na época, Distrito de Cruz Alta no ano de 1852. Por não ter filhos, o casal optou por adotar uma criança, de nome Leôncio Amando Ozana Rico, que nasceu em 18 de junho de 1852.

Além das qualidades que o fizeram ser bem-visto em seu novo lar (chamado por Don Ramón), possuía habilidade comercial confiável e contava com a perseverança para fortalecê-lo na luta pela vida. Ramón montou, então, um comércio, que lhe rendeu lucros significativos, possibilitando a compra de vários imóveis rurais na região de Campo do Meio, pertencente ao Município de Passo Fundo. Como forma de homenagear a esposa Cecília, deu ao imóvel a denominação de Fazenda Santa Cecília, sem saber que, décadas mais tarde, sua singela homenagem seria o nome atual do município.

No Município de Passo Fundo, Ramón e sua esposa, em 1871, fizeram parte da fundação da Sociedade Emancipadora das Crianças Negras do Sexo Feminino. Em 1892, o casal foi responsável pela doação do terreno para a construção da Igreja

Matriz Nossa Senhora da Conceição, localizada em frente à Praça Tamandaré.

Por volta do decênio 1880 a 1890, já cansado da labuta e com uma certa idade, Ramón foi morar na sua fazenda, desfrutando da calmaria da vida no campo. Contudo, com a Revolução Federalista, ocorrida entre 1893 a 1895, buscou abrigo em outro lugar, visto que as batalhas entre Chimangos e Maragatos deixavam rastros de destruição, como a conhecida Batalha do Pulador, ocorrida em Passo Fundo em 27 de junho de 1894, na localidade chamada de Pulador. Com a pacificação do Estado do Rio Grande do Sul, pôde, Don Ramón, retornar para Passo Fundo, onde permaneceu até sua morte, em 18 de julho de 1903.

Imagem referente a Fazenda de Ramón Rico. Foto: Arquivo pessoal do Dr. Ivo Rodrigues Fernandes

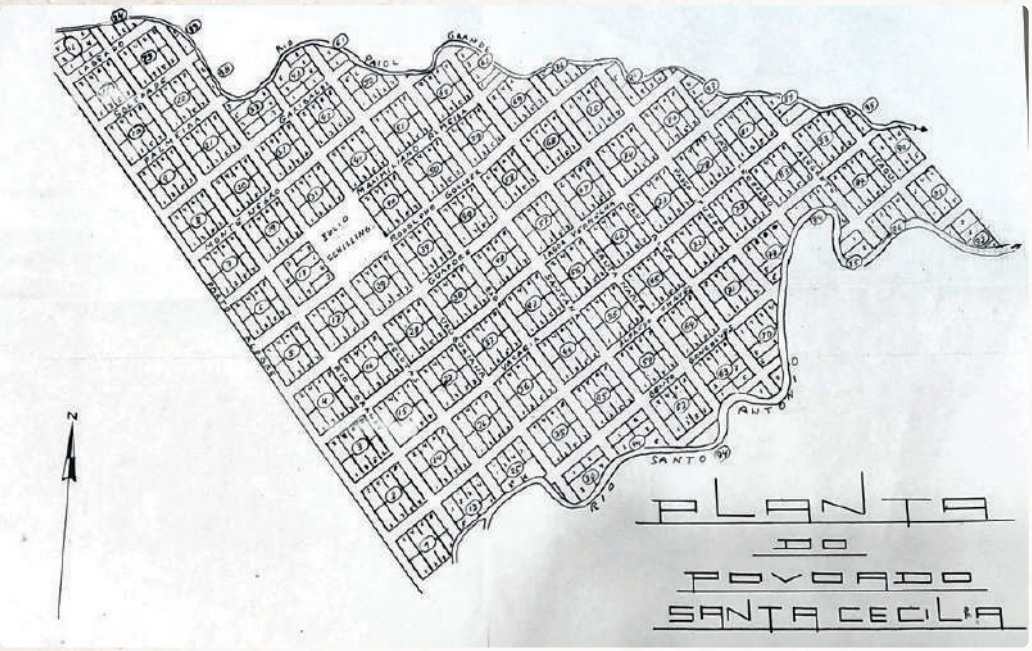
1.1.1 O início da colonização

No início da colonização, este povoado chamava-se Paiol Grande, em virtude da existência de um grande galpão no centro. Na busca por mais informações, não houve um consenso sobre a localização exata e a estrutura física do mesmo. Segundo as histórias narradas pelos entrevistados, este galpão estaria localizado nas proximidades do atual Mercado GM, servindo como abrigo de carroceiros e comerciantes, além de armazenamento de grãos e outros produtos. Para outros, situava-se nas proximidades da atual Padaria Santa Cecília.

Gilberto Felini narrou que o primeiro povoamento iniciou-se na "vargem dos Felini", próximo ao Rio Santo Antônio, e, devido a uma enchente significativa, optaram por uma área mais elevada e segura, resultando na mudança para onde atualmente está situado o centro da cidade.

No início do século XX, a empresa Schilling, Goelzer & Almeida Ltda., sob a administração de Maximiliano de Almeida (Maxi, como era conhecido), adquiriu de Ramón Rico a Fazenda Santa Cecília, uma extensa área da viúva de Santiago de Britos e, também, as terras pertencentes ao governo do Estado, para dividir em lotes rurais: *"... essas terras divididas em lotes rurais tomaram o nome de Colônia Santa Cecília. Traçaram inclusive o quadro da vila"* (Zanolla, p. 81).

O Dr. Ivo Rodrigues Fernandes destacou: *"Maximiliano de Almeida elaborou o projeto de Santa Cecília, com planta de área urbana e nome de ruas, dando origem a uma vila bem estruturada".*



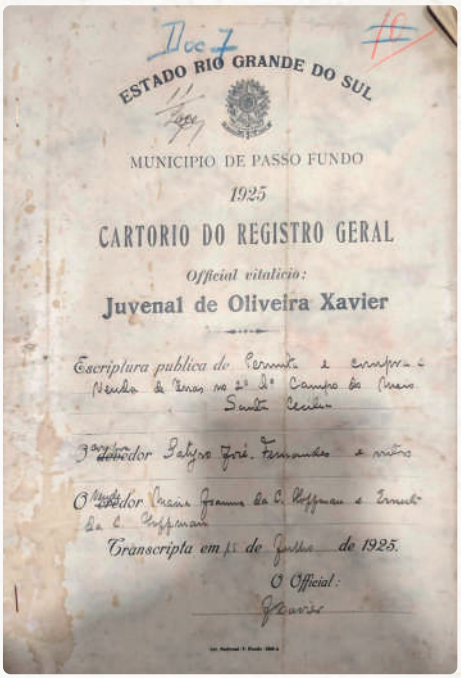
Planta do povoado Santa Cecília. Arquivo disponibilizado por Neri Girotto.

1.2 Fazenda Santa Cecília

"... tal a origem da velha fazenda de Dom Rico, em Campo do Meio, e do Batismo que, embora fracionada como se acha, conserva ela, quer no campo respectivo, quer na colônia, já amplamente povoada, que em suas matas fundou em 1920 a Firma Schilling Goelzer & Cia., com sede nesta cidade." (ANNAES DO MUNICÍPIO DE PASSO FUNDO, p. 285).

Conforme o Dr. Ivo Rodrigues Fernandes, a sede da Fazenda Santa Cecília, ainda enquanto propriedade de Ramón Rico, localizava-se, originalmente, a 500 metros ao nordeste do local conhecido como Cruzaltinha, pertencente ao atual Município de Ciríaco.

Por conta da dificuldade em encontrar água, a sede foi transferida dois quilômetros a oeste, ficando próxima ao Lajeado Santa Cecília. Com o falecimento de Ramón, a firma Shilling Goelzer & Almeida Ltda. adquiriu as terras da fazenda. Em 1925, Satyro José Fernandes (em memória), político, agropecuarista e tenente-coronel da Guarda Nacional, adquiriu da empresa cerca de 8.554 hectares, que se estendiam da Cruzaltinha até os morros da Vila Santa Cecília.



ESTADO RIO GRANDE DO SUL

MUNICIPIO DE PASSO FUNDO

1925

CARTORIO DO REGISTRO GERAL

Official vitalicio:

Juvenal de Oliveira Xavier

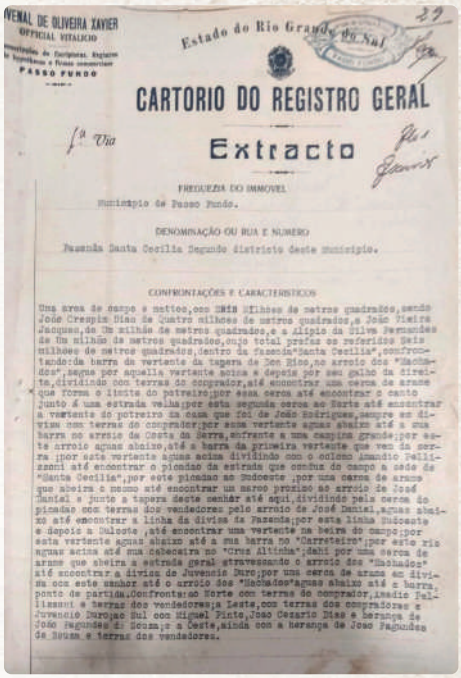
Escriptura publica de permuta e compra e venda de terras no 2º Campo da Cruz Santa Cecilia

3º Vendedor Satyro José Fernandes e mulher

O Vendedor Oscar Jeanne de C. Hoffman e Ernesto de C. Hoffman

Transcripta em 15 de Julho de 1925.

O Official:



JUVENAL DE OLIVEIRA XAVIER
OFFICIAL VITALICIO
PASSO FUNDO

Estado do Rio Grande do Sul

CARTORIO DO REGISTRO GERAL

1ª Via

Extracto

FREGUEZIA DO IMMOVEL

Municipio de Passo Fundo.

DENOMINAÇÃO OU RUA E NUMERO

Fazenda Santa Cecilia Segundo districto deste municipio.

CONFRONTAÇÕES E CARACTERISTICOS

Uma area de campo e mattos,com SEIS Milhões de metros quadrados,sendo João Crespim Dias de Quatro milhões de metros quadrados,e João Pieira Jacques,de Um milhão de metros quadrados,e e Alipio da Silva Fernandes de Um milhão de metros quadrados,cujo total prefaz os referidos Seis milhões de metros quadrados,dentro da fazenda"Santa Cecilia",confrontando:da barra da vertente da taquera de Don Rico,no arroio dos "Machados",segue por aquella vertente acima e depois por seu galho da direita,dividindo com terras do comprador,até encontrar uma cerca de arame que forma o limite do potreiro;por essa cerca até encontrar o canto junto a uma estrada velha;por esta segunda cerca ao Norte até encontrar a vertente do potreiro na casa que foi de João Rodrigues,sempre em divisa com terras do comprador;por esta vertente aguas abaixo até a sua barra no arroio da Costa da Serra,enfrente a uma campina grande;por este arroio aguas abaixo,até a barra da primeira vertente que vem da serra ;por esta vertente aguas acima dividindo com o colono Amandio Pellizzoni até encontrar o picadão da estrada que conduz do campo a sede da "Santa Cecilia",por este picadão ao Sudoeste ;por uma cerca de arame que abeira o mesmo até encontrar um marco proximo ao arroio de José Daniel e junto a taquera deste senhor até aqui,dividindo pela cerca do picadão com terras dos vendedores pelo arroio de José Daniel,aguas abaixo até encontrar a linha da divisa da Fazenda;por esta linha Sudoeste e depois a Sulooste ;até encontrar uma vertente na beira do campo;por esta vertente aguas abaixo até a sua barra no "Carreteiro";por este rio aguas acima até sua cabeceira no "Cruz Altinha";dahi por uma cerca de arame que abeira a estrada geral atravessando o arroio dos "Machados" até encontrar a divisa de Juvencio Duro;por uma cerca de arame ao divisa com este senhor até o arroio dos "Machados"aguas abaixo até a barra; ponto de partida.Confronta:ao Norte com terras do comprador,Amadio Pellizzoni e terras dos vendedores;a Leste,com terras dos compradores e Juvencio Duro;ao Sul com Miguel Pinto,João Cesario Dias e herança de João Pagundes de Souza;e a Oeste,ainda com a herança de João Pagundes de Souza e terras dos vendedores.

Escritura Pública de permuta e compra em 1925. Confrontações e características da Fazenda Santa Cecília. Fonte: Arquivo pessoal de Fabio Caumo Telles.

1.2.1 Satyro José Fernandes

Satyro, nasceu em Lagoa Vermelha em 1º de fevereiro de 1855. Já com 70 anos estabeleceu residência na sede da fazenda com a esposa Felisberta da Silva Fernandes (em memória), nascida em São José das Missões, em 20 de agosto de 1865, e com os 12 filhos: Osvaldo, Alfredo, Catarina, Othilia, Benícia, Renato, Alípio, Antonio, Maria Alcidia, Anna Alice, Theodolivio e Waldomiro (todos em memória).

Felisberta da Silva Fernandes e Satyro José Fernandes. Foto: Arquivo pessoal de Fernanda Caumo Telles.

Por dez anos, Satyro comandou a propriedade, que levava o nome da antiga fazenda de Don Ramón, enfrentando a crise de 1929 e a revolução de 1930. Com a idade avançada, deixou o trabalho e a terra aos filhos, falecendo em 31 de março de 1945 na residência de Osvaldo, seu filho primogênito.

Com a divisão das terras e o falecimento do pai, coube aos filhos da família Fernandes continuar as lidas com gado. Nascia desta divisão várias fazendas menores, com diversos nomes, como é o caso da Fazenda São Pedro. Alguns familiares, por outro lado, foram seguir a vida em outros lugares, de modo que, atualmente, a

maioria da propriedade da antiga Fazenda Santa Cecília já pertence a outras famílias.

Um dos filhos mais recordados, Osvaldo da Silva Fernandes (em memória), casou-se com Thereza da Silva (em memória) e tiveram oito filhos: Pacidia, Dorivia, Titolivio, Fredolina, Oscar, Lidia, Ilda e Cecília (todos em memória). Ele fixou a sede da sua fazenda, onde hoje é a Comunidade de Linha Fernandes, próximo da fazenda do Sr. Mario Soares e Marly Fernandes Soares, neta de Satyro.

Com área de aproximadamente 1.200 hectares, Osvaldo trabalhava com gado. Também, se dedicava à marcenaria: fazia abertura de casas, diversas peças em madeira e, também, era chamado para fazer caixões nas redondezas, quando havia um funeral. Com o tempo, dividiu as suas terras com seus oito filhos e mudou-se para Lagoa Vermelha, juntamente com sua esposa, onde lá moraram por cerca de 20 anos.

Fotos de ferramentas utilizadas por Osvaldo da Silva Fernandes. A primeira imagem é uma ferramenta de riscar madeira, a segunda é um suporte para arrumar calçados, a terceira é uma plaina e a quarta uma concha usada para dar sal ao gado. Foto: Arquivo pessoal de Fabio Caumo Telles.

A parte da sede da fazenda de Osvaldo passou a pertencer a sua filha Fredolina, que se casou com o Sr. Luiz Silveira Telles (em memória), lá iniciou sua família. Continuaram a trabalhar na fazenda, embora se mudaram para a Vila Santa Cecília

para facilitar o estudo dos filhos. Neste tempo, o casal Thereza e Osvaldo voltaram a morar também na Vila Santa Cecília, onde faleceram, respectivamente, no ano de 1974 e, no ano de 1975, na residência da filha Fredolina. Da fazenda do Sr. Osvaldo, hoje há uma pequena parte da propriedade que pertence ao filho de Fredolina, o Sr. Arthur Osmar Fernandes Telles.

Dos ensinamentos de Satyro, ficou a paciência e a prudência. Em arquivo escrito pelo Dr. Ivo Rodrigues Fernandes, neto de Satyro, recorda-se uma frase simples, mas repetida muitas vezes: *"calma e calma. O calado sempre vence"*, dizia Satyro José Fernandes.

"calma e calma. O calado sempre vence"

1.3 Fazenda Taymbé

Adquirida em 1900 por Antônio Lopes da Rosa e sua esposa, Brandina, ambos migrantes do Município de Rio Pardo, a fazenda recebeu o nome de Taymbé, do indígena Tupi-guarani "vale das paredes abruptas", em homenagem à cachoeira do Rio Santo Antônio, pertencente à propriedade.

Ao chegar de viagem, sem casa ou pousada próxima, a família viu-se obrigada a acampar debaixo de uma antiga árvore, assim permanecendo por dois anos, até que a madeira suficiente fosse serrada e a sede da fazenda ficasse pronta. Conforme relatos de João Batista Fernandes da Silveira, bisneto do casal, não foram utilizados pregos na construção, apenas madeira torneada.

Com cerca de 6.700 hectares, a fazenda estendia-se onde hoje é conhecido como Comunidade Passo das Pedras, em Caseiros-RS, até a ponte do Rio Santo Antônio, abrangendo, também, a Comunidade de Santa Terezinha, servindo de rota para os tropeiros.

Com o passar dos anos e o falecimento de Antônio, a propriedade foi dividida entre as duas filhas, Rita e Emirita. Na época, as terras dobradas, como eram conhecidos os morros, possuíam um valor mais elevado devido ao apreço dos italianos. Emirita ficou com a propriedade menor, porém com maior área de terras dobradas. Rita ficou com o campo e o gado. Neste período já haviam cercado a fazenda para a criação de bovinos. Brandina, porém, contava apenas com a ajuda de alguns agregados. Com o casamento de Rita e Alípio Fernandes (em memória), descendente de Satyro José Fernandes, caiu sobre este a responsabilidade de amansar a tropa, já desacostumada com o manejo, tornando a fazenda produtiva novamente.

Rita e Alípio tiveram três filhos: Anair, Ivalino e Osvaldo Fernandes. Os dois rapazes e o pai, fizeram do tropeirismo sua profissão. Devido ao difícil acesso a Passo Fundo, Seu Alípio levava o gado até São Sebastião do Caí, para evitar as intempéries ao atravessar Mato Castelhano, ex-localidade do Distrito de Campo do Meio, Passo Fundo (IBGE, 2023). Os filhos, por sua vez, conduziam as mulas até São Paulo-SP.

Durante este período, Alípio construiu a primeira banheira de gado da região, o que motivou os produtores locais a levarem seus rebanhos até a sede da fazenda para banhá-los e, até, vaciná-los. Desta forma, pôde-se aumentar a produção bovina, uma vez que os avanços possibilitaram mais qualidade aos animais.

João Batista Fernandes da Silveira contou: *"não haviam anti-parasitários, então podia-se ter muitos animais no mesmo espaço, havendo uma rês para cada quatro hectares de terra. Além disso, demorava cerca de três a quatro anos para ficarem prontos para o abate".*

Com a morte precoce de um dos filhos de Alípio, a fazenda ficou dividida entre Anair, que herdou a sede, e Osvaldo, que ficou com a área próxima à cachoeira.

Grande apreciador de rodeios e torneios de laço, Osvaldo teve importante participação na criação do Quadro de Laçadores Poncho Verde. Anos mais tarde, vendeu a fazenda, mudando-se para outro Estado.

Anair casou-se com José Maria Vigo da Silveira, filho de Hildebrando Machado da Silveira e Judite Vigo (todos em memória), fazendeiros no Distrito de Cruzaltinha. O casal ficou responsável pela condução da Fazenda Taymbé. José Maria dividiu-se entre os cuidados da fazenda e a vida política nos períodos de 1964 a 1968 e de 1977 a 1982, como prefeito do Município de Tapejara.

Sob os cuidados do bisneto João Batista, a sede permanece no mesmo lugar. Nem mesmo o incêndio, que consumiu a morada e todos os pertences de Dona Brandina, foi capaz de destruir os mais de cem anos de história da Fazenda Taymbé.

A fazenda possui, em seu portão principal, uma placa indicativa com o nome Taymbé, porém ainda é conhecida pelos nomes de Fazenda Itaimbé e Fazenda Itambé. Foto: Arquivo de Luciane Simplicio Dos Santos.

1.4 Famílias colonizadoras e o desenvolvimento de Santa Cecília do Sul

Abordar a história de um município requer considerar os diferentes sujeitos que, no decorrer do tempo, possibilitaram a formação deste espaço, a participação em cada acontecimento, a contribuição na formação cultural por meio de seus costumes e vivência diária.

A ligação mais próxima com o tempo antigo não ocorre somente por meio de livros, mas das memórias das famílias, constituindo uma conexão mais íntima com o passado. Essas memórias vão sendo transmitidas de geração em geração, entrelaçando-se com diferentes fontes, sejam elas orais, em álbuns de família, registros ou mesmo em objetos que ajudam a contar a história de quem somos e a formar nossa

própria identidade. Para Halbwachs:

> "O passado deixou muitos traços (...) se percebe também na expressão dos rostos, no aspecto dos lugares e mesmo nos modos de pensar e agir e de sentir..." (HALBWACHS, p. 10).

Recontar a história de vida das famílias colonizadoras de Santa Cecília do Sul é consagrar sujeitos que construíram seus próprios caminhos, deixando marcas por onde passaram. Embora não se tenha exatamente a ordem cronológica da chegada de todas as famílias, é possível que algumas tenham mais de cem anos de colonização em Santa Cecília.

Conforme citado no livro "Raízes e História de uma comunidade: Água Santa" (p. 81), já estariam instalados neste povoado antigos moradores, como: Florêncio Cabeça, João Petiço, "um tal" de Caçapava e a família Oliveira Fortes, também conhecidos como Marcos e Francisco Bandeira.

Atraídas pela fertilidade das terras, chegaram em meados de 1919 as famílias Grando, Guerra, Martini, Bertoldo, Miotto, Meneghini, Dal Prá, Panisson, Azzolini, Girardi, Pacheco, Hank, Biola, Ferreira, Cipriano Bernardes, Teofilo Toldo, Ernesto Bidese, Zanella e tantas outras que serão descritas logo a seguir, algumas com mais profundidade, outras menos, mas tão importantes quanto. Encontraram aqui um lugar adequado para instalar e criar suas famílias.

Ressalta-se, também, a significativa presença das famílias luso-brasileiras, que exerceram forte influência no progresso da região. Dentre elas, as famílias Brum e Camargo de Melo, da Silva, Rodrigues, entre tantas outras, que, porventura, não foram listadas aqui devido à falta de registros e informações, porém é inegável que sua presença e o trabalho árduo desempenhado foram essenciais para marcar o crucial desenvolvimento que vivencia-se atualmente.

Os relatos são emocionantes, dificuldades não faltaram, as condições de vida eram precárias e em nada se compara com o que se possa imaginar atualmente. Em sua maioria as famílias juntaram seus poucos pertences que "jogavam no lombo de mulas e carroças" (Zanolla, p. 81), e vinham esperançosas para a nova terra. Ao chegarem, deparavam-se com uma mata densa e, com picão e machado, abriram espaço para a construção de uma morada "pau a pique", com costaneiras talhadas manualmente.

Na década de 50, pertencente ao Distrito de Água Santa - Município de Passo Fundo, a Vila Santa Cecília era uma colônia forte, central e bem povoada. A boa localização estratégica para a época propiciou um bom crescimento econômico, industrial e comercial, embora nos primeiros anos, os recursos eram escassos e o trabalho braçal era intenso.

O processo de ocupação das terras trouxe transformações da paisagem original e, a partir da implantação de novas atividades no ramo do comércio e da indústria como armazéns, serrarias, moinhos, ferraria, selaria e curtume, hotel e bares, possibilitaram à Vila Santa Cecília desenvolvimento e melhores perspectivas para o futuro. Segundo Zanolla (p. 85) "Nas décadas de 1940-60 equiparava-se com Água Santa".

Na época, o comércio baseava-se na troca de produtos, como milho e trigo. Os produtores depositavam no "armazém" a sua colheita e, parte dela, era revertida em mercadorias: calçados, tecidos, café, querosene, entre outros.

O transporte dos produtos das lavouras para as casas comerciais eram feitos por carroças ou a cavalo.

Imagem do Sr. Antonio Defaveri, morador da Linha Roncador, com sua produção de milho. Foto: Arquivo pessoal de Antônio Defaveri.

Na época, eram dois pontos fortes de comércio, sendo um na Vila Zanella e, outro, na Vila Santa Cecília, onde foi feito separadamente uma descrição de famílias e comércios que assim contribuíram para o desenvolvimento da cidade.

1.4.1 Vila Zanella

A Vila teve origem com a chegada dos irmãos Atilio, Julio e Luiz Zanella, vindos da região de Serafina Corrêa-RS, instalando-se neste local que então passou a se chamar Vila Zanella. Após, minimamente instalados, vieram também outras duas irmãs a morar nesta localidade: Zelinda Zanella Miotto (em memória) e Catarina Zanella Grosseli (em memória).

Em entrevista com a Sra. Dolorita Catarina Miotto, filha de Marcelo José Miotto (em memória) e Zelinda Zanella Miotto, contou que nasceu e morou em Santa Cecília até os 37 anos, lembrando claramente do "comércio forte" que a vila possuía e, também, por ser um "trajeto bom". Relembrou-se de pessoas que foram importantes na comunidade e arredores, como as parteiras Catarina Zanella Grosseli e Guilhermina Grando

Ao centro sentada à Sra. Catarina Zanella Grosseli, viúva e seus filhos. Da esquerda para a direita: Marcelino André, Lidia (em memória), Tiles, Cilia (em memória), Otília (em memória), Deolinda (em memória) e Augusto Grosseli. Foto: Arquivo pessoal de Marcelino Grosseli.

(em memória), da Sra. Corina Girardi (em memória) que, além de ser costureira, ondulava cabelo com um produto que saia fumaça, do Sr. Pimentel, farmacêutico que vinha de Água Santa atender, mas também quando necessário o Sr. José levava os filhos de charrete até os serviços de saúde.

Dolorita trouxe com riqueza os detalhes da vida simples que tinham neste lugar, do banho de "gamela" ou no rio, as roupas lavadas na correnteza do rio com sabão feito em casa e da lembrança de sua mãe fervendo as roupas com cinza, já que não existia escovão e das mesmas roupas que eram penduradas em um varão no quarto, pois não havia roupeiros. "*A mãe adorava cozinhar e tudo era produzido em casa: sonho, galinha recheada, sopa de feijão, polenta na calheira, pão com chimia de marmelo, maçã e mel de abelha, nhoque, bigoli, radicci, taiadelli e no forninho assava marmelo e colocava açúcar mascavo em cima. Era tudo uma delícia, que tempos bons!".*

O Sr. Nelson Artuso e sua esposa Ivaci Panisson Artuso, casados há 51 anos, residem até hoje na Vila Zanella. Vivenciaram o passar das tropas, o comércio, o trabalho, os bailes e momentos com amigos, assim como mencionaram as diversas famílias que se instalaram neste local com casas industriais e comerciais, que, ao longo dos anos, foram embora. Nelson retoma a trajetória de sua família, onde seu pai José veio da região de Antônio Prado com seus quatro filhos na Comunidade de Vista Alegre e, no ano de 1958, vieram para a Vila Zanella.

Família Artuso. Em pé, da esquerda para a direita, os irmãos: Elisa (em memória), Gervásio (em memória), Alexandre (em memória), Eoclides (em memória), Olimpio, Divino (em memória), Nelson e Helena. Sentados: os pais José e Cristina Artuso. Foto: Arquivo pessoal de Nelson Artuso.

Nesta vila havia um pequeno gerador de energia que iluminava o interior das residências e casas comerciais; era uma luz fraca, mas mais forte que as velas ou lampiões utilizados à base de querosene. Contam os moradores e confirmado pela família Sasset, que o Sr. Eduardo (em memória) havia comprado dois alqueires de terras na Vila Zanella para instalar um moinho. No entanto, devido à necessidade de energia elétrica e esta ser fraca, o negócio não aconteceu e o moinho foi instalado em outro município.

Ao resgatar a história da Vila Zanella, resgata-se, também, as famílias que

assim fizeram parte desta construção, iniciando pelo comércio dos irmãos Atílio, Júlio e Luiz Zanella, donos de um armazém que vendia diversos itens, desde tecidos, mel, querosene, fumo, açúcar, sal, entre outros. Santo Panisson (em memória), em entrevista concedida no ano de 2015, confirmou que essas lojas eram denominadas de armazéns, caracterizadas como lojas bem sortidas. Luiz Zanella também tinha uma serraria, que chamavam na época de "engenho" e, no decorrer do tempo, foi vendida para outra família.

Também havia o comércio da Família Salomão, onde o Sr. Santo Salomão (em memória) tinha curtume e selaria, comprando o couro dos animais abatidos por ocasião das festas no interior e nas redondezas; tinha como funcionário da época seu cunhado chamado Pelegrino Caetano Agnoletto, conhecido pelo apelido de "Tenente". Santo deixava o couro sendo curtido num tanque e, após, colocava para secar a beira da estrada. Muitas pessoas lembram dessa paisagem ao passarem por Santa Cecília. Do couro, eram feitos calçados, a exemplo da famosa "moreninha" que marcou gerações, bem como laço, barbicacho, selas, arreios e chinelos.

Vindo da região de Protásio Alves, Santo era casado com a Sra. Gema Rampazzo. Desta união tiveram cinco filhos: Airton, Marisonia, Adilson, Everton e Itamar. Conforme relatou o filho Adilson, no passar do tempo a selaria foi desativada e passou a operar com consertos de calçados e, também, loja de calçados novos vindos das fábricas de São Paulo e Novo Hamburgo, loja essa situada na Vila Santa Cecília, ao lado da rodoviária do Sr. Benedito Azzolini (em memória).

Da esquerda para a direita: Santo Salomão (em memória), Guerino Slavieiro (em memória), Afonso Slavieiro (em memória), Julia Fortunatto e Angelino Rampazzo (em memória). Foto: Arquivo pessoal de Nelson Artuso.

Havia, também, o comércio da família Roman, onde a Sra. Rosa Fontana (em memória) era casada com Fioravante Roman (em memória), costureira famosa na década de 60, residindo numa casa grande de esquina na Vila Zanella, onde descia para a serraria/engenho.

Enquanto Rosa dedicava seu tempo à costura, o Sr. Fioravante tinha uma serraria em sociedade com Claudino Fontana, a qual se localizava na Comunidade de São Roque, Município de Água Santa. *"Quando eu era guri eu ia quase todo final de semana e passava as férias com o nono e tios, pra lá e pra cá, tomando banho de rio, brincando na serraria, jogando bola, andando a cavalo, tocando junta de boi. Lembro bem da casa de três andares: um porão, outro andar e o sótão onde a gente dormia"*, contou Voltaire Roman, neto de Rosa e Fioravante.

No comércio da família Pedó, residiam a Sra. Angelina (em memória), que era costureira e seu esposo, Gabriel Pedó (em memória). Sua filha Nilva Pedó Fontana contou que seu pai trabalhava no "engenho" carregando toras e, após, este fechar passou a vender mudas de árvores e quadros de santos, permanecendo na vila até a década de 70. Posteriormente, mudaram-se para Curitiba-PR.

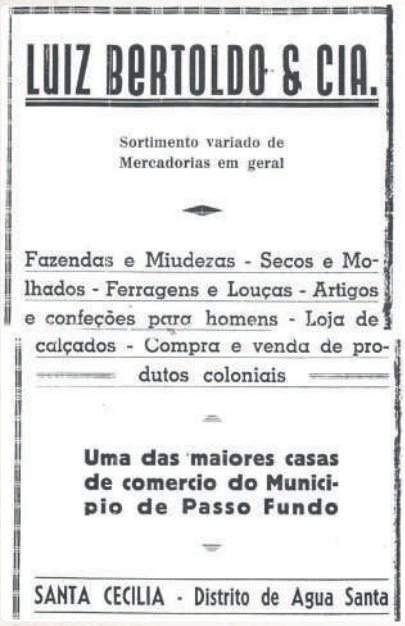
Destaca-se o comércio da família Roani, onde o Sr. Luiz tinha selaria. Era casado com Maria Roani, que também era costureira. Dentre os filhos, Idilio ajudava no trabalho com couro e a filha, Alda Roani, era professora. Os relatos trouxeram que os primeiros estudos realizados pelas crianças da Vila Zanella foram na Comunidade de Santana, sendo um trajeto de cerca de 8 km, entre ida e volta, a pé, enfrentando sol e chuva e pé descalço, sendo uma das professoras a Sra. Alda Roani.

Turma de alunos da professora Alda Roani. Aos fundos, a antiga igreja da Comunidade de Santana onde aconteciam as aulas. À esquerda a Sra. Alda Roani. Foto: Arquivo pessoal de Iracema Caumo.

Além das famílias citadas com mais informações, também fez parte deste forte comércio, o Sr. Armelindo Baseggio, com venda de grãos; Orlando Baseggio, que era taxista e sua história foi marcada pelo seu assassinato; da serraria da família Secco e, posteriormente, adquirida por Santo Girardi, bem como o comércio da família de João Girardi, o qual se destacava na carpintaria e marcenaria em sua oficina de móveis. Tudo isso fazia da Vila Zanella um importante marco para o desenvolvimento do local e região.

1.4.2 Vila Santa Cecília

Em 1929, existia a Loja Ughini e Bertoldo & Ltda., um armazém que consistia na compra e venda de produtos coloniais, tecidos, secos e molhados. Tempos depois, a loja foi adquirida por Eugênio Secco e Filhos, gerenciada pela família por aproximadamente 30 anos e, posteriormente, vendida para Albino Rampazzo. O referido armazém estava situado onde hoje é a residência de Claudino Miotto.


LUIZ BERTOLDO & CIA.

Sortimento variado de Mercadorias em geral

Fazendas e Miudezas - Secos e Molhados - Ferragens e Louças - Artigos e confeções para homens - Loja de calçados - Compra e venda de produtos coloniais

Uma das maiores casas de comercio do Municipio de Passo Fundo

SANTA CECILIA - Distrito de Agua Santa

Fonte: Arquivo da Escola Municipal Duque de Caxias.

Destacava-se, ainda, a loja de grande porte de propriedade do Sr. Cipriano Bernardes, posteriormente vendida para o Sr. Davi Riva e Filhos. Esta estava situada em frente ao "Moinho do Tieppo" que, embora reformada, ainda mantém parte de sua estrutura original.

Foto: Arquivo da equipe do projeto do livro.

Por ser milho e trigo as principais culturas, a quantidade de moinhos também era grande, os quais (da sede ou zona rural) eram bem movimentados, atendendo os moradores locais e, também, os que vinham de outros municípios, como: Ibiaçá, Sananduva e Tapejara. De acordo com Ovídio Capra, os grãos eram processados e transformados em farinha para fazer pão, polenta e massas, alimentos que não podiam faltar na mesa dos agricultores.

O Hotel Meneghini, de propriedade do Sr. Guilherme Meneghini (em memória), foi descrito pelo filho Celestino como uma enorme casa de madeira com três andares. Neste espaço, funcionava o hotel, bodegão, restaurante e, até, baile. "Era um centro político", afirmou.

Irmãos Olmiro, Valter e Celestino Meneghini. Foto: Arquivo da equipe do projeto do livro.

Um dos fatos marcantes, recordados pelos irmãos Celestino, de 76 anos, Valter, de 78 anos e Olmiro, com 93 anos, foi quando chegou a notícia pelo rádio, da morte de Getúlio Vargas: *"ao amanhecer havia cerca de 150 pessoas a cavalo reunidos em frente ao hotel na tentativa de fazer alguma mobilização. O pai e demais pessoas que ali estavam presentes chegaram à conclusão que apenas o exército poderia fazer algo e, então, o grupo dispersou-se"*.

Priorizando a educação dos filhos, Seu Guilherme e a família venderam o hotel para a família Didoné e mudaram-se para a cidade de Passo Fundo, colocando ali uma central de distribuição de banana. Além da família Didoné, o hotel também foi de propriedade de Alcebíades (popular Nikito) e Azzolini.

Maria Santina Chaves, hoje com 77 anos, concedeu o seguinte relato: *"trabalhei durante três anos no Hotel do Benedito. Eu morava em Vila Campos, então durante a época de plantio da terra, ajudava em casa e depois vinha com o ônibus do Terci até Santa Cecília para trabalhar. Era uma volta grande, pois ia de Vila Campos até Tapejara e, de lá, até aqui com o Terci. Tinha muito movimento, tanto no salão, como no hotel. O assoalho era de tábua larga e branca. Eu esfregava de escovinha para deixar tudo limpinho. Em alguns finais de semana, eu vinha ajudar a Dona Luíza a matar e limpar galinhas, porque eles faziam comida também. Tinha uma horta que também ajudei a cuidar. A movimentação era grande até no posto de telefone. Tinha que ter alguém por perto também"*.

Dentre a diversidade industrial e comercial, pontua-se, ainda, o trabalho do Sr. Victório Piffer, artesão em madeira; do Sr. Ernesto Bidesi, como alfaiate; da Sra. Zelia Rampazzo, costureira; e do Sr. Pedro Pereira, com seus trançados em couro.

Resgatam-se, também, os diversos pontos de encontros que serviam como ambiente acolhedor, pois, entre copos e conversas, eram abordados assuntos como religiosidade, política, futebol, carreiras e, até mesmo, alguns conflitos, sendo eles: o Bar do Benedito, a Bodega do Parizotto, o Bar e Rodoviária do Agostinho Panisson, dentre outros.

Além das informações sobre as famílias frente ao desenvolvimento de Santa Cecília do Sul descritas até o momento, abaixo serão pontuadas outras famílias em que suas histórias foram aprofundadas, emergindo o sentimento de pertencimento ao território que hora é descrito.

1.4.3 Família de João Lissa Dal Prá e Angelina Frosi Dal Prá

Egidio Paulino Dal Prá contou que seus avós paternos e maternos vieram da Itália. Seu pai, João Lissa Dal Prá (em memória), veio de Guaporé-RS e sua mãe, Angelina Frosi Dal Prá (em memória), residia no lugar chamado "Sexta Linha", do lado de Veranópolis-RS. Angelina foi casada antes com João Grando (em memória) e teve quatro filhos: Fioravante, Ana, Rosa (todos os três em memória) e o Sr. Segundo Grando, com 96 anos, que reside atualmente em Passo Fundo.

Após ficar viúva, Dona Angelina casou-se com João Lissa Dal Prá. Desta segunda união, nasceram Catarina (em memória), Maria Oliva (em memória), Dileta, Matilde (em memória) e o filho mais novo, Egidio, hoje com 81 anos.

Ao fixar residência, trabalharam na roça, dedicando-se à agricultura, cultivando milho e trigo, principais culturas da época, além de mandioca, batata-doce e feijão. O trabalho era braçal, pois nesta época não havia máquinas para facilitar o cultivo das lavouras.

Seu Egidio contou que o transporte dos produtos era feito com cavalos, bois e carroças. As estradas eram picadas e carreiros e as casas eram simples e cobertas com tabuinhas.

Seu Egidio é casado com Angela Guerra Dal Prá e reside na antiga residência de seus pais. Desta união, nasceram os filhos João Carlos, Maria Cristina, Luciano e Ricardo Dal Prá. Além do trabalho na lavoura, fabricava cestas de vime, cestos de taquara e amarrava vassouras. Católico praticante, tinha a incumbência de tocar o sino na Igreja, anunciando as missas, velórios e enterros.

Filha Matilde no dia de seus votos para se tornar freira. Da esquerda para a direita: João Dal Prá, Matilde Dal Prá e Dona Angelina Frosi. Foto: Arquivo pessoal de Maria Dal Pra Girardi.

Dona Angelina, além de cuidar da família e do lar, também trabalhava na roça. Os filhos maiores cuidavam dos irmãos menores e, paralelamente, aprendiam os trabalhos da lavoura e domésticos. *"Naquela época tinham que trabalhar e cuidar da casa"*, revelou a filha, Dona Maria Dal Pra Girardi (em memória).

Dona Maria Dal Pra Girardi, antiga moradora da Vila Zanella, localizada próximo ao Centro de Santa Cecília do Sul, contraiu matrimônio com Seu João Girardi (em memória), em 2 de maio de 1952. Em entrevista, relembrou com emoção seu casamento. *"Começou cedinho, pela manhã. O noivo foi me buscar na casa dos meus pais e os convidados, mais de 80 eu acho, tomaram o café. Servimos bolacha, grostoli, biscoito e cuca, tudo feito em casa. E tinha vinho, para quem não tomava café. Depois, seguimos de caminhão até Água Santa, onde se realizou o casório. Nós dois na cabine e os convidados tudo em cima da carroceria"*.

"Nós dois na cabine e os convidados tudo em cima da carroceria"

Ainda, seguiu contando das recordações: *"... o almoço foi na casa de meu sogro, Bortolo Girardi (em memória), que residia aqui perto da Vila e pagou tudo. Serviram churrasco, cuca, pão caseiro e saladas. Bebida era só vinho. Durante a tarde, a animação era por conta dos convidados, tomando vinho, cantando e dançando. Lá pelas 5 horas a festa terminou e cada um foi para sua casa"*, lembrou Dona Maria.

Emocionada, contou, durante a entrevista realizada na época, que a aliança foi adquirida em uma loja em Tapejara: *"e é a mesma que estou usando. Já faz 71 anos que tenho ela. Meu vestido de noiva foi feito pela costureira Dona Maria Roani e a fazenda[6], foi comprada em uma loja de tecidos em Tapejara. Fui eu e minha sogra comprar. Usei véu e grinalda. Minha cunhada Olga foi quem arrumou meu cabelo e passou pó de arroz no meu rosto. Na época não tinha batom e nem esmalte na unha,"* complementou.

Em tempos não tão distantes, o ato de namorar era visto como uma forma de constituição familiar e configurava um desrespeito se dessa forma não ocorresse. Para o rapaz e a moça, dar e manter a palavra demonstrava honra, respeito e boas intenções.

Sobre o namoro, enfatizou: *"não tinha ninguém no meio, a gente sentava longe um do outro e era na conversa que a gente se conhecia. Só se permitia namorar no domingo e com consentimento dos pais"*. Lembrou que, 15 dias antes de seu casamento, seu noivo tinha um batizado na Comunidade de Santa Teresinha. Dona Maria obteve permissão de sua mãe para acompanhá-lo, com seus familiares, porém foi aconselhada a caminhar lado a lado, sem dar a mão.

Residentes na Vila Zanella, Seu João trabalhou em uma serraria e oficina de móveis de sua propriedade. Anexo à oficina, possuíam também um descascador de arroz. A oficina de móveis é administrada pelo filho Valdir, que herdou as habilidades do pai.

A educação familiar, escolar e religiosa recebida no seio familiar de Dona Maria e Seu João foram determinantes no cultivo dos valores morais na família que formaram. Conduziram-na, baseados nos vínculos da religiosidade, disciplina, respeito, trabalho e união. *"A gente ia com a família toda para a igreja rezar. Ia e voltava todos juntos"*, revelou.

Família de João e Maria Girardi durante festa de Bodas de Diamante do casal. Da esquerda para a direita: Valmor (em memória), Valter, Vildo, Valdinei, Volter, Valdir, Vilmar, Inelva e Ivone. Foto: Arquivo pessoal de Maria Dal Pra Girardi.

[6] Define-se "fazenda", como "tecido ou pano - o uso do termo nesse sentido se deu após a Revolução Industrial, posto que, nesse período, foi o pano, o primeiro produto a ser produzido em larga escala. Era, logo, comum que costureiras e outras pessoas se referissem a cortes grandes de pano como fazenda".

Dona Maria comentou, também, que os filhos frequentaram a escola, uns mais, outros menos. *"Sempre valorizamos o estudo, eu só fui até a segunda série. A gente fazia os exercícios em uma pedra cinza (pedra de ardósia), bem lisa, tamanho de uma folha de ofício, que era apagada com um pano úmido. Tinha que guardar tudo o que aprendia na cabeça. Nós estudava história, contas, ditado... tinha livros, mas cada um tinha que comprar. A merenda era batata-doce, pão, o que tinha, cada um levava a sua merenda"*, frisou.

Figura 9: Imagem ilustrativa de uma pedra de ardósia (pedra cinza), lousa escolar utilizada pelos alunos no século passado. Fonte: Site Ainda Sou do Tempo.

Escola onde Dona Maria frequentou até a segunda série. Foto: Arquivo pessoal de Maria Dal Pra Girardi.

A diversão de seu tempo de criança e juventude era se reunir com as outras "piazadas" (outros jovens) numa sombra, tomar chimarrão e comer pinhão quando era época. Às vezes, um jogo de bola, como o chamado "caçador", baralho (bisca e escova). Não havia disputas envolvendo dinheiro, era tudo na troca de amizade.

O filó[7] também fez parte: "ia à família inteira e lá comia pipoca, amendoim, falavam de assombração. Tinha brodo de galinha também", contou Dona Maria.

Ao relembrar a trajetória da convivência familiar e social, Dona Maria Girardi e Seu Egidio Dal Prá resgataram a emoção, a saudade e a lembrança, testemunhos edificados e valores cultivados no grupo familiar da época.

[7] Define-se "filó" como "momento de união e compartilhamento entre famílias, vizinhos, amigos. Nela não faltam cantigas, danças e jogos típicos."

Família de Bortolo Girardi. Da esquerda para a direita, em pé: Brígida, Páscoa, Lurdes, João, Antônio, Pedro, Maria e Luíza Girardi. Sentados: Graciosa, Mafalda, Teresinha, Bortolo e Santo Girardi. Foto: Arquivo pessoal de Maria Dal Pra Girardi.

1.4.4 Família Guerra

Filho dos imigrantes italianos João e Tereza Canali (ambos em memória), Seu João, o Joanim como ficou mais conhecido, nasceu no ano de 1910 na região da serra gaúcha, no Turvo, próximo a Veranópolis-RS. Em 1913, aos 3 anos, veio morar com seus pais no lote de terra que adquiriram da firma colonizadora Schilling, Goelzer & Almeida Ltda., estabelecendo-se próximo à Linha Roncador, onde atualmente situa-se a residência do Sr. Vercidino.

Sobre os nomes, Ivo esclareceu: *"João era nome do pai e do nono também. Quando o pai nasceu era pra ser Joanim, mas como não se podia falar italiano e quem falasse podia ser preso, registraram com o nome João. E, como era um homem pequenininho, ficou conhecido como Joanim. Esse lugar aqui, tudo era fechado de mato. Eu ajudei a derrubar pra fazer roça. Tinha que plantar né!"*.

"Esse lugar aqui, tudo era fechado de mato. Eu ajudei a derrubar pra fazer roça. Tinha que plantar né!"

José Guerra falou das histórias contadas pelo seu pai Joanim: *"o pai dizia que vieram transportados, um de cada lado do cargueiro do cavalo que estava cheio de palhas para não machucar as crianças. Quando o pai tinha 9 anos de idade foi convidado para ser o cozinheiro da Firma Goelzer na cidade de Passo Fundo. Ficou lá até os 22 anos e depois retornou, indo morar no Picadão, junto com seu irmão Pedro Guerra"*.

E, no meio da conversa, seu Ivo Guerra lembrou do seu tio Pedro Guerra (em memória), da sua origem e suas histórias: *"primeiro Guerra que veio pra cá foi o Pedro, irmão de meu pai Joanim. O nono trouxe ele pra trabalhar aqui. Ele fez uma rocinha na Linha Roncador. Quando foi olhar as plantas viu uma fera e atirou nela, mas o bicho escapou. Daí um caboclo brasileiro disse pro tio não fazer mais aquilo pra que o animal não atacasse ele. O tio era novo, tinha de 12 a 15 anos"*.

Além de Pedro, Seu Joanim tinha outros irmãos que moravam pelas redondezas: Augusto, Guerino e outros, cujos nomes não foram lembrados: *"Eu sei que*

eram três irmãos, casados com três irmãs", complementou Ari Guerra.

Foi no Picadão que Seu Joanim conheceu sua namorada, Santina Felipi. Após o casamento, fixou residência na Sede da Vila Santa Cecília. Dessa união nasceram os filhos Lurdes (em memória), Teresinha, José, Valdomiro (em memória), Ivo, Ana, Angela, Cecília, Nair e Ari.

Santina Felipi Guerra e João Guerra - Joanim (em memória). Foto: Arquivo pessoal de Ari Guerra.

José trouxe as lembranças da velha morada dos pais: *"uma casa de chão batido, alimentos cozidos no borralho montado em cima de uma laje onde penduravam panelas e chaleiras, reguladas na altura necessária para aquecer a água e cozinhar os alimentos. Sobreviviam com o trabalho da roça, cultivando produtos para a subsistência familiar e o restante era vendido para pagar as terras, que custavam na época três contos de réis a colônia. A cada seis meses o pai pagava 50 mil réis pra firma. O dinheiro tinha valor naquela época"*.

Seu Joanim, católico fervoroso, auxiliou muitas vezes na capela como capelão, rezando o terço, nas construções e na organização de diversas atividades desenvolvidas, inclusive como catequista: *"me recordo do meu pai dando catequese embaixo de um Umbu na frente de casa"*, frisou José.

"muita coisa vai escapar, a gente não lembra de tudo, mas o que for escrito vai ajudar a futura geração a saber quem foram nossos familiares!"

A vida é uma soma de memórias guardadas ao longo do tempo. Como falou Seu Ivo Guerra: *"muita coisa vai escapar, a gente não lembra de tudo, mas o que for escrito vai ajudar a futura geração a saber quem foram nossos familiares!"*.

1.4.5 Família de Romano Kadini

Em meados de 1956, vindo da localidade de Linha Sartória, Charrua-RS, estabeleceu-se na então Vila Santa Cecília, a qual era bem desenvolvida, o Sr. Romano Kadini e sua esposa, Herminia Roncaglio Kadini.

Casal Romano e Herminia (em memória). Foto: Arquivo pessoal de Valdir Angelo Cadini.

Com o ramo de comércio (armazém), primeiramente na Rua Rodolfo Guelzer (para melhor se localizar, onde hoje está a casa do Sr. Tercilio Panisson ou em frente à antiga rodoviária de propriedade do Sr. Benedito Azzolini). Passando-se alguns anos, mudou-se para a Rua Porto Alegre, já com um comércio bastante diversificado, como compra e venda de produtos coloniais:

armarinho (roupas em metro), confecções, secos e molhados, uma prateleira com medicamentos - o qual o Sr. Romano fazia muitas injeções musculares a pedido de seus clientes, até porque na época não existia profissional de saúde estabelecido - e uma boa quantidade de medicamentos veterinários. Este comércio permaneceu até os anos de 1990, quando encerrou suas atividades.

Fotografia da residência e comércio que na época existia. Foto: Arquivo pessoal de Valdir Angelo Cadini.

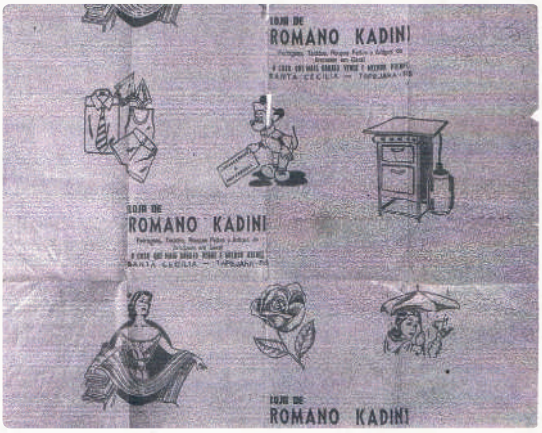


Figura 10: Papel usado para embrulhar as mercadorias no Comércio Kadini. Foto: Arquivo pessoal de Valdir Angelo Cadini.

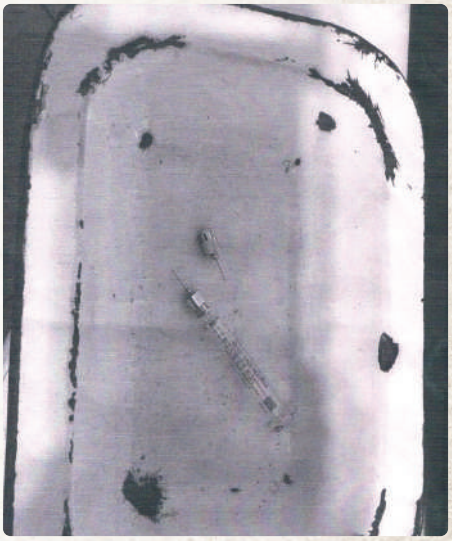


Figura 11: Recipiente de metal usado para esterilizar as seringas de vidro. Foto: Arquivo pessoal de Valdir Angelo Cadini.

O casal Romano e Herminia, tiveram seis filhos: Zulmira, Valdir, Fátima, Balsemino, Lorete e Jose Carlos. Além do comércio, sempre participaram dos eventos realizados na comunidade, bem como nas festividades religiosas.

Com sua aposentadoria, o casal mudou-se para a cidade de Tapejara-RS, onde residiam seus filhos. Porém, continuaram mantendo afetivas relações de amizade com os moradores da então cidade emancipada, Santa Cecília do Sul.

Conforme o filho Valdir, *"a família sente-se muito grata em poder colaborar com este valoroso resgate histórico da cidade, a qual vimos crescer e desenvolver"*, comentou Cadini.

1.4.6 Família de Ampélio Tieppo

Ampélio Tieppo (em memória) e Santina Negri Tieppo vieram residir em Santa Cecília do Sul no ano de 1962. Tiveram três filhos: Oraide, Ines e Sergio, este com 12 anos, quando aqui chegaram, vindos do Município de Charrua-RS.

Aqui instalados, Seu Ampélio dedicou-se à atividade comercial, adquirindo um moinho da família Riva, vendendo-o anos mais tarde e comprando então o "Bodegão", de propriedade do Sr. Irineu Giusti, uma espécie de armazém, com mercadorias diversas, então chamadas de "secos e molhados". Estes consistiam em produtos não produzidos na região, tais como: roupas, alguns tipos de calçados, açúcar branco, café, fumo... que eram adquiridos de alguns vendedores que passavam de tempos em tempos.

Quadro de Santina Negri Tieppo e Ampélio Tieppo. Foto: Arquivo pessoal de Santina Negri Tieppo.

Prateleira repleta de produtos variados, baleiro de vidro abarrotado de doces que rodopiava assobiando sobre o balcão de madeira e tantos outros itens, o "Bodegão" era muito mais que um comércio. Ele representava o verdadeiro ponto de encontro e interação comunitária. Neste local, firmaram-se muitos laços de amizade, jogos de baralho e apreciação da simplicidade dos momentos compartilhados.

Balcão e baleiro do antigo "Bodegão do Tieppo. Foto: Arquivo da equipe do projeto do livro.

Além de cuidar da loja e dos afazeres domésticos, Dona Santina também confeccionava coroas para levar ao cemitério. Aprendeu da filha Ines. Utilizava papel crepom, plástico, arame fino e fazia as coroas sob encomenda, con-

forme a exigência do cliente. Os valores variavam conforme o tamanho e material utilizado.

Com o falecimento de seu esposo, Dona Santina vendeu o armazém para seu genro Genuino e, atualmente, é conhecido por "Bar do Genuino".

Genuino Teles de Souza, esposa Oraide Tieppo e Dona Santina Negri Tieppo (sogra de Genuino). Foto: Arquivo da equipe do projeto do livro.

Dona Santina relembrou seu tempo de juventude: *"a gente pedia para o pai se podia ir ao baile. Aí ele exigia que nós tinha que carpir ou limpar a roça de milho. Nós deixava o vestido prontinho para ser usado no baile estendido em cima da cama. O calçado usado eram os tamancos de madeira que duravam uns cinco anos mais ou menos. Nós éramos rápidas pra se arrumar, antes que o pai mudasse de ideia e não deixasse mais a gente ir. Maquiagem não existia e para se pintar nós usava um pedacinho de papel crepom vermelho e passava nos lábios. E só isso!"*, contou.

O pai e a mãe acompanhavam as filhas, iam de carroça até o local do baile que iniciava no entardecer e seguia madrugada adentro. No dia seguinte, se possível *"a gente ia no matinê e podia dançar somente com um rapaz a noite inteira. Quando os pais convidavam para ir para casa, se gostasse do rapaz, então pedia para dançar mais uma peça e marcava com o moço o próximo matinê"*. A Dona Santina contou que conheceu o namorado em um baile, brigaram, mas em outro encontro, se acertaram para a vida toda.

"... e para se pintar nós usava um pedacinho de papel crepom vermelho e passava nos lábios ..."

Bailes, eram momentos especiais e sempre muito esperados, mesmo em uma época onde os preceitos morais, como se comportar corretamente e vestir-se adequadamente, além da modéstia e discrição, eram qualidades altamente valorizadas nas mulheres jovens. E, se recusasse a um convite para dançar, a moça não teria a oportunidade de dançar com mais ninguém durante aquele evento. A ela competia dançar pelo menos uma "marchinha ou peça" e depois, agradecê-lo respeitosamente.

Havia o momento especial, talvez o mais aguardado durante a noite, a "vaneira das damas", uma música onde a mulher era quem convidava o par que queria dançar e, se houvesse interesse, poderiam marcar um novo encontro. Muitos namoros se firmaram e muitos casamentos concretizaram-se a partir deste momento especial.

Era muito difícil ocorrer desentendimentos durante os bailes, pois havia a presença constante de comissários, encarregados de recolher as armas no início da festa, devolvendo-as ao proprietário, quando este estava de saída.

Iluminados com lampiões e candieiros e animados com gaitas, violões e

pandeiros, os locais possuíam algumas atrações especiais: *"... penduravam litros com bebidas mais caras no forro ou barrotes do salão. Outras garrafas ficavam no chão, no local da dança. Quem derrubasse a garrafa tinha que comprar"*, lembrou.

Dona Santina guardou boas lembranças do Natal: *"... faziam bolacha caseira, pão branco e colocava dentro dos sacos de algodão, onde vinha o açúcar. A gente lavava bem e depois usava para diversos fins. Lembro que uma vez, escondemos uma cesta cheia destas bolachas, a piazada descobriu. Quando chegou o dia de Natal, não tinha mais nada"*. O tradicional pinheirinho de Natal consistia em *"... um galho de pinheiro Araucária, aquele de grimpa mesmo, enfeitado com algodão como se fosse neve e papéis coloridos e só"*.

Antigamente, quando não existia energia elétrica e muito menos geladeira, as pessoas tinham o grande desafio de conservar os alimentos, conforme relatou Dona Santina: *"a carne de porco era cozida, bem temperada e guardada dentro de latão com bastante banha e, a carne de galinha, colocava em uma panela, tampava e pendurava em uma corda e guardava no poço. Ali ela mantinha-se fresquinha. O leite era colocado em um litro tampado com rolha e deixava-se de molho na água corrente"*.

Referente aos banhos, contou que *"eram de bacia, esquentava a água no fogão a lenha"*. Muito mais tarde é que foi adquirido uma usina para geração de energia. A partir daí, *"ficou mais fácil os banhos, a iluminação..."*.

As boas lembranças que Dona Santina guardou, não ficaram somente em algumas fotos, mas guardadas no coração, compartilhadas e eternizadas nas memórias saudosas do amanhã.

1.4.7 Família de Genuino Teles de Souza e Oraide Tieppo

Seu Genuino Teles de Souza morava onde hoje é a residência de Dirceu Panisson. Mudaram-se para a Vila Zanella, mais ou menos, onde hoje é a residência do Valdinei Girardi.

Trouxe consigo, lembranças marcantes de seu tempo de juventude. Lembrou que lavrava com os bois nos morros, "uns perau", até escurecer: *"nós ia tomar água lá no Paulino, debaixo da casa dele tinha um barrancão alto, ali tinha uma cascata. Deitava ali e tinha uma água tão boa, vinha debaixo das pedras"*.

O trabalho era muito sofrido, mas divertido: *"nós lavrava aqui na nossa terra e as vizinhas no outro lado, muito trabalhadeiras, ela e a tia dela. Então, nós lavrava pro lado de cá num morro e elas lá num chatinho. E um não queria perder pro outro de trabalhar. Elas cantavam e assobiavam, escurecia, um não queria largar antes do outro, então era grito de lá, grito daqui. Tempos bons, aqueles!"*, contou Seu Genuino.

O plantio de milho era manual, *"fazia um buraco, jogava a semente e cobria com os pés. Usava uma sacola pendurada no pescoço cheia de grãos e uma foice. Assim se fazia a plantação"*.

Casou-se com Oraide Tieppo, filha de Ampélio e Santina Negri Tieppo. De início, comprou o moinho e, ali, trabalhou durante muitos anos. Mais tarde, adquiriu o bar, permanecendo ativo no comércio atual, como o "Bar do Genuino", já mencionado anteriormente.

Casamento de Genuino e Oraide. Da esquerda para a direita: Odila Biasi, Vicente Tondelo, Fredolina Fernandes Telles (em memória), Luiz Silveira Telles (em memória), os noivos Genuino e Oraide, Darcy da Silva Ribeiro e Tancredo Pinto Ribeiro (em memória). Foto: Arquivo pessoal de Arthur Osmar Fernandes Telles.

A venda de mercadorias era feita nos estabelecimentos equipados com balcões, atendentes de um lado e, no outro, os clientes. Ali ocorria o contato com a mercadoria, diferente da atualidade, onde o comprador possui a liberdade de fazer sua escolha com mais autonomia. Havia um controle das vendas ou trocas, onde tudo era anotado no papel, *"mas o que valia mesmo era o fio de bigode. Documentos não eram muito necessários"*.

"mas o que valia mesmo era o fio de bigode. Documentos não eram muito necessários"

Interior do Bar do Genuino. Foto: Arquivo da equipe do projeto do livro.

Além do trabalho como comerciante, agricultor e domador, Seu Genuino é exímio tocador de gaita. *"Meu irmão mais velho Calimero, Marcos e eu, formamos um grupo musical chamado Os Calimeiros. Nós tocava gaita, violão e pandeiro. O grupo se apresentava no CTG Fogo de Chão de São Marcos, no Programa "Rancho de Violeiros", em Passo Fundo. A gente ia de lambreta até Ciríaco e depois de kombi até Passo Fundo"*.

Seu Genuino tocando sua gaita. Foto: Arquivo da equipe do projeto do livro.

Seu Genuino descreve o local em frente ao armazém: *"era tudo um carquejal. Tinha uma casa do Narciso Borgueti e o filho dele ia na escola junto comigo. Logo mais para trás, havia também um cemitério. Estrada não existia, somente um carreiro. Esta rua, hoje Rua Porto Alegre, foi se formando devido ao transporte de toras de pinheiros puxadas com bois e carroção. A madeira vinha de vários lugares, pois existia muito pinheiro por aqui"*.

Nas décadas iniciais do século XX, a Vila Santa Cecília possuía boas perspectivas de um futuro próspero: *"existiam mais comércios e indústrias do que hoje. Lojas, selaria, sapataria, armazéns, ferraria, serrarias, aos poucos os moradores foram indo embora, outros permaneceram aqui. Hoje somos um município que está progredindo aos poucos e com um grande futuro"*, afirma Seu Genuino que diz sentir muito orgulho da *"terra onde nasci, cresci e aprendi a viver"*.

1.4.8 Família Fernandes e Telles

O Sr. Luiz Silveira Telles (em memória), descendente de portugueses, era casado com a Sra. Fredolina Fernandes Telles (em memória). Esta, filha de Osvaldo e Tereza Fernandes, neta de Satyro José Fernandes (em memória), proprietário da Fazenda Santa Cecília.

Assim como Osvaldo, seu genro Luiz também trabalhava na pecuária, fato este ratificado pelas fotos do Livro de Registros de Vendas datado de 1938.

Modêlo n. 12 (artigo 30)

Imposto sôbre Vendas e Consignações

REGISTRO DAS VENDAS

POR

Criadores e Invernadores

PAGAMENTO POR VERBA

Osvaldo Da Silva Fernandes

NOTA — Neste livro deverão ser registradas, por ordem cronologica e numérica, as guias de pagamento por verba, emitidas por criadores e invernadores.

Foto: Arthur Osmar Fernandes Telles.

LIVRARIA PROGRESSO
Tipografia — Papelaria — Encadernação
— Livros em branco para todos os fins —
10. Abril 1939.
Osvaldo da Silva Fernandes
2: dist.
Praça Marechal Floriano, 447
PASSO FUNDO

Foto: Arthur Osmar Fernandes Telles.

Imagem do ferro de marcar gado com as iniciais de Osvaldo da Silva Fernandes. Foto: Arquivo pessoal de Arthur Osmar Fernandes Telles.

1.4.8.1 O Açougue São Jorge

O açougue São Jorge foi fundado em Santa Cecília do Sul no ano de 1968 pelo Sr. Luiz Silveira Telles e leva este nome devido à cidade natal de seu fundador (região de André da Rocha-RS).

Na foto o Sr. Luiz Telles e, aos fundos, a cerca e parte do Açougue São Jorge. Foto: Arquivo pessoal de Arthur Osmar Fernandes Telles.

Naquela época, a atividade era um tanto diferente do que se conhece, pois não havia energia elétrica, não sendo possível armazenar as carnes por refrigeração. O excedente, que não era vendido no dia do abate, fazia-se charque para assim conservar. Nas festas do Rio Santo Antônio, a carne era adquirida no Açougue São Jorge.

Balança utilizada na época. Foto: Arquivo pessoal de Fabio Caumo Telles.

O gado era criado na Comunidade de Linha Fernandes, na propriedade do Sr. Luiz, trazido a pé e abatido em Santa Cecília do Sul em um abatedouro muito simples, perto do açougue. Trabalhava ali o proprietário juntamente com seus filhos: Antônio Brás (em memória), Arthur Osmar, Paulo Sérgio, José Luiz (em memória) e Alaides Terezinha Fernandes Telles.

Passada uma década, o açougue encerrou suas atividades. Posteriormente, no ano de 1997, a Sra. Ivete Caumo Telles, nora do Sr. Luiz e esposa de Arthur Osmar Fernandes Telles, abriu um ateliê no antigo espaço do açougue onde prestava serviços de costura, permanecendo neste local por 20 anos, até se mudar para as novas instalações onde trabalha atualmente.

Parte da estrutura do antigo açougue continua de pé; embora tenha sido um espaço para sala de costura, após reformas, hoje é utilizado como sala de festas da família.

Réplica do Açougue. Produzido e autorizado por Fábio Caumo Telles, filho de Artur e neto do Sr. Luiz Silveira Telles (em memória).

1.4.9 Família Pelissoni

Alegre, paciente e de uma vasta experiência que a vida lhe proporcionou ao longo de 93 anos, o Sr. Luis Pelissoni nos concedeu o seguinte relato: *"meu pai, Amadeus Pelissoni, nasceu e se criou em Caxias do Sul. Foi casado duas vezes e, no primeiro casamento, teve 14 filhos. Viúvo, contraiu matrimônio com Dona Cristina Baldo, minha mãe, e teve mais seis, totalizando 20 filhos. Saíram de Caxias e vieram tentar a vida aqui nos arredores de São Marcos, Santa Cecília, por aí. Desde piá trabalhei na colônia, sofri muito na vida. Os primeiros tempos foram muito difíceis. Precisava derrubar as árvores para plantar e era só no machado. Derrubava até pinheiro no*

machado porque não tinha serrote. Lavrava os morros com arado de boi, arrancava pedras, tocos, para deixar a terra pronta para cultivo. Fiquei morando e trabalhando com o pai até casar", contou Seu Luis.

Emocionado, ele descreveu seu casamento: *"casei com 21 anos. Para casar era preciso ir dar os nomes. A festa começou de manhã cedinho, quando fui buscar a noiva, Dona Esmerilda Joana Favareto, na casa dos pais. Embarcamos na cabine do caminhão, os convidados em cima da carroceria e fomos para Água Santa casar no civil. Depois, viemos até Santa Cecília casar na igreja. De testemunhas, tinha só dois casais, um para cada lado. O almoço foi servido na casa dos meus pais, com churrasco, pão, cuca, saladas e vinho. À noite, seguimos os festejos com baile em um galpão iluminado com lampião de querosene pendurado nas paredes e animado pelo Inocêncio Preguiça e outro que não me recordo o nome, mas tocavam muito bem"*, relembrou.

Seu Luis e Dona Esmerilda. Foto: Arquivo pessoal de Agostinho Pelissoni.

Imagem ilustrativa de um lampião a querosene. Fonte: Mercado Livre.

Ainda contou: *"de presente a gente ganhava coisas de cozinha... me lembro que um dia antes fui buscar o enxoval feito por ela mesma e tinha até uma máquina de costura manual"*. Seu Luis relembrou dos momentos compartilhados com sua esposa Esmerilda: *"ela faleceu com 89 anos. Juntos tivemos nove filhos, sendo três falecidos ainda novos. Trabalhamos de acordo um com o outro a vida toda. Quando ela adoeceu eu procurei cuidar muito bem dela. Meus filhos ajudavam durante o dia e, à noite, eu passava com ela. Passei por momentos muito difíceis na minha vida. Mas, graças a Deus, suportei e hoje estou aqui, quietinho no meu canto"*, revelou.

Quadro da família. Em cima, da esquerda para a direita: Ana, Madalena, Leonora (em memória), Agostinho. Ao centro: Luis Pelissoni (pai), Ademir, filho caçula, (em memória), Esmerilda Pelissoni (mãe). Última fileira: Alceu, Leoni, Dirceu (em memória) e Delfino. Foto: Arquivo pessoal de Luís Pelissoni.

Da vila, recordou: *"isso tudo pertencia a Passo Fundo e, anos depois, o Município de Tapejara se emancipou. Santa Cecília era vila, tinha comércio, moinhos, serraria, selaria, lojas. Meu pai ajudou a fazer a primeira igrejinha de madeira lá na vila. A imagem já era de Santa Cecília. Me lembro que o padre Calógero Tortorici atendia essa capela. Tinha que buscar ele a cavalo em Passo Fundo, ficava instalado em Tapejara até atender toda a região e depois tinha que levar ele de volta. O padre rezava de costas para o povo e tinha um sacristão que o ajudava. Eu me recordo do Neurí Dalsolio, que ajudava muito nas missas. A catequese da época era em italiano. Eu aprendi todo o catecismo em italiano, só depois veio o catecismo em português. Então eu aprendi a religião em três línguas: latim, italiano e português"*, recordou.

Sobre as atitudes na igreja, Seu Luis comenta: *"naquele tempo, iam na igreja, dava bastante gente, porque as famílias eram grandes. As crianças iam também e as mulheres usavam um véu na cabeça. E, conforme o "traje" (roupa), o padre mandava sair. Durante a missa, só o padre tocava na hóstia que era molhada no vinho e entregue na boca. O sacristão segurava o vinho. Naquele tempo era um respeito. Domingos e dias santificados eram respeitados. Na semana santa, já na quinta-feira, começavam a organizar lenha, alimentação para os animais e outros afazeres. Na Sexta-feira Santa, não se encostava em nada, não se trabalhava na lavoura. Faziam jejum de manhã e o almoço consistia em arroz, massa e salada. Somente após às 10 horas do sábado era permitido trabalhar e comer carne.*

"Naquele tempo era um respeito"

Até hoje eu raio[8] *com os piá, agora não tem mais domingo. A colheita do trigo e da uva eram os únicos trabalhos permitido nos dias santos"*.

Seu Luis ficou muito feliz quando questionado sobre futebol: *"o que joguei de futebol. Comecei de piá e joguei até os 50 anos. No final de semana, de manhã ia jogar bola, de tarde rezava o terço e depois jogar bola de novo. Ninguém trabalhava no domingo. Nós saía pra fora jogar nos torneios. O treinador era um ou outro. Uns iam a cavalo, outros de bicicleta e, só mais tarde, que começamos ir de caminhão. Transportei o time de São Marcos muitas e muitas vezes, era uma festa só. Todos na carroceria. Era um divertimento, não dava briga. Se fosse hoje..."*, ponderou.

Salientou que o respeito imperava em sua época: *"as professoras ensinavam que quando passar por uma pessoa de mais idade, era pra cumprimentar e tirar o chapéu. Hoje já não é mais assim"*.

Seu Luis lembrou-se de uma das professoras que trabalhou na escolinha de madeira: *"me recordo da Nair Biasi. Mas trocava seguido as professoras lá. Escrevi na pedra, a gente fazia os temas, mostrava para a professora que corrigia e depois apagava com um pano. No final do ano fazia uma sabatina (avaliação) para saber se o aluno ia para a turma seguinte"*.

A lembrança de um idoso reflete o orgulho pelo trabalho, pelos sacrifícios, pela solidariedade e pela fé. E, para conhecer a narrativa histórica, não há nada mais valioso do que ouvir o relato de quem viveu, passo a passo, cada experiência de primeira mão. Seu Luís permanece na residência que construiu com sua falecida esposa: *"... gosto daqui, estou perto dos meus filhos. Eles levam a vidinha deles, cada um com sua família e eu vou ficando até Deus me permitir"*.

Seu Luís em sua propriedade. Foto: Arquivo pessoal de Luís Pelissoni.

[8]Define-se "raio" como "expressão usada pelos italianos para chamar atenção de uma pessoa, alerta, reprimenda."

1.4.10 Família Panisson/Panizzon

1.4.10.1 Aristides e Rosa Panisson

Família de Aristides e Rosa Panisson. Além destes, o casal teve também outros três filhos que faleceram ainda bebês. Foto de maio de 1974. Da esquerda para a direita: Agostinho (em memória), Arquiles, Oliva, Narciso (em memória), Tercilio (em memória) Veronica (em memória), Laurindo (em memória) e Vanir. Sentados: Santo (em memória), Dervilho (em memória), Rosa e Aristides Panisson (em memória), Marliza (em memória) e Malvina. Foto: Arquivo pessoal de Keli Panizzon Scariot.

Aristides João Panisson nasceu em Antônio Prado-RS no ano 1901 e Rosa Pigosso, também natural desta cidade, nasceu em 1905. Casaram-se em 1924 e, a partir daí, iniciaram sua família. Em meio às dificuldades, saíram em busca de novas oportunidades, estabelecendo-se na chamada Linha Alemanha, atual Comunidade de Santana. Tinham como pertences um tacho, uma mula e uma carroça, também algumas sementes que, posteriormente, utilizaram nas terras que ali compraram. *"Não havia casa, apenas um paiol no qual moraram por algum tempo, até que tivessem condições de construir uma casa"*, assim contou a neta de Aristides e Rosa, Keli Panizzon Scariot.

Aristides e Rosa viveram e construíram sua família, permanecendo na mesma comunidade até o final de suas vidas. Aristides faleceu em 1980, na cidade de Tapejara, com 79 anos, e Rosa faleceu no ano de 1990, com 85 anos.

Em uma entrevista realizada com Santo Panisson no ano de 2017, ele contou que o pai era sócio de um caminhão que realizava viagem a Porto Alegre levando milho: *"saiam daqui no domingo à tardinha e só retornavam no sábado"*. Também comentou que, quando chegaram, era tudo mato e que as moradias eram construídas com a madeira dos pinheiros que aqui existiam, cobertas de tabuinhas e eram grandes, pois as famílias eram numerosas.

Casa dos pais de Aristides Panisson em Antônio Prado. Foto: Arquivo pessoal de Keli Panizzon Scariot.

Aristides à esquerda, na Revolução de 1924. Foto: Arquivo pessoal de Keli Panizzon Scariot.

Bodas de Ouro do casal Aristides e Rosa. Foto: Arquivo pessoal de Keli Panizzon Scariot.

1.4.10.2 Santo Panisson e Cília Panisson

Santo Panisson (em memória) desempenhou diversos papéis na comunidade de Santa Cecília do Sul: era agricultor, caminhoneiro, sócio-proprietário junto de um de seus irmãos da Casa de Comércio, foi vereador, secretário municipal, servidor público, desempenhando na maior parte do tempo trabalhos na Secretaria de Serviços Urbanos, cuidando da água de abastecimento da cidade, também foi presidente de capela, presidente do Esporte Clube Fluminense, além de contribuir para emancipação do município e outras atividades que desempenhou por estar sempre ativo na comunidade.

Além disso, foi subprefeito, enfrentando diversas dificuldades, mas não mediu esforços para solucionar os problemas e desenvolver os trabalhos na sede e nas comunidades, como, por exemplo, na manutenção de estradas e questões de saúde, entre outras atividades.

Homem de muita força de vontade, prosperou através do trabalho, seja na agricultura ou no comércio, entre tantos outros desafios que a vida o proporcionou: *"aprendi com meu pai, desde piá, o trabalho, o respeito e ser certo, verdadeiro com todos. Fazer sempre tudo bem feito. E eu e minha companheira, queremos deixar este exemplo para nossa família"*, revelou Santo em entrevista em anos anteriores.

A Casa de Comércio, como assim chamavam, era uma sociedade de Santo e o irmão Agostinho, localizada na Vila Zanella, e contava com grande variedade de produtos, como de alimentação, bebidas e até tecidos para fabricação de roupas.

No ano de 1948, adquiriu um caminhão Ford F-5 para puxar toras, amenizando e agilizando o transporte da madeira para as serrarias.

Caminhão Ford F-5, em 1948, transportando toras de madeira para a serraria do Sr. Orestes Menin de São Marcos. Foto: Arquivo pessoal da família.

Cilia Grosseli Panisson (em memória), natural de Guaporé-RS, também veio à vila em busca de uma nova vida após a morte trágica de seu pai. Ela, sua mãe e irmãos viviam em um ranchinho e tinham apenas uma vaca de leite, assim iniciando sua história nesta região.

Tempos depois, já na juventude, conheceu Santo em um dia da Festa do Rio Santo Antônio. Iniciaram o namoro e, logo, se casaram. Cilia foi uma mulher forte e batalhadora, sempre trabalhou na agricultura, como dona de casa e cuidou de oito filhos. Em entrevista, contou das dificuldades que enfrentava antigamente, tanto na mão de obra pesada quanto no trabalho na roça e em épocas que havia poucos alimentos: *"eu não tinha nem o que dar de comer aos filhos. Cozinhava uma panelinha de arroz, colocava eles em redor para comer e eu saía para trabalhar na roça"*.

O amor, a sinceridade, a honestidade e a confiança foram os ingredientes da receita para um matrimônio que durou 74 anos. Mesmo diante de todas as dificuldades que enfrentaram, sempre viveram de forma leve, com garra e determinação, deixando um legado aos amigos e familiares. Santo faleceu em setembro de 2022 e Cilia em novembro de 2023.

"Nono Santo e nona Silene" e o "fuca", marca registrada do casal. Foto tirada por ocasião dos 70 anos de matrimônio. Foto: Arquivo pessoal de Veronica Heloisa Panisson.

1.4.10.2.1 Tradições que perpassam gerações

A tradição, o bom chimarrão e o gosto pelos esportes sempre estiveram presentes na família. Apreciavam um futebol no Fluminense e as tardes gaúchas no CTG em São Marcos. Um dos maiores incentivadores foi o patriarca Santo Panisson. Na foto ao lado, vemos características marcantes de um bom gaúcho que levava o Rio Grande do Sul e sua cultura no peito.

Além da admiração e gosto pelos torneios de tiro de laço, Santo também apreciava e incentivava o laço em Vaca Parada, principalmente após o nascimento da bisneta, Sophia Pietra Panisson Marcon.

Foto tirada no CTG Fogo de Chão em São Marcos. Em cima do cavalo está Arilson Panisson (em memória), juntamente com seu avô Santo Panisson. Foto: Arquivo pessoal de Vanderlei Panisson.

Santo laçando na Vaca Parada. Foto: Arquivo pessoal de Vanderleia Panisson.

Imagem tirada em frente a Prefeitura Municipal de Santa Cecília do Sul com o troféu de 3º lugar na seleção do RS no Nacional em Irati no Paraná. Foto: Arquivo pessoal de Vanderleia Panisson.

Sophia possui apenas 6 anos e já conquistou diversos títulos na modalidade Vaca Parada, categoria Bonequinha: Bicampeã Estadual Individual em 2022 em Pelotas-RS e em Santa Cruz do Sul-RS em 2023, sendo que nesta mesma ocasião também conquistou o 2º lugar na Dupla.

É campeã nos nacionais de Vacaria e Passo Fundo, campeã Internacional de Tapejara e Lagoa Vermelha. Também conquistou o 3º lugar na seleção do Rio Grande do Sul no Nacional em Irati, no Paraná.

Atualmente, coleciona mais de 80 títulos pelo estado e região sul do país. Apesar do pouco tempo de convivência com o bisavô, Sophia guarda muitas memórias de um homem que serviu de exemplo para ela e a todos que com ele conviveram.

1.4.10.3 Agostinho Panisson

Agostinho Panisson (em memória) nasceu em Antônio Prado-RS, migrando mais tarde, com seus pais, para Santana, Santa Cecília do Sul. Da primeira união com Dona Araci Biasi nasceram cinco filhos: Sergio, Sirinergio (em memória), Sirinei, Sonia Cecília (em homenagem à Santa Cecília) e Sandro.

Em entrevista, o filho Sirinei Panisson relatou que seu pai foi para o quartel e lá aprendeu a dirigir. Ao retornar para Santa Cecília, almejava ingressar na área dos negócios. Com 21 anos, investiu em uma empresa

Dona Araci Biasi e Agostinho Panisson (ambos em memória). Foto: Arquivo pessoal de Sirinei Panisson.

de transportes em sociedade com seu irmão Tercílio Panisson (em memória), fazendo a linha Água Santa a Tapejara, Água Santa a Passo Fundo e Água Santa a Santa Cecília e, mais tarde, expandindo a rota para Santa Teresinha, Rio Telha e Ibiaçá. Com o passar dos anos, os irmãos abriram a sociedade e cada um seguiu com um trajeto, sempre contribuindo com o desenvolvimento da Vila Santa Cecília.

"Mais que transportar passageiros, meu pai foi um elo entre o campo e a cidade"

Mais que uma linha de ônibus, Seu Agostinho, como era conhecido, estabeleceu fortes vínculos com a população, em todas as localidades que transitou: *"mais que transportar passageiros, meu pai foi um elo entre o campo e a cidade. Muitas necessidades foram supridas sem ser preciso o deslocamento das pessoas até os municípios vizinhos. No ônibus, além de passageiros, eram também transportados os produtos dos agricultores da região e, até, animais que eram comercializados na cidade. Ao retornar, os passageiros traziam as compras. E quando um passageiro necessitasse ir a um endereço na cidade, não era necessário táxi. Ele mesmo o conduzia ao local"*, contou Sirinei.

Agostinho Panisson em frente ao ônibus que na época fazia as linhas: Santa Cecília, Engenho Grande, Água Santa e Passo Fundo. Foto: Arquivo pessoal de Keli Panizzon Scariot.

Ônibus utilizado pelo Seu Agostinho. Foto: Arquivo pessoal de Sirinei Panisson.

Sirinei relembrou que, além da linha de transporte, o pai tinha um bar: *"o pai dirigia, a mãe cuidava do bar, que era também a rodoviária. Estava localizada, mais ou menos, onde hoje é a residência da Sra. Clementina Fontana. Ali, além de bebidas, vendia-se picolé"*. Dona Neusa da Veiga complementa: *"o primeiro sorvete foi feito ali neste bar em 1956 ou 1957. Era uma novidade, pois sorvete só existiam nas cidades maiores"*.

Anos mais tarde, Agostinho mudou-se com a família para a cidade de Água Santa, de onde continuou com a empresa de Transportes Panisson.

Em um segundo casamento, com Dona Teresinha Basso, teve duas filhas: Jaqueline e Francieli, passando a residir então na cidade de Ibiaçá. A empresa seguiu com a rota: Ibiaçá, Santa Cecília do Sul, Água Santa e Passo Fundo. Foram 60 anos de trabalho ininterruptos, sem férias, incluindo, durante algum tempo, ir aos domingos para Passo Fundo, conforme relato da professora Adelides: *"Seu Agostinho passava em frente a minha casa na Comunidade de Santa Terezinha todos os domingos às 15 horas em direção a Passo Fundo, garantindo aos estudantes o retorno à cidade, para continuidade dos estudos na manhã seguinte"*.

Foto tirada por ocasião do batizado do filho Sirinei Panisson no interior do bar. Da esquerda para a direita: Dona Isaltina Lopes que está segurando o bebê, Sirinei Panisson, Agostinho Panisson e Francisco Lopes da Veiga. Foto: Arquivo de Neusa Lopes Da Veiga.

1.4.10.4 Tercílio e Rita Bonora Panisson

Tercílio Panisson (em memória), filho de Aristides Panisson (em memória) e Rosa Pigosso (em memória), casou-se com Rita Bonora (em memória). Desta união, nasceram cinco filhos: Denize, Dilmara, Dilvan, Dirceu e Leonardo.

Após o matrimônio, o casal residiu na localidade de Santana, interior deste município e, pouco tempo depois, estabeleceu-se na Vila Santa Cecília, onde iniciou as atividades com transporte de passageiros e alunos, sendo sócio proprietário da Empresa Panisson juntamente com seu irmão, Agostinho Panisson, tendo como linhas: Rio Telha à Passo Fundo e Água Santa à Tapejara.

Família Panisson. Da esquerda para a direita: Leonardo, Dilvan, Rita, Tercílio, Dilmara, Dirceu e Denise. Foto: Arquivo pessoal da família Panisson.

Primeira foto, modelo de ônibus da década de 50. As demais fotos são da década de 90. O ônibus de prefixo 30 iniciou o transporte dos primeiros funcionários da Agrodanieli, levando-os até à Unidade de São Silvestre/ Tapejara. Foto: Arquivo pessoal da família Panisson.

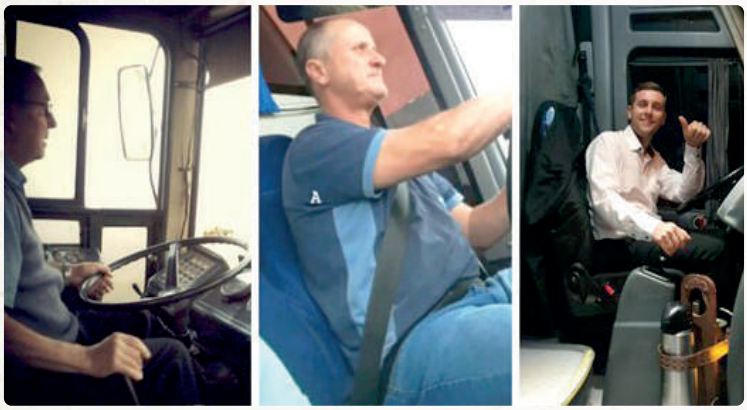
Dividindo a sociedade, seu Tercílio ficou com uma nova linha de transporte, sendo da Vila Santa Cecília à Tapejara, onde transportou alunos e passageiros por mais de 50 anos, ficando marcado na memória dos mesmos, as frases: "mais um passinho para trás", "avagarinho". Nunca negou transporte a ninguém, indiferente se tinham condições financeiras para pagar ou não, a questão sempre foi servir a todos.

Com o tempo, iniciou o transporte de alunos e passageiros do interior com uma Kombi, nas localidades de Santa Terezinha e Picadão, hoje Linha Fernandes, sendo que a motorista era sua esposa, Rita Bonora Panisson. Um fato marcante é que na época, o único veículo de transporte era o do seu Terci, como era carinhosamente chamado por todos. As pessoas que necessitavam, independente de horário, eram atendidas. Era muito comum transportar doentes para o hospital de Tapejara, à noite. Também, iniciou o transporte dos primeiros funcionários até a Unidade da Agrodanieli de São Silvestre - Tapejara.

Frisou que, na década de 50, quando iniciou seu trabalho como motorista de ônibus, as estradas eram precárias e, em períodos chuvosos, o deslocamento até a cidade ocorria somente com o uso de correntes nos pneus. Porém, as más condições do tempo, nunca impediram Seu Tercílio de cumprir com seu compromisso: transportar os passageiros e os alunos.

Mais de 60 anos de sua vida foram dedicados ao transporte de passageiros até a cidade; alunos até as escolas; funcionários até o trabalho e a juventude e os grupos de mulheres nos encontros e eventos, contribuindo para o progresso e desenvolvimento da região e do então Município de Santa Cecília do Sul.

Permaneceu na ativa até seus 82 anos, quando então, em 6 de abril de 2021, veio a falecer. Seus filhos sempre o auxiliaram no transporte e, hoje, a empresa Transportes Panisson segue em sua terceira geração, com seu neto, Vinícius Panisson, que compartilha do mesmo amor e dedicação pela profissão, seguindo o legado deixado pelo seu exemplo: "vô Terci".



Empresa Transportes Panisson em sua terceira geração. Da esquerda para a direita: Tercílio, Dirceu e Vinícius. Foto: Arquivo pessoal da família Panisson.

Seu Terci e Dona Rita sempre foram um casal de muita fé, participavam assiduamente das missas. Dona Rita por anos foi catequista, trouxe à comunidade o Grupo de Oração "Renovação Carismática" e, até o final de sua vida, fez parte da equipe de liturgia da capela, participando ativamente da comunidade e contribuído para o desenvolvimento da região. Dona Rita faleceu no dia 1º de abril de 2021, cinco dias antes de seu esposo. Deixaram o legado de amizade, bondade e acolhimento.

1.4.11 Família Camargo de Melo

Originária de Vacaria-RS, a família Camargo de Melo está estabelecida em Santa Cecília há várias décadas. Famílias de origem modesta dedicaram-se muito para garantir o sustento, trabalhando em fazendas, na criação de suínos em curtas distâncias (com sede em São Marcos), tropeirismo e agricultura.

"Nossa maior alegria era a volta do pai pra casa"

De acordo com Dona Geni de Camargo, seu pai, Sebastião Rodrigues, dizia ser "barriga verde": *"meu pai era uma pessoa sofrida, mas muito alegre, contava muita história pra nós. Nossa maior alegria era a volta do pai pra casa, pois ele saia viajar com cargueiros, levando para venda sementes de milho, trigo, arroz e feijão"*.

Seu Sebastião utilizava vários cavalos e mulas para fazer o trajeto e carregar a muamba, retornando para casa entre 30 e 60 dias após a partida. Enquanto viajava, levava carne de charque, que servia como alimentação junto com algumas misturas, *"tudo muito simples e que não estragasse"*, contou Dona Geni.

A família era responsável pela produção do charque, garantindo uma quantidade suficiente para suprir as necessidades por um longo período. Era costume

Sebastião Rodrigues e Generosa Ribeiro de Camargo (ambos em memória). Foto: Arquivo pessoal de Geni de Camargo.

pendurar a carne previamente preparada em um varal e armazená-la em caixas grandes, completamente fechadas.

A esposa e os filhos ficavam em casa, trabalhando. A alimentação era muito simples, grosseira, como contou Dona Geni: *"a gente colocava as panelas com correntes presas nos ganchos, acima do fogo de chão. Ali cozinhavam o quibebe, uma espécie de mingau de abóbora com farinha de milho, quirera com carne suína, pão assado em panelas postas sobre as brasas"*. Segundo Dona Geni, faziam fogo de chão, pois *"quem tinha chapa de fogão era os que possuíam melhores condições financeiras"*.

As sementes que o Seu Sebastião levava eram produzidas pelos próprios familiares: *"sem máquinas, tudo manual"*, colhiam-se os pés de feijão e utilizavam-se do manguá para abrir as vagens.

Imagem ilustrativa de pessoas batendo feijão com manguá. Manguá era uma vara de madeira, com uma corda amarrada em uma ponta que liga ao pedaço menor, facilitando o movimento da batida nos grãos. Fonte: Blog Sossego da Flora.

Assim, como diversas outras pessoas, membros da família Brum foram importantes para a abertura do "picadão": *"a estrada começava no povoado de Santa Cecília e estendia-se até a Comunidade do Faxinal, que pertence à Água Santa. Tudo no muque, com foice, machado e picareta. Meu pai também foi um tropeiro. Carregava os malotes de cartas em Passo Fundo e seguia a cavalo rumo a Vacaria. Quando voltava, trazia as cartas de Vacaria a Passo Fundo. Naquele tempo, tudo era na base do cavalo, demorava vários dias para voltar pra casa"*, revelou Gentil Van de Camargo, 75 anos, filho de Portolino e Generosa Camargo.

Durante o momento de realizar os registros de nascimento, diversos familiares foram oficializados com o sobrenome Brum, enquanto outros foram registrados como Camargo, no entanto, todos estão ligados por laços consanguíneos em comum.

Seu Portolino Ribeiro de Camargo, carteiro da época (em memória) ao lado de sua esposa, Ondina Alves de Camargo (em memória), juntamente com as crianças: Helio Antonio Alves de Camargo, Eloa Fatima Alves de Camargo e Garibaldino Alves de Camargo (em memória). Foto: Arquivo pessoal de Gessi Terezinha Camargo.

Amigos reunidos na casa do Seu Sebastião da Silva, popular "Bastião Prego" (em memória). Unidos na simplicidade, faziam parte do círculo familiar de Seu Sebastião Rodrigues. Na porta: Sebastião da Silva; da esquerda para a direita: Dona Zula, de touca (em memória), Orácia filha de Dona Zula, Cecília Pereira Albuquerque, Ondina Alves de Camargo (em memória), Maria Góis (criança no colo), José Rodrigues (de chapéu), em frente Dona Injara. Demais membros não identificados. Foto: Arquivo pessoal de Geni de Camargo.

1.4.12 Família de Benedito Azzolini e Maria Luiza Zorzi Azzolini

A família Azzolini tem sua origem em Tirol, na Itália. Neto de Andrea Pietro G. Batta Azzolini e Angela Pedrali e filho de Valentim Azzolini e Anna De Col, Benedito (todos em memória) nasceu em Relvado-RS, localidade onde seus pais fixaram residência.

Dona Maria Luiza Zorzi, filha de Angela Grassi Zorzi e Luiz Zorzi (todos em memória), tem sua origem em Cremona, na Itália. Ao migrarem para o Brasil, instalaram-se em Relvado, na época Distrito de Encantado-RS.

Da esquerda para a direita, em pé: Claide, Clair (em memória), Clementina, Clamir e Cleda. Sentados: Benedito e Luiza Azzolini. Foto: Arquivo pessoal de Clementina Deolinda Rampazzo.

Benedito contraiu matrimônio com Dona Luiza e, como era costume das famílias da época, o casal morou com seu pai Valentim por um determinado tempo.

Ocorre que a residência da família foi consumida por um incêndio e todos os pertences foram destruídos, incluindo economias que guardavam, pois na época não havia agências bancárias disponíveis.

Benedito e Luiza começaram novamente, construindo uma pequena casa de costaneiras e, mais tarde, ganharam dois alqueires de terra de seu pai Valentim. Em 1947 venderam sua herança adquirindo terras na Comunidade de Santana, dedicando-se à agricultura: *"meu pai, fazia taipas para juntar dinheiro e comprar terra"*, revelou Cleda, a filha caçula.

Pressentindo um futuro mais promissor, Seu Benedito decidiu vender as terras em Santana e investir no comércio da Vila Santa Cecília, adquirindo a bodega e hotel pertencentes a Alcebíades Guterres, conhecido como "Nikito". No ano de 1955, mudou-se com sua família fixando residência. É importante mencionar que o referido hotel anteriormente pertencia ao Sr. Guilherme Meneghini e, posteriormente, ao Sr. Otávio Didoné, respectivamente.

Por ser um espaço amplo e centralizado, o "Bar do Seu Benedito" como era conhecido, atendia diversas classes sociais. Conforme o depoimento de Clementina Deolinda Rampazzo (conhecida por Clelia), também filha do casal, muitas são as histórias de tudo o que ocorria no bar: *"era um salão enorme e ali aconteciam os bailes, filme do Teixerinha e até teatro organizado por integrantes de circos que passavam com frequência na região. O movimento era intenso"*.

Lembrou, ainda, de um fato que marcou muito sua vida: *"foi quando um pessoal de um circo pediu para alugar o local e apresentar um teatro. Meu pai, muito prestativo, disse-lhe que até alugaria, mas como eu estava muito mal, desta vez não conseguiria atender ao pedido. O responsável pelo teatro perguntou: - se eu curar sua filha, posso fazer o teatro no salão? Então, com conhecimentos em remédios naturais, preparou uma infusão com sabugos, cinzas e ervas e aproximou de minhas narinas. Melhorei, nunca mais tive problemas. E o teatro foi um sucesso. Meu pai não cobrou aluguel"*.

O escrivão de Água Santa, Nicolau Cascio Zimermann (em memória), desenvolvia também seus trabalhos em um espaço reservado no hotel, facilitando os registros de vários documentos para a população local: *"começou vir uma vez por mês fazer escrituras e registros de nascimentos no bar do pai. Mais tarde, a demanda aumentou, ele passou a vir uma vez por semana. Me orientou para fazer as anotações, um rascunho, na verdade, que eram entregues a ele no dia do atendimento. Lembro bem que tinha também os atendimentos com dentista em uma sala separada para isso. Tinha o dentista Machado, o Itelvino Frison e outro que esqueci agora. As próteses, chapas e pontes na época, eram feitas em banho-maria. Quando ele chegava, avisava: hoje, preciso de bastante fogo"*, complementou Clementina.

"Era uma delícia de sorvete!"

A caçula Cleda relatou: *"o pai comprou uma sorveteria, uma espécie de batedeira, onde faziam os sorvetes. Eu, a Clelia e a mãe éramos responsáveis por esta parte. A gente não vencia. Vinha liga, sabor da marca Siber embalados em um pote de papelão. Colocava todos os ingredientes na batedeira e deixava batendo até virar um creme. Era uma delícia de sorvete! Lembro que nós tinha duas vacas de leite e que eram também a junta que puxava a carroça. O pai colocava canga nas vacas, carregava os barril e descia no Rio Santo Antônio buscar água para fazer gelo. Nós ia junto sempre. Ele reservou uma peça da casa para guardar o gelo dentro de uma caixa cheia de maravalha. Com a umidade, apodreceu todo o assoalho"*.

Cleda também trouxe, muito viva na memória, acontecimentos que marcaram sua vida: *"o pai e a mãe acolhiam a todos e, sempre que possível, buscavam melhorar a qualidade de vida das pessoas da vila. Tudo era muito trabalhoso... água, então, nem se fala! Tínhamos que puxar tudo com balde. Então, o Teofilo Toldo (em memória), Albino Ruaro (em memória) e o pai canalizaram a água com nascente na propriedade do Sr. David Miotto (em memória), para o centro da vila. A canalização passou pelas terras do Sr. Antônio Grando (em memória). Construíram uma*

caixa maior, com diversas subdivisões, onde cada um captava sua própria água. Havia alguns imprevistos na distribuição, mas esta atitude facilitou muito a vida de diversos moradores da vila".

Além da intensa atividade, o bar abrigava a sede de dois times de futebol na época: o Fluminense e o Internacional. Estando expostos também os troféus conquistados em torneios por ambos os times.

Clamir Azzolini, contou: *"na bodega se vendia três tipos de cigarro, cerveja era só Brahma e três tipos de cachaça. Naquela época não havia geladeira, então o pai fez um buraco no porão, colocava a cerveja ali e molhava para manter a bebida sempre fresquinha"*.

Falando sobre o hotel: *"ainda lembro que os funcionários das obras da Prefeitura de Tapejara vinham para arrumar estradas na região, então a parada era neste hotel. E muitas pessoas que vinham de outros lugares também. Bilibiu, um comerciante que vinha de Passo Fundo e que abastecia as festas e as bodegas da vila, foi um que fez seus pernoites muitas e muitas vezes. Tempos depois, o pai adquiriu a rodoviária que era do Agostinho Panisson, pois o mesmo mudou-se para Água Santa. E, atrás da bodega, funcionava o centro telefônico, cuja responsabilidade era da mãe e de minhas irmãs. Quando meu pai faleceu, o bar permaneceu sob o comando de Alcides Dalsolio (em memória) e esposa Claide Azzolini"*.

Por trás do balcão, o negócio não era tão colorido, exigia comprometimento, muito trabalho e responsabilidade por parte da família. O "Bar do Seu Benedito" foi muito mais que um comércio que, com certeza, deixou muita saudade. Atualmente, no local, funciona o Mercado Santa Cecília, de propriedade de Suzana Dalsolio Ludig.

Interior do "Bar do Seu Benedito. Da esquerda para a direita: Dona Luiza, Cleda, Benedito e Clementina. Foto: Arquivo pessoal de Clementina Deolinda Rampazzo.

Benedito Azzolini e Bernardino Daré. Aos fundos, o Hotel do Seu Benedito. Foto: Arquivo pessoal de Clementina Deolinda Rampazzo.

Lateral do bar de Seu Benedito. 3ª janela, a partir da porta, eram servidos muitos tragos para o "Tabunda" e atendidos muitos clientes. Foto: Arquivo pessoal de Clementina Deolinda Rampazzo.

1.4.13 Família de Arnaldo Gratieri

Nascido no ano de 1925, filho de Luiz e Maria Rampon Gratieri (em memória), Arnaldo Gratieri (em memória), saiu com 11 anos da roça e foi trabalhar como aprendiz de ferreiro na Sede Teixeira, hoje Município de Tapejara.

Com o tempo, contraiu matrimônio com Deolinda Grosseli (em memória), filha de Marcelo e Catarina Zanella Grosseli, passando a residir na vila, onde morava sua sogra, já viúva. Desta união, nasceram os filhos Marlise, Geci (em memória), Dino e Clareci.

O filho do casal, Dino Gratieri, contou que seu pai era um gênio: "*na época havia cursos feitos por meio de telegramas com material enviado dos Estados Unidos, o National School e, mesmo sem saber inglês, aprendeu montar e fazer manutenção de rádios. Esse material vinha pelo correio e era transportado por ônibus. Certa vez, ele inventou uma corneta e instalou na sua oficina, que era ligada a um rádio, que foi muito usada para ouvir os comícios políticos. Enchia de gente em frente à oficina*".

Com suas ideias geniais, desenvolveu uma pequena usina para gerar energia. Contudo, seu tamanho era pequeno. Com o apoio de mais pessoas, construíram uma usina mais eficiente e barata, fornecendo luz à Sede da Vila, incluindo movimentação de moinhos: *"Ele foi até o município de Estrela buscar uma turbina e a instalou perto da residência de Francisco Girardi. Mas era fraca. Então, reuniram-se mais alguns e adquiriram a usina da Cooperativa de Água Santa, que já estava falida. Foi necessário abrir valas de sete a oito metros de profundidade, usando dinamites. Para tirar as dúvidas, o pai buscava informações com o Sr. Afonso Muxfeldt (em memória), de Tapejara. A usina estava instalada mais ou menos a um quilômetro abaixo da ponte velha, aquela que ainda tem os pilares ali no Rio Santo Antônio. A sociedade era formada por Stefano Biasi (em memória), Aristides Panisson (em memória), Francisco Girardi (em memória), Vitório Miotto (em memória) e como técnico o meu pai, que todos conheciam por Reinaldinho Gratieri*".

Os filhos de Arnaldo relembraram muitos fatos da vila: *"quando comecei a ir na escola, todos os colegas sabiam ler, escrever e copiar do quadro. Eu não sabia nada. Isso marcou muito minha vida. No final eu fui aprovado no primeiro ano, mas a professora fez eu repetir, pois me achou muito fraco"*, contou Dino.

As filhas Marlise e Clareci trouxeram boas lembranças: *"das festas do rio, as saladas de frutas e das laranjinhas, gasosinhas com estampas de algumas laranjas na garrafa de vidro. A gente ficava pedindo gelo para os bodegueiros para colocar dentro"*. Dino acrescentou: *"das festas do rio, que saudade!"*.

"das festas do rio, que saudade!"

Arnaldo era homem do comércio: *"o pai trazia uns cachos de banana, era a única fruta que se comercializava na época. Vinham todas embrulhadinhas no jornal"*. Com o passar dos anos, Arnaldo Gratieri mudou-se com a família para o Município de Ciríaco-RS onde veio a falecer.

Festa da família: Deolinda Gratieri no centro, com a bisneta no colo. Filho, filhas, noras, genros, netos e bisnetos. Foto: Arquivo pessoal de Dino Gratieri.

Caixa de ferramenta utilizada, na época, por Arnaldo Gratieri. Foto: Arquivo pessoal de Dino Gratieri.

1.4.14 Família de Carlos e Ines Parizotto

Antonio Parizotto nasceu em Antônio Prado-RS e veio residir em Santa Cecília do Sul aos 2 anos, junto de seu pai, Carlos Parizotto (em memória), de sua mãe, Inês Bortolotto (em memória) e de seus sete irmãos.

O meio de transporte utilizado pela família para a mudança foi uma carroça puxada por um terno de seis mulas. Ao chegarem, foram morar na estrebaria do

Sr. Joanim Guerra. As camas ficaram em um galpão separado e a cozinha era na estrebaria, com fogo de chão, pois não havia fogão e assoalho.

Depois de algum tempo, construíram uma casa próxima à igreja, em frente à bodega dos Meneghini. A casa era toda de madeira, coberta de tabuinhas e possuía dois andares, onde o quarto dos pais era no andar de baixo e o dos filhos no de cima. Eram quartos que separavam meninos e meninas. *"Essa casa, quando dava vento forte, chacoalhava tudo"*, revelou Seu Antonio Parizotto.

"Essa casa, quando dava vento forte, chacoalhava tudo"

Quando precisavam fazer suas necessidades, havia um penico feito de porungo que escondiam embaixo da cama, após feitas, jogava-se o conteúdo pela janela. Tomavam banho no rio e usavam um sabão feito de tripa de porco. O mesmo também era usado para lavar as roupas, contou Seu Parizotto: *"esse banho era só no final de semana. A gente ia dormir com as pernas pretas de carvão. Lembro também que minha mãe fazia as toalhas e os lençóis com sacos de algodão, de onde vinha o açúcar na época. O colchão era de palha de milho e os travesseiros e as cobertas eram feitos com pena de galinha"*.

Imagem ilustrativa de um colchão com palhas de milho. Fonte: Site São Joaquim Online.

O pai de Antônio, Seu Carlos, abriu uma bodega na parte de baixo da casa, cuidando dela o dia todo, enquanto sua mulher se ocupava dos afazeres domésticos. A bodega acabou falindo, pois a que havia em frente era mais conhecida.

Enquanto o pai cuidava do bar, Antônio e seus irmãos, mesmo pequenos, iam para a roça junto com sua mãe, plantar milho e trigo. O milho era debulhado na mão, pois não possuíam trilhadeira. *"... tinha um carrinho de quatro rodas, com freio e conduzido pelos pés. A gente puxava milho com ele"*. Por serem crianças, quando levavam os grãos para o moinho, era a maior diversão. Esse carrinho de madeira, onde colocavam as sacas das sementes, quando vazio, aproveitavam para brincar de subir e descer o morro: *"quanto tombo!!!"*, revelou ele. Neste momento, com um largo sorriso, Seu Antônio deixou transparecer a felicidade e a alegria dos bons tempos.

Imagem ilustrativa de um barbaquá. Fonte: Dicionário Tupi Guarani.

Além do trabalho na roça, também cortavam erva no picadão para levar a um barbaquá e, logo depois, levavam para ser moída no socador do moinho.

Antônio frequentou a escola que ficava próxima à igreja, na época em que era proibida a fala italiana. Por conta disso, ele lembrou de vários castigos quando alguma palavra acabava escapando. Lembrou que algumas pessoas, a mando de outras, rondavam as residências familiares para tentar ouvir alguém falar na língua proibida, pois, para os adultos, era motivo de cadeia.

Seu Antônio, atualmente com 92 anos, saiu de Santa Cecília com 10 anos e, hoje, reside com sua filha na cidade de Tapejara. Quando adulto, Antônio foi carpinteiro e construiu diversos moinhos e, até mesmo, as tafonas usadas para fazer farinha de mandioca em diversos municípios da região.

Seu Antônio Parizotto. Foto: Arquivo da equipe do projeto do livro.

Imagem ilustrativa de uma tafona. Fonte: Site Cooperbelluno.

"Sem sombra de dúvidas, sentir que as pessoas querem ser ouvidas e, por meio disso, poder reviver e revelar as lembranças de um tempo que não volta mais é a parte mais emocionante de um resgate histórico", relatou a professora pesquisadora, Adelides Teresinha Lara Piffer.

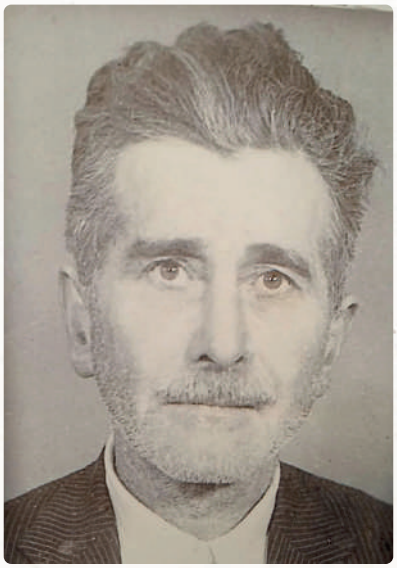
1.4.15 Família de Francisco e Ernesta Tofoli Dalsolio

Francisco Dalsolio (em memória) nasceu na Vila Onze, Guaporé-RS, em 1909. Ainda jovem, mudou-se com seus pais para Água Santa, entre as comunidades de São Marcos e São Roque.

Dona Ernesta (em memória) nasceu em Marau-RS, em 1913, filha de Arcênio e Victória Manha Tofoli (ambos em memória). A casa onde residiam em Marau foi destruída por um vendaval quando Ernesta tinha 3 anos e seus pais construíram outra no mesmo local. Algum tempo mais tarde, mudaram-se para a Comunidade de São Roque, Água Santa. Seu pai exercia a profissão de carpinteiro.

Arcênio e Victória Manha Tofoli, pais de Dona Ernesta Tofoli Dalsolio. Foto: Arquivo pessoal de Neurí Dalsolio.

Em 1930, com 17 anos, contraiu matrimônio com Francisco Dalsolio, sendo este o 30º casamento realizado no Cartório de Registro Civil de Tapejara. Residindo na Comunidade de São Marcos, foram uma das primeiras famílias colonizadoras, abrindo picadas a facão e derrubando matos a machado. Segundo o filho caçula, Neurí Dalsolio: *"... os moradores reuniam-se para abrir estradas, dando passagem para os cavalos e carroças, enfim"*.



Francisco e Ernesta Tofoli Dalsolio. Foto: Arquivo pessoal de Maria Dalsolio.

Em 1937, vendeu a propriedade e adquiriu uma área de terras em Santa Cecília, mudando-se, em seguida, e já com três filhos. Ainda, de acordo com Neurí: *"a mudança veio numa carroça puxada por um terno de mulas. Instalou-se aqui, pagando um conto de réis para cada pinheiro que um cidadão derrubasse, inclusive o Seu Sebastião Rodrigues foi um dos primeiros que começou a trabalhar para o pai. E, assim, poder preparar a primeira roça e plantar milho para ter a polenta e alimentar as crianças. De dia trabalhava na roça, à tardezinha ia pescar e, no domingo de manhã, percorria a sanga para caçar nambu, macuco e pomba. Olha a dificuldade da época"*.

Neurí Dalsolio, filho caçula, com a corrente e gancho para pendurar a panela e a chaleira utilizados pelo pai Francisco. Foto: Arquivo pessoal de Veridiana Dalsolio Defaveri.

"Olha a dificuldade da época"

Sobre a moradia, Neurí discorre: *"quando o pai e a mãe vieram para Santa Cecília a cozinha era de chão, o assoalho era só onde estavam as camas. Faziam fogo de chão, tinha um gancho onde pendurava a panela para esquentar a água ou o que tivesse que cozinhar, mas assim no ar livre ou às vezes debaixo de um coberto"*.

Entre as memórias de infância, compartilhou: *"acender o fogo era com lima e uma pedra branca, esfregando uma contra a outra, saiam faíscas, que bem próximo a alguma palha ou grimpa bem sequinha, pegava fogo"*.

Sobre as famílias, descreve: *"vivíamos em harmonia, não íamos dormir sem rezar o terço. A oração era sagrada. Meus pais sempre participaram e ajudaram a comunidade. Fosse em trabalhos, nas orações, na ajuda aos mais necessitados com alimentos e atendimentos quanto à saúde, eles estavam dispostos"*.

Do vestuário da época, relatou: *"Todos os membros da família vestiam-se com roupas iguais. Minha mãe comprava uma peça de, mais ou menos, 20 metros e levava na costureira para confeccionar as roupas. Nossa costureira era a Dona Corina Girardi (em memória), moradora da Comunidade de Santa Terezinha. A gente ia a cavalo ou a pé, mais ou menos, uns cinco quilômetros, levar a roupa para costurar, depois provar e, finalmente, buscar a peça pronta. Nos pés calçava os famosos tamancos que duravam uns quatro ou cinco anos e ia passando do irmão maior para o menor e, assim, ia seguindo"*.

Um fato marcante na vida de Neurí ocorreu nos anos de 1944 e 1945, quando *"deu uma seca de não cair um pingo d'água e, as poucas espigas de milho que sobraram, foram guardadas sobre a fumaça do fogo de chão para servirem de sementes no próximo ano"*.

Quando Neurí tinha mais ou menos 8 anos, os professores promoveram uma festa na escola, organizando um grupo de danças. O pessoal de várias localidades reuniam-se para assistir. Ele descreve a história: *"naquele tempo, era quase um show, na verdade. Então, eu fui à casa do Pedro Pereira (em memória) pedir emprestado o tirador, feito de couro de veado e, de lá, sai pilchado: lenço, chapéu e bombacha. Acho que era do Izanir, filho do Pedro. Fui pra escola fazer a apresentação com as vestes do Pereira"*.

Fato interessante revelou, também, Seu Laurindo Dalsolio (conhecido por Hilário): *"frequentei a primeira escola ao lado da igreja, que era aqui onde é o salão atualmente, feita de tábua lascada, cheia de frestas. A primeira professora era Perciliana, um nome bem incomum. Mais tarde, tive aulas particulares com o professor Moreno, sobrinho do Marco Bandeira, dava mais aulas no interior e era bom em matemática. Foi com ele que aprendi a fazer as contas sobre medidas de terra, juros. Uma prática muito usada pelas pessoas para conferir se as contas estavam certas, era a prova dos "noves fora". Se fechasse tudo certinho, tudo bem, se não tinha que fazer de novo"*.

São lembranças que vem e vão, são memórias que vem e ficam e são as experiências que marcam por toda a vida. Francisco e Ernesta tiveram 11 filhos: Orlando (em memória), Dorvalino (em memória), José Nelson (em memória), Laurindo, Dilva (em memória), Geni (em memória), Dino (em memória), Armando, Maria, Zenilde e Neurí.

1.4.16 Família de Victorio Piffer e Fiora Fraporti

Em 13 de abril de 1860, nascia em Tirol, norte da Itália, Giacinto Giuseppe Botta Piffer (em memória), filho de Domenico Botta Piffer (em memória) e Oliva Petrolli (em memória). Em 16 de julho de 1871, nascia em Trento, na Itália, a menina de nome Genoveffa Fraporti (em memória).

Com o passar dos anos e a mocidade, os dois uniram-se em matrimônio, residindo no país de origem por algum tempo. Depois de um certo período, imigraram para o Brasil na esperança de melhores condições de vida. Após andarem por diversos lugares, estabeleceram-se em Encantado-RS, onde tiveram 14 filhos e residiram até suas mortes, ela em 3 de julho de 1940 e ele em 2 de março de 1941.

Victorio, um dos filhos do casal, uniu-se em matrimônio com Fiori Fraportti e mudaram-se de Encantado com poucos pertences em uma carroça de bois para a Vila Santa Cecília. Como fruto deste casamento, nasceram os filhos: Gema (em memória), Vitorino (em memória), Carmelinda (em memória), Jandir, Juraci, Valdir, Odila, Jovenilde (em memória) e Nilse.

Família de Victorio e Fiora (ambos em memória). Da esquerda para a direita, em pé: Juraci Piffer, genro Crementino Zaquiel (em memória), Carmelinda Piffer (em memória), bebê Sirlei Zaquiel, Gema Piffer (em memória), genro Ernesto Silvestri (em memória), nora Maria (em memória), Vitorino Piffer (em memória), Jandir Piffer e bebê Neudi João Piffer. Na frente: Odila Piffer, Fiori Fraporti (em memória), bebê Nilse, Jovenilde (em memória), Victorio (em memória) e Valdir Piffer. Foto: Arquivo pessoal de Nilse de Melo.

A família residia próxima à capela, o que facilitava no deslocamento de Victorio para ajudar nas orações. Segundo Valdir, *"o pai era capelão, só não distribuía a hóstia"*. Os filhos Nilce e Valdir contam que Victorio foi seminarista e, por esta razão, o gosto por colaborar nas atividades da igreja.

"o pai era capelão, só não distribuía a hóstia"

Para ajudar no sustento da família, trabalhava no galpão próximo à capela, como marceneiro, profissão esta que aprendeu com o pai. As madeiras e ferramentas utilizadas ficavam guardadas entre os caibros e tesouras do coberto para não atrapalhar quando havia festas e diversões no local. Entre os artefatos, Victorio construía baldes, cadeiras, bancos, mesas, *Botte di vino* (barril de vinho) e caixões. Valdir contou: *"conforme fui crescendo, comecei a ajudar o pai no trabalho, incluindo forrar os caixões com um tecido preto. Lembro que até o caixão ficar pronto, o corpo era velado em cima de tábuas"*.

A filha mais nova do casal, Nilce de Melo, relatou que, por conta dos trabalhos do seu pai com a madeira, Dona Fiori era quem ia para a roça com os filhos maiores, enquanto Victorio ficava com os menores e, muitas vezes, fazia o almoço para quando ela retornasse. Além da labuta diária para o sustento, Fiori desempenhou o papel de parteira. Ainda, de acordo com Valdir: "*muitas vezes acompanhei a mãe e não tinha hora e nem dia, quando ela era chamada para trazer uma criança ao mundo. Ela foi também responsável pelo nascimento de alguns netos. Era, também, uma ótima caseira, ajudava muito os mais necessitados, como muitos moradores da vila*".

A filha Jovenilde (em memória), por muitos anos, trabalhou na Escola Estadual Belarmino, com serviços gerais, sendo ainda reconhecida pelo trabalho de merendeira.

Conforme cresciam os filhos, estes iam unindo-se em matrimônio, permanecendo em Santa Cecília e construindo suas famílias por aqui e, posteriormente, migrando para outras cidades.

1.4.17 Família Martini

O pioneiro desta família foi Guilherme Caetano Martini (em memória), que veio da Itália. Durante uma viagem de 33 dias, ele conheceu Catarina Bozza (em memória), com quem se casou a bordo do navio. Ao chegarem ao Brasil, foram morar às margens do Rio Turvo, próximo à Nova Prata-RS. Em 1928, adquiriu uma área de terras da firma colonizadora Shilling Goelzer & Almeida Ltda. e mudou-se para a Vila Santa Cecília com seu filho Benjamin Martini (em memória), de apenas 2 anos, o qual foi transportado, durante a viagem, em um cesto de mula.

Família de Benjamin e Pierina Martini (ambos em memória) por ocasião do casamento da filha Ana Maria e Agostinho Bardos (em memória). Foto: Arquivo pessoal da família.

Benjamin casou-se com Pierina Silva Peruzzo (em memória) e tiveram 11 filhos juntos. Segundo os filhos, quando seus pais vieram comprar terras, acamparam no "paiol grande" que ficava próximo das terras de Antônio Grando, que hoje em dia estaria localizado logo atrás da Padaria da Luci. A terra foi comprada em 1928 e a escritura foi feita em 1929.

Como tantas outras, a família imigrou na esperança e na busca de melhores

condições de vida, não escapando, porém, do estafante trabalho que se apresentava. Luta, coragem e heroísmo também foram marcas registradas, como frisaram os filhos de Seu Benjamim: *"a vida de nossos nonos Guilherme e Catarina e dos nossos pais Benjamin e Pierina, servem como exemplo pra nós. Para eles não foi fácil, pois tinham que fazer tudo manual, desde a derrubada da mata para abrir picadas, fazer lavouras e construir a morada. As casas eram feitas de tábuas largas e cobertas de tabuinhas. Boa parte da madeira foi reaproveitada. Lembramos com carinho cada exemplo, cada recomendação"*.

Os filhos de Benjamin relembraram com amor e emoção as recordações das tardes jogando bola de meia, onde o campo era o potreiro e o lanche, na maioria das vezes, era pão com Ki-Suco. As brincadeiras de infância da criançada não foram esquecidas: ciranda, cirandinha, paga prenda, pula corda e jogo de vôlei com bexiga de porco cheia de água. Dos fogos de grimpa aqui e acolá: *"era um tempo muito bom, muito divertido"* afirmou Tarcisio. *"Banho era só de gamela, as roupas de brim riscado grosso. As calças eram seguradas por tiracas (suspensório), muito mais tarde é que vieram os cintos..."* complementou Ludovir Martini.

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
Municipio de Passo Fundo
192
CARTORIO DO REGISTRO GERAL
OFFICIAL VITALICO
Juvenal de Oliveira Xavier

Escritura de terras. Foto: Arquivo pessoal da família Martini.

"Nona Catarina foi uma das primeiras catequistas aqui. E a família participava da igreja todo fim de semana. Primeiro rezar, depois brincar"

A religiosidade exercia um papel central na vida cotidiana dos imigrantes e não foi diferente na família Martini. Os familiares enfatizaram também referente a participação dos nonos e dos pais na comunidade. Segundo Zelia: *"Nona Catarina foi uma das primeiras catequistas aqui. E a família participava da igreja todo fim de semana. Primeiro rezar, depois brincar"*.

Na imagem Cestílio Martini com a gaita. Foto: Arquivo pessoal da família.

O trabalho das famílias Martini, Miotto e Dalsolio na colheita representado em imagens. Foto: Arquivo pessoal da família.

1.4.18 Famílias Caumo e Fontana

Filho de Uldérico Caumo (em memória) e Carmelina Bagatini Caumo (em memória), Danilo Caumo (em memória) casou-se com Bifalda Favretto no ano de 1963, sendo que a primeira moradia do casal foi dentro do descascador de arroz que pertencia ao Sr. David Miotto (em memória) e, até mesmo após a construção da casa própria, passaram por diferentes lugares para criar seus quatro filhos.

Em entrevista, a Sra. Bifalda lembrou que na época em que se casou havia apenas cinco ou seis casas de madeira em Santa Cecília, além de pés de carqueja e carrapicho. Relatou que seu marido era muito bom no que fazia, transformando simples molas de caminhão em diversas ferramentas. O esposo ajudava a construir as balsas para as tradicionais festas do Rio Santo Antônio, além de serem festeiros por 18 anos seguidos. As referidas balsas eram feitas de tambores de aço amarrados e tábuas para o assoalho, garantindo a segurança com uma cerca ao redor, já que na balsa ficava o padre e as crianças que largavam papel colorido na água.

Danilo, juntamente com seu cunhado, Elizeu Fontana (em memória), compraram a ferraria que pertencia ao Sr. Teofilo Toldo, a qual se localizava, primeiramente, em frente à Igreja Matriz e, após a compra, a mesma passou a funcionar no terreno onde hoje é o bar do Sr. Genuino Teles de Souza.

Imagem da ferraria e, ao lado, a residência do Sr. Teofilo Toldo.
Foto: Arquivo pessoal de Marildo Caumo.

Na foto, da esquerda para a direita: Marildo Caumo, a criança Vitor Caumo Bedendo e o Sr. Danilo Caumo (em memória).
Foto: Arquivo pessoal da família, gentileza de Bifalda Caumo.

Filho de Pedro Fontana (em memória) e Rosa Fontana (em memória), Elizeu Fontana era casado com Ana Favretto (em memória) e tiveram nove filhos. Clarice Fontana, uma das filhas, contou com alegria sobre a ferraria, primeiramente pelo fato de terem sido criados nesse espaço, onde as moças ajudavam na pintura das carrocerias e, segundo, pelo fato da sociedade ter perdurado por 37 anos, até quando o Sr. Danilo ficou doente e veio a falecer, encerrando, assim, as atividades desse ponto do comércio local, que também era conhecido como ponto de encontro de amigos e "prosa".

Aos fundos, a ferraria na recepção da Chama Crioula pelo prefeito Neurí. Foto: Arquivo pessoal de Neurí Dalsolio.

1.4.19 Família de Giacó Basso e Elisa Felini Basso

A família de Giacó e Elisa Felini Basso (ambos em memória), residiam em Vila Seca, antigo Distrito de Caxias do Sul e, em meados de 1949, mudaram-se para a localidade de Santa Catarina, interior de Santa Cecília. Posteriormente, venderam as terras se estabelecendo na vila.

Sobre a família, descreveu o Sr. Mario Basso, um dos filhos do casal: *"meus pais tiveram oito filhos. O Danilo (em memória), o Adelino (em memória), eu e a Terezinha, que por conta das dificuldades da época, saímos cedo de casa para trabalhar. Danilo adquiriu habilidades em mecânica, estabelecendo-se em Passo Fundo como mecânico de máquinas de colher soja. O Adelino trabalhava na agricultura, Terezinha foi morar em Passo Fundo e, mais tarde, se mudou para Ibiaçá. O Rosalino faleceu aos 18 anos devido a um problema no coração. Mais tarde, eu adquiri um terreno na Linha Roncador e me dediquei à agricultura. Maria e Carmem casaram-se e foram residir em Água Santa"*.

Sobre o irmão Zulmiro (em memória), o Sr. Mario contou que ele passou por uma doença grave cuja causa permaneceu desconhecida. *"Ele gostava muito de tomar banho nas águas geladas de um açude que havia na região, talvez tenha sido isso que levou à sua condição"*. Com febre muito alta, Zulmiro foi submetido a uma consulta, onde o médico inseria agulhas em suas pernas e delas saía muito pus (secreção). Os ossos foram prejudicados, comprometendo-lhe a capacidade de locomoção. Adaptou, então, uma bicicleta, de forma que pudesse conduzí-la apenas

com as mãos. Mario assim o descreve: *"tal condição não impediu meu irmão de trabalhar. Encontrou um jeito de sobreviver, fazendo formas para assar pão com latas de óleo vegetal da marca Azeite, consertava guarda-chuvas, fazia chinelos de dedo, retirando borrachas de pneus para fazer a sola e as tiras fazia trançados com cordas. Muitas pessoas se beneficiaram com seu trabalho, principalmente com as formas"*.

Sobre os trabalhos na família, Mario discorre: *"comecei a trabalhar com 13 anos como agricultor e mecânico. Nós consertava máquinas agrícolas na Comunidade do Divino Marques, Município de Ibiaçá e, mais tarde, para os vizinhos na região. Meu falecido pai gostava muito do chimarrão. Então, colhia a erva--mate e secava no carijo, tínhamos que dormir lá no local, pois precisava de fogo dia e noite. Depois, nós levava socar a erva no soque dos Câmara, na Linha Fernandes e era usada para consumo próprio e, também, para ser vendida"*.

"comecei a trabalhar com 13 anos como agricultor e mecânico"

Secagem dos ramos de erva-mate no carijo. Fonte: Blogspot Carijo, o filme.

Hoje, a irmã mais velha, Terezinha, reside em Ibiaçá e, Mario, em Tapejara. Os demais irmãos já faleceram.

Da esquerda para a direita: Gelson Girardi e o terceiro Mario Basso (somente os que foram lembrados). Foto: Arquivo pessoal de Mario Basso.

1.4.20 Família Biasi

De origem italiana, os irmãos Inocente, Stéfano, Luciano, Urbano e Elias Biasi (todos em memória) saíram de Veranópolis-RS, região da serra gaúcha, em direção à cidade de Passo Fundo. Fizeram uma parada em Ibiraiaras-RS, mas optaram por estabelecer residência na Vila Santa Cecília.

Inocente, veio com a esposa Maria Crestani Biasi e seus cinco filhos nascidos em Veranópolis. Aqui estabelecidos, nasceram mais dez, totalizando 15 filhos. Porém, destes, uma filha faleceu ainda pequena, vítima de meningite. Seu Inocente ficou conhecido como Jacó, apelido dado carinhosamente pelo Pe. Darci Zanolla (em memória).

Casamento de Inocente Biasi e Maria Crestani em Veranópolis. Foto: Arquivo pessoal de Gema Biasi Basso.

Família de Jacó Biasi. Da esquerda para a direita, em pé: Alvide, Guilherme, Idário, José, Alide, Américo e Leonildo (todos em memória). Sentados: Francisco (em memória), Terezinha, Onofre, Gema, Odila e Francisca. Foto: Arquivo pessoal de Gema Biasi Basso.

Adquiriram uma propriedade na atual Linha Mazaro e os irmãos, Inocente e Stéfano, fixaram residência neste local, que, segundo Seu Onofre Biasi, *"ali onde nós morava, chamavam de Linha Tigre, mas não se sabe exatamente o porquê, talvez por ter muito mato e existiam tigres"*.

Elias Biasi e Luciano estabeleceram-se no povoado, mas desenvolviam suas atividades na propriedade do interior. Dona Gema Biasi Basso, filha de Seu Jacó, discorre: *"o tio Luciano tinha um barbaquá, tipo uma casa fechada cheia de varas que eram usadas para pendurar a erva para secar. Eles faziam feixes de erva, penduravam, davam uma sapecada com fogo a uns quatro metros de distância. Depois levavam no soque. Muitas vezes, faziam "súcia" com o Nízio Tres. Quando estava pronta, uma parte servia para o consumo da família e o restante era vendida. Naquela época, havia uma grande plantação de erva-mate na região. O chimarrão era preparado no purungo, também cultivado pela família. Além do pinheiro, tinha muito pé de erva pelas redondezas"*. Francisca complementa: *"nas terras de meu pai e dos tios, tinha também um grande potreiro, cuja cerca era uma taipa de pedra toda ao redor, construídas por eles mesmos. Era linda!"*.

A primeira família a introduzir o cultivo da soja na região, foi a de Seu Jacó que, segundo Dona Gema Basso: *"o pai lavrava toda a terra com os bois e plantava tudo manualmente com uma maquininha antiga. Quando a planta estava seca, pronta, cortava com foicinha e maiava tudo a cacete"*. A primeira safra rendeu 30 sacas de soja, cuja semente foi vendida para o Teodoro Rech (em memória), um comerciante de Água Santa.

A esposa de Seu Jacó, Maria Crestani, além de ótima cozinheira, era, também, exímia crocheteira. Ao falar dos pais, Francisca Biasi Ferronato, a caçula da família e professora aposentada, relatou: *"além do trabalho da casa, minha mãe fazia muito crochê com aquelas linhas de carretel. Crochetava sandalinhas para as filhas, barrinhas nas toalhas, bordados, enfim. Naquele tempo o enxoval da casa e dos bebês eram confeccionados a mão. E a mãe caprichava muito nisso. Também lembro que meus pais tinham essa de ajudar muito todas as pessoas, principalmente os mais necessitados, como o Miguel, Tabunda, Mudinhos e outros"*.

"meus pais tinham essa de ajudar muito todas as pessoas, principalmente os mais necessitados"

Recordando-se do passado, Francisca comentou: *"comecei na escola com 6 anos, fazia companhia para minha irmã Odila. Era frio e o Teofilo Toldo, que tinha a ferraria ali pertinho, chamava as crianças pra casa dele, fazia fogo e sapeco de pinhão com grimpa. Ele levava pra escola umas panelas velhas de ferro, cheias de brasas para aquecer os pés. Não existiam tênis, meias... o que tinha eram as chamadas "moreninhas", umas sandálias de tirinhas feitas na sapataria da Vila Zanella"*.

Entre as características da vizinhança, os irmãos Onofre, Gema e Francisca destacaram: *"existia ajuda mútua, repartiam o que tinham, mesmo que fosse pouco. Se fazia puxirão*[9] *para ajudar. Chegavam a juntar até 20 juntas de bois entre os vizinhos. As mulheres também se ajudavam. Quando nascia uma criança, reuniam-se e iam fazer os serviços, lavar roupas e fazer pão. São exemplos que herdamos de nossos pais e vizinhos"*.

Apesar das dificuldades enfrentadas e da escassez da época, as pessoas possuíam uma disposição enorme para vencer os obstáculos. Criavam oportunidades para prosperar e conviver em sociedade. As diversões são exemplos e, segundo o relato de descendentes da família: *"antigamente se faziam muitos bailes, brodos. A gente se divertia. Tinha o futebol também. E as carreiras de cavalos, onde a raia de corrida era na estrada em direção ao Chico Lopes (em memória), diversão garantida e grande presença de público"*.

Com o tempo, Seu Jacó adquiriu uma casa de seu irmão Stéfano localizada na esquina das ruas Rodolfo Goelzer e Rua Pelotas. Mesmo residindo na vila, não deixou de trabalhar na agricultura. *"O pai só parou quando sofreu um AVC que comprometeu seriamente sua saúde e, após 11 meses, faleceu"*.

---

[9] Define-se "puxirão" como um "convite feito aos vizinhos para realizar uma determinada tarefa, como, por exemplo, capinar/roçar uma determinada área ou realizar um plantio para um deles conjuntamente".

Residência de Seu Jacó Biasi em uma imagem tirada em dezembro de 2023. Foto: Arquivo da equipe do projeto do livro.

1.4.21 Família de Santo Girardi

"Um piazito sozinho e sem rumo"
Santo Girardi

Santo Girardi, descendente de italianos, nasceu em Colônia Nova e, aos 20 anos, estabeleceu-se em Santa Cecília, com o objetivo de prosperar profissionalmente e fixar sua morada. Há seis décadas, essa localidade já apresentava um notável crescimento econômico, oferecendo amplas possibilidades de sucesso no ramo da marcenaria. A residência inicial do Sr. Santo foi no Hotel do Sr. Benedito Azzolini (em memória).

Estabelecido, dedicou-se ao trabalho, socializando-se com a juventude da época e participando da vida social. Pouco tempo depois, Santo Girardi casou-se com Clair Oliboni (em memória) e, desta união, nasceram os filhos: Leonilce, Lindonês, Anderson, Micheli e Rober, o qual foi prefeito do município durante a gestão 2009/2012. *"Cheguei, trabalhei, formei família e aqui fiquei"* afirmou, Santo.

Casamento de Santo Girardi e Clair Oliboni (em memória). Celebrante Pe. Darci Zanolla. Foto: Arquivo pessoal da família.

Com muito esforço, o Sr. Santo comprou uma pequena oficina de móveis e aberturas que pertencia a Reinaldo Gratieri e Alcides Dalsolio. *"Trabalhei muito, horas a fio, dia e noite, pois eu havia adquirido uma pequena empresa, então tinha a responsabilidade de mostrar qualidade e pontualidade no serviço. Tudo num passito por vez"*. Anos mais tarde, adquiriu, também, a serraria que pertencia ao Sr. João Girardi (em memória), que, atualmente, está sob responsabilidade de seu filho, Lindonês.

Na época fabricava caixões de madeira, os mesmos eram feitos na hora, pois era sob medida do corpo. Contou, que certa vez, fez um caixão, o qual ficou pequeno, sendo necessário outro, porém este também não serviu. O jeito foi fazer o defunto se "encolher", por isso, um dos filhos da vítima cortou as pernas e colocou ao lado do corpo. Para evitar novas situações embaraçosas como esta, Seu Santo mesmo tirava as medidas ou, então, na impossibilidade de ir até o local, solicitava a medida do corpo para um dos familiares e, ao confeccionar o caixão, deixava uns centímetros a mais. *"Era um compromisso, pois a morte não avisa quando chega. Muitas vezes "abri mão" de minhas diversões e outros afazeres e, independente do dia e da hora, sempre procurei atender da melhor forma possível todos que me procuraram"*.

O Sr. Santo teve sua atuação no Sindicato de Trabalhadores Rurais de Tapejara, como presidente da entidade, representando o então Distrito de Santa Cecília. Dentre várias atividades desenvolvidas durante seu mandato, citou o Curso de Corte e Costura em toda a região, contribuindo para que as mulheres pudessem garantir uma renda maior ou, até mesmo, confeccionar roupas para a própria família.

Atualmente, com 82 anos, Santo recordou das dificuldades da época, do acolhimento no hotel, dos vínculos familiares e das amizades construídas ao longo do tempo.

Propriedade de Santo Girardi. Imagem tirada no ano de 2001. Oficina de móveis, na esquina a residência da família, em frente à oficina e a serraria atrás dos pinheiros. A casa logo abaixo, é a antiga residência do Sr. Jurandir de Melo. Foto: Arquivo pessoal da família.

1.4.22 Família Felini

O Sr. Rosalino Felini (em memória) residia com seus pais, José e Ângela Felini (ambos em memória) em Tapejara, os quais possuíam terras que abrangiam Tapejara, Sertão e Santa Cecília do Sul. Após a morte dos pais, os irmãos dividiram

as terras, ficando Rosalino na propriedade de Santa Cecília do Sul. O mesmo veio solteiro e, pouco tempo depois, conheceu sua namorada, a Sra. Leonora Secco Felini (em memória), vindo a casar e constituir família, tendo seis filhos.

A família sempre foi muito ativa na vida comunitária, a exemplo do Sr. Rosalino que exerceu diversos papéis relevantes, como presidente de comunidade, presidente do Esporte Clube Fluminense, subprefeito por mais de uma década, dentre outras ações. Sua esposa, Leonara, era uma pessoa de muita fé, participando ativamente da igreja, bem como no Grupo da Terceira Idade, desde sua criação, o que lhe gerou a faixa de 1ª Rainha da Terceira Idade de Santa Cecília do Sul.

Sr. Rosalino Felini e a Sra. Leonora Secco Felini (em memória). Foto: Arquivo pessoal de Gilberto Felini.

Na vida política, Rosalino teve forte influência, pois, além de exercer por um longo período o cargo de subprefeito, também orientou com muita sabedoria seu filho Gilberto Secco Felini antes de entrar na vida política.

Segundo a nora, Terezinha Panisson Felini, *"o nono tinha um Jeep e quando as pessoas precisavam era ele que levava. Levava as parteiras, as pessoas doentes, as noivas no casamento; deve ser por isso que ele tinha muitos afilhados, pelos favores que fazia"*.

Juntos, Rosalino e Gilberto, bem como suas famílias, lutaram pelo progresso e emancipação de Santa Cecília do Sul; Rosalino fez parte da comissão emancipacionista e Gilberto foi vice-prefeito na primeira administração de Santa Cecília do Sul.

Segundo familiares, os mesmos relataram que possuem muito orgulho de fazer parte desta família e que levam com sabedoria os seus antecessores.

"o nono tinha um Jeep e quando as pessoas precisavam era ele que levava"

1.4.23 Família Tres

Italianos, Antônio Tres (em memória) e Rosa Pertusati (em memória), moradores de Cotiporã, cidade da serra gaúcha, migraram para a Comunidade de Santana juntamente com alguns parentes. Angelo Dionízio (em memória), um dos filhos do casal que veio de Cotiporã com 2 anos, uniu-se em matrimônio com Elvira (em memória), filha de Ampélio Mezzomo (em memória)e Maria Cechin Mezzomo (em memória), residentes na Comunidade de São Marcos.

O novo casal ficou morando na residência dos pais do noivo por dois anos. Com a venda da propriedade do Sr. Ampélio e a migração do mesmo para o estado de Santa Catarina, o Sr. Angelo e a Sra. Elvira mudaram-se para as terras de um dos irmãos de Ampélio, entre a Vila Zanella e a Comunidade de São Marcos, levando na mudança de carroça uma lata de banha, um pote de açúcar e a primeira filha, Lurdes, ainda bebê, enrolada em uma "baieta" (manta de bebê).

A propriedade era rota de passagem de gado: os tropeiros, vindos de Passo Fundo, paravam ao meio-dia para fazer a comida e deixar o gado descansar. O lugar era propício, pois possuía sanga para os animais saciarem a sede, além de ser de fácil cuidado para os mesmos não escaparem.

Os filhos do casal, Dario e Paulo Roberto Tres, contam que os pais trabalhavam com plantio de milho, abóbora e mandioca. Além disso, criavam porcos. Com estes trabalhos, a família conseguiu conquistar bens, adquirindo parte das propriedades que possuem atualmente. Denize Belegante Tres, nora de Elvira, relembra histórias das dificuldades que a nona contava: *"quando foram construir a casa da família, antes tinham feito um chiqueiro para porcos a bem pouco tempo, então ficaram morando no chiqueiro por um ano. Ela tinha sete crianças que iam à aula em Santa Cecília, todas com uniforme branco. Porém, na volta, as crianças passavam brincar na obra e as camisas brancas vinham marrons. A nona tinha que lavar tudo porque no outro dia precisavam de novo"*. Ao todo, Elvira e Angelo Dionízio tiveram 12 filhos: Lurdes, Nelson, Valdemar (em memória), Ademar, Nildo (em memória), Vilma, Leonilda, Ivalino, Sergio, Delma, Dario e Paulo.

"as crianças passavam brincar na obra e as camisas brancas vinham marrons"

Ainda, nos tempos do nono Ampélio, como carinhosamente os netos o chamavam, havia um dínamo para produção de energia, com uma bica que levava a água até uma roda de madeira. *"Quando o nono foi embora, o pai só mudou os fios. Tinha três bico de luz dentro de casa, mas a energia era tão fraca que tinha que desligar um pra poder ligar o outro"*, lembrou Dario Tres.

Comemoração de 50 anos de casados de Angelo e Elvira. Da esquerda para a direita, em cima: Nelson, Paulo, Valdemar (em memória), Dario, Nildo (em memória) e Sergio. No meio: Ivalino, Leonilda, Vilma, Lurdes e Ademar. Embaixo: Elvira (em memória), Angelo (em memória) e Delma. Foto: Arquivo pessoal de Dario Tres.

Quando iniciaram os trabalhos de plantio, Angelo contava com a ajuda dos filhos, pois o trabalho era todo braçal. Com o passar dos anos, adquiriu um trator em Passo Fundo. O curioso é que veio com ele rodando até a propriedade, cerca de 65 km de distância.

Foto de um trator da família Tres. Neste dia estavam juntando pedras na roça, quando o trator disparou, passando por um monte de pedras, fazendo com que as rodas caíssem do eixo frontal. Foto: Arquivo pessoal de Dario Tres.

Atualmente, os familiares permanecem cultivando a terra, porém, agora, contam com mais avanços, tanto no maquinário, quanto nas sementes e adubos.

1.4.24 Família de Bortolo Grando

Bortolo Grando (em memória) e Anna Menin Grando (em memória) emigraram da Itália, estabelecendo-se na região de Veranópolis-RS por um curto período. Trouxeram, consigo, seu filho Antônio. Posteriormente, migrou juntamente com sua esposa e as famílias Martini, Miotto, entre outras, para a recém-loteada Vila Santa Cecília.

Segundo relatos de sua neta, Cecília Grando, seu avô era professor na Itália e, ao instalar-se na vila, mais precisamente onde hoje é a residência do Sr. Egídio Dal Prá, lecionou para a criançada, ensinando-lhes o pouco que sabia, em sua própria casa.

Católico fervoroso, fez parte da diretoria, mais ou menos, em 1924, auxiliando na construção da primeira igrejinha da comunidade. Bortolo e Anna tiveram oito filhos: José, João, Severino, Antônio, Santina, Leonilda, Severina e Assunta; todos em memória.

1.4.24.1 Antônio Grando

Italiano nato, Seu Antônio (em memória), nascido no ano de 1900, teve sua parcela de destaque no desenvolvimento da vila. Casado com Dona Guilhermina Grando (em memória), residia nas proximidades da Padaria Santa Cecília e exercia a função de Comissário de Menores e Agrimensor.

Dona Guilhermina era parteira e "arrumadora" de ossos, citada nas falas de vários entrevistados, como uma distinta senhora, que a todos acolhia. Segundo Seu Genuino Teles de Souza: *"era muito pacienciosa".* Jonerlei Sasset lembrou que, quando pequeno, vivia se machucando. Então, corria na Dona Guilhermina pra arrumar um osso aqui, outro ali. Ela localizava a machucadura, passava uma água bem quente, quase queimando e massageava o local. Jonerlei lembra, nitidamente, de uma fala dela: *"eu vou contar até três e vai doer um pouquinho. Incrível a habilidade que ela possuía em resolver o problema"*, concluiu.

"eu vou contar até três e vai doer um pouquinho"

Dos filhos de Seu Antônio e Dona Guilhermina, citamos: Ana, Alzira (em memória), Vili (em memória), Tene (em memória), Adelino (em memória), Cecília, Beloni (em memória), Elma, João (em memória) e Luiz (em memória).

Casamento do filho Luiz com Cleda Azzolini. Da esquerda para a direita: Benedito Azzolini (em memória), Cleda Azzolini, Luiz Grando (em memória), Antônio Grando (em memória) e Guilhermina Grando (em memória). Foto: Arquivo pessoal de Luiz Grando (em memória).

1.4.25 Família Rampazzo

A família de Albino Rampazzo e Filomena Bristot Rampazzo (ambos em memória) sempre trabalhou na agricultura. Residiam, inicialmente, nos arredores da Comunidade de São Marcos e tiveram 13 filhos: Sabina, Violanda, Agenor, Aires, Inês, Angelino, Atílio, Gema, Avelino, Lourdes, Ari, Avilia e Altavir. Com o tempo, mudaram-se para a Vila Zanella. Posteriormente, compraram um armazém de Eugenio Secco e se mudaram para Santa Cecília.

Este armazém era um comércio que tinha "quase de tudo", pois vendia desde arroz até tecido em metro. Também compravam produtos agrícolas em pequenas quantidades e, posteriormente, revendiam para os Ughini e, também, à família Riva, os quais tinham caminhões para transporte. Após a aquisição do comércio, o Sr. Albino, além de trabalhar na agricultura, ajudava a cuidar do mesmo, juntamente com seus filhos.

Uma das filhas, a Sra. Avilia Rampazzo Capra (em memória), ficou morando em Santa Cecília e foi uma pessoa de destaque na comunidade. Casada com o Sr.

Ovidio Julio Capra, tiveram três filhos: Gustavo, Taciane e Ovidio Junior.

Participava ativamente na Comunidade de Santa Catarina, local onde residira por vários anos e, após, na sede da cidade, onde foi candidata e suplente como vereadora em alguns mandatos, bem como foi princesa do Grupo da Terceira Idade "Sonhar é Viver" e Conselheira Tutelar.

Outro filho, que também ficou na comunidade, foi o Sr. Ari Rampazzo (em memória), que se casou com Clementina Deolinda Azzolini. Tiveram três filhos: Gladis, Emerson e Marcos. Morando na Vila Zanella, Ari ajudava a família no comércio e na agricultura. Posteriormente, trabalhou com serrador na Serraria do Santo Girardi.

Sra. Avilia Rampazzo Capra. Gentileza: Taciane Capra Felini.

Contribuindo ativamente para o desenvolvimento da comunidade, obteve um dos primeiros alvarás de licença de construção do distrito em 1978, onde, anexo à sua residência, tinha a Central Telefônica do distrito, sendo sua esposa a telefonista. Ari, além de ser agricultor, trabalhava como pedreiro, a exemplo de alguns locais que ajudou a construir na região, como, por exemplo, o Salão Comunitário de Santa Cecília no ano de 1986, o Salão de Santa Catarina e o Salão de São Marcos.

Albino e Filomena Rampazzo. Noivos: Ari e Clementina. Foto: Arquivo pessoal de Clementina Deolinda Rampazzo.

Ele ainda fez parte do Círculo de Pais e Mestres, participando da Diretoria da Escola Belarmino Américo da Veiga, da Diretoria da Igreja e da Diretoria do Esporte Clube Fluminense, na década de 1980.

Ainda, quando Santa Cecília era distrito, no ano de 1981, foi nomeado subprefeito rural e, após sua emancipação, foi vereador nos mandatos de 2000, 2004 e 2008. Também foi nomeado por um período como secretário municipal de Serviços Urbanos.

Após o seu falecimento no ano de 2009 e frente a sua contribuição para a comunidade, em 22 de março de 2010, através do Decreto Legislativo de n.º 1/2010, instituiu-se uma homenagem a Ari Rampazzo, designando o nome da Câmara de Vereadores de "Plenário da Câmara Municipal de Vereadores de Santa Cecília Do Sul, Ari Rampazzo".

Ari Rampazzo. Foto: Arquivo pessoal de Emerson Rampazzo.

1.4.26 Moinho

Iniciado sua construção em meados de 1958, o mais conhecido moinho de Santa Cecília levou aproximadamente dois anos para ficar pronto. As famílias proprietárias eram as de Ernesto Cadore (em memória) e Eurélio Girotto (em memória), as quais contrataram dois técnicos responsáveis pela obra, sendo que um veio da Alemanha. O Sr. Neri Girotto, filho de um dos proprietários da época, contou que, além do alemão, havia também um auxiliar de origem suíça que trabalhava com madeira. O morador local, Sr. Francisco Girardi "Kéko" (em memória) também ajudou na construção, farquejando os pinheiros a machado, haja vista que não tinha motosserra.

Valério Cadore, filho de um dos proprietários, contou que vieram da comunidade onde hoje é Paiol Novo, em Tapejara e, inicialmente, ficaram em Santa Cecília numa casa cedida pelo Sr. Rosalino Felini (em memória) até o período de construção do moinho e, também, da casa da família, relembrando a hospitalidade da família Felini.

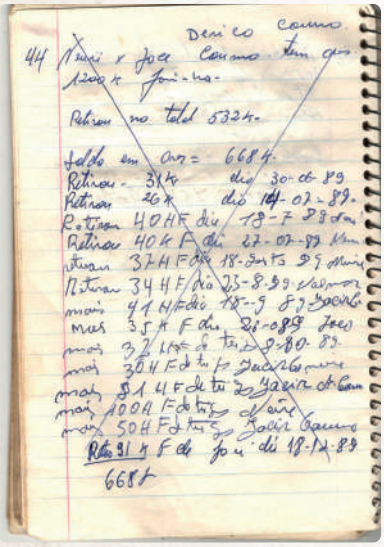
No Hotel do Sr. Benedito Azzolini, pernoitavam "o alemão e o suíço" e, acredita-se, que a presença do construtor alemão está relacionada com as máquinas da região vindas da Alemanha, assim como consta no cilindro do próprio moinho.

Posteriormente, o moinho começou a ser tocado pela eletricidade de uma pequena usina, onde o Sr. Reinaldo Gratieri (em memória) cuidava, já que era eletrotécnico e consertava rádios na época. Foi instalado um descascador de arroz que ficava sob os cuidados do Sr. José Dalsolio "Diépe" (em memória).

Como o moinho possuía os sócios Girotto e Cadore, em 1962, Eurélio Girotto vendeu sua parte para o Sr. Izalino Brandão (em memória) e, um tempo depois, Ernesto Cadore vendeu para a família Riva. A nova sociedade, Brandão e Riva, tocou o moinho por cerca de uma década.

Na década de 70 os Srs. Sérgio Tiepo e Cestilio Frizon adquiriram o moinho e, após cinco anos, Cestilio vendeu ficando Sérgio com 100% da sociedade, o qual, posteriormente, cedeu uma porcentagem para seu cunhado, Genuino Teles de Souza, trabalhando juntos no moinho.

Caminhão e fusca do proprietário Sergio Tieppo em frente ao moinho, sendo ele à esquerda da foto e à direita Veroi Expedito de Oliveira (em memória). Foto: Arquivo pessoal de Sergio Tieppo.

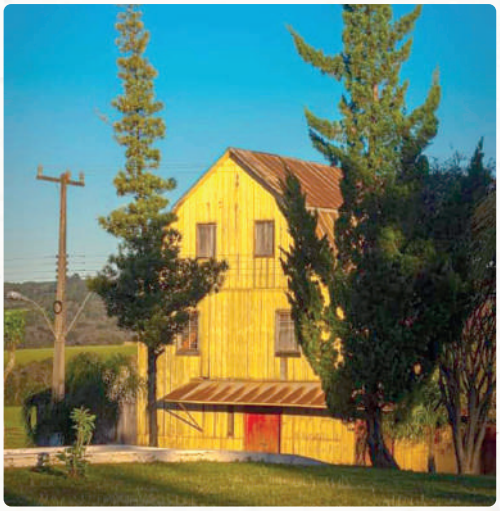


Caderno onde era registrada a entrada do milho e a saída da farinha. Foto: Arquivo pessoal de Zenilde Dalsolio Tieppo.

Nas palavras do Sr. Sergio, na década de 80 e 90, o moinho foi uma potência. *"Vinha clientes de toda a região. Chegava no escuro do dia os grãos a cavalo, de carroça e como não tinha telefone, conforme chegavam, iam sendo atendidos, conforme a fila"*. Acrescentou que a capacidade diária era em torno de uma tonelada e que por décadas a principal fonte de renda da família foi a moagem de grãos, até por volta do ano de 2010, quando encerrou suas atividades, justificado pela chegada da tecnologia e dos mercados, como ocorreu no fechamento de demais moinhos na região.

"Vinha clientes de toda a região"

Hoje, o moinho é praticamente um cartão postal de Santa Cecília do Sul, seja pela sua história, pela beleza da sua construção arquitetônica ou por ser o único moinho em pé nesta história da cidade.



Imagens atuais do moinho. Fotos: Arquivo pessoal de Elias Nunes.

1.4.27 Posto Esso

Entre os diversos pontos comerciais existentes em Santa Cecília do Sul ao longo dos anos, o Posto de Combustível foi de grande relevância. Segundo Marlene Cavichioli Três, que desempenhou funções como professora e secretária por uma década na Escola Estadual Belarmino, *"a Razão Social do posto era Dias Cavichioli & Cia Ltda, sendo estabelecida em Santa Cecília uma filial do Posto Esso de Tapejara na década de 70"*. O mesmo estava situado onde hoje é a residência de Rosalino Luis Gratieri e Ana de Oliveira Gratieri.

Grupo de amigos registrando momentos. À esquerda, bomba de combustível. Foto: Arquivo pessoal de Arthur O. F. Telles.

Durante seu funcionamento, o posto contava com borracharia, lavagem, loja de conveniência e abastecimento de veículos. Por não haver energia elétrica na época, a bomba de combustível era tocada a manivela por um funcionário contratado por um dos sócios e gerente da unidade, Sérgio Cavichioli.

Além da comercialização de combustível para veículos, havia a venda de querosene utilizada nos lampiões e uma bodega para o público reunir-se durante o dia. De acordo com relatos de Rosalino e Ana, quando o posto encerrou suas atividades, o terreno foi adquirido pelo Sr. Sergio Girardi e, posteriormente, vendido a eles em 1987, os quais fixaram residência no local. Segundo Ana, a casa ainda preserva alguns traços de sua planta original: *"a casa onde moramos era a bodega e morada dos donos"*.

1.4.28 Clube Esportivo e Recreativo Internacional

O time teve origem inicialmente no potreiro do Sr. Luís Defaveri (em memória), tendo como um dos fundadores seu filho, Antônio Defaveri. O campo levava o nome de "Samambaia'' devido ao grande número desta planta no terreno que era utilizado para as partidas. Segundo o entrevistado, Neurí Dalsolio, o início ocorreu no ano de 1966, permanecendo por algum tempo e, mais tarde, encerrou as atividades naquele local. Ficou sem atuar em partidas por um período de, aproximadamente, um ano.

Os mesmos fundadores que iniciaram o "Samambaia", reuniram-se e decidiram reativar o time. O local de jogos era no campo de futebol na "Vargem" e, posteriormente, nas terras do Sr. Francisco Dalsolio (em memória). Em entrevista com o Sr. Antoninho Sidnei de Mello (Tusta), ele contou: *"no local do campo, ali no Seu Dalsolio, tinha um bom espaço onde as pessoas sentavam para assistir. Era um grande gramado, um morro que servia como arquibancada"*.

"Era um grande gramado, um morro que servia como arquibancada"

O time cresceu e, além dos integrantes da comunidade, vinham muitos jogadores de outras localidades. Em entrevistas realizadas foram mencionados nomes de famílias que contribuíram para a fundação do time: Azzolini, Artuso, Dalsolio, Miotto e outras. O Sr. Clamir Azzolini, em entrevista, relatou: *"era tudo em família"*.

A construção iniciou-se apenas com o campo de futebol. Posteriormente, com a ajuda de muitas pessoas, foi construída a sede do time, denominada de CTG Poncho Verde, nome dado por um

Foto do time no campo do Internacional, nas terras do Sr. Francisco Dalsolio. Em pé, da esquerda para a direita: Narsiso Gratieri, Genoir Girardi, Altair Miotto, Romoaldo Miotto, Vilson Cadore (em memória), Ivalino Pelissaro, Onofre Biasi e Jaime Miotto (em memória). Agachados: Elirio Fontana, Sergio Girardi, Armelindo Miotto, Celio Miotto, Ivanir Pegoraro e Nico Sasset. Foto: Arquivo pessoal de Ivanir Pegoraro.

dos maiores responsáveis pela criação do mesmo, o Sr. Osvaldo Fernandes, que na época era um grande apreciador de torneios de laço.

O CTG situava-se ao lado do Clube Fluminense. Após a criação do CTG, o time foi registrado na federação e passou a chamar-se Clube Esportivo Recreativo Internacional. Segundo os entrevistados, a mesma diretoria que era do CTG, também era do time de futebol, onde todos ajudavam nos eventos. Inclusive, o campo, além de sediar as partidas de futebol, era palco de grandes torneios de laço.

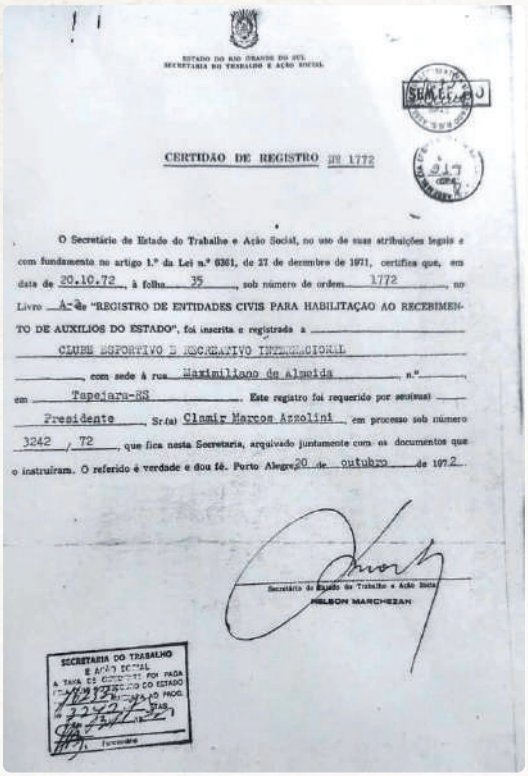
No campo, não havia estrutura, apenas o local aberto. Em dias de eventos, montavam uma tenda simples para venda de lanches e bebidas e utilizavam este lucro para comprar uniformes e manter as despesas do time.

Além das partidas e torneios que ocorriam ali, o time participava das competições em cidades vizinhas e na região.

Foto do time na IMEC em um dia de torneio. (IMEC era um britador próximo ao asfalto na BR-285. Ali tinham sede, com campo onde aconteciam torneios). Atletas em pé: Luis Sasset, Nei Rodrigues, Armando Dalsolio, Onofre Biasi, Geraldo Artuso (em memória), Orlando Miotto (em memória) e Luiz Zotti. Agachados: Antoninho Sidnei de Mello, Genoir Girardi, Clair Azzolini (em memória), Mario Basso, Clamir Azolini e Valdir Zotti. Foto: Arquivo pessoal de Onofre Biasi.

Tudo isso teve muita relevância para a comunidade. Além de ser uma atividade esportiva, trazia lazer aos moradores da época. Segundo o entrevistado, Neurí Dalsolio, no ano de 1970 aconteceu um torneio com várias atrações, como a dança do facão, chula, apresentações, violão, gaita e outros, *"foi um sucesso"*, destacou Dalsolio.

Não se tem a data precisa de quanto tempo as atividades duraram, mas o CTG encerrou suas atividades nesta comunidade, segundo Neurí, na década de 80, quando a diretoria da época levou o nome do mesmo para a cidade vizinha. Logo após isso, o time Esportivo Recreativo Internacional também chegou ao fim, permanecendo nas lembranças da comunidade.



ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
SECRETARIA DO TRABALHO E AÇÃO SOCIAL

CERTIDÃO DE REGISTRO Nº 1772

O Secretário de Estado do Trabalho e Ação Social, no uso de suas atribuições legais e com fundamento no artigo 1.º da Lei n.º 6361, de 27 de dezembro de 1971, certifica que, em data de 20.10.72, à folha 35, sob número de ordem 1772, no Livro A-4e "REGISTRO DE ENTIDADES CIVIS PARA HABILITAÇÃO AO RECEBIMENTO DE AUXILIOS DO ESTADO", foi inscrita e registrada a CLUBE ESPORTIVO E RECREATIVO INTERNACIONAL, com sede à rua Maximiliano de Almeida n.º, em Tapejara-RS. Este registro foi requerido por seu(sua) Presidente Sr(a) Clemir Marcos Azzolini em processo sob número 3242/72, que fica nesta Secretaria, arquivado juntamente com os documentos que o instruíram. O referido é verdade e dou fé. Porto Alegre, 20 de outubro de 1972.

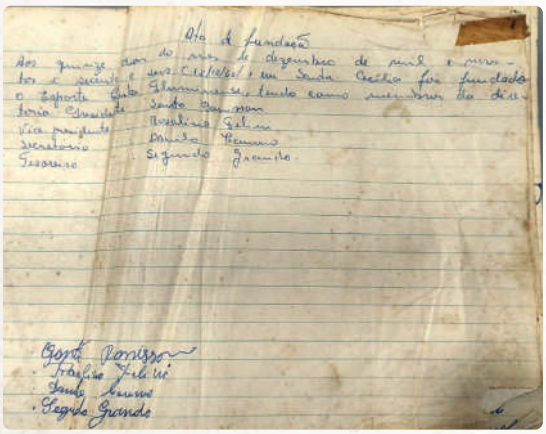
Secretário de Estado do Trabalho e Ação Social
NELSON MARCHEZAN

SECRETARIA DO TRABALHO E AÇÃO SOCIAL
A TAXA DE CONTROLE DO ESTADO FOI PAGA

Certidão de Registro do time. Foto: Arquivo do Município de Santa Cecília do Sul.

1.4.29 Esporte Clube Fluminense

O Esporte Clube Fluminense foi fundado em 15 de dezembro de 1966. Conforme a Ata de Fundação, constam registrados os Srs. Santo Panisson (em memória), Rosalino Felini (em memória), Danilo Caumo (em memória) e Segundo Grando (em memória) como membros da diretoria.



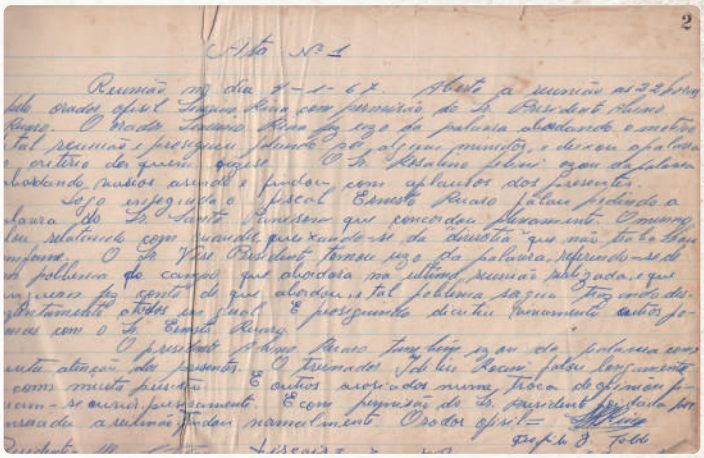
Ata de fundação

Ata de fundação do Esporte Clube Fluminense

Presidente Santo Panisson
Vice presidente Rosalino Felini
Secretário Danilo Caumo
Tesoureiro Segundo Grando

Santo Panisson
Rosalino Felini
Danilo Caumo
Segundo Grando

Ata de fundação do Esporte Clube Fluminense. Foto: Arquivo pessoal de Gilberto Secco Felini.



Ata n.º 1 de 4/1/1967. Foto: Arquivo pessoal de Gilberto Secco Felini.

Em Ata de n.º 1 de 4/1/1967, consta como presidente o Sr. Albino Ruaro (em memória), os fiscais Ernesto Ruaro (em memória), Augusto Grosseli (em memória) e Teofilo Toldo (em memória). Como primeiro treinador, o Sr. Idilio Roani (em memória). A agremiação contava, inicialmente, com poucos sócios e, posteriormente, tornou-se um grande time, conhecido e muito bem recepcionado em toda a região.

Inicialmente, o primeiro campo estava localizado próximo onde hoje é a praça central. Mudou-se, mais tarde, para um terreno vizinho à Granja Tres e, algum tempo depois, estabeleceu-se na propriedade do Sr. Santo Panisson, selando o seguinte acordo: enquanto o time estivesse ativo, ele cederia o espaço; sendo este o local de maior permanência do Clube. Situava-se perto do cemitério municipal, com uma boa estrutura: vestiários, bodega e, até mesmo, massagistas que atuavam em dias de partida. Segundo Clamir Azzolini, o time realizava as reuniões no Bar de Benedito Azzolini (em memória), por não possuir uma sede própria.

Time de Futebol do Fluminense. Da esquerda para a direita: Sergio Cadore, Nildo Panisson, Altair Grosseli, Altair Miotto, Ari Rampazzo (em memória), Jaime Miotto (em memória) e Marcelino Andre Grosseli. Agachados: Luis Girardi (em memória), Zelsir Panisson, Nildo Cadore (em memória), Gilberto Felini, Décio Cadore e Sergio Pegoraro. Foto: Arquivo pessoal de Nildo Panisson.

No ano de 1968, a associação já dava sinais de planejamentos sobre a construção de um clube em um terreno a ser adquirido: "foi falado entre os membros para tentar junto à Prefeitura Municipal a doação de um terreno para a construção do clube. Falou a seguir o vice-presidente, Rosalino Felini, que vai tentar junto aos deputados e vereadores a doação de uma verba para o esporte desta localidade" (Ata n.º 5 de 5/1/1968).

Em 1970, a Prefeitura Municipal doou o terreno medindo 25 x 50 metros para a construção da sede do clube, impondo a condição de que, quando a sociedade encerrasse suas atividades, o mesmo voltaria a ser de propriedade da prefeitura. (Ata n.º 22-70 de 13/9/1970). Anos mais tarde, foi concedida a escrituração em nome do Esporte Clube Fluminense.

"o pessoal ia de caminhão e não era caminhão pequeno, era dos grandes"

A construção final do salão foi concluída em 29 de dezembro de 1970, como consta na Ata n.º 24-70, com uma despesa total de catorze mil, quinhentos e trinta e cinco cruzeiros, denominada, segundo o caderno ata, como Sede Social, localizada onde hoje é a Câmara Municipal. A família Riva foi grande incentivadora desta obra, financiando-a. Desta forma, em acordo celebrado entre todos os sócios, ficou definido que este valor iria ser restituído parceladamente, com recursos adquiridos por meio de promoções organizadas pela agremiação.

O Sr. Gilberto S. Felini falou dos jogos que reuniam até 500 pessoas e das disputas entre os times locais, Fluminense e Internacional, com certa rivalidade, dentro do esperado, em competições: *"chegava a ter dez boizinhos fechados dos prêmios que nós ganhava"*.

Em conversa com o Sr. Nildo Panisson, que também foi jogador e participou da diretoria do clube, o mesmo contou do prestígio do time, que, além de ter um grande número de jogadores, também contava com apoio de torcidas que não mediam esforços para prestigiar os eventos: *"o pessoal ia de caminhão e não era caminhão pequeno, era dos grandes"*.

Marcelino A. Grosseli recordou seu tempo de goleiro no time: *"não tinha tempo ruim para sair jogar bola"*, garantindo que era bom jogador, assim como todos os integrantes do time.

Da esquerda para a direita: Marcelino Grosseli, Severino Riva (em memória) e Augusto Grosseli (em memória). Foto: Arquivo pessoal de Marcelino Grosseli.

Clarice Fontana relatou que sua família fazia parte da sociedade do clube. Relembrou: *"o famoso conjunto musical Os Serranos que animaram um baile no Fluminense. Tenho lembranças dos grandiosos e animados festivais do chopp que ali ocorriam"*. Durante estes eventos, eram vendidas as tradicionais canecas de porcelana.

Caneca do 1º Festival do Chopp. Foto: Arquivo pessoal de Fernanda Caumo Telles.

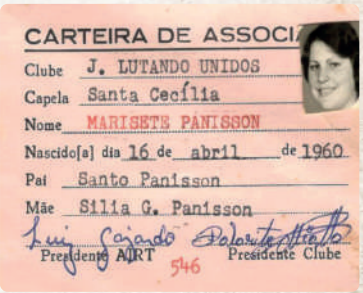
Alcides Concolatto mencionou que a associação recebia recursos do Tesouro do Estado, confirmados em Ata nº 33/71, no valor de duzentos e cinquenta cruzeiros, *"pelo fato de o time ser registrado e os sócios pagarem mensalidade."* A verba recebida era aplicada na ampliação do clube. Destacou, também, que em conjunto com os jogadores, construíram uma quadra com piso polido e canchas de bocha, para realizarem os torneios e promoções que *"enchiam a casa e geravam muito lucro"*. Relatou, ainda, que havia os jogos no primeiro dia do ano, promovidos pela capela, que chegavam a dar cem times. Alcides relembra a organização e empenho de todo o grupo, assim como quando foi presidente do time, além de jogador.

I CAMPEONATO MUNICIPAL DE VETERANOS - TAPEJARA - RS 1988
Clube: Fluminense - Sta Cecília
Nome do Atleta: Alcides Concolatto
Data nasc. 14/02/54 N.º Insc. 388
Ass. do Atleta:
Patrocínio: PLANALTO Rações e Cereais TAPEJARA e ÁGUA SANTA

Carteirinha de sócio. Foto: Arquivo pessoal de Alcides Concolatto.

As confraternizações eram frequentes, realizadas em "forma de churrasco" onde reuniam sócios e seus familiares. Entre as festividades, além do festival do chopp e torneios, aconteciam os bailes de final de ano, festa de carnaval, casamentos, sessões de cinema, comemorações escolares e ações beneficentes. O Grupo de Jovens de Santa Cecília utilizava o espaço para realizar teatros, reuniões e congressos de jovens rurais.

Casamento de Vanderlei e Lorineide Panisson no Clube Fluminense. Foto: Arquivo pessoal de Vanderlei Panisson.


CARTEIRA DE ASSOCIA
Clube J. LUTANDO UNIDOS
Capela Santa Cecília
Nome MARISETE PANISSON
Nascido[a] dia 16 de abril de 1960
Pai Santo Panisson
Mãe Silia G. Panisson
Presidente AIRT
Presidente Clube
546

Carteirinha do Grupo de Jovens. Foto: Arquivo pessoal de Marisete Panisson Tres.

Em pé, da esquerda para a direita: Onofre Biasi, Vanda de Mello (em memória), Valdir Miotto, Lurdes Defaveri, Vivaldo Miotto, Julia Fortunato e Orlando Miotto (em memória). Agachados: Marcelino Grosseli, Clamir Azzolini, Afonso Riva e demais não identificados. Foto: Arquivo pessoal de Clamir Azzolini.

Dentre os relatos das atividades esportivas e culturais da associação, o clube também contava com as Soberanas do Futebol e da Sede Social. Diversos nomes passaram pela corte e há registros de que em um baile, promovido em 29 de abril de 1978, houve a coroação da rainha e princesas do clube, conforme foto abaixo.

Na década de 70, Alaide Terezinha Fernandes Telles foi Rainha do Clube Fluminense. Foto: Arquivo pessoal de Fernanda Caumo Telles.

Lurdes Grosseli, Rainha do Futebol. Foto: Arquivo pessoal de Lurdes Grosseli Defaveri.

3º lugar no Campeonato Municipal Jubileu de Prata no Município de Tapejara, no campo do Atlético, em 1981. Em pé, da esquerda para a direita: Luis Grando, Celestino Pegoraro, Tarcísio Biasi, Garibaldino Camargo (em memória), Nelsir Cerezoli, Ivanir Pegoraro, Sergio Pegoraro, Altair Miotto, Onofre Biasi, Alcides Concolatto e Melanir Miotto. Agachados: Ademar Três "Tinim", Vanderlei Panisson, Nildo Tres (em memória), Gilberto Felini, Vildo Grando, Ivalino Tres, Elirio Fontana e Ari Rampazzo (em memória). Foto: Arquivo pessoal de Onofre Biasi.

Participação de um evento na cidade de Tapejara em comemoração ao 7 de Setembro, supostamente registrado no ano de 1988. Em pé: Roberto Felini, Altair Miotto, Elirio Fontana, Onofre Biasi, Garibaldino Camargo (em memória) e Ivalino Pelissaro. Agachados: Vilson Miotto, Tarcisio Biasi, Nildo Três (em memória), Antônio Genoir de Camargo e Élio Camargo. Foto: Arquivo pessoal de Elirio Fontana.

O Esporte Clube Fluminense encerrou suas atividades no ano de 1989, cujo patrimônio da Sede Social foi doado à Capela Santa Cecília, fechando, oficialmente, suas portas, conforme a Ata n.º 146 de 28/5/1989.

Em 2022, o time realizou um reencontro dos atletas do Esporte Clube Fluminense, celebrado com uma grande e emotiva confraternização entre os jogadores. O evento ocorreu na Comunidade de São Marcos e contou como um dos organizadores, o Sr. Elirio Fontana.

Fluminense de Santa Cecília do Sul: reencontro de amigos do futebol

No dia 5 de novembro aconteceu na comunidade de São Marcos, Águas Santas, o reencontro dos amigos que fizeram parte do time de futebol Fluminense de Santa Cecília do Sul. A iniciativa foi de um dos atletas, Elário Feotana, que organizou o momento com os amigos.

Na oportunidade relembraram histórias e vivências da época em que atuavam no esporte, há mais de 50 anos passados, sendo um time de destaque na região. Posaram para foto, retomando a posição de um dos registros onde o time estava em posição para iniciar os campeonatos. A confraternização contou com almoço para os participantes e muita emoção ao relembrar dos fatos marcantes que foram vividos.

Familiares também participaram dos momentos de emoção

Foto reflita 50 anos depois, durante reencontro de amigos

Fluminense de Santa Cecília do Sul, nos anos 70

Jornal Novo Tempo de 12/11/2022, p. 7. Arquivo disponibilizado por Onofre Biasi.

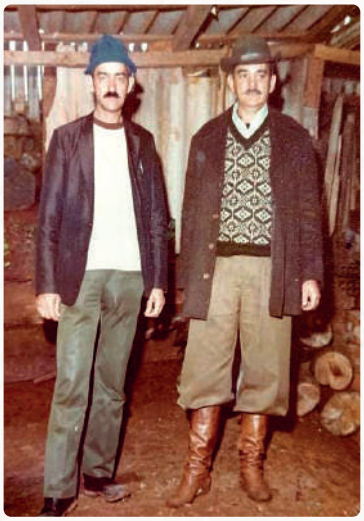
O Esporte Clube Fluminense foi marcado por muitas histórias e lembranças que permeiam até os dias atuais. O lazer dos finais de semana era garantido, quando se tratava de bailes, torneios e amistosos de futebol, além de outros eventos realizados.

Dentre os principais objetivos do clube, estava o caráter recreativo, social e cultural, que marcou gerações pelos valores e exemplos de vida comunitária, afirmados no registro em ata assim descrito: "A diretoria fará várias promoções para o bem dos associados. Estas serão não só esportivas, como também culturais e societárias. Antes da vitória, visamos a integração e a proliferação de nossos incentivos para toda a comunidade e para a expansão de nossa família (tricolor) fluminense" (Ata n.º 11-69 de 31/7/1969), tornando, assim, o maior e grandioso clube da região.

1.4.30 Subdelegacia de Santa Cecília

Em meados da década de 60 até início dos anos 70, Santa Cecília, 5º Distrito de Tapejara, contou com uma Subdelegacia de Polícia, chefiada em 1968 pelo sargento inativo João de Deus Ribeiro, que desempenhava as funções de Subdelegado de Polícia. Segundo relatos, estaria localizada entre a residência do Sr. Antônio Defaveri e a Câmara Municipal de Vereadores.

Por volta do ano de 1965, o policial Bernardino Daré, "popular Darézinho" (em memória) mudou-se para Santa Cecília, juntamente com sua família, para atuar como brigadiano. De acordo com seus familiares, na época, além de Bernardino, havia sempre dois policiais que trabalhavam com ele: Albino Tomaz (em memória) e Hortêncio Daré, "popular Darezão" (em memória).

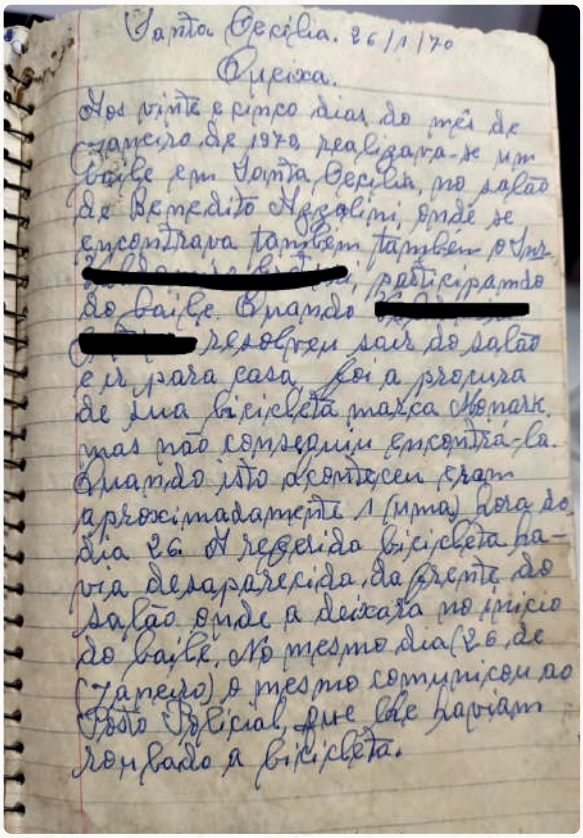


Bernardino Daré (Darézinho) e Hortêncio Daré (Darezão). Foto: Arquivo pessoal de Maria de Fatima Rodrigues Daré.

Maria de Fatima Rodrigues Daré, uma das filhas de Bernardino, contou que a casa em que moravam e a delegacia eram um local só: "*a delegacia tinha duas peças e o restante era a casa em que morávamos. A parte da frente da casa era a delegacia em si, onde atendiam as pessoas e, aos fundos, era a cadeia, uma peça só, visto que quem causasse desordem, cometesse algum delito ou infração era recolhido ali*".

Dentre os relatos de vários moradores da vila: *"a cadeia era uma espécie de galpão trancado por uma tramela. A guarda era uma cadela, do tamanho de um terneiro"*. Contudo, os presos não escapavam em respeito aos policiais. *"Prendiam um ou outro quase todos os dias. Mas servia de lição para a maioria"*.

A casa grande, a delegacia e a cadeia, pertenciam à Prefeitura de Tapejara e, a Brigada Militar, pertencia à Passo Fundo. Maria de Fatima relatou, também, que vinham presos de outros lugares, afinal em Tapejara não havia delegacia. Sendo assim, a entidade abrangia Santa Cecília e região. Nas segundas-feiras os dois policiais que atuavam na delegacia eram destacados[10] para Tapejara e ficavam até no dia seguinte. *"Na terça de meio-dia voltavam com o ônibus do Terci Panisson e ficavam trabalhando o restante da semana em Santa Cecília"*.


Santa Cecília. 26/1/70
Queixa.
Aos vinte e cinco dias do mês de janeiro de 1970 realizava-se um baile em Santa Cecília, no salão de Benedito Agostini, onde se encontrava também também o Sr. [redacted], participando do baile. Quando [redacted] resolveram sair do salão e ir para casa foi a procura de sua bicicleta marca Monark, mas não conseguiu encontrá-la. Quando isto aconteceu eram aproximadamente 1 (uma) hora do dia 26. A referida bicicleta havia desaparecida, da frente do salão onde a deixara no início do baile. No mesmo dia (26 de Janeiro) o mesmo comunicou ao Posto Policial, que lhe haviam roubado a bicicleta.

Caderno de anotações dos policiais. Queixa registrada e assinada. Foto: Arquivo pessoal de Maria de Fatima Rodrigues Daré.

Na época, as queixas das pessoas eram registradas em um caderno escrito à mão. Ali, anotava-se, detalhadamente, cada denúncia que chegasse até a delegacia, juntamente com a assinatura das partes envolvidas. Maria de Fatima relatou: *"Existia muita briga, muita rivalidade. Tinha bastante desavença. Quando as pessoas brigavam, sendo que estariam muitas vezes com os ânimos alterados por conta de bebida alcoólica, queriam registrar queixa. Então, o sistema adotado pelos policiais era o seguinte: anotavam neste caderno a queixa e davam uma semana para as partes envolvidas pensarem sobre o ocorrido, se de fato queriam seguir com um processo ou não. Se caso o pessoal se entendesse nesse tempo, a queixa ficava só no caderno. E, se quisessem dar andamento, o processo era registrado em um livro ata"*. O livro em questão foi recolhido pela Brigada quando a delegacia fechou.

[10] Define-se "destacados'' como "profissional colocado provisoriamente em departamento ou local diferente daquele onde normalmente exerce as suas funções".

Dependendo da gravidade da ocorrência, a pessoa infratora era recolhida na cadeia e, ali, passava cerca de algumas horas ou mesmo um dia e, após cumprido o tempo de reclusão determinado pelos policiais, a mesma era liberada para sair. Na época que isso aconteceu, as filhas de Darézinho eram crianças e os relatos são que a maioria das pessoas que ficaram fechadas na cadeia, foram por motivos de desavenças e, um dia lá trancado, era o suficiente para a mesma pensar sobre seus atos e, no dia seguinte, já estava apta a voltar a viver em sociedade.

Casos mais complicados, de maior proporção, eram encaminhados adiante, após o devido registro feito pelos policiais.

Para garantir a ordem e auxiliar nos serviços, também eram designados os "Comissários de Polícia", nas comunidades do interior e na sede. A eles era dada a incumbência de colaborar nos serviços policiais, encaminhar queixas e resolver algumas questões concernentes ao cargo ocupado. Também lhes era concedido o porte de arma em qualquer estabelecimento.

Quando havia ocorrências conflituosas envolvendo menores, os casos eram encaminhados ao "Comissário de Menores", uma espécie de juiz. Dentre estes, destacam-se Rosalino Felini (em memória), Francisco Lopes da Veiga (em memória), Francisco Pinto de Lara (em memória) e Antônio Grando (em memória).

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
SECRETARIA DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DA SEGURANÇA PUBLICA
DEPARTAMENTO DE POLICIA CIVIL
6a Região Policial.
Sub-Delegacia de Policia, Santa Cecilia.

SUB-DELEGACIA DE STA. CECILIA
5.º DISTRITO DE TAPEJÁRA

AUTORISAÇÃO:

Autorise o Sr. FRANCISCO PINTO, residente no distrito de Santa Cecilia, a colaborar no serviço policial, encaminhando queixas e resolvendo questões atinentes ao serviço policial.

Pedindo para tanto portar arma.

Sub-Delegado de Policia

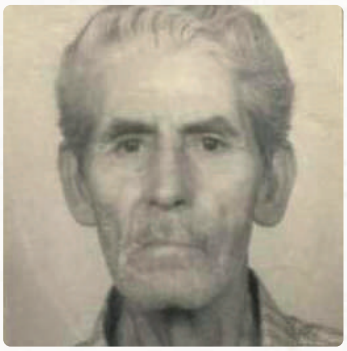
MOD. - 51 — Cód. 6-27.3

Autorização para atuar como Comissário policial e porte de armas. Foto: Arquivo pessoal de Adelides Teresinha Lara Piffer.

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
Poder Judiciário
JUIZADO DE DIREITO E DE MENORES
Comissariado de Menores
Comarca de TAPEJARA
Nome: ANTÔNIO GRANDO
Cargo: Comissário de Menores
Assinatura do Portador

Carteira de Comissário de Menores de Antônio Grando (em memória). Foto: Arquivo pessoal da filha Cecília Grando.

Comissário policial Francisco Lopes da Veiga. Segundo a filha Neuza, ele foi grande conselheiro, apaziguador de diversos conflitos que ocorriam na região. Foto: Arquivo pessoal de Neuza Lopes da Veiga.



Francisco Pinto de Lara, mais conhecido por "Chico Pinto". Foto: Arquivo pessoal de Adelides Teresinha Lara Piffer.

Por volta do ano de 1973, o Sr. Bernardino foi convocado para trabalhar no Município de Tapejara, pois na época havia poucos policiais atuantes na região. A partir desta data, a Subdelegacia de Santa Cecília encerrou sua atuação na Vila e as ocorrências passaram a ser encaminhadas para Tapejara.

Bernardino Daré, o Darézinho, no destacamento em Tapejara. Foto: Arquivo pessoal de Maria de Fatima Rodrigues Daré.

A Subdelegacia de Santa Cecília deixou marcas na história da vila. Inúmeras foram as falas, muitas delas constituídas de um senso de humor contagiante e, ao mesmo tempo, relembrando as amizades construídas e o empenho dos policiais no cumprimento de suas obrigações.

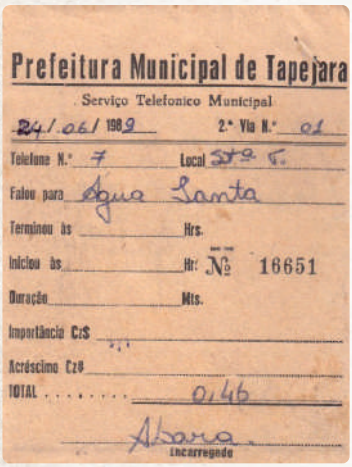
1.4.31 Meios de comunicação

1.4.31.1 Central Telefônica

Comunicar-se sempre foi uma necessidade humana. Receber e partilhar informações para desenvolvimento, cuidado e conhecimento fazem parte dos costumes desde os primórdios da civilização. Para tanto, com a instalação do Centro de Telefonia em Tapejara, no ano de 1958, Santa Cecília recebeu um aparelho telefônico, tendo como responsável por ele a Sra. Maria Luiza Zorzi Azzolini (em memória). Segundo Clementina Deolinda Rampazzo, o aparelho estava instalado em uma pequena salinha na residência de seu pai, Sr. Benedito Azzolini.

Cleda Azzolini. Central Telefônica na residência de seu pai, Sr. Benedito Azzolini. Foto: Arquivo pessoal de Cleda Azzolini Grando (foto extraída de um monóculo).

Em seu depoimento, Cleda Azzolini Grando relatou: *"ao receber uma chamada telefônica, às vezes era somente um aviso a ser entregue, outras deveríamos chamar a pessoa para retornar a ligação. As ligações possuíam um valor de acordo com os minutos de duração. Assim, uns pagavam mais, outros menos"*. A remuneração mensal da funcionária responsável pelo serviço telefônico era cerca de 30% do valor arrecadado pelas ligações feitas durante o mês e eram acertadas na tesouraria da Prefeitura Municipal de Tapejara.



Prefeitura Municipal de Tapejara
Serviço Telefonico Municipal
24/06/1989 2.ª Via N.º 01
Telefone N.º 7 Local Sta. C.
Falou para Agua Santa
Terminou às Hrs.
Iniciou às Hr: № 16651
Duração Mts.
Importância Cr$
Acréscimo Cr$
TOTAL 0,46
Abara
Encarregado

Recibo de ligações telefônicas em 1989. Foto: Arquivo pessoal de Adelides Teresinha Lara Piffer.

No início, as ligações eram feitas apenas aos municípios de Água Santa e Tapejara. Em meados da década de 60, o Município de Tapejara fez um convênio com a Companhia Riograndense de Telecomunicações (CRT), garantindo mais dez terminais nas comunidades do interior, expandindo as ligações para outros municípios.

A localidade de Santa Terezinha foi contemplada e o aparelho telefônico foi instalado na residência da Sra. Corina Girardi (em memória). Adelides Teresinha Lara Piffer relembrou com precisão: *"recebíamos chamadas onde deveríamos repassar os recados com precisão e pontualidade, ou pessoas para realizar as ligações. Ter um meio de comunicação, na época, era um avanço e tanto, pois possibilitava a comunicação com diversas entidades, como o antigo INAMPS (atual INSS), casas bancárias, residências, hospitais, entre outras, facilitando a vida das pessoas. O que mais me deixava triste, era levar a notícia de falecimento de uma pessoa da comunidade e arredores. Tínhamos que escolher as palavras. Mas ficaram as marcas dos bons tempos: das boas notícias, das conversas com as pessoas que passaram pela nossa casa"*.

Aparelho de telefone instalado nas comunidades do interior. Foto: Arquivo pessoal de Claudino Miotto.

Na década de 80, a Central Telefônica ganhou espaço próprio, na Subprefeitura, tendo como responsáveis as Sras. Dolores Oliboni Palavro (em memória), Terezinha Oliboni Brusque, Dolorita Catarina Miotto Rech e Clementina Deolinda Rampazzo, cujo funcionamento era na modalidade "plantão 24 horas", distribuídos entre as quatro funcionárias.

De acordo com Terezinha Oliboni Brusque, o ponto de telefonia permaneceu ativo até os primeiros anos do segundo mandato do prefeito Neurí Dalsolio. A partir desta data, o sistema de comunicações já mostrava seu avanço em termos de comunicação e os primeiros celulares começaram a aparecer.

Funcionária Clementina Deolinda Rampazzo em ligação na Central Telefônica instalada na Subprefeitura. Foto: Arquivo pessoal de Clementina Deolinda Rampazzo.

Posto de telefonia da CRT no município. Foto: Arquivo da Prefeitura Municipal de Santa Cecília do Sul.

Entre tantas, a invenção do telefone foi primordial na vida das pessoas, principalmente da Vila Santa Cecília. Foi através deste importante meio de comunicação que muitos conseguiram desenvolver seu trabalho de forma mais rápida e eficiente. Outros acalmaram suas preocupações ao receber, com mais agilidade, a notícia de um familiar. Resumindo uma fala de um dos entrevistados: *"eu tinha medo de falar no telefone, mas era o jeito de saber como estava, quem falava do lado de lá!"*.

1.4.31.2 RBS TV

Em termos de comunicação, Cestílio Frizon, morador da Vila Santa Cecília, foi pioneiro na busca de uma repetidora para a região, a qual foi instalada em uma pequena casinha de madeira, em terra cedida pela família de Luiz Pelissaro (em memória).

Na época, pegava apenas um canal, quase nem sendo possível distinguir a imagem. Posteriormente, a estrutura de madeira foi substituída por uma de alvenaria, embora o sinal permanecesse ruim, nem chegando a muitas famílias da região.

Estrutura inicial da repetidora de televisão. À direita o Sr. Santo Panisson (em memória), na época subprefeito de Santa Cecília do Sul. Foto: Arquivo pessoal de Sérgio Fontana.

Frente a precariedade da imagem e estrutura, o Sr. Sérgio Fontana buscou esforços junto ao Poder Público na primeira administração de Santa Cecília do Sul, o qual relembrou que, juntamente com o prefeito Neurí Dalsolio, fizeram diversas viagens à Passo Fundo e, também, à Porto Alegre para, no ano de 2005, acontecer a inauguração.

Sérgio ressaltou o esforço do supervisor técnico da RBS TV, filial de Passo Fundo, Milton Reimers, para que a transmissora fosse realidade em Santa Cecília, onde a prefeitura adquiriu o terreno do Sr. Osmar da Rosa Vidal (herança da família de sua esposa) e construiu a nova estrutura, no mesmo local iniciado, onde, até hoje, serve a comunidade ceciliense com sinal analógico.

Inauguração da transmissão da RBS TV, filial Passo Fundo, para Santa Cecília do Sul. Foto: Arquivo pessoal de Sérgio Fontana.

Novo aparelho transmissor. Foto: Arquivo pessoal de Sérgio Fontana.

Evento de inauguração com a presença do prefeito, Neurí Dalsolio. É importante ressaltar que, na época, foi um fato e um grande marco para o Município de Santa Cecília do Sul, lembrado até hoje. Foto: Arquivo pessoal de Sérgio Fontana.

Milton Reimers, supervisor técnico e incentivador do projeto. Foto: Arquivo pessoal de Sérgio Fontana.

1.4.32 A energia elétrica em Santa Cecília

Até a década de 70, a Vila Santa Cecília era iluminada pela eletricidade gerada na usina próxima ao Rio Santo Antônio. Não havia luz em todas as residências, apenas nas que pagavam pelo serviço e que, mesmo assim, era fraca. Em tempos de estiagem, a falta de energia elétrica interferia significativamente no comércio local, já que alguns serviços utilizavam-se da mesma, como o moinho e a ferraria, como descreve o Sr. Sergio Tieppo: *"às vezes o Danilo, da ferraria, vinha pedir pra eu desligar um pouco o moinho, aí ele conseguia fazer a solda que precisava, porque a luz era fraca"*. As residências que tinham energia eram praticamente para iluminar alguns "bicos de luz", já que eletrodomésticos não existiam.

Em meados de 1974, houve uma mobilização pela Coprel Cooperativa de Energia, reunindo os quatro distritos do município no Salão Paroquial de Tapejara: Santa Cecília do Sul, Charrua, Água Santa e Vila Lângaro. A convocação foi feita pelo então prefeito José Maria Vigo da Silveira, para instalação e chegada de luz elétrica ao interior do município, como contou o Sr. Elso Scariot, atual vice-presidente da cooperativa de energia.

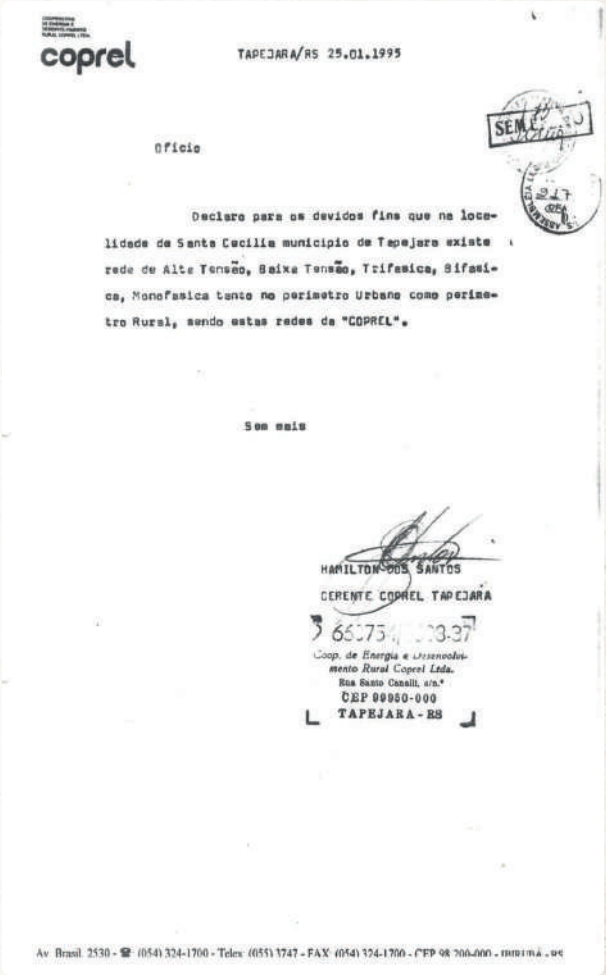
Muitas pessoas compareceram, mas na época o povo já havia tomado diversos golpes, então tinham medo de adquirir. Quando perceberam as fiações e as redes chegando mais perto, também não quiseram ficar sem. As famílias do interior obtiveram condições de pagamento diferentes diante de suas dificuldades, facilitando assim a adesão à rede elétrica.

Os moradores foram colaborativos neste processo, pois quem tinha trator e junta de bois ajudava os técnicos nas instalações dos postes e redes. A primeira ligação de energia em Santa Cecília foi na propriedade do Sr. Marildo Caumo, que aconteceu no dia 24 de dezembro de 1975, segundo informações passadas pela Coprel e confirmadas pela família.

Inicialmente, havia apenas a rede monofásica, no entanto, com a aquisição de eletrodomésticos e o aumento dos pontos de iluminação nas residências, foi necessário ampliar e, em 1995, passaram a ser instaladas as redes bifásicas e trifásicas.

Embora se tenha relatos de que um dos motivos do declínio da Vila Santa Cecília na década de 70 foi a ausência de energia elétrica, a sua chegada em 1975 foi um marco importante para as famílias. Bifalda Caumo, mãe de Marildo, relatou: *"antes não tinha nada, nem uma geladeira, freezer, as lâmpadas..."*, nos fazendo ter a clareza do quão importante foi o acesso à energia elétrica na vida das pessoas e, também, para o desenvolvimento do lugar. A partir de então, foi possível refrigerar os alimentos, tomar um banho quente, escutar rádio, assistir televisão, dentre outros exemplos simples que hoje são comuns do cotidiano.

Atualmente, a Coprel conta com conselheiros em cada município que auxiliam nas tomadas de decisões e outras demandas, sendo os Srs. Nelcir Cerezoli e Osmar Vidal os representantes do Município de Santa Cecília do Sul.



coprel

TAPEJARA/RS 25.01.1995

Ofício

Declaro para os devidos fins que na localidade de Santa Cecilia municipio de Tapejara existe rede de Alta Tensão, Baixa Tensão, Trifasica, Bifasica, Monofasica tanto no perimetro Urbano como perimetro Rural, sendo estas redes da "COPREL".

Sem mais

HAMILTON DOS SANTOS
GERENTE COPREL TAPEJARA

Coop. de Energia e Desenvolvimento Rural Coprel Ltda.
Rua Santo Canalli, s/n.º
CEP 99950-000
TAPEJARA - RS

Av. Brasil, 2530 - ☎ (054) 324-1700 - Telex (055) 3747 - FAX (054) 324-1700 - CEP 98.200-000 - [illegible]

Ofício da Coprel. Foto: Arquivo da Prefeitura Municipal de Santa Cecília do Sul.

1.4.33 Poesia sobre Santa Cecília do Sul

Como forma de fecharmos um capítulo tão único na construção e desenvolvimento desse local, compartilhamos esta poesia, escrita em dezembro de 2023, por Deoclides Piffer de Oliveira, que sabiamente reúne a história construída por várias gerações, lembradas com carinho e saudade.

RECUERDOS DA SANTA CECÍLIA

I

AO RECORDAR MINHA INFÂNCIA
MEU EGO SE ENCANTA E BRILHA
ME CALO POR UNS INSTANTES
PENSAMENTO, NO PEITO SE EMPILHA.
QUASE TODOS JÁ PARTIRAM
HOMENS E MULHERES, QUE TANTO SERVIRAM
NESTE RECANTO TODOS SE UNIRAM
PRÁ TE VER BELA MINHA SANTA CECÍLIA.

II

NO BENEDITO, ASSISTI A COPA DE SETENTA
EM FRENTE DO TERCI PANISSON
SANTO GIRARDI E OUTROS SANTOS
O PANISSON E O SALOMÃO.
O TENENTE DA VILA ZANELA
TIA GEMA, TIO VITAL E A TIA CARMELA.
BASTIÃO PREGO, AS ROSAS E O COLELA
LEMBRO DE TODOS COM EMOÇÃO.

III

O TELES DO AÇOUGUE O ROMANO KADINI E O TIEPO
DANILO CAUMO DA FERRARIA
O TABUNDA, A JOANA E O MIGUEL PICARETA
A NILCE, A JOVE MINHAS TIAS
NONA FIORA, SAUDADES DE TI
O PORTOLINO, O BASTIÃO GUAMERIN
OS MAZAROS, O BENJAMIN MARTINI
O GENEIS E O ABILIO DIAS.

IV

JOSÉ MARIA, QUE VIROU PREFEITO
OSVALDO FERNANDES, MEU AVÔ JOSÉ COSTA
CHICO PIFFER, CHICO LOPES, CHICO PINTO
CHICO MEU PAI, DE BOMBACHA E BOTA
ALBINO RAMPAZO, TAMBÉM O IRINEU
O GALO FONTANA, DE NOME ELIZEU
QUASE TODOS MORANDO COM DEUS
E A SAUDADE QUE BATE A PORTA.

V
MARTIELO, GUERINO, JACINTO, DAVID MIOTTO
PROFESSORES, O CASAL DIRCE E O ALFREDO
QUÊCO GIRARDI, O SARETA QUE MORREU CEDO
MEU PADRINHO ALFREDO E O DIONISIO RONCADOR
LEMBRO DO DIÉPE DA USINA
AS INJARAS, A LUIZA DO TELEFONE, GENTE FINA
O ONOFRE PRETO, GRANDE TOCADOR.
VI
DONA ERNESTA, MÃE DO PRIMEIRO PREFEITO
O BRANDÃO, CAMIONEIRO
O JOÃO GIRARDI, SEMPRE NA IGREJA
OS MUDOS O NATO E O VALDO VARRENDO O TERREIRO
O SEU BASSO, A DONA ERVIRA
FALO A VOCÊS, NÃO É MENTIRA
E ESTA VILA, LOGO VIRA
UMA BELA CIDADE QUERO QUE VEJAM.
VII
O VALANDRO, O PEDRO PEREIRA
GENUINO, BARBOM E O JACINTO MACHADO
O CTG PONCHE VERDE
OS TORNEIOS DE LAÇO LÁ DA VARGEM
MEU TIO, MEU PAI E OUTROS DE CORAGEM
QUE NA LABUTA E CAMARADAGEM
DEIXARAM SEUS NOMES REGISTRADOS.
VIII
HONORINO SECCO DA SERRARIA
OS BIASI, FILHOS DO SEU JACÓ
A SANTINA, A SALETE, O MARSIGLIO
QUE DERRAMARAM SEU SUOR
SEI QUE É GRANDE MINHA LISTA
VOCÊS INICIARAM ESTA CONQUISTA
ESTA CIDADE QUE É BEM VISTA
SEUS NOMES, EU SEI DE COR.
IX
A FESTA DO RIO QUE AINDA PERSISTE
JOÃO PEDRO DE BÁRBARA, SEU MIRANDA
JANGUITO DE MELO, ERNESTO SILVESTRE
O MIRO RIVA, NÃO SEI ONDE ANDA
ROSALINO FELINI, O FONTANA E O GRANDO
MEUS VERSOS ESTÃO QUASE ACABANDO
A SAUDADE, ESTÁ FORA DO MEU COMANDO
MINHA QUERIDA TERRA SANTA.

X
É CERTO QUE NÃO LEMBREI DE TODOS
MAS ESTES MARCARAM MINHA INFÂNCIA
HOMENAGEIO TAMBÉM AOS VEREADORES
PESSOAS DE ENORME IMPORTÂNCIA
QUE COM O POVO FIZERAM MINHA CIDADE BELA
SANTA CECÍLIA DO SUL, QUE SE ANIVELA
SENDO CONSIDERADA UMA DAQUELAS
MELHOR DE TODAS, COM RELEVÂNCIA.
XI
CITO, OS VICES-PREFEITO
O TONDELO, O FELINI E O PEGORARO
O JOÃO E O LEONARDO PANISSON
QUE NA PUJANÇA, ELES ACERTARAM
LEVANDO SEMPRE A PRECAUÇÃO.
NEURÍ DALSOLIO, E O ATUAL, JOÃO PELISSARO
JUSENE PERUZZO E ROBER GIRARDI
QUE TAMBÉM PASSARAM
PREFEITOS QUE MUITO HONRARAM
MINHA CIDADE DO CORAÇÃO.

CAPÍTULO 2

A EMANCIPAÇÃO E CRIAÇÃO DE SANTA CECÍLIA DO SUL

CAPÍTULO 2
A EMANCIPAÇÃO E CRIAÇÃO DE SANTA CECÍLIA DO SUL

2.1 O Distrito de Santa Cecília rumo à emancipação

A Vila de Santa Cecília fazia parte do Município de Tapejara, que por sua vez, antes de sua emancipação, pertencia ao Município de Passo Fundo, quando ainda se chamava Sede Teixeira.

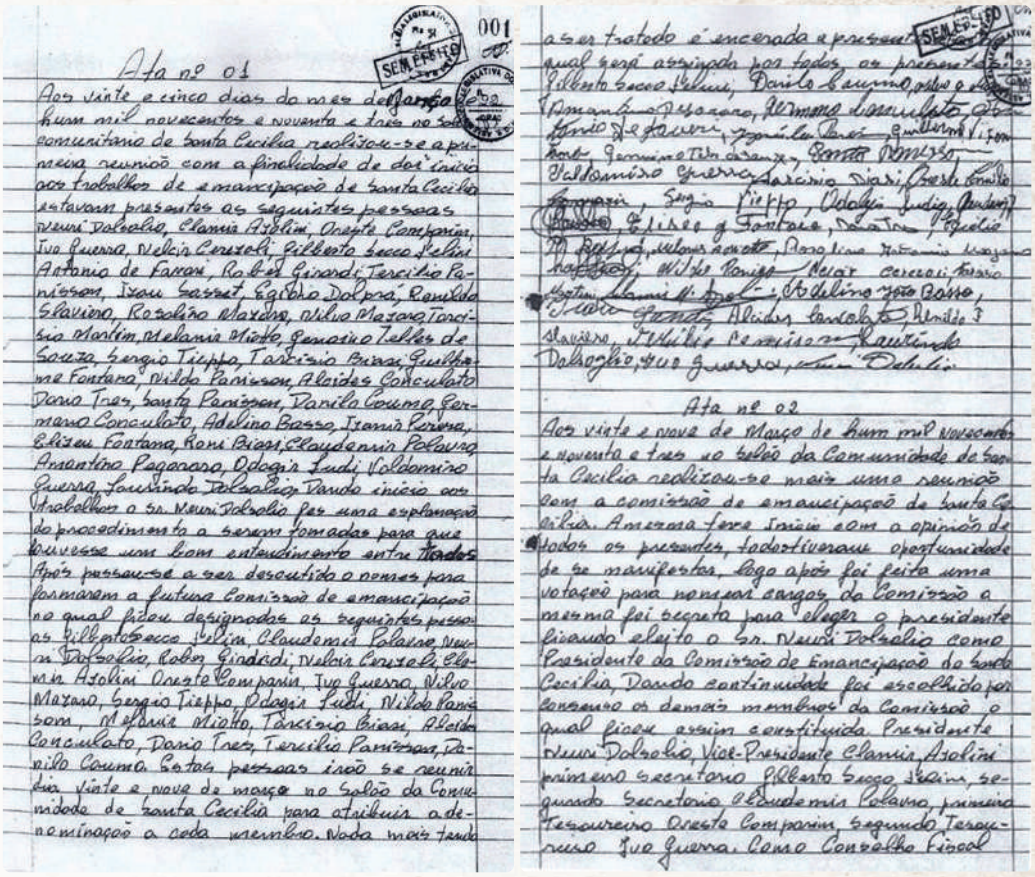
No ano de 1957, Santa Cecília passou a ser Distrito de Tapejara, sob a Lei n.° 68, de 11/11/57. A instalação deu-se no dia 5 de janeiro de 1958, com sede no mesmo povoado. A partir desta data, o distrito estaria sob administração própria, obedecendo às atribuições inseridas na Lei Orgânica do Município de Tapejara através da nomeação de subprefeitos.

Neste período, os comissários e subprefeitos ajudaram a administrar Santa Cecília, dentre os quais foram mencionados: Francisco Lopes da Veiga, Ivo Guerra, Ari Rampazzo, Altair Miotto, Santo Panisson, Orlando Miotto, Onofre Biasi, Rosalino Felini, dentre outros. Cabe ressaltar que não foi possível obter a relação completa de nomes conforme registros do Município de Tapejara.

Para atendimento do distrito, a sede dispunha, na época, de uma patrola e de um carregador, além de um posto de saúde onde se realizavam vacinas e consultas médicas uma vez por semana. A vila era pequena, e o aumento do êxodo rural fez com que a população diminuísse, reduzindo também as perspectivas de um futuro próspero. No entanto, surgiu entre a população o desejo de manter seus empregos locais e buscar sua própria independência, visando assim melhores condições de serviços e qualidade de vida aos moradores da vila.

Há quem diga que, em uma das visitas do deputado estadual Francisco Áppio, à Vila Santa Cecília, na década de 90, o mesmo sugeriu ao então subprefeito, Sr. Ivo Guerra, a emancipação do distrito. Nesta época, outros municípios estavam organizando e encaminhando a documentação. Seu Ivo, empolgado, passou para algumas pessoas a sugestão do deputado. Assim, foi se formando um grupo, em seguida uma comissão, e, após, uma diretoria, que estaria à frente desse desafio.

Em março do ano de 1993, foi realizada a primeira reunião, registrada em ata, com a finalidade para levantar os quesitos necessários à emancipação, bem como, a formação da comissão provisória.



Ata da primeira reunião sobre a emancipação. Fonte: Arquivo do processo de credenciamento disponível no acervo memorial da Assembleia Legislativa.

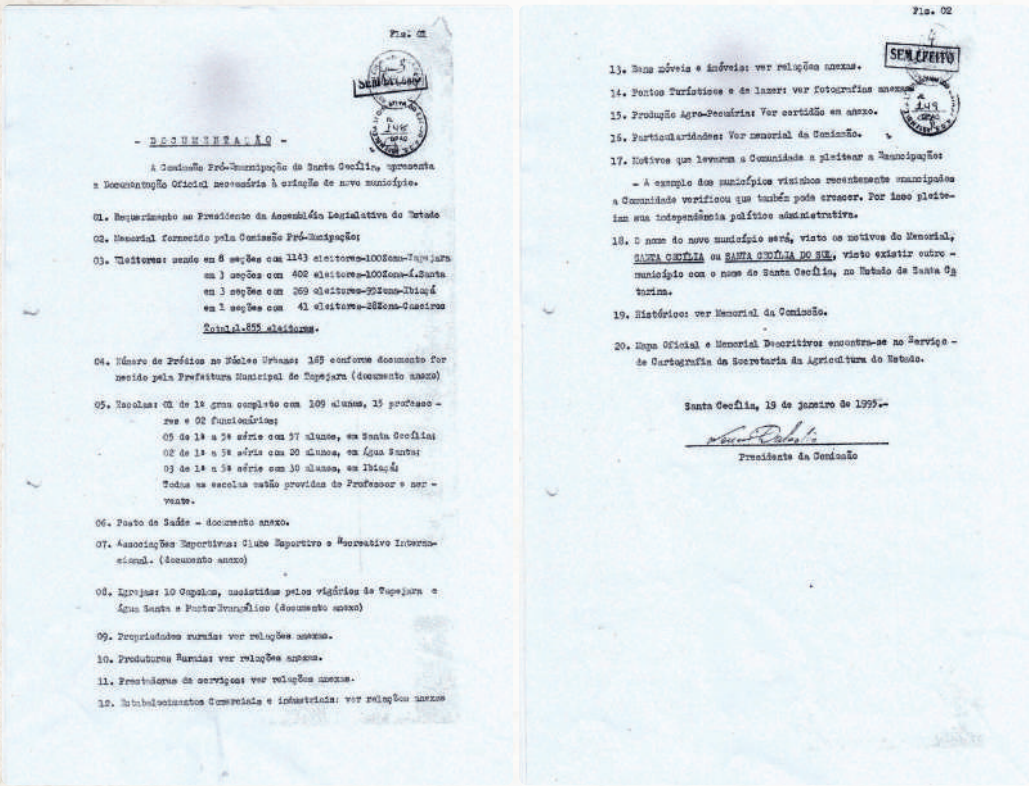
Daí em diante, reuniões e junção de documentos foram constantes para a comissão, exigindo muita dedicação e persistência, muitas vezes custeando as despesas de viagens, taxas e documentos do próprio bolso. Muitas viagens foram feitas à Porto Alegre e outros municípios para a troca de informações sobre como proceder para montar o processo emancipatório.

Enquanto muitos cecilienses estavam convictos em percorrer um novo caminho, transformando o então distrito num município, para outra parcela da população, estava bom como era, não queriam mudar. Existiam comissões contrárias à emancipação por algumas famílias e comunidades vizinhas pertencentes, até então, a outros municípios que não concordavam com a nova delimitação territorial.

Dentre tantos desafios e dificuldades enfrentadas, a principal delas foi a ação judicial considerando a emancipação como inconstitucional, pois a comunidade não preenchia os requisitos relativos ao número de eleitores que eram insuficientes e a área abrangida pelo então distrito, aquém do disposto pela legislação. Ou seja, após o veto do governador do estado do Rio Grande do Sul, Antônio Britto, no ano de 1995, foi concedida pela Assembleia Legislativa a liberação para realização do plebiscito emancipatório, que em 24 de março de 1996 revelou o desejo de mais

de 85% da população favorável e um novo movimento pró-emancipação de Santa Cecília do estado do Rio Grande do Sul se reestruturava.

Os requisitos exigidos eram inúmeros: comissão emancipacionista, relação de eleitores, prédios existentes, serviços de saúde, associações esportivas, igrejas, produtores rurais, prestadores de serviços, estabelecimentos comerciais, bens móveis e imóveis, pontos turísticos, produção agropecuária, entre outros, os quais foram preenchidos e atendidos conforme solicitação do estado.



Fls. 01

- DOCUMENTAÇÃO -

A Comissão Pró-Emancipação de Santa Cecília, apresenta a Documentação Oficial necessária à criação de novo município.

01. Requerimento ao Presidente da Assembléia Legislativa do Estado
02. Memorial fornecido pela Comissão Pró-Emancipação;
03. Eleitores: acima em 6 seções com 1143 eleitores-100%em-Tupejara
em 3 seções com 402 eleitores-100%em-L.Santa
em 3 seções com 269 eleitores-99%em-Ibiaçá
em 1 seções com 41 eleitores-28%em-Cascairos
Total:1.855 eleitores.
04. Número de Prédios no Núcleo Urbano: 165 conforme documento fornecido pela Prefeitura Municipal de Tupejara (documento anexo)
05. Escolas: 01 de 1º grau completo com 109 alunos, 15 professores e 02 funcionários:
05 de 1ª a 5ª série com 37 alunos, em Santa Cecília;
02 de 1ª a 5ª série com 20 alunos, em Água Santa;
03 de 1ª a 5ª série com 30 alunos, em Ibiaçá
Todas as escolas estão providas de Professor e servente.
06. Posto de Saúde - documento anexo.
07. Associações Esportivas: Clube Esportivo e Recreativo Internacional. (documento anexo)
08. Igrejas: 10 Capelas, assistidas pelos vigários de Tupejara e Água Santa e Pastor Evangélico (documento anexo)
09. Propriedades rurais: ver relações anexas.
10. Produtores Rurais: ver relações anexas.
11. Prestadores de serviços: ver relações anexas.
12. Estabelecimentos Comerciais e industriais: ver relações anexas

Fls. 02

13. Bens móveis e imóveis: ver relações anexas.
14. Pontos Turísticos e de lazer: ver fotografias anexas
15. Produção Agro-Pecuária: Ver certidão em anexo.
16. Particularidades: Ver memorial da Comissão.
17. Motivos que levaram a Comunidade a pleitear a Emancipação:
- A exemplo dos municípios vizinhos recentemente emancipados a Comunidade verificou que também pode crescer. Por isso pleiteiam sua independência político administrativa.
18. O nome do novo município será, visto os motivos do Memorial, SANTA CECÍLIA ou SANTA CECÍLIA DO SUL, visto existir outro município com o nome de Santa Cecília, no Estado de Santa Catarina.
19. Histórico: ver Memorial da Comissão.
20. Mapa Oficial e Memorial Descritivo: encontra-se no Serviço de Cartografia da Secretaria da Agricultura do Estado.

Santa Cecília, 19 de janeiro de 1995.-

Presidente da Comissão

Documentações exigidas para a emancipação. Fonte: Arquivo do processo de credenciamento disponível no acervo memorial da Assembleia Legislativa.

Após um longo trâmite burocrático, a lei de criação do município foi sancionada pelo presidente da Assembleia Legislativa, Jose Otávio Germano, e, em 16 de abril de 1996, foi criado o Município de Santa Cecília do Sul pela Lei n.º 10763, com outros 30 novos municípios.

LEI: 10.763/96

LEI Nº 10.763, DE 16 DE ABRIL DE 1996.

Cria o Município de Santa Cecília do Sul. Deputado José Otávio Germano, Presidente da Assembléia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul.Faço saber, em cumprimento ao disposto no parágrafo 7º do artigo 66 da Constituição do Estado, que a Assembléia Legislativa aprovou e eu promulgo a seguinte lei:

Art. 1º - É criado o Município de Santa Cecília do Sul, com áreas que se emancipam dos municípios de Tapejara, Água Santa, Caseiros e Ibiaçá.

Parágrafo único - O território do novo município é assim delimitado: ao norte: inicia no ponto em que o arroio Cuité ou Erval encontra a estrada Tapejara/Santa Cecília. Segue por esta estrada, em sentido geral sudeste, até o limite norte do lote rural nº 78 (inclusive). Deste ponto, deflete para leste, por este limite, até seu vértice nordeste. Daí, deflete para norte, até o vértice noroeste do lote rural nº 83 (inclusive). Deste ponto, deflete para leste, pelo limite norte dos lotes rurais nºs 83 e 81 (ambos inclusive) e limite sul do lote rural nº 313 (exclusive), até o vértice sudeste do lote rural nº 313 (exclusive) e vértice sudoeste do lote rural nº 223 (inclusive). Deste ponto, deflete para norte até alcançar o vértice noroeste deste mesmo lote. Daí, deflete para leste, pelo limite norte dos lotes rurais nºs 223, 215, 212 e 211 (todos inclusive) e sul dos lotes rurais nºs 222 e 213 (exclusive) até o vértice nordeste do lote rural nº 211. Deste ponto, deflete para sul, pelo limite leste do lote nº 211, até alcançar o vértice noroeste do lote rural nº 210. Deste ponto, deflete para leste, pelo limite norte dos lotes rurais nºs 210, 213 e 212 (inclusive) e limite sul do lote rural nº 207 (exclusive) até alcançar o vértice nordeste do lote rural nº 212. Deste ponto, segue pelo limite leste deste mesmo lote até alcançar o vértice noroeste do lote rural nº 67 (inclusive), defletindo em sentido leste, pelo limite norte do lote rural nº 67, até atingir o rio Ligeiro. Segue pelo rio Ligeiro, à montante, até alcançar a estrada Firmino Borges. Segue por esta estrada em sentido geral sudeste até encontrar a sanga Flores, e por esta, à jusante, até sua confluência com o rio Telha. Segue pelo rio Telha, à montante, até a confluência com a sanga Nicofé, e por esta também, à montante, até encontrar a estrada Rio Telha/BR-285. Segue por esta em sentido geral sudeste até o cruzamento com a estrada Perondi; a leste: do ponto supracitado, continua pela estrada Rio Telha/BR-285 em sentido geral sul até o entroncamento com a estrada Passo das Pedras. Segue por esta em sentido geral sudoeste até seu entroncamento com a estrada Santa Cecília/BR-285. ao sul: do ponto supracitado, segue pela estrada Santa Cecília/BR-285, em sentido geral noroeste, por aproximadamente 900m, continuando daí por linha seca de sentido oeste até a nascente da sanga Irmãos Fernandes. Segue por esta sanga, à jusante, até a confluência com o rio Santo Antônio, e por este rio também, à jusante, até a confluência com o arroio Machado. Segue pelo arroio Machado, à montante, até a confluência com a sanga Santa Cecília, e por esta sanga, à montante, até

sua nascente, no lago junto a estrada Água Santa/Cruzaltinha; a oeste: do ponto supracitado, segue pela estrada Água Santa/Cruzaltinha em sentido geral noroeste até 500m além do Cemitério dos Fernandes, ponto em que encontra a nascente do 1º afluente da margem esquerda do rio Véspera (contado de sua cabeceira) junto a referida estrada. Deste ponto, segue pelo afluente (já mencionado), à jusante, até a confluência com o rio Véspera, e por este rio também, à jusante, até a confluência com a sanga Banhado, divisora das propriedades de Bernardes (inclusive) e Cerezolli (exclusive). Segue por esta sanga, à montante, até a sua nascente, junto a estrada do Polaco. Segue por esta estrada em sentido geral noroeste até encontrar a estrada Cerezolli. Segue pela estrada Cerezolli, em sentido geral noroeste, até encontrar a estrada do Germi, e por esta, em sentido geral norte até encontrar a estrada Linha Fernandes/Água Santa. Segue por esta em sentido geral noroeste, até encontrar a estrada Oliboni, e por esta em sentido geral nordeste até encontrar a estrada Passarin. Segue pela estrada Passarin em sentido geral noroeste até encontrar a estrada do Gatão, e por esta em sentido geral nordeste até a nascente da sanga Gatão. Segue pela sanga Gatão, à jusante, até a confluência com a sanga Pedro Negri. Deste ponto, segue por linha seca de sentido noroeste, por aproximadamente 1.200m, até a sanga São Marcos, num ponto localizado aproximadamente 200m da estrada Água Santa/Santa Cecília. Segue pela sanga São Marcos, à jusante, até a estrada Água Santa/Santa Cecília, e por esta estrada em sentido geral noroeste até encontrar a estrada São Marcos. Segue pela estrada São Marcos em sentido geral nordeste até encontrar a estrada Vva. Romilda, e por esta última em sentido geral noroeste até encontrar a estrada Panisson. Segue pela estrada Panisson, em sentido geral sudoeste, até encontrar a sanga Moresco. Segue pela sanga Moresco, à jusante, até a confluência com o arroio Cuité (ou Erval), e por este arroio também, à jusante, até seu cruzamento com a estrada do Zanatta. Segue pela estrada do Zanatta em sentido leste até seu cruzamento com a sanga Tupi, e por esta sanga, à jusante, até a confluência com o arroio Cuité ou Erval. Segue pelo arroio Cuité, à jusante, até seu encontro com a estrada Tapejara/Santa Cecília.

Art. 2º - A sede do novo município será a localidade de Santa Cecília do Sul.

Art. 3º - O município será instalado em 1º de janeiro de 1997.

Art. 4º - Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 5º - Revogam-se as disposições em contrário.

Assembléia Legislativa do Estado, em Porto Alegre, 16 de abril de 1996.

Lei de criação do município. Fonte: Arquivo disponibilizado por Nilton Mazaro.

Embora emancipada no ano de 1996, somente no ano de 2000 aconteceram as eleições municipais e, em 1º de janeiro de 2001, foi instaurada oficialmente a posse do primeiro prefeito, Neurí Dalsolio e do vice-prefeito, Gilberto Secco Felini.

Imagem do primeiro prefeito e vice-prefeito do município. Foto: Arquivo pessoal de Neurí Dalsolio.

Inúmeras foram as situações vivenciadas na trajetória emancipacionista, a qual durou cerca de seis a sete anos até chegar no dia da emancipação de Santa Cecília do Sul. Na época tudo era novidade e o desconhecido muitas vezes apavorava alguns e motivava outros.

Antes mesmo do registro da primeira ata em 1993, a ideia já estava implantada e, após percorrer este caminho de comissões a favor, contrárias, plebiscito, vetos, criação do município, eleição e posse do primeiro governo, é fundamental também detalhar esta batalha nos "bastidores", que fogem de estarem registradas em documentos.

Cabe dizer que as reuniões aconteciam nos mais distintos lugares, como o Sr. Ivo Guerra lembrou de uma das primeiras reuniões feitas numa oficina de móveis. Ferraria, bodega, salão comunitário, pátio de residências e tantos outros espaços que serviram de acolhimento para amadurecer as ideias e tomadas de decisões tão necessárias na caminhada da emancipação.

Além de reuniões, almoços e jantares eram realizados com frequência para alavancar recursos necessários à emancipação. Muitos foram os empréstimos de dinheiro que eram solicitados de um dia para o outro para enviar à capital, sendo um dos nomes lembrados o do Sr. Sergio Tieppo, que por tantas vezes emprestou sacas de soja, garantindo assim a continuidade do projeto.

O caminho até Porto Alegre era longo. De ônibus, de carro próprio, de carona ou numa "F.1000" do "Juca" (Sr. José Pegoraro, empresário local da época), assim contado por Ivo Guerra: *"Certa vez, o Juca levou uns representantes à capital para tratar da questão da emancipação. Na cabine da caminhonete tava o motorista e mais um que conhecia o caminho. Os outros foram sentados em cadeiras na carroceria da caminhonete que era coberta com um toldo. Se fosse hoje nós seria tudo preso. A cidade de Porto Alegre era aterrorizante, os carros*

"Se fosse hoje nós seria tudo preso"

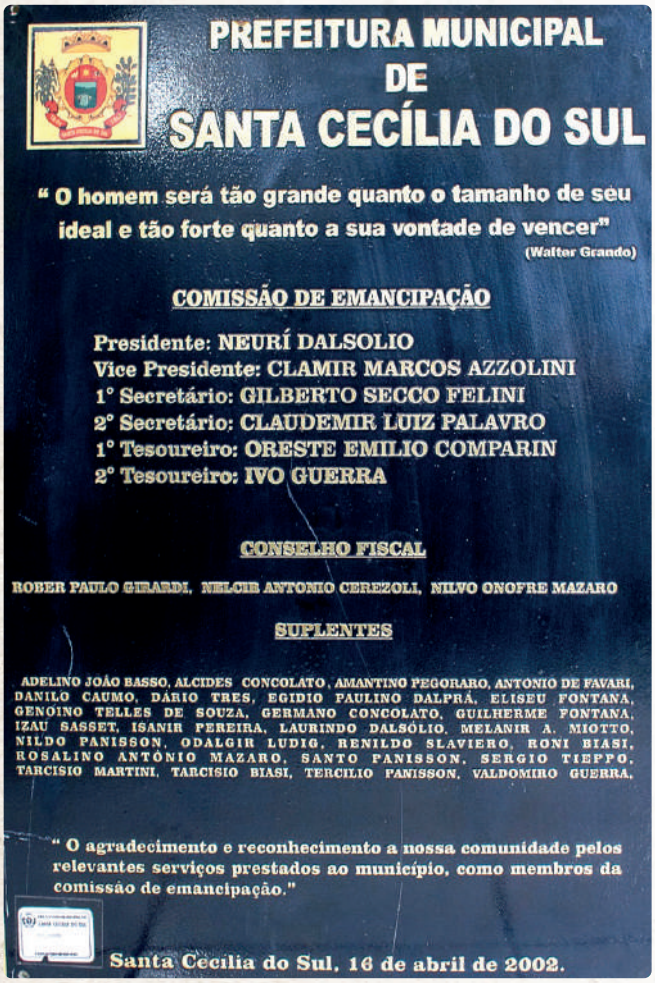
andando, tudo grudado um no outro. Mas enfrentamos isso também, pelo bem de nosso município".

As viagens à capital pareciam intermináveis frente às dificuldades da "cidade grande", de não conhecer o caminho e dos recursos escassos, até mesmo entrando na Assembleia Legislativa com um terno emprestado, num comprimento próximo ao joelho.

O Sr. Gilberto Secco Felini, primeiro vice-prefeito eleito no município, também destacou a sua exaltação no movimento emancipacionista pelo orgulho de ter sido secretário da comissão e, assim, enaltece: *"a melhor coisa para Santa Cecília do Sul foi a emancipação"*.

Vale ressaltar a importância da comissão emancipacionista nesta caminhada rumo à emancipação, aos Srs. Neurí Dalsolio, Ivo Guerra e demais membros que não mediram esforços em mobilizar as pessoas e a comunidade para que a pequena vila fosse um município soberano.

Entre tantos outros, destacamos também aqueles que foram além do profissionalismo e priorizaram a disponibilidade de seu tempo para a organização da documentação, como o Sr. Arcelino Damiani, do Cartório de Água Santa que muito ajudou na elaboração de todos os requerimentos necessários; a arquiteta, Vanize Regina Roman que foi fundamental na organização do mapeamento, delimitando os limites entre os municípios dos arredores juntamente com o Sr. Júlio Francisco dos Reis, funcionário do IBGE, que fazia e refazia as medidas necessárias para os mapas; o Sr. Valdir Cadini, do cartório, por sempre acompanhar na coleta das assinaturas dos eleitores; o Sr. Ildo Aldino Lamb, então vice-prefeito de Tapejara e, também, o deputado Giovani Cherini, o qual detém um título de cidadão ceciliense.



Placa da comissão de emancipação. Foto: Arquivo da Prefeitura de Santa Cecília do Sul.

O desejo foi maior do que todas as dificuldades do processo, sejam das forças externas ou da divergência, que por vezes foi e talvez

ainda seja conflituosa, se tratando de política. O anseio coletivo de crescer superou as ausências no trabalho e na família, "abrindo mão" de tempo para criar outros tempos, hoje numa cidade em ascendente crescimento e grande potencial em diversas áreas.

"Nós tinha coragem!"

Enaltece-se uma fala, que descreveu toda a trajetória emancipacionista do então Município de Santa Cecília do Sul: "Nós tinha coragem!", afirmou Seu Ivo Guerra.

2.1.1 Comissão Emancipacionista:

Presidente: Neurí Dalsolio
Vice- Presidente: Clamir Marcos Azzolini
1º secretário: Gilberto Secco Felini
2º secretário: Claudemir Luiz Palavro
1º Tesoureiro: Oreste Emilio Comparin
2º Tesoureiro: Ivo Guerra

Conselho Fiscal:
Rober Paulo Giradi, Nelcir Antonio Cerezolli e Nilvo Onofre Mazaro.

Suplentes:
Adelino João Basso (em memória)
Alcides Concolatto
Amantino Pegoraro (em memória)
Antônio Defaveri
Danilo Caumo (em memória)
Dario Tres
Egidio Paulino Dalprá
Eliseu Fontana (em memória)
Genuino Teles de Souza
Germano Concolatto (em memória)
Guilherme Fontana (em memória)
Izaú Sasset
Isanir Pereira
Laurindo Dalsolio
Melanir Miotto
Nildo Panisson
Odalgir Ludig (em memória)
Renildo Slaviero
Roni Biasi
Rosalino Antonio Mazaro
Santo Panisson (em memória)
Sergio Tieppo
Tarcisio Martini
Tarcisio Biasi
Tercilio Panisson (em memória)
Valdomiro Guerra (em memória)

2.2 Galeria de prefeitos e vice-prefeitos

Desde a criação do município, seis eleições foram realizadas. Confira os candidatos eleitos a prefeito e vice-prefeito do município:

2001 a 2004:
Prefeito: Neurí Dalsolio (PDT)
Vice-prefeito: Gilberto Secco Felini (PP)

2005 a 2008:
Prefeito: Neurí Dalsolio (PDT)
Vice-prefeito: Luiz Tondello (PP)

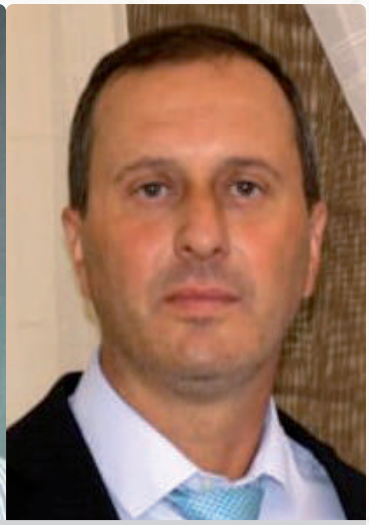
2009 a 2012:
Prefeito: Rober Paulo Girardi (PMDB)
Vice-prefeito: José Antônio Pegoraro (PMDB)

2013 a 2016:
Prefeita: Jusene Consoladora Peruzzo (PSB)
Vice-prefeito: João Sirineu Pelissaro (PDT)

2017 a 2020:
Prefeita: Jusene Consoladora Peruzzo (PSB)
Vice-prefeito: João Sirineu Pelissaro (PDT)

2021 a 2024 – atual gestão
Prefeito: João Sirineu Pelissaro (PDT)
Vice-prefeito: Leonardo Panisson (MDB)

PREFEITO MUNICIPAL
JOÃO SIRINEU PELISSARO
ADMINISTRAÇÃO 2021 A 2024



VICE-PREFEITO MUNICIPAL
LEONARDO PANISSON
ADMINISTRAÇÃO 2021 A 2024

2.3 Poder Legislativo

As primeiras sessões da Câmara de Vereadores foram realizadas no salão comunitário, na parte das churrasqueiras, sendo utilizadas as próprias mesas e cadeiras do salão.

Para o primeiro mandato do Poder Legislativo de 2001/2004, foram eleitos:

Ari Rampazzo (em memória) (PP)
Gesildo Pegoraro (PMDB)
Leandro Biasi (PDT)
Leonardo Panisson (PMDB)
Santo Pelissaro (PDT)
Nédio João Marcon (PTB)
Valdemiro Giacomin (PMDB)
Paulo Roberto Tres (PP)
Moacir Zanatta (PMDB)

Posse dos primeiros vereadores no salão comunitário. Foto: Arquivo da Câmara de Vereadores.

Suplentes:

Celso Slaviero (PPB)
Jussara Salete de Mello (em memória) (PMDB)
Dorvalino de Tofano (PDT)
Ivo José Cecchin (em memória) (PMDB)
Vanderlei Panisson (PDT)
Nilson Panisson (PDT)
Airton Tamanho (PFL)
Antonio Caroff (PFL)
Nilvo Cecchin (PT)
Avilia Rampazzo Capra (em memória) (PDT)
Vanderlei Marsiglio (PT)
Gentil Van de Camargo (PMDB)
Iraci de Souza (em memória) (PDT)

A diretoria legislativa era composta pela Sra. Adriana Sasset Brandão, a qual foi a primeira secretária da Câmara e, também, pelo primeiro assessor jurídico, Sr. Claudio Biasi.

Em entrevista, a Sra. Adriana relatou que as sessões eram gravadas em um pequeno gravador e, após, transcrita manualmente no livro de ata e assinada na próxima sessão. Após alguns anos as atas passaram a ser digitadas. Adriana ainda acrescentou que as primeiras sessões, realizadas no salão comunitário, tinham grande público, pois era novidade. *"Às vezes dava umas discussões boas e bravas também, depois terminava a sessão, se abraçavam e iam todos tomar café"*, lembrou.

"Às vezes dava umas discussões boas e bravas também, depois terminava a sessão, se abraçavam e iam todos tomar café"

Imagem de uma das sessões no salão comunitário. Foto: Arquivo da Câmara de Vereadores.

Em 11 de julho de 2002 foi realizada a primeira Sessão Ordinária em imóvel alugado, na Rua Maximiliano de Almeida, em cima da Brigada Militar, tendo um espaço mais amplo para suas atividades.

Imagem da Sessão Ordinária em novo espaço. Foto: Arquivo da Câmara de Vereadores.

Para o mandato de 2005/2008, foram eleitos:
Ari Rampazzo (em memória) (PP)
Artur Alexandre Souto (PDT)
Celso Slaviero (PP)
Jusene Consoladora Peruzzo (PMDB)
Luiz dos Santos (PDT)
Moacir Zanatta (PMDB)
Nédio João Marcon (PTB)
Otavino Miotto (PMDB)
Valdir Pegoraro (DEM)

Suplentes:
Avilia Rampazzo Capra (em memória) (PDT)
Lairto Seidler (PDT)
Sergio Fontana (PDT)
Antônio Caroff (PFL)
Leonardo Panisson (PMDB)
Vilson Pegoraro (PMDB)
Anderson Antônio Girardi (PMDB)

A secretária era a Sra. Ivanete Pegoraro e o assessor jurídico, o Sr. Romoaldo Pelissaro.

Para o mandato de 2009/2012, foram eleitos:
Solaci Tabajara Moreira (PMDB)
Ari Rampazzo (em memória) (PDT)
Francieli Pegoraro Dalpra (PMDB)
Valdir Pegoraro (DEM)
Moacir Zanatta (PMDB)
Dirceu André Panisson (PMDB)
Luiz dos Santos (PDT)
Antonio Alberi Antunes de Oliveira (PDT)
Otavino Miotto (PMDB)

Suplentes:
Nédio João Marcon (PTB)
Ilanir Pelissaro (PDT)
Celso Slaviero (PP)
Daniel Antonio Olibone (PMDB)
Nilvo Cecchin (PT)
Ernesto Domingos Pegoraro (PMDB)
Leandro Biasi (PMDB)
Cezar Luiz D'Agostini (PMDB)

A secretária era a Sra. Josiane Pegoraro e o assessor jurídico, o Sr. Romoaldo Pelissaro.

Para o mandato de 2013/2016, foram eleitos:
Adesio Rodrigues (PMDB)
Valdecir Ubirajara Moreira (PSB)
Douglas Andre Gratieri (PMDB)
Vagner Luiz Cerezoli (PP)
Nilson Panisson (PDT)
Daniel Rodrigues (PMDB)
Francieli Pegoraro Dalpra (PMDB)
Valdir Pegoraro (DEM)
Edimar Fontana (PSB)

Suplentes:
Gesildo Pegoraro (PMDB)
Ledenir Aparecida de Mello (PSB)
Maria Joselita Souto (PDT)
Luiz Antônio Marcon (PDT)
Nathana Panisson (PSB)
Odila Guerra Iaskievicz (PMDB)
Vilson Pegoraro (PMDB)
Cesar Paulo Dalsolio (PMDB)
Ismael José Tondello (PDT)
Siliane Favreto (PDT)
Amarildo Pegoraro (PPS)
Dionattan Mezzomo (PDT)
Ariosto dos Santos Rodrigues (PMDB)
Lidiane Bonora Olibone (PMDB)
Dirleia de Cezare (PMDB)

A secretária era a Sra. Josiane Pegoraro e o assessor jurídico, o Sr. Romoaldo Pelissaro.

No ano de 2015, foi inaugurada a sede própria da Câmara de Vereadores, onde hoje é o seu atual endereço, na Rua Maximiliano de Almeida, n.º 317, centro de Santa Cecília do Sul.

O plenário foi inaugurado e intitulado de Plenário Ari Rampazzo devido o Sr. Ari ter sido vereador e o primeiro presidente no ano de 2001. Já o auditório da Câmara leva o nome do Sr. José Antônio Pegoraro, devido a sua importante participação na política municipal.

Atual fachada da Câmara de Vereadores.
Foto: Arquivo da Câmara de Vereadores.

Para o mandato de 2017/2020, foram eleitos:
Marta Zanatta Galina (PSB)
Vagner Luiz Cerezoli (PP)
Valdir Pegoraro (DEM)
Marcelo Rodrigues da Silva (PSB)
Valdomiro Nunes da Fonseca (PSB)
Adair Pegoraro (PDT)
Cleiton Guilherme Pegoraro (PMDB)
Francieli Oliboni (PSB)
Douglas Brock (PMDB)

Suplentes:
Edicleia Sossella Girardi (PMDB)
Dirceu André Panisson (PSB)
Santo Panisson (em memória) (PDT)
Nilson Panisson (PDT)
Daniel Rodrigues (PMDB)
Ledenir Aparecida de Mello (PSB)
Silver Piffer (PMDB)
Siliane Favreto (PDT)
Gesildo Pegoraro (PMDB)
Ariosto dos Santos Rodrigues (PMDB)
Cesar Paulo Dalsolio (PMDB)
Micheli Girardi (PMDB)
Giane Aguiar de Mello (PDT)
Celia Rodrigues (PPS)

A secretária Josiane Pegoraro permaneceu trabalhando do dia 1/1/2017 a 16/9/2019. A partir dessa data, assumiu Kainelly dos Santos Negri e como assessor jurídico, o Sr. Romoaldo Pelissaro.

Para o mandato de 2021/2024, foram eleitos:
Cleiton Silvestri (PDT)
Simone Andreza Miotto Mazaro (PDT)
Fabio de Quadros (PDT)
Fernando Bernardes (MDB)
Solaci Tabajara Moreira (MDB)
Luiz Antonio Marcon (PDT)
Douglas Brock (MDB)
Valdomiro Nunes da Fonseca (PSB)
Tatiana Cecchin de Lima (PSB)

Suplentes:
Vanderlei Panisson (PDT)
Daniel Rodrigues (MDB)
Aldecir Perondi (PDT)

Otavino Miotto (PSB)
Cleiton Guilherme Pegoraro (MDB)
Ledenir Aparecida de Mello (PSB)
Edimar Fontana (PSB)
Dirceu Andre Panisson (PSB)
Cristian Jose Vidal (PDT)
Rosicler Pereira de Albuquerque (PSB)
Rogerio Fontana (MDB)
Edicléia Sossella Girardi (MDB)
Vanderlei Alves da Rosa (PDT)
Sidinei Girardi (MDB)
Vinie Cristine Marcon Mezzomo (PDT)
Tainá Paulina Pegoraro (MDB)
Iracema Zotti Souto (PDT)
Cezar Luiz D'Agostini (PSB)
Micheli Girardi (MDB)
Jorge Leonel Gomes da Rocha (PSB)

A secretária é Kainelly dos Santos Negri e o assessor jurídico, o Sr. Romoaldo Pelissaro.

O funcionamento da Câmara de Vereadores acontece de segunda a sexta-feira, das 7h30 às 11h30 e das 13h às 17h. As sessões acontecem nas segundas-feiras, a partir das 19h, tendo como atual presidente da Câmara o vereador Luiz Antônio Marcon.

Imagem da Galeria de Presidentes da Câmara de Vereadores de Santa Cecília do Sul. Foto: Arquivo da equipe do projeto do livro.

2.4 Serviços públicos e criação das secretarias municipais

O Município de Santa Cecília do Sul teve um notável crescimento em termos de desenvolvimento econômico, político e social desde o início até agora. Este desenvolvimento tem sido impulsionado por diversos setores, com destaque para a agropecuária.

A cidade possui uma forte base agrícola, com a produção de grãos, como soja e milho, além da pecuária de corte e leiteira. Estas atividades têm contribuído para o aumento da renda dos munícipes, fortalecendo a economia local.

Abaixo, detalhamos os principais aspectos desse desenvolvimento, destacando progressos significativos e os desafios, assim como, os avanços na melhoria da qualidade de vida dos habitantes.

Após a conquista da emancipação e a realização da primeira eleição, era hora de oficialmente iniciar a criação das secretarias municipais que dariam corpo à cidade, com projetos, obras e ações.

2.4.1 Secretaria da Fazenda

A Secretaria da Fazenda foi criada através da Lei Municipal n.º 005/2001, atendendo junto à sede da prefeitura. O primeiro secretário foi o Sr. Nilton Mazaro, seguido por outros secretários que permaneceram por diferentes períodos. Atualmente, o Sr. Adair Pegoraro é o responsável pela pasta.

A secretaria conta hoje com seis servidores municipais, divididos entre tesouraria, setor de empenho, contabilidade, setor tributário e setor de blocos, exercendo as distintas funções de compras, empenho, pagamentos, retenção de impostos, avaliação de imposto tributário de bens, imóveis, alvarás, IPTUs, cobrança pelo abastecimento de água no município, dentre outras.

De acordo com dados da referida secretaria, o município conta com empresas nos mais diversos ramos, tais como:

- Táxi
- Mercados
- Análise de solo
- Indústria de reaproveitamento de resíduos
- Padaria e demais gêneros alimentícios
- Posto de Combustível
- Bares
- Agências Bancárias (Sicredi e Cresol)
- Cooperativa Agrícola
- Cooperativa de Reciclagem
- Casa Lotérica
- Metalúrgica
- Mecânica/Borracharia
- Indústria de Móveis
- Lojas/Bazar
- Academia
- Usina Rio Ligeiro
- Salão de Beleza

- Imobiliária
- Madeireira
- Agropecuária
- Transporte
- Peletizadora
- Fotografia
- Prestadores de serviços em diversas áreas.

2.4.2 Secretaria da Administração

A Secretaria da Administração foi criada através da Lei Municipal, n.º 005/2001, onde, desde o início, funcionou junto à sede da prefeitura, tendo como primeiro secretário o Sr. Nilton Mazaro e, no decorrer, diversas outras pessoas passaram pela secretaria, alguns por pouco tempo, outros mais, sendo Dionattan Mezzomo o atual secretário desta pasta.

Atualmente, a secretaria conta com 17 servidores. Destes, cinco são conselheiros tutelares, haja vista que este órgão está vinculado à Secretaria de Administração, o qual foi criado em 10 de setembro de 2007 através da Lei Municipal n.º 300 que alterou e consolidou a proteção dos direitos das crianças e dos adolescentes e deu outras providências.

2.4.2.1 Conselho Tutelar

Composto por cinco membros, os primeiros conselheiros eleitos pelo voto popular foram: Alzira Pegoraro, Ledenir A. de Mello, Lucas Pasquali, Rosangela A. Zambonin e Viviane Pegoraro; sendo suplentes: Eliane Passarin, Roberto Caroff, Avilia R. Capra e Marcio de Quadros. Os conselheiros tutelares eleitos assumiram seus cargos no dia 14 de março de 2008, onde a sede do Conselho Tutelar era localizada na Rua Maximiliano de Almeida, no porão da Unidade Básica de Saúde (UBS).

Devido ao conselho ser um órgão novo no município, nos primeiros anos de atuação, os membros participavam de cursos de capacitação ministrados por juízes e promotores, com o objetivo de entender melhor o processo de trabalho que os conselheiros deveriam exercer.

No ano de 2010 foram eleitos os cinco novos conselheiros que começaram a exercer seus cargos no dia 11 de março de 2011. Nesta época, o Conselho Tutelar mudou de localização para a Rua Pelotas, na casa do Sr. Sergio Tieppo, onde permaneceu por mais seis anos.

Em 2015, a Lei Municipal n° 300 teve suas disposições de políticas a proteção dos direitos das crianças e dos adolescentes e de outras providências modificadas e reorganizadas, dando vigor à nova Lei Municipal n° 696/2015, no dia 31 de março de 2015, visando definir as ações dos conselheiros e organizar o funcionamento do Conselho Tutelar.

Com base na nova Lei Municipal, era importante que o Conselho Tutelar elaborasse um manual de procedimentos de atendimento, detalhando as linhas gerais do Regimento, estabelecendo que todo o colegiado deveria se reunir, no mínimo, uma vez por mês para discutir os assuntos. A carga horária passou a ser de 20 horas semanais, além dos plantões noturnos nos finais de semana e feriados.

Em 2017, o conselho mudou-se para a Rua Porto Alegre, nas dependências do Sr. Jonerlei Sasset, permanecendo lá até o ano de 2022. Posteriormente, foi transferido para a Rua Maximiliano de Almeida, atrás da Brigada Militar do município, onde permanece até hoje. Desde então, o Conselho Tutelar vem atuando na comunidade de Santa Cecília do Sul sempre buscando as melhores soluções possíveis para as crianças e os adolescentes, completando, assim, 16 anos de história no município.

2.4.3 A trajetória da saúde no município

2.4.3.1 Os primeiros cuidados

Espalhados por todo o território brasileiro, existiram homens e mulheres que, por meio de sua sabedoria ancestral, dedicaram-se a aliviar os sofrimentos daqueles que os procuravam. Com seu vasto conhecimento das plantas, ervas, orações e simpatias, as benzedeiras, parteiras e farmacêuticos daquela época, desempenhavam papéis específicos e singulares dentro de suas comunidades. Eles eram a principal referência em termos de saberes medicinais, suprindo a carência de assistência médica nas regiões mais afastadas.

Reconhecer a validade dos conhecimentos populares é trazer de volta às nossas origens, um conhecimento que ainda perdura nos espaços onde esta cultura é preservada.

Entre todos os rituais, incluíam-se outros elementos como facas, linhas, agulhas, cinzas, carvão, água, fogo, copos, garrafas, entre outros. O conhecimento adquirido ao longo do tempo, era repassado para gerações posteriores, amigos ou familiares.

Os saberes medicinais tinham por objetivo curar doenças e afastar as más energias, por meio de palavras milagrosas sussurradas pelos benzedores ou, ainda, por meio de chás, xaropes e pomadas.

Frasco de penicilina guardado como lembrança. Foto: Arquivo pessoal de Clarice Fontana.

Dentre tantas pessoas que aqui existiam, pode-se citar: Severino Colella, Joana Pereira, Sebastião da Silva (Bastião Prego), Dona Elvira Poter; parteiras: Catarina Zanella, Guilhermina Grando que também era "arrumadeira" de ossos, Fiora Piffer, Dona Ernestinha, Madalena Miotto, Lydia Toledo, Mística, entre outras.

Segundo relatos de moradores, existia um senhor conhecido como Boeira, residente no Centro da Vila. Conhecedor de muitas plantas medicinais, atuava como farmacêutico, encaminhando muitos pacientes para o conhecido farmacêutico de Água Santa, o Sr. Vino Pimentel. Em casos mais graves a população deslocava-se à Passo Fundo e, mais tarde, à Tapejara. *"Muitas dores de cabeça e*

outras comprava um Fontol ou Melhoral no comércio local e tomava..." complementa Neurí Dalsolio.

Sobre algumas medicações, Clarice Fontana, filha de Eliseu Fontana (em memória), descreve: *"Muitas pessoas eram tratadas com penicilina, uma injeção que era prescrita por médicos e aplicada pela vizinhança. Pensa num risco que corríamos, sem saber sobre as alergias e outros riscos"*.

Assis Sasset, de 97 anos (completados em agosto de 2023), antigo morador da Comunidade de Santa Catarina, citou: *"corte e feridas eram curadas com banha de porco, bem limpinha. Muitas dores e rendeduras, se tratava com benzimentos"*.

Os partos ocorriam em casa e era um evento considerado tipicamente feminino. Na cultura da época, durante o trabalho de parto, as mulheres eram assistidas por parentes, amigas e a parteira que possuía um maior conhecimento acerca da assistência a ser dada à parturiente.

Seu Assis Sasset ia buscar a parteira a cavalo. Ele relembrou: *"por ocasião do nascimento de uma das minhas filhas os rios estavam cheios e ainda não existiam as pontes. Encilhei o cavalo e me mandei buscar a parteira, pois minha esposa entrou em trabalho de parto durante a noite e a criança só nasceu por volta do meio-dia. Segundo a parteira da época (não lembrou o nome), teriam que escolher entre a vida da mãe e a criança. Precisou entrar com as mãos para retirar o bebê"*.

Serenita da Silva, filha de Lydia Toledo da Silva (parteira da Vila Santa Cecília e região). Foto: Arquivo pessoal de Serenita da Silva.

Serenita da Silva, de 76 anos, filha de Lydia Toledo da Silva (em memória), parteira na região, contou: *"ia junto com minha mãe desde pequena, ajudava arrumar as coisas que precisava: panos limpos, tesoura própria para cortar o umbigo, álcool para desinfectar. Ela era muito cuidadosa, queria tudo limpinho. Depois de tudo pronto, eu ficava brincando com as outras crianças, porque ela não deixava ninguém ficar lá no quarto. Nós era muito pobres, mas minha mãe nunca deixou de atender ninguém e não importava a hora, se de dia ou noite. Fez o parto de várias pessoas da família, também"*.

Dona Maria Santina Chaves concedeu o seguinte depoimento: *"aprendi a benzer com meu marido, pouco tempo antes de ele vir a óbito e ele aprendeu a benzer com a madrinha dele que morava em Francisco Beltrão, no Paraná. Benzia com a gaveta de cinzas de fogão, a pessoa colocava o pé dentro e com uma faca ia fazendo a simpatia, contornando o pé enquanto fazia uma oração. Após a morte dele, fiquei uns dois anos sem praticar. Eu não tinha coragem. Hoje benzo de cobreiro de aranha, picadas de animais, dores na coluna, dores de cabeça e ínguas"*, contou.

Maria Santina Chaves e esposo Dercil Chaves Sobrinho (em memória). Foto: Arquivo pessoal de Maria Santina Chaves.

2.4.3.2 Agentes voluntários da saúde

Há mais ou menos 35 anos foram organizados grupos de pessoas voluntárias para atender as comunidades, que possuíam o desejo de aprender cuidados básicos, sob a coordenação da Sra. Beatriz Kunkel, a qual possuía conhecimento na área da saúde alternativa.

Os cursos foram organizados e ministrados na cidade de Tapejara, em uma sala específica no Hospital Santo Antônio (HSA). Os aprendizes recebiam aulas técnicas quanto a punção na veia, verificação de pressão arterial, curativos simples e medicina alternativa por meio de plantas medicinais. Com esse conhecimento, atendiam as pessoas, ensinando-as a fazer chás e, até mesmo, encaminhamentos e acompanhamentos para o Posto de Saúde ou para o Hospital Santo Antônio.

2.4.3.3 Primeira Unidade de Saúde

No ano de 1982, na garagem da residência da Sra. Zenilde Tiepo, passou a funcionar uma pequena Unidade de Saúde (US), tendo como funcionária estadual, a Sra. Elza Felini Rodigheri, técnica em enfermagem. O primeiro médico que atendeu na Unidade de Saúde foi o Dr. Johnny Dorval Zoppas, seguido do Dr. Lincol Nardin e do Dr. Manfred Bauermann, uma vez por semana e com cerca de 60 atendimentos.

Primeira Unidade de Saúde de Santa Cecília. À esquerda, subprefeitura. Foto: Arquivo da Escola Municipal Duque de Caxias.

A medicação vinha via estado. Segundo a Sra. Zenilde, Elza exercia

diversas funções: atendimentos no posto, aplicação de vacinas, organização de arquivos, manutenção, limpeza e agendamento das consultas. Na época, também era distribuída alimentação para gestantes e puérperas.

Imagem da segunda enfermeira do Posto de Saúde, Clara Loss Azzolini, em atendimento. Foto: Arquivo pessoal de Clementina Deolinda Rampazzo.

Mais tarde, foi construído um pequeno prédio, onde hoje se encontra a atual Unidade de Saúde, com um corredor central, sala de espera, sala do médico e sala de vacina. Com móveis, o recinto era composto de macas antigas, cadeiras, mesas para o consultório e uma mesa para vacinas. Possuía, também, uma pequena geladeira para conservação das vacinas. Também atuou como enfermeira nesta unidade, a Sra. Clara Loss Azzolini.

Os horários de atendimento funcionavam das 8h às 11h da manhã e, à tarde, das 13h às 17h. Fora destes horários, caso necessário, deveriam deslocar-se até a cidade de Tapejara.

2.4.3.4 Criação da Secretaria da Saúde

Sob a Lei Municipal n.º 005, de 3 de janeiro de 2001, foi criada a Secretaria Municipal da Saúde e, em 31 de janeiro de 2004, foi inaugurada a sede da Unidade de Saúde, sendo o Sr. Lairton Seidler, o primeiro secretário.

Unidade de Saúde em 2004. Fonte: Arquivo pessoal de Neurí Dalsolio.

Placa de inauguração. Fonte: Arquivo da equipe do projeto do livro.

Em 13 de abril de 2018 foi inaugurada a ampliação e reforma da Unidade Básica de Saúde (UBS), com uma área de 565,71 m² de reforma e 443,42 m² de ampliação, tendo como secretária Laila Panisson.

Placa da ampliação e reforma da Unidade Básica de Saúde.
Fonte: Arquivo da equipe do projeto do livro.

Desde sua criação, diversas pessoas passaram pela secretaria atuando como secretários municipais:

- Administração 2001 a 2008 - Lairton Seidler, Nedio Cecchin e Nilvo Cecchin;
- Administração 2009 a 2012- Jusene Consoladora Peruzo, Leonardo Panisson e Rosmari Biasi;
- Administração 2013 a 2020 - Laila Panisson, Roberta Comparin, Silvio Posser, Alice Caroff Terres e Andreia Bardos;
- Administração 2021 a 2024 - Melania Pegoraro Silvestri.

No ano de 2021 foi iniciado o terceiro turno de atendimentos na Unidade de Saúde da Família (USF), permanecendo aberto das 7h30 às 20h, sem fechar ao meio-dia com atendimento médico. Também, foi realizada a implantação do Programa Primeira Infância Melhor (PIM) com os atendimentos iniciados no ano de 2022. No ano de 2023, a secretaria aderiu à Rede Bem Cuidar (RBC) que será iniciada no decorrer de 2024. Atualmente conta com 46 servidores.

Sede da atual Unidade de Saúde da Família (USF). Fonte: Arquivo da equipe do projeto do livro.

2.4.4 A trajetória da educação e da cultura

A Secretaria da Educação e Cultura foi criada através da Lei Municipal, n.º 005/2001, juntamente com a criação da estrutura administrativa. Os secretários que passaram por esta pasta, a contar de 2001 até o momento, foram: Marisonia Biasi da Silva Ribeiro, Iveth Baseggio, Noemia Capra (em memória), Leandro Biasi, Ledenir de Mello, Simone A. Miotto Mazaro, Dariana Miotto Panisson, Silvio Pozzer e, atualmente, Marta Zanatta Galina.

É importante ressaltar que, muito antes da criação da secretaria, já existia educação e ensino, conforme será evidenciado no decorrer desse capítulo.

2.4.4.1 Educação ontem e hoje

É de fundamental importância conhecer a história da educação escolar, pois considera-se a escola uma das instituições sociais mais importantes por possuir a função de mediação entre o indivíduo e a sociedade, transmitindo cultura, modelos sociais de comportamento e valores morais. A educação acompanha todos os estágios da evolução humana, desde a forma da educação primitiva, mais informal, até o modelo de educação ministrado atualmente.

No contexto histórico, o marco da educação no país ocorreu com a chegada dos jesuítas em 1549, quando, 15 dias após o desembarque na Bahia, começaram a construir a primeira instituição educativa em solo brasileiro, dirigida pelo estudante jesuíta Vicente Rodrigues, de apenas 21 anos, sendo este o primeiro mestre-escola do Brasil. É importante ressaltar que a construção deste primeiro prédio escolar foi feita pelas mãos dos jesuítas, que iam ao mato buscar madeira e faziam as taipas. O ensino elementar, estava baseado nas atividades de ler, escrever, contar e cantar.

A compreensão da missão evangelizadora pelos jesuítas, amparava-se em duas dimensões: ensinamento da religião católica, predominante na época e instrução dos índios. “Em 1759, com a expulsão dos jesuítas, passou a ser instituído o ensino público e laico, porém em 1772, houve a implantação oficial do ensino

público no Brasil" (Município de Vila Lângaro, p. 141).

Nas comunidades primitivas, a educação ocorria de uma maneira mais informal, visando um ensino das coisas mais práticas da vida coletiva, focada na sobrevivência, isto é, não havia uma educação confiada a uma instituição específica, pois ela ocorria espontaneamente, passada de boca em boca e, se alguma família possuía alguma posse, pagava alguém para ensinar as letras e números aos seus filhos.

Os primeiros colonizadores de Santa Cecília do Sul sentiram a necessidade de buscar acesso à educação de seus filhos e a primeira preocupação foi com as escolas. Conforme o relato da professora Francisca Biasi Ferronato, *"a primeira escola funcionou em frente à residência do Sr. Gilberto Felini, embaixo de uma árvore. Quando chovia, recolhiam-se na casa do professor"*.

Conforme o livro "Raízes e História de uma Comunidade" (p. 82 e p. 83), não havia prédio para a escola e, por um determinado período, ministravam as aulas em casas particulares. Normalmente, os professores eram pessoas do lugar, que dispusessem de tempo para instruir as crianças, sendo remunerados pelos próprios pais dos alunos. O primeiro professor foi o Sr. Borges. A Sra. Albertina Pacheco e o Sr. Bortolo Grando também lecionaram em suas residências.

A primeira escola mais organizada funcionou no recinto da primeira capela. Anos mais tarde, a sociedade se organizou e, com recursos próprios, no ano de 1937 construíram a escola onde, atualmente, encontra-se a garagem do Sr. Sergio Tieppo. Ainda, segundo o livro, constam pagamentos feitos aos carpinteiros Antônio Peruzzo, João Mezzomo e Caetano Tamagno.

Atualmente, o município conta com duas escolas: Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Duque de Caxias e Escola Estadual de Ensino Médio Belarmino Américo da Veiga.

Albertina Pacheco (em memória), esposo Laudelino Pacheco (em memória) e alguns netos. Foto: Arquivo pessoal de Loreni Pacheco.

Grupo Escolar Rural. Foto: Arquivo pessoal de Maria Girardi.

Grupo Escolar Rural. Foto: Arquivo pessoal de Maria Girardi.

2.4.4.2 Uma história para ficar na memória: Raízes da Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Duque de Caxias

A Escola Duque de Caxias iniciou sua história em meados do ano de 1950, na Comunidade de São Valentim, naquela época, pertencente ao Distrito de Vila Teixeira, Município de Passo Fundo.

A Comunidade começou a ser povoada há pelo menos 80 anos pelas famílias Pegoraro e Girardi, descendentes de imigrantes italianos que se instalaram neste local em busca de melhores condições de vida. Trabalhavam na lavoura, cultivando a terra fértil e dela retiravam o sustento para as famílias.

Com o passar do tempo, o aumento da família e o crescimento das crianças surgiu a necessidade de instruí-las a ler, escrever e contar. Estes conhecimentos eram ministrados pela pessoa considerada mais sábia e com maior conhecimento da época. As aulas começaram a acontecer na casa de Inácio Bandeira, conhecido como "Professor Moreno", que ministrava aulas gratuitas para os filhos dos pequenos agricultores que ali moravam.

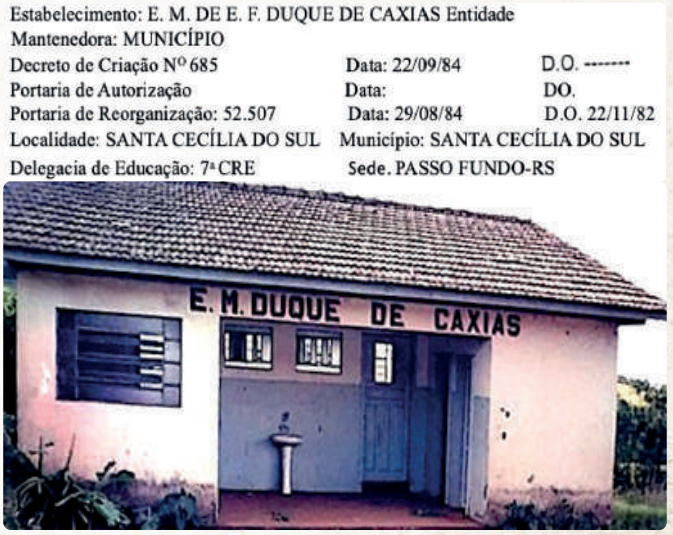
Aos poucos, percebeu-se a necessidade da construção de uma escola, possibilitando assim, um espaço destinado apenas ao ensino das crianças. O terreno para a construção da escola foi doado pelo Sr. Artur Pegoraro. A escola construída possuía uma sala de aula. A água era puxada a baldes do poço de uma casa próxima da escola.

Com a construção da escola, foi contratada a professora Carmelinda Dal'Pinzol para ministrar as aulas. Era administrada pela Secretaria de Educação de Passo Fundo. Como os professores pertenciam a outras comunidades, durante o período letivo moravam nas casas das famílias que possuíam os filhos na escola.

A escola funcionava em um só turno com classes multisseriadas de 1ª a 5ª série com, até, 50 alunos. Não havia transporte e os estudantes percorriam até oito quilômetros a pé para chegar à escola. Não havia merenda escolar e cada criança devia levar o seu lanche.

O Sr. Artur Pegoraro arrendou um terreno para a escola a fim de ser cultivado. O dinheiro recebido pela venda dos produtos era administrado pelo professor que comprava o que precisava para a manutenção da escola, pois esta não recebia auxílio da administração municipal.

A maneira de ensinar era muito diferente dos tempos atuais. O professor era autoritário e usava, muitas vezes, castigos físicos (ajoelhar-se em grãos de milho, palmatória, reguada nas mãos) como forma de punição para aqueles que não levavam a aula a sério. Os exames finais eram elaborados pela Secretaria da Educação e outros professores vinham aplicá-lo. Lecionaram também nesta escola as Sras. Terezinha e Iria Baroni.


Estabelecimento: E. M. DE E. F. DUQUE DE CAXIAS Entidade Mantenedora: MUNICÍPIO
Decreto de Criação Nº 685 Data: 22/09/84 D.O. -------
Portaria de Autorização Data: DO.
Portaria de Reorganização: 52.507 Data: 29/08/84 D.O. 22/11/82
Localidade: SANTA CECÍLIA DO SUL Município: SANTA CECÍLIA DO SUL
Delegacia de Educação: 7ª CRE Sede. PASSO FUNDO-RS

Escola Municipal Duque de Caxias Foto: Arquivo pessoal de Genecilda Silvestri.

Com a emancipação do Município de Tapejara, em 9 de agosto de 1955, a educação tomou novos rumos e passou a ser acompanhada pela Secretaria Municipal de Educação.

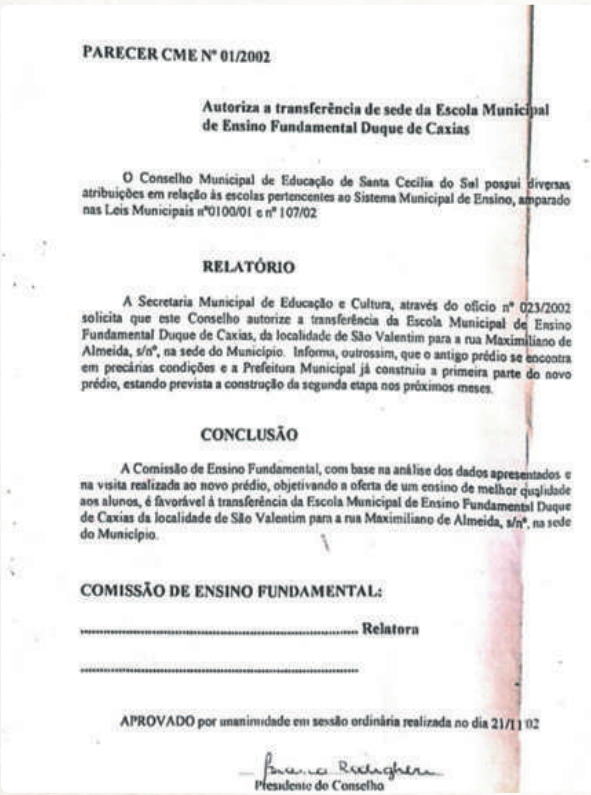
A precariedade do antigo prédio escolar fez com que a administração construísse as chamadas "Brizolinhas", denominação que se deu, na época, do governo de Leonel Brizola. Possuía uma sala de aula, dois banheiros e uma área.

Esta nova estrutura foi construída em frente à Capela de São Valentim e o terreno também foi doado pelo Sr. Artur Pegoraro. Anos mais tarde, com a distribuição da merenda, enviada pelo governo federal, foi construída uma cozinha e adquirido fogão a gás, pia e acessórios necessários para que o professor pudesse, além de lecionar, fazer também o lanche para as crianças. Os alunos auxiliavam nas tarefas de limpeza e organização dos espaços escolares.

Com o aumento do número de alunos, a escola passou a funcionar em dois turnos. Em 14 de outubro de 1964, reuniram-se pais e professores para a escolha do nome da escola, que passou a ser chamada de Escola Municipal Duque de Caxias. A origem do nome acredita-se que seja em homenagem ao personagem histórico Duque de Caxias.

Lecionaram nesta escola as professoras: Darci Ribeiro, Dirce Cauduro, Tercila Silvestri, Marlen Borges, Alzira Pegoraro e Genecilda Silvestri.

Em 2001, a escola continuava a funcionar na Comunidade de São Valentim.



PARECER CME Nº 01/2002

Autoriza a transferência de sede da Escola Municipal de Ensino Fundamental Duque de Caxias

O Conselho Municipal de Educação de Santa Cecília do Sul possui diversas atribuições em relação às escolas pertencentes ao Sistema Municipal de Ensino, amparado nas Leis Municipais nº0100/01 e nº 107/02

RELATÓRIO

A Secretaria Municipal de Educação e Cultura, através do ofício nº 023/2002 solicita que este Conselho autorize a transferência da Escola Municipal de Ensino Fundamental Duque de Caxias, da localidade de São Valentim para a rua Maximiliano de Almeida, s/nº, na sede do Município. Informa, outrossim, que o antigo prédio se encontra em precárias condições e a Prefeitura Municipal já construiu a primeira parte do novo prédio, estando prevista a construção da segunda etapa nos próximos meses.

CONCLUSÃO

A Comissão de Ensino Fundamental, com base na análise dos dados apresentados e na visita realizada ao novo prédio, objetivando a oferta de um ensino de melhor qualidade aos alunos, é favorável à transferência da Escola Municipal de Ensino Fundamental Duque de Caxias da localidade de São Valentim para a rua Maximiliano de Almeida, s/nº, na sede do Município.

COMISSÃO DE ENSINO FUNDAMENTAL:

..... **Relatora**

.....

APROVADO por unanimidade em sessão ordinária realizada no dia 21/1 02

Presidente do Conselho

Parecer de transferência de Sede da Escola da zona rural para a urbana. Fonte: Arquivo da Escola Duque de Caxias.

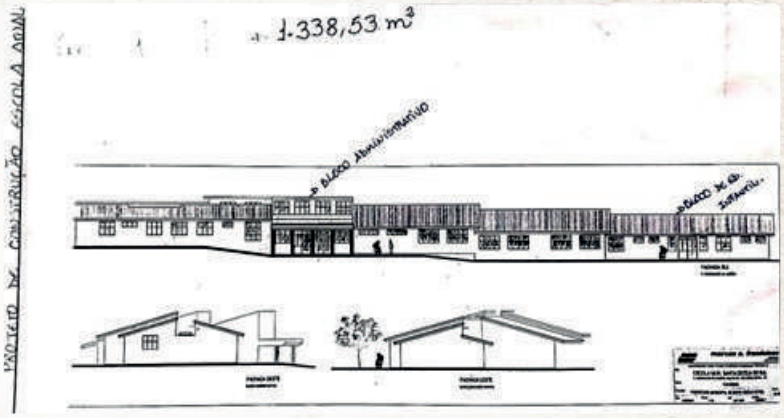


Imagem do projeto de construção da nova escola. Fonte: Arquivo da Escola Duque de Caxias.

Dia da medição do terreno para a construção da nova. Fonte: Arquivo da Escola Duque de Caxias.

Construção de uma parte da escola. Fonte: Arquivo da Escola Duque de Caxias.

Com a emancipação do Município de Santa Cecília do Sul, houve a necessidade de reestruturação do ensino. No ano de 2002, após muitas batalhas, a Escola Municipal Duque de Caxias foi transferida para a Sede do Município, oferecendo, assim, ensino da pré-escola ao 5º ano. Por falta de espaço físico, as aulas aconteciam no salão comunitário da cidade, nas salas da catequese. Neste mesmo ano iniciou-se a construção da nova escola.

Em meados de agosto de 2002, as aulas passaram a acontecer na nova escola, que ainda não possuía a estrutura total pronta. Com o passar dos anos, foram ampliadas as estruturas do prédio para suprir a demanda de alunos, que aumentava gradativamente.

Com o passar dos anos, surgiu a necessidade de criar uma escola de educação infantil. Então, no ano de 2017, iniciou-se a construção de um novo espaço, vinculado à escola de ensino fundamental, para atender os alunos da educação infantil. No ano de 2022 foi ampliado o atendimento para a turma de dois anos (Maternal II).

Fonte: Arquivo da Escola Duque de Caxias.

Atualmente, a escola atende 270 alunos do Maternal II ao 9º ano do Ensino Fundamental em dois turnos. Além disso, a escola conta com uma diretora, uma coordenadora do Ensino Fundamental e uma da Educação Infantil, 24 professores, duas monitoras, uma secretária, uma psicóloga, duas cozinheiras e três serventes de escola.

Fonte: Arquivo da Escola Duque de Caxias.

Todos os dados e imagens foram retirados de arquivos da Escola Duque de Caxias e arquivos pessoais das professoras Genecilda Silvestri e Adelides Teresinha Lara Piffer.

2.4.4.3 Escola Belarmino Américo da Veiga

Para contar a história da Escola Belarmino Américo da Veiga, precisamos começar pela história de quem lhe deu nome.

Belarmino Américo da Veiga (em memória) nasceu em Lagoa Vermelha em 1885. Filho de Manuel Justino da Veiga e de Balbina Maria de Jesus (ambos em memória). Em 1912 casou-se com Jerônima Lopes da Fontoura (em memória) e fixou-se em Santa Cecília, juntamente com seu pai, na fazenda da família. Teve quatro filhos: Inês, Francisco, Ignácio e Mário.

Belarmino Américo da Veiga. Foto: Arquivo pessoal da sua neta, Sra. Neusa da Veiga.

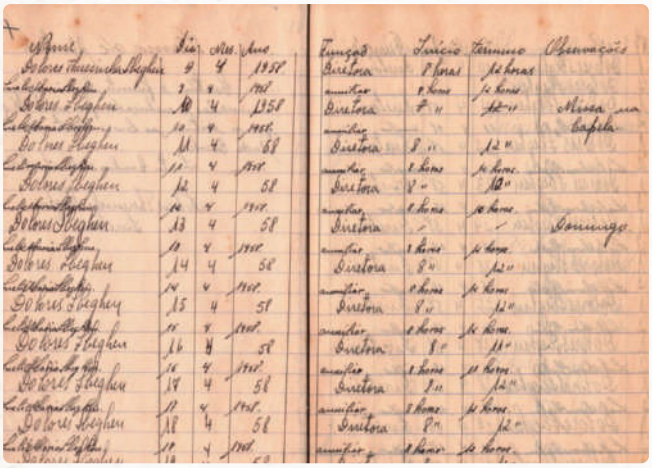
Consciente da responsabilidade de todo pai para com os filhos, no que diz respeito à educação e instrução, internou-os em um colégio religioso em Sananduva, para onde transferiu residência, aproximadamente pelo ano de 1922. Um ano depois da morte do seu pai, Belarmino foi obrigado a voltar para assumir os trabalhos da fazenda, residindo definitivamente em Santa Cecília.

No intuito de dar continuidade aos estudos dos filhos, contratou uma professora particular, a Sra. Albertina Pacheco. Com a notícia, outras famílias demonstraram interesse em juntar-se às aulas. Belarmino, liderando um grupo, do qual se destacou na colaboração os Srs. Amadeu Pelissoni e Alexandre Pegoraro, o primeiro ferreiro e o segundo comerciante, transferiram a escola da residência de Belarmino para o prédio da igreja. Era a semente da primeira escola que germinava.

Para substituir a professora Albertina Pacheco, as famílias da comunidade contrataram o professor José Lucio Borges, que recebeu do Sr. Belarmino uma casa para morar e terras para plantar. Em 1930, com 43 anos, Belarmino Américo da Veiga faleceu.

Em 11 de dezembro de 1958 a escola teve seu Decreto de Criação autorizado pelo Conselho Estadual de Educação n.º 8.644. Em homenagem ao trabalho altruísta do Sr. Belarmino, em 21 de setembro de 1976, a então Escola Rural de Santa Cecília, passou a se chamar Escola Estadual de 1º Grau Incompleto Belarmino Américo da Veiga.

Escola Rural Santa Cecília. Foto: Arquivo pessoal de Maria Girardi.



Livro ponto de 1958. Foto: Arquivo da Escola Belarmino Américo da Veiga.

Ao longo dos anos, a escola passou por várias reorganizações de funcionamento, mudando, ao longo desse período, os cursos oferecidos. A última transformação foi em 12 de janeiro de 2007, que possibilitou que, em 18 de abril de 2007, a escola passasse a ofertar o ensino médio.

Imagens da Escola Estadual de 1º Grau Incompleto Belarmino Américo da Veiga. Foto: Arquivo da Escola Belarmino Américo da Veiga.

Em entrevista realizada com o professor Ildo Lamb, que trabalhou por 16 anos na escola Belarmino, começando em 30 de março de 1980 até o final de 1996, ele relatou: *"... quando cheguei em Santa Cecília passei a criar laços de amizade com os moradores do local. Eu era o único professor homem na escola Belarmino. Ajudei a desmanchar a antiga escola que ficava onde hoje é a Rua Maximiliano de Almeida e construíram uma brizoleta onde hoje é a atual. O terreno total media 2,5 ha e havia uma horta comunitária. Fui criando vínculos muito fortes com os alunos e, aos poucos, fomos nos organizando para o plantio. Os alunos conseguiram uma carroça para transportar adubo e insumos, preparando o solo para o cultivo de verduras. Em virtude desta horta, consegui organizar uma viagem para Porto Alegre, fomos eu, os alunos e alguns professores. Era a primeira excursão da escola. Confesso que quando cheguei na capital, bateu um desespero, um medo de perder os alunos e os fiz agarrar em minha cinta para não se perderem. Era uma responsabilidade e tanto"*, lembrou o professor.

1ª excursão dos alunos da Escola Belarmino Américo da Veiga a Porto Alegre. Foto: Arquivo pessoal do professor Ildo Lamb.

Professor Ildo com seus colegas de trabalho. Foto: Arquivo pessoal do professor Ildo Lamb

Ildo, ainda contou que a segunda excursão que organizou foi para Balneário Camboriú-SC. *"A pousada era perto da Igreja Redonda, que usei como referência, caso algum aluno se perdesse. No final de 1996, me exonerei do cargo, para assumir como vice-prefeito em Tapejara"*.

Imagem atual da Escola Estadual de Ensino Médio Belarmino Américo da Veiga, tirada em 2023. Foto: Arquivo da Escola Belarmino Américo da Veiga.

Pela escola passaram inúmeros professores, funcionários e alunos, cada um com sua maneira, escrevendo a sua história. Algumas registradas em atas, outras em livro ponto, sem contar as registradas em fotos. Também, tem aquelas que ficam guardadas na imaginação de quem passou por uma escola; o perfume da professora, o sabor da merenda, o cheiro da prova do mimeógrafo, as amizades, as brincadeiras, as brigas na hora do recreio e tantas outras lembranças que ficam gravadas na memória e na vida de cada um.

Imagem de um mimeógrafo: Fonte: Site Olhar Digital.

2.4.4.4 Símbolos municipais

2.4.4.4.1 Brasão Municipal

O Brasão Municipal foi instituído sob Lei Municipal, n.º 043, de 9 de abril de 2001, com as seguintes características:

• O escudo adotado para representar o Brasão de armas é originário da Itália, como memória de uma das raças colonizadoras e formadora de nossa nacionalidade.

• A coroa que sobrepõe, formada de quatro torres, classifica a cidade na terceira grandeza, ou seja, a sede do município.

• O branco, símbolo da paz, amizade, integração, trabalho e harmonia da comunidade.

• O terrado verde lembra as montanhas que marcam a geografia deste local. Apresenta a cascata do Rio Santo Antônio, principal rio que corta o município. Além disso, significa a força do trabalho dos agricultores e colonizadores desta terra.

• Em campo de vermelho está representado o sol, fazendo lembrar a realeza,

celebridade, esplendor, força, riqueza e soberania.

• À esquerda, o gado bovino, representativo da bacia leiteira e toda a produção colonial e agroindustrial. À direita, frango de corte, um dos mais dinâmicos setores produtivos do Estado e, também, do município.

• Como ornamento exterior, os galhos representando os principais produtos oriundos da terra fértil: o milho, símbolo da colonização e a soja, um dos mais destacados setores produtivos da região.

• Listel vermelho, letras em branco, o lema: "SANTA CECÍLIA DO SUL, 16/04/1996", dia, mês e ano da emancipação política do município.

Figura 12: Brasão Municipal. Fonte: arquivo do município.

2.4.4.4.2 Bandeira Municipal

Instituída sob Lei Municipal, n.º 042, de 9 de abril de 2001, a Bandeira Municipal possui como cores oficiais o verde, o branco e o amarelo, compondo-se de três panos e inspirada no formato da Bandeira do Rio Grande do Sul e as cores da Bandeira do Brasil, Itália e Portugal, representando:

• Verde, símbolo de honra, civilidade, cortesia, abundância e esperança. Lembra as montanhas e os campos verdejantes, fazendo esperar copiosas colheitas.

• Branco, símbolo da paz, amizade, integração, trabalho e harmonia na comunidade.

• Amarelo, símbolo da realeza, celebridade, esplendor, mando, força e riqueza.

Figura 13: Bandeira Municipal. Fonte: Site da Prefeitura Municipal de Santa Cecília do Sul.

2.4.4.4.3 Como surgiu o Hino Municipal?

O constante progresso do município, sua natureza exuberante retratada nos rios e cachoeiras, somado à riqueza histórica e cultural de pessoas que, com coragem e bravura, transformaram este espaço, despertou a necessidade de Santa Cecília do Sul ter seu próprio Hino Municipal. Com esse anseio, em 2016 aproveitou-se a oportunidade em que o músico e compositor, Ervan Silveira estava trabalhando como professor regente do Coral da Terceira Idade do município e atribuiu-lhe esse desafio.

Para fazer essa composição musical foram feitas pesquisas em arquivos históricos, registros e livros, mas isso não bastava. Surgiu a ideia de entrevistar os próprios integrantes do Grupo da Terceira Idade, a fim de resgatar as histórias guardadas na lembrança, essas passadas de gerações em gerações e descrever, em poucas palavras e numa melodia única, a história de Santa Cecília do Sul. E, nas palavras de Ervan Silveira, assim foi descrito:

"Entre as matas de angico e pinheiro
A esperança de um povo idôneo
Nasce o sol com pujança e mais brilho
Sob as margens do Rio Santo Antônio..."

A estrofe acima, conforme pesquisas de arquivos históricos, em 1688 os indígenas Coroados já habitavam esta região. Esses povos indígenas, sendo os primeiros habitantes a cruzarem por esse local, demonstraram interesse pela imensa riqueza natural, cachoeiras e rios, da área de pinheiro Araucária e mata nativa, como o Angico. O belíssimo Rio Santo Antônio, que orgulha seus filhos com sua força e seu majestoso brilho, não poderia ficar de fora do hino. O batismo deste grande rio, que nasce no município de Ciríaco e que percorre as propriedades rurais, cortando as terras cecilienses, desce até encontrar o Rio Ligeiro, é tão antigo quanto a própria localidade. Não se sabe quando ele obteve esse nome.

"...Da fazenda se fez povoado
Despertando imigrantes famílias
Paiol Grande foi abençoado
Pela imagem de Santa Cecília"

Nessas frases, é descrito que todas essas terras faziam parte da Fazenda Santa Cecília, propriedade do argentino Ramón Rico, de Buenos Aires, que batizou a fazenda com esse nome em homenagem à sua esposa, Cecília. Em 1920, deixou de ser fazenda e houve o início da colonização com a chegada dos imigrantes italianos provenientes das antigas colônias de Caxias do Sul, Antônio Prado, Veranópolis e Bento Gonçalves. Com isso, teve o nome de Paiol Grande porque já havia, no centro da vila, um grande galpão que servia de pousada para os tropeiros de mulas e gado que passavam nessa época.

"Imponente pela terra fértil
Faz brotar a sublime riqueza..."

Nessa parte do hino, homenageiam-se os agricultores e pecuaristas que fazem da terra seu meio de sustento. Nela, dá-se referência à importância da agricultura, da pecuária e da riqueza do campo, contribuindo fundamentalmente com o desenvolvimento de Santa Cecília do Sul.

"...No espelho do véu das cachoeiras
Presenteadas pela natureza..."

Neste trecho da letra, destacam-se as belíssimas cachoeiras do município, como a Cachoeira do Rio Santo Antônio, Cachoeira do Rio Vespeira e Cachoeira Várzea Bonita, conhecidas regionalmente.

"...Desbravadas por mãos calejadas
Hoje é honra de um povo gentil..."

Aqui é destacada, a importância das pessoas no município, desde a descoberta, a colonização, a luta pela emancipação, do orgulho dos munícipes e a glória de seu povo em viver nesta terra, digna e ordeira.

"...És bandeira em desenvolvimento
Tremulando no sul do Brasil"

Esse último verso exalta o futuro promissor, almejando sempre o desenvolvimento e o progresso, na esperança que está nas mãos das crianças e jovens cecilienses, que carregam, por onde estiverem, o orgulho de serem desta terra.

"Dos seus filhos, és orgulho
Verdes campos, céu azul
És progresso, luta e glória
Santa Cecília do Sul".

O refrão do Hino Municipal, finalmente, define Santa Cecília do Sul em todos os tempos, em resumo no seu passado, presente e futuro, valorizando sempre o principal patrimônio municipal: as pessoas, seus habitantes, que fazem essa terra ser soberana e amada a cada dia.

O Hino Municipal de Santa Cecília do Sul foi aprovado por unanimidade na Câmara de Vereadores, oficializado pela Lei Municipal n.º 859 em 28 de novembro de 2017.

2.4.4.5 Soberanas

Entre as diferentes tradições presentes no Município de Santa Cecília do Sul está a escolha da corte de Soberanas. Presente desde o ano de 2001, as escolhas ocorrem, geralmente, a cada dois anos, com provas teóricas como redação e provas práticas como desfile e entrevista.

Além de representar a beleza, simpatia e humildade do povo ceciliense, cabe às eleitas a tarefa de representar o município em suas festividades, eventos oficiais, além de divulgar os mesmos em outros municípios e, até, em visitas ao governador do Estado do RS.

As cortes escolhidas no decorrer dos anos foram:

Período	Rainha	1ª Princesa	2ª Princesa
2001 - 2003	Aline Slaviero	Giséli Tres	Rubia Caumo
2003 - 2005	Angela Elisa Zotti	Monica Girardi	Rosana Bardos
2005 - 2007	Aline Pires de Lima	Rosineis da Rosa	Juliana Mazaro
2007 - 2009	Ingridy Albuquerque	Ana Mara Vargem	Cristiane Panisson Cecchin
2009 - 2014	Edinaura Mendes dos Santos	Vanuza Concolato	Letícia Zanatta
2014 - 2016	Julia Biasi Fonseca	Fernanda Telles	Catia Balbinot
2016 - 2018	Leila Zanatta	Camila Sasset	Gabriela Girardi da Silva
2018 - 2020	Ana Carolina Gratieri Panisson	Ana Caroline Piffer	Raquel Cerezoli
2020 - 2023	Andressa Três da Silva	Eduarda Scariot Bogoni	Ana Julia Fontana
2023 - 2025	Gabrieli Panisson	Nicolle Marsiglio	Lunara de Camargo Giacomin

Atual corte de Soberanas. Da esquerda para a direita: 1ª Princesa, Nicolle Marsiglio; Rainha, Gabrieli Panisson e 2ª Princesa, Lunara de Camargo Giacomin. Foto: Elias Nunes.

2.4.5 Secretaria de Agricultura

A Secretaria de Agricultura foi criada em 3 de janeiro de 2001. Atendia, inicialmente, junto à sede da prefeitura e, logo após, no prédio da garagem até o ano de 2012, juntamente com as Secretarias de Obras e Serviços Urbanos, conforme foto ao lado.

No ano de 2013, a secretaria mudou-se para um imóvel alugado, junto com a Emater e, a partir de 2021, está onde hoje é o seu atual endereço, mais amplo e centralizando o trabalho da secretaria.

Antiga sede da Secretaria de Agricultura. Foto: Arquivo da Secretaria de Agricultura.

Nova sede da secretaria. Foto: Arquivo da Secretaria de Agricultura.

Desde sua criação, o primeiro secretário foi o Sr. Celso Cecchin (em memória), seguido dos Srs. Valdomiro Giacomin, Dionathan Pegoraro, Thiago Girardi, Celso Slaveiro, Adair Pegoraro, Nilson Panisson e, atualmente, Vagner Luiz Cerezoli.

A referida secretaria sempre buscou desempenhar os trabalhos especificamente voltados à agricultura e meio ambiente, tais como: terraplanagem, serviços de lavoura, açudes, cascalhamento nos arredores de galpões e estrebarias, limpeza de aviários, aquisições de equipamentos destinados aos grupos de agricultores, assim denominado "Patrulha Agrícola", a exemplo de repasse/concessão de trator, roçadeira, carroção, ensiladeira, dentre outros.

Além destes serviços, atualmente a secretaria dispõe de outras ações e programas, tais como: Agro Mais Limpeza de Lavoura; Agro Mais Silagem; Fruticulturas; Tecnologia no Campo; Agricultura de Precisão; Energia Solar; Georreferenciamento; Aquisição de Equipamentos; Mais Leite Inverno e Mais Leite Verão; Planagem de Aviários e Galpões gratuitas; BTI Borrachudos; Repovoamentos de Rios e Riachos; Seminários e Programa Avançar.

O município é essencialmente agrícola, tendo aproximadamente 680 propriedades rurais de pequeno e grande porte, das quais originam 94% da renda, sendo a produção de grãos, frango e leite as principais atividades agrícolas no município.

2.4.5.1 Emater

No dia 15 de abril de 2001, o Município de Santa Cecília do Sul passou a contar com um Escritório Municipal da Emater/RS-Ascar. A inauguração ocorreu às

11h, com a presença do então presidente da Instituição, Lino De David, do prefeito da época, Neurí Dalsolio, tendo como chefe do Escritório da Emater/RS Luiz Fernando Pontel de Oliveira. Nesse ano, o município contava com 1,7 mil habitantes e sua economia era, essencialmente, agrícola.

Inauguração da Emater/RS-Ascar em 15/4/2001. Na foto, da esquerda para a direita: prefeito, Neurí Dalsolio e Lino De David, presidente da Instituição. Foto: Arquivo de Izar Teresinha da Fonseca Canal.

Da esquerda para a direita: Izar Teresinha da Fonseca Canal, extensionista da Emater/ RS, Celso Cecchin, secretário da Agricultura (em memória), Luis Fernando Pontel de Oliveira, chefe do escritório e Lino de David. Foto: Arquivo de Izar Teresinha da Fonseca Canal.

Hoje, Santa Cecília do Sul conta com um total de 1.655 habitantes no meio rural e urbano. A Emater conta com dois extensionistas, Sidnei Bacchi, chefe do escritório e Izar Teresinha da Fonseca Canal, na área social, que fazem assistência técnica rural e social a 550 famílias, assistindo aproximadamente 1.300 pessoas.

Segunda sede do escritório. Foto: Arquivo de Izar Teresinha da Fonseca Canal.

2.4.6 A construção histórica da assistência social no município

A assistência social no Brasil tem sua origem histórica baseada na caridade e na solidariedade religiosa, transitando entre a benevolência das pessoas para um sistema único no país que hoje garante o direito à proteção social para todos os cidadãos que dela precisarem.

Os registros e relatos coletados no decorrer das entrevistas contam que a ajuda e acolhimento sempre fizeram parte do povo de Santa Cecília do Sul, antes mesmo de existirem ações propriamente ditas da Política de Assistência Social no município, pois as necessidades básicas/mínimas das pessoas e famílias que residiam nestas terras eram atendidas pela ajuda e doação dos próprios vizinhos e moradores.

Os apontamentos mais recorrentes tratam-se das décadas de 60 e 70, onde estas pessoas, que residiam sozinhas ou com familiares, evidenciavam situações de vulnerabilidade social em suas diversas expressões, seja econômica, habitacional, baixa escolaridade, dificuldade de inserção no mercado de trabalho, insegurança alimentar e de agasalhos/roupas, ficando, estes, à mercê das doações ou da troca de alimentos por alguns pequenos serviços, a exemplo de cortar lenha, capinar lotes ou demais terrenos.

As informações apontam que eram famílias advindas de diferentes locais, que fixaram residência aqui, e, conforme os relatos trazidos, tratavam-se de pessoas supostamente analfabetas, com alguns tipos de deficiências, desprovidas de moradia digna e renda, assim como muito conhecidas na época e lembradas nas entrevistas: Miguel Vieira "Miguel Picareta", Joana, Otávio Fagundes "Tabunda", Tereza e "os Mudinho", dentre outros que serão retomados em capítulo posterior devido serem personagens populares que muito foram ajudados e mencionados.

Em meados do ano de 1999, também decidiu-se dar mais atenção aos idosos do município. Desta forma, uma equipe foi em busca de conhecimento para a criação do Grupo da Terceira Idade, cujas informações serão trazidas especificamente em capítulo à frente.

Além disso, neste período, realizava-se a campanha do agasalho, construção de unidades habitacionais, encaminhamento para documentação civil, distribuição de cestas básicas, leite e fralda, onde tais ações eram coordenadas pela primeira-dama que atendia numa sala junto à Secretaria da Saúde, uma vez que não havia assistente social, bem como recursos específicos à área.

Cabe destacar que, no âmbito nacional, a concepção de assistência social passou da caridade e doação para uma Política Pública a partir da Constituição Federal de 1988, onde foi assegurada como direito e destinada a quem dela necessitar, sem a necessidade de contribuição prévia. As ações de voluntariado realizadas desde a Legião Brasileira de Assistência (LBA) com a atuação das primeiras-damas também foram de suma importância nessa construção histórica, atendendo, assim, as pessoas e famílias vulneráveis da época, embora distante uma política de proteção social, com ações continuadas e padronizadas.

Nos anos seguintes à Constituição Federal, muitos avanços legais foram efetivados, como a criação da Política Nacional de Assistência Social (PNAS) em 1998, a Tipificação Nacional dos Serviços Socioassistenciais em 2009, a regulamentação do Sistema Único de Assistência Social em 2011, dentre outras normativas. Foi o início de um movimento que repercutiu nos municípios, de estruturação e profissionalização da assistência social, onde foram revistas as práticas, até então executadas e adequando-se assim às novas legislações, sendo que algumas ações passaram a não fazer mais parte do que hoje se entende por assistência social.

Tomando forma, pelo viés de Política Pública, conforme mencionado acima, no ano de 2011 o município criou o Departamento de Assistência Social dentro da Secretaria da Saúde, o qual funcionava junto a uma sala térrea da Unidade Básica de Saúde (UBS), contando com dois profissionais que trabalhavam com ênfase no Cadastro Único e atividades grupais, a exemplo das famílias do Programa Bolsa Família e gestantes.

2.4.6.1 Criação da Secretaria Municipal da Habitação e Assistência Social e implantação do CRAS

No ano de 2013 foi criada a Secretaria Municipal da Habitação e Assistência Social, passando a atender em espaço mais amplo, embora alugado, e dispondo de mais profissionais como psicóloga, oficineira e secretária, sendo, então, implantado também neste ano o Centro de Referência de Assistência Social (CRAS).

Imóvel alugado onde o CRAS atendeu a maior parte após sua criação. A parte térrea era utilizada pelos técnicos e demais da equipe e, a parte superior, como sala de grupo. Foto: Arquivo do Cras da Prefeitura Municipal de Santa Cecília do Sul.

Desta forma, ampliaram-se as ações, serviços e programas, passando a ser ofertados grupos do serviço de Proteção e Atendimento Integral à Família (PAIF); grupos do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV) para crianças e oficina de Banda Marcial. Em virtude deste espaço

ser maior, foi possível contar com sala de grupos, recepção, sala de atendimento, sala da equipe técnica e Cadastro Único, além de sala separada para a Secretaria da Habitação e Assistência Social, tendo como primeira secretária, a Sra. Flavia Pegoraro, seguida das Sras. Ledenir de Mello, Thais Cristina de Lima e, atualmente, Rubia Caumo Crespi.

No início de 2021, a assistência social deu mais um passo importante e necessário na sua forma de organização conforme as normativas vigentes da Política Nacional, sendo aprovada a Lei n.º 993/2021 de Regulamentação do Sistema Único de Assistência Social (SUAS) de Santa Cecília do Sul. Ainda, neste ano, foi feita a aquisição de um veículo zero quilômetro, bem como, em agosto do mesmo ano, foi inaugurado a estrutura própria do novo CRAS, o qual atende as famílias em situações de vulnerabilidade com ênfase no PAIF (atendimentos particularizados e grupal) além dos grupos do SCFV para crianças de seis a 12 anos, adolescentes e idosos.

Houve, também, a estruturação da equipe que passou a contar com assistente social, psicólogo, coordenador, orientador social, recepcionista, entrevistadora do Cadastro Único, auxiliar de limpeza e oficineiras de artesanato e artes marciais, conforme prevê a legislação sobre as equipes necessárias ao funcionamento do CRAS.

Mesmo em meio a pandemia, 2021 foi um ano de muitos avanços e fortalecimento das ações, sendo também reorganizada a Secretaria da Habitação e Assistência Social, a qual foi desvinculada do CRAS, passando a atender em sala alugada, localizada em frente ao CRAS, distinguindo, assim, a função da gestão e incorporando outras ações e projetos da área como intersetoriais, para além dos serviços ofertados no CRAS, a exemplo do Grupo da Terceira Idade, Coral, Oficinas de Gaita e Violão, Projeto de Educação a Idosos "Retomando Aprendizados", Projeto de Resgate Histórico e Cultural de Santa Cecília do Sul, bem como a Campanha do Agasalho, cursos profissionalizantes e construção/reforma de unidades habitacionais.

Estas mudanças e conquistas fizeram com que a assistência social pudesse sair da lógica da caridade e efetivar-se enquanto direito do cidadão, fortalecendo a cada dia o trabalho social, preventivo, protetivo e proativo frente às demandas vivenciadas pelas famílias cecilienses, onde a família é o núcleo fundamental para a efetividade de todas as ações e serviços da PNAS, bem como o território

Novo Cras, inaugurado em 2021. Foto: Arquivo do Cras da Prefeitura Municipal de Santa Cecília do Sul.

em que vive.

Mesmo com tantas adversidades ao longo da história, os avanços e as melhorias foram inúmeras na área, ainda que se depara com numerosos desafios. Foram criadas leis, políticas e um sistema único para que a assistência social saísse do campo de benevolência e garantisse o direito do cidadão. Estas conquistas precisam ser mantidas e melhoradas para os próximos anos e para as próximas gerações; e, para isso acontecer, os profissionais que trabalham diretamente com esta área devem continuar lutando por elas.

2.4.7 Secretaria de Turismo e Esporte

A Secretaria de Turismo e Esporte foi criada através da Lei Municipal n.º 987 em janeiro de 2021, sendo a mais recente secretaria criada objetivando alavancar o desenvolvimento do turismo e do esporte de Santa Cecília do Sul.

Desde sua criação, o primeiro e atual secretário é Cleiton Guilherme Pegoraro e conta com a colaboração do coordenador Marcelo Rodrigues da Silva, atendendo em imóvel alugado na Rua Porto Alegre, n° 774, centro.

Apesar de sua recente criação, diversas são as atividades desenvolvidas a âmbito municipal e regional, tais como: escolinha de futsal, que atende semanalmente crianças de seis a 15 anos; campeonato de bocha e campeonatos municipais aberto de futsal nas categorias livre, veterano e feminino; realização do 1° e do 2° Pedal em 2022, em parceria com o SESC, grupo de ciclistas e trilheiros do município e realização de passeios turísticos, tendo como principal atração as cachoeiras que são destaques no turismo regional frente ao potencial turístico de Santa Cecília do Sul.

Além do conhecido Rio Santo Antônio ser marca histórica de Santa Cecília do Sul, estima-se mais de 15 cachoeiras existentes e praticamente todas em propriedades privadas, que evidenciam as belezas naturais do lugar.

Atual instalação da secretaria. Foto: Arquivo da equipe do projeto do livro.

2.4.8 Secretaria de Obras e Viação

A Secretaria de Obras e Viação foi criada através da Lei Municipal, n.º 005/2001, onde, inicialmente, atendia junto a parte térrea da prefeitura e, logo após, foi construído, junto ao pátio de máquinas, um pavilhão para os mesmos.

Foto: Arquivo da Prefeitura Municipal de Santa Cecília do Sul.

Após a emancipação, a Secretaria de Obras iniciou os trabalhos com uma patrola e dois caminhões cedidos pela Prefeitura Municipal de Tapejara, um caminhão cedido pela Prefeitura Municipal de Ibiaçá e, outro, da Prefeitura Municipal de Água Santa. Gradativamente foi adquirido novas máquinas e, assim, montando a frota de veículos para prestar os serviços aos munícipes.

Ato de entrega da primeira retroescavadeira adquirida pelo município. Da esquerda para a direita: Ari Rampazzo, prefeito Neurí Dalsolio, secretário de Obras, Neuri João Caumo e o operador José de Morais. Foto: Arquivo da Prefeitura Municipal de Santa Cecília do Sul.

O primeiro secretário foi o Sr. Neuri João Caumo (em memória), seguido dos Srs. Ildo Pegoraro (em memória), Ari Rampazzo (em memória), Ovídio Capra, Luciano Gratieri, José Antônio Pegoraro (em memória), Clodoaldo Miotto, Daniel Luis Oliboni, Luis Marcon, Adair Pegoraro, Nilson Panisson, Dionattan Mezzomo, Ivalino Pegoraro e, atualmente, Gesildo Pegoraro.

Hoje, a secretaria atende na parte superior do pavilhão, tendo como principais atividades a construção e manutenção de estradas municipais, cascalhamento e britagem, construção de pontes e bueiros, limpeza de estradas e acesso às propriedades rurais. Conta com 28 servidores municipais, dispondo de diversas máquinas, tais como: escavadeira hidráulica, retroescavadeira, motoniveladora, pá carregadeira e caminhões basculantes.

2.4.9 Secretaria de Serviços Urbanos

A Secretaria de Serviços Urbanos foi criada através da Lei Municipal, n.º 005/2001, atendendo, neste período, em uma sala na parte térrea da prefeitura junto com a Secretaria de Obras. Logo após, construíram o pavilhão de máquinas e, também, as salas para atendimentos das secretarias.

Fonte: Arquivo da Prefeitura.

O primeiro secretário foi o Sr. Ari Rampazzo (em memória) seguido dos Srs. Santo Panisson (em memória), Dionattan Mezzomo, Arthur Osmar Fernandes Telles, Valdir Pegoraro e o atual secretário, Daniel Antonio Olibone.

De forma objetiva, o trabalho da secretaria consiste na coordenação e controle de ações de zeladoria urbana, tais como: limpeza, pinturas e manutenção em geral das vias, conforme evidenciam as imagens mais antigas abaixo.

Também, esta pasta atende a iluminação pública, saneamento básico e fornecimento de água dentro do perímetro urbano, contando com a colaboração de dois servidores.

Fonte: Arquivo da prefeitura.

Fonte: Arquivo da prefeitura.

2.4.10 Segurança Pública

A Brigada Militar em Santa Cecília do Sul teve sua trajetória iniciada em 16 de abril de 2003, pertencente ao 12° Batalhão de Polícia Militar (BPM) de Caxias do Sul, tendo como primeiro comandante do 6° Grupo de Polícia Militar (GPM) de Santa Cecília do Sul, o soldado Eugênio Luis Colombo, juntamente com mais dois soldados.

À esquerda, prefeito Neurí Dalsolio e o Sr. Cel. Cerutti. Foto: Arquivo da Prefeitura de Santa Cecília do Sul.

A instalação contou com uma cerimônia inaugural, tendo presente diversas autoridades, passando a funcionar em imóvel cedido na Rua Maximiliano de Almeida, n.º 275, com a missão de buscar a excelência da qualidade na prestação de segurança pública à comunidade.

Foto: Arquivos da Prefeitura de Santa Cecília do Sul.

Atualmente, a Brigada Militar permanece situada no mesmo local, tendo como comandante o 2° Sargento, Itacir Kohlrausch, compondo o GPM com mais quatro soldados, que pertencem ao 3° Regimento de Polícia Montada (RPMOn), 2º Esquadrão, 4º Pelotão e 6º GPM de Passo Fundo. É desenvolvido no município o Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência (PROERD), bem como as ações da Patrulha Lei Maria da Penha.

Da esquerda para a direita: Sd-Klin, 2º Sargento Itacir Kohlrausch e Sd-Tassi. Arquivo da Brigada Militar, gentileza do 2° Sargento, Itacir Kohlrausch.

Cabe acrescentar que todos os registros de flagrantes e prisões a nível municipal são efetuados na Delegacia de Polícia Civil de Tapejara e, em casos de prisão, os mesmos são encaminhados para o Presídio de Getúlio Vargas ou Passo Fundo.

CAPÍTULO 3

COMUNIDADES RURAIS

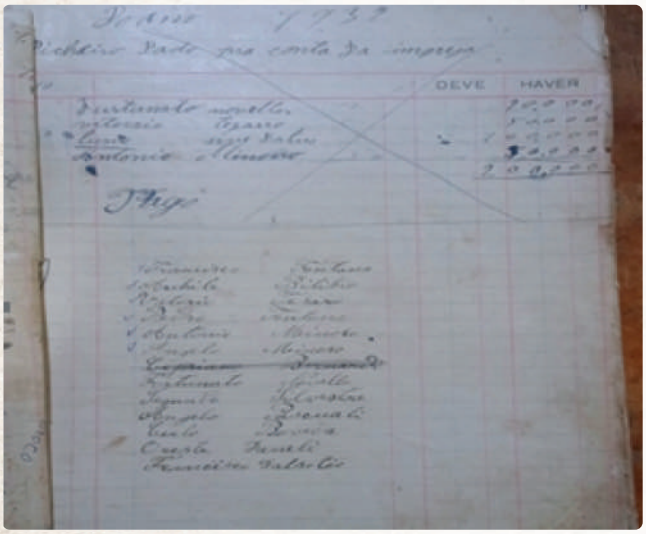
CAPÍTULO 3
COMUNIDADES RURAIS

Uma parte do município que merece destaque são as comunidades rurais. Tudo começou com a chegada de algumas pessoas que decidiram se instalar aqui e ali, cortando mato, fazendo suas casas e iniciando suas famílias. Aos poucos, mais pessoas chegaram, amizades se formaram e, a partir de então, comunidades se transformaram. Foi assim com o interior de Santa Cecília do Sul, onde, as famílias em conjunto e dedicação, construíram capelas, igrejas, campos de futebol e muita, mas muita história. Confira a seguir e nostalgie-se.

3.1 Capela de São Marcos

A história desta comunidade tem início na década de 30, sendo que as primeiras famílias que se instalaram neste local foram as de: Francisco Fontana, Pedro Fontana, Antônio e Angelo Minosso, Aquiles Bilibio, Vitório Tessaro, Fortunato Novello, Segundo Silvestri, Angelo Pasquali, Carlos Roveda, Oreste Danelli e Francisco Dalsolio, conforme evidencia o Livro Ata da comunidade, datado de 1932.

Tendo como base o livro "Raízes e Histórias de uma comunidade: Água Santa", haja vista que a referida Comunidade de São Marcos pertencia ao Município de Água Santa (p. 78), o livro descreve que estes moradores, inicialmente, estavam ligados aos moradores da comunidade vizinha de São Roque, onde havia um capitel para as orações. Ambos os moradores tinham o desejo de construir uma igreja juntos, no entanto, o Sr. Fortunato Novello, vindo de Marau-RS, se estabeleceu em São Marcos e havia um "bodegão" com artigos sortidos e, possivelmente, por interesses comerciais, o mesmo deu a ideia de construir a capela nesta localidade.



Livro dos arquivos da comunidade. Fonte: Arquivo pessoal de Elirio Fontana.

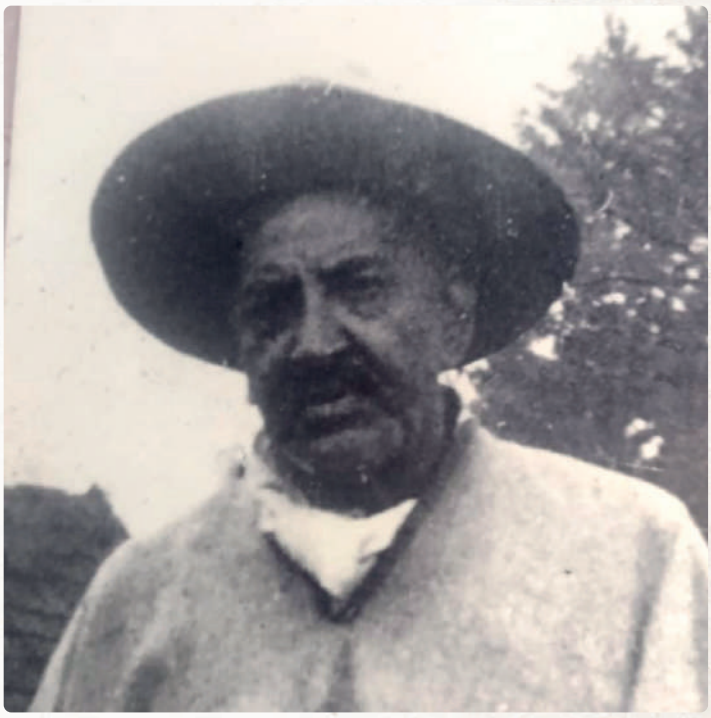
Os moradores de São Roque não concordaram, sendo feita uma votação para a escolha do lugar. São Marcos levou a melhor. Foi assim que as famílias de Fortunato Novello, Angelo Minosso, Francisco Fontana e Pedro Fontana levaram adiante a ideia da capela. Esta decisão foi tomada numa reunião no dia 22 de maio de 1931.

A capela foi construída na terra titulada de Verginio Borghetti, perto do Bodegão do Novello. Esta pequena capela foi inaugurada no Dia de São Marcos, 25

de abril de 1932. O padroeiro foi escolhido em homenagem ao Sr. Marcos de Oliveira Fortes, popular "Marcos Bandeira" que doou uma vaca para a festa de inauguração.

Offerecido para Igreja Villa Rica em 1º de Janeiro de 1932
Por Marcos Bandeira

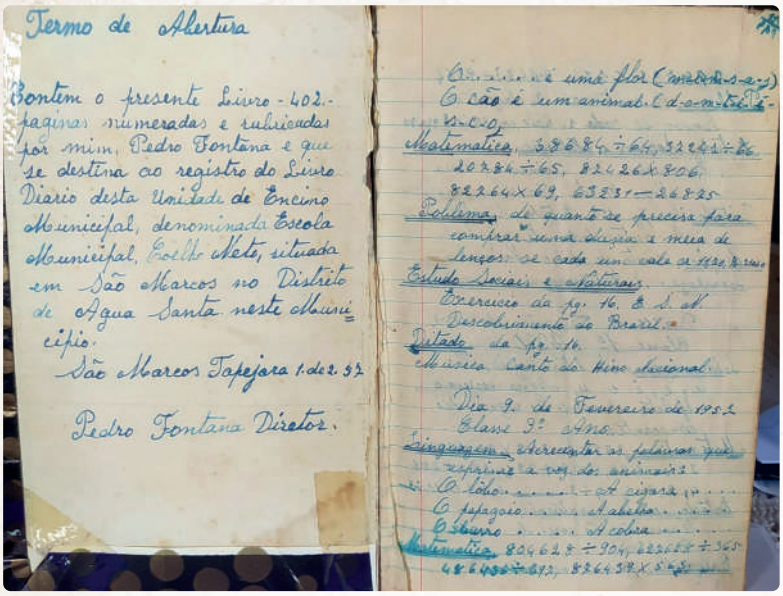
Livro dos arquivos da comunidade no ano de 1932 e utilizado até os dias atuais. Fonte: Arquivo de Elirio Fontana.



Marcos Bandeira. Foto: Arquivo pessoal de Alberi Gomes.

A primeira diretoria da capela era formada pelos Srs. Francisco Fontana, Fortunato Novello e Angelo Minosso. O capelão[11] foi o Sr. Pedro Fontana, que exercia suas funções com muito zelo e competência, o qual também foi professor na primeira e pequena escola de madeira, pago pelos pais dos alunos. O Sr. Pedro, embora sem muito estudo, era conhecido pela sabedoria e seu conhecimento; seu diário de aula ainda se mantém preservado pela família.

[11] Define-se "capelão" como "um ministro religioso autorizado a prestar assistência e a realizar cultos em comunidades religiosas".


Termo de Abertura

Contem o presente Livro - 402.- paginas numeradas e rubricadas por mim, Pedro Fontana e que se destina ao registro do Livro Diario desta Unidade de Ensino Municipal, denominada Escola Municipal, Coelho Neto, situada em São Marcos no Distrito de Agua Santa neste Municipio.

São Marcos Tapejara 1.de2.52

Pedro Fontana Diretor.

Diário de aula do professor Pedro Fontana. Foto: Arquivo pessoal de Clarice Fontana.

A missa era realizada duas vezes por ano. O padre era buscado a cavalo, na Sede Teixeira, Tapejara. Aos domingos e dias santos, o capelão rezava o terço e cantava ladainhas de Nossa Senhora. Em épocas de calamidades e secas, faziam-se procissões, em geral, para o Gramado do Herval, onde está a imagem de Santo Antônio, que consideravam milagrosa. Outras vezes, iam para São Roque ou Santa Cecília. A catequese era dada em casa e havia uma preparação para receber os sacramentos. A primeira catequista foi a Sra. Teresinha Minosso.

Em 1957 a comunidade adquiriu o sino que foi bento no dia 15 de dezembro. Foram padrinhos do sino os Srs. Angelo Basqueira, Selvino Oliboni, Pedro Bilibio, Rosa Rampazzo e Rosa Fontana.

No ano de 1968 a comunidade construiu a segunda capela de madeira. O carpinteiro foi Ernesto Rampazzo, ajudado por Laurindo Dalsolio. Os trabalhos foram orientados pela diretoria: Guilherme Pegoraro, Mario Langaro e Zacarias Alves da Rosa. Esta capela foi inaugurada no dia 21 de abril de 1968, na festa do padroeiro.

Registro da primeira comunhão. À esquerda, a professora Terezinha Alves da Rosa, a qual também era catequista. Ao centro, Padre Moisés, em meados de 1961. Foto: Arquivo da família Caumo. Gentileza de Diles Dalsolio Caumo.

Após a primeira e segunda escola de madeira serem construídas próximas à igreja, a terceira Escola Coelho Neto foi construída em alvena-

ria, onde também funcionava um ambulatório municipal pertencente a Secretaria de Saúde de Água Santa até o ano de 1998, encerrando as atividades na área da saúde e, também, na educação.

No decorrer deste período, diversos professores foram citados, a exemplo da Sra. Anita Nunes, Irma Fontana e Terezinha Alves da Rosa, lembradas pelos atuais moradores da comunidade em roda de conversa feita junto ao salão comunitário no mês de outubro de 2023.

Em 1989/90, a comunidade, com a diretoria formada pelos Srs. Vanir Panisson, líder da construção, José Carlos Decesaro, Antônio Pegoraro e Antônio Elcio de Quadros, construiu o amplo salão comunitário. Em 1993, foram anexadas canchas de bochas cobertas. Em 1996, iniciaram-se as obras de construção da atual capela de alvenaria, concluídas em 1997.

3.1.1 O lazer de antigamente: o futebol e o tradicionalismo

A Comunidade de São Marcos se destacou na década de 70 e 80 pelo time de futebol masculino, por vezes chamado de “3 Pinheiros”, mas que não tinha nome fixo. Os jogos aconteciam no campo em frente ao salão, nas terras cedidas pelo Sr. Zacarias da Rosa (em memória), bem como o time realizava torneios e participava de outros em toda a região.

Em pé, da esquerda para a direita: Mario Langaro (IM), Mario Pelissoni, Ivo Rampazzo, José Langaro, Guimo Vargem, Carlos Ferronato. Agachados: Quintino da Rosa, Juvino de Moura, Elirio Fontana, Vanir Fontana, Nelson Ferronato. Foto: Arquivo do Sr. Quintino da Rosa.

Importante mencionar que, anterior a este período, nas proximidades do campo de futebol, era a parada dos tropeiros, vindos da região da fronteira, São Borja-RS, Santo Antônio das Missões-RS e São Luiz Gonzaga-RS. Conforme o relato do Sr. Nelson Ferronato, o “potreiro” oferecia um espaço seguro para descanso e restabelecimento da tropa e comitiva. Este é um fato marcante na história desta comunidade. Ao reunirem-se no galpão, muitos foram os causos e aprendizados adquiridos pelos moradores nestas ocasiões. Neste mesmo potreiro já existiu uma raia para corrida de cavalos, onde se reuniam gaúchos e seus cavalos de toda a região, ficando as marcas deste local pelo "carreiro fundo no chão".

Da esquerda para a direita: Normélio Coronetti (em memória), Nelson Ferronato, Maurilio Slaviero (em memória) e sua filha Irines, Neuri João Caumo (em memória), Nildo Panisson e Achiles Artuso (em memória). Foto: Arquivo pessoal da família de Neuri João Caumo.

A oração, a fé, a amizade, a convivência e liderança comunitária, o futebol, o tradicionalismo e a solidariedade traçam um panorama da Comunidade de São Marcos e, assim, cabe fazer um destaque ao CTG Fogo de Chão, muito conhecido na época. A ideia surgiu de alguns amigos que estavam reunidos na comunidade, exatamente como foi feito no registro fotográfico.

A partir de então, deu-se início à construção de um espaço para as atividades, sendo o primeiro galpão construído de taquara e tendo como primeiro patrão o Sr. Neuri João Caumo, o qual também apresentava, na década de 80, um programa de rádio aos domingos na Rádio Tapejara, que também levava o nome Fogo de Chão.

Aos fundos o primeiro CTG de taquara. Em pé, da esquerda para direita: Nelson Ferronato, Santo Panisson (em memória), Maurilio Slaviero (em memória), Neuri João Caumo (em memória), Guilherme Pegoraro (em memória) e Pedro Negri. Foto: Arquivo pessoal da família Caumo. Gentileza de Diles Dalsolio Caumo.

Devido ao aumento no número de integrantes e o crescimento das atividades, foi criada a invernada de dança, no entanto, pelo espaço ser limitado, no ano de 1974 foi construído e inaugurado o CTG de madeira mais amplo e com melhores condições de infraestrutura.

Invernada de dança. Em pé, da esquerda para a direita: Anamir Negri, Cleide Artuso, Salete Girardi, Neli Lopes, Marilene Negri e Fátima Girardi. Agachados, Antônio Pegoraro "Chico", Senio Lopes, Paulo da Rosa, José Ramos (Tene), Alcides Pereira "Pelé" e Alcidonir Dias da Conceição "Nire". Foto: Arquivo pessoal de Salete Fátima Girardi.

Na década de 90 também havia um time de futebol feminino da comunidade, assim como o Grupo de Mulheres "Unidas na Amizade", às quais participavam dos eventos tradicionais na região.

Grupo de Mulheres da comunidade. Foto: Arquivo pessoal de Diles Dalsolio Caumo.

3.1.2 Fato marcante da comunidade: padre Eduardo

Foi também a Comunidade de São Marcos que viu o garoto Eduardo Pegoraro crescer na fé, através do batismo realizado pelo Pe. Darcy Zanolla. Eduardo Pegoraro nasceu em 9 de janeiro de 1982, sendo filho de Antônio e Neiva Pegoraro, casal atuante desta comunidade. Junto à comunidade, Eduardo atendeu o chamado silencioso em seu coração e o seguiu até o Seminário Nossa Senhora de Aparecida de Passo Fundo para dar continuidade aos seus estudos.

Na época das férias, uma das maiores alegrias do jovem era juntar-se com a comunidade para ajudar no terço nos domingos à tarde. Após a reza, muitas vezes deixava de jogar bola com a gurizada, seus ex-colegas de escola, para pegar o violão e cantar com as pessoas adultas, de "mais idade". Logo, a roda de viola estava formada.

A Comunidade de São Marcos sempre incentivou, apoiou e acompanhou Eduardo. Esta mesma comunidade "pegou junto" na organização para a sua Ordenação Presbiteral, para que a mesma acontecesse da melhor maneira possível, a qual foi realizada no dia 19 de julho de 2009 na Igreja Matriz Santo Antônio de Água Santa; e sua primeira missa, como ordenado, foi rezada na Igreja de São Marcos, em 25 de julho de 2009.

Eduardo exerceu suas funções como padre nas cidades de Carazinho de 2009 a 2012, em Tapera, de 2012 a 2015, sendo também reitor do Seminário Sagrado Coração de Jesus, e, em 2015, assumiu a Paróquia Nossa Senhora do Rosário da Pompéia, também em Tapera. Naquele ano, 22 de maio de 2015, foi assassinado brutalmente pelo esposo da professora de violão dos seminaristas. O fato aconteceu devido à falta de diálogo do casal e a errônea interpretação de uma mensagem de reagendamento de uma aula de violão aos seminaristas. A justiça decretou a prisão do atirador e o mesmo foi recolhido ao presídio estadual de Espumoso-RS.

O corpo do padre Eduardo foi velado na Paróquia Nossa Senhora do Rosário da Pompéia, em Tapera, onde foi realizada a primeira missa de corpo presente às 21h30 e, logo após, o corpo foi encaminhado à Comunidade de São Marcos. O cortejo fúnebre chegou à comunidade por volta da 1 hora do dia 23. Era grande a concentração de pessoas. Ali estavam muitos familiares, vizinhos, amigos de infância do padre, colegas de aula e da catequese, companheiros do futebol, de pescarias e estripulias do tempo de criança.

Como sempre, a comunidade esteve pronta para ajudar e amparar a família, na cozinha uma equipe de senhoras já estava a postos preparando o chimarrão, o café e o almoço. No amanhecer, uma verdadeira multidão se aglomerou no pavilhão e no pátio da capela; portões foram abertos e cercas derrubadas para que todos pudessem estacionar seus carros nos campos e nas lavouras próximas, pois todos queriam prestar sua última homenagem ao jovem padre.

Foi no final da tarde do dia 23 que o corpo do padre Eduardo foi finalmente colocado na sepultura do cemitério da comunidade; a mesma que o viu crescer, recebeu inúmeros visitantes e ainda recebe pessoas de diferentes lugares que visitam seu túmulo, fazendo suas orações, levando flores e acendendo velas.

Família do Padre. Da esquerda para a direita: Marindia, Antônio, Eduardo, Neiva e Maria Emília. Texto produzido por Marindia Pegoraro, irmã do padre Eduardo. Foto: Arquivos da família.

3.1.3 A comunidade atualmente

Neste percurso da história de São Marcos, é importante destacar que até o ano de 1999, a comunidade pertencia em sua totalidade ao Município de Água Santa. Após a emancipação de Santa Cecília do Sul, a maioria do território da Comunidade de São Marcos passou a pertencer a este município, embora a estrutura da capela, salão e cemitério permaneçam dentro do território de Água Santa.

Atualmente, a comunidade é composta por 68 sócios, com uma diretoria formada pelos Srs. Marcio Rampazzo, Quintino da Rosa, Paulo Cesar Caumo e Fabio de Quadros, contando com a colaboração de duas catequistas e dois ministros. São realizadas duas tradicionais festas no ano: uma em abril, em Honra a São Marcos, e outra em agosto, em Honra a Nossa Senhora das Graças.

Imagem da comunidade atualmente. Foto: Arquivo da comunidade. Gentileza de Fábio de Quadros.

3.2 Comunidade de Santana

Os primeiros moradores que chegaram para formar a Comunidade de Santa Ana foram as famílias de Antônio Zanquetta (em memória), Calistro Três (em memória), Bruno Bertoto (em memória), Angelo Zanatta (em memória), Nino Zanatta (em memória) e a família Barison, em 1930. Enfrentaram muitas dificuldades, pois quando chegaram encontraram somente mato. No entanto, com muita união, fé, trabalho e persistência, aos poucos e com muita luta, foram construindo suas moradias simples e humildes do jeito deles, porém de portas abertas para acolher bem qualquer pessoa que chegasse até suas casas.

Os anos foram passando e, com a chegada de outras famílias como Domingos Pelissaro, Aristides Panisson, Santo Pigosso, Pedro Artuso, Emilio Pontin (todos em memória) e a família Favaretto, a comunidade cresceu ainda mais. Enfrentando os problemas que surgiam, os primeiros moradores não desanimaram e seguiram em frente, ajudando-se mutuamente. Essa atitude fez com que mais pessoas se juntassem à comunidade, como as famílias Marcon, Moresco, Caumo e Slaviero.

Família Marcon, uma das primeiras famílias moradoras da comunidade: Felix Marcon (em memória), esposa Carolina Marcon (em memória) e filhos. Vieram de Antônio Prado em 1938. A viagem foi de carroça e durou oito dias. Foto: Arquivo pessoal da família Marcon.

Comunidade reunida na comemoração das Bodas de Prata do casal Angelo e Armelinda Marcon no dia 12/9/1978. Foto: Arquivo pessoal da família Marcon.

3.2.1 A capela e o local dos encontros dominicais

Na bagagem, eles trouxeram a força da fé, que os levou a organizarem-se, construindo uma capela, onde se reuniam para a reza do terço e cultivo dos valores

familiares e sociais. Cada família fez uma doação para a construção da pequena igreja de madeira, sendo que, Calistro Três (em memória) e Santo Três, fizeram a doação do terreno em 1932.

Augusta Zanatta (em memória), que já residia na comunidade, fez a doação da imagem de Santa Ana, ficando essa a padroeira da comunidade. A mesma fez com que as pessoas se reunissem com frequência, aumentando cada vez mais a fé na avó de Jesus Cristo. Ressalta-se que Augusta é mãe do padre Narciso Zanatta (em memória). A primeira missa foi rezada pelo padre Calógero Tortorici (em memória), em 1936, sendo que ele vinha a cavalo até a comunidade.

Em 1969 foi construída a segunda igreja, essa de alvenaria. O sino que se encontra até hoje foi o primeiro da Paróquia de Tapejara. Como a comunidade crescia cada vez mais, Santo Pigosso vendeu o terreno onde construíram o cemitério.

Em 2012 foi inaugurada a atual igreja. No dia 26 de julho é comemorado o Dia de Santa Ana e São Joaquim, padroeiros da comunidade. No último domingo de julho de todos os anos é realizada a festa em honra aos padroeiros.

Grupo de jovens reunidos em frente à segunda capela. Foto: Arquivo pessoal da Família Zanatta.

Primeira Eucaristia - Padre Valter Baggio (em memória) e catequistas, Rosalina Pelissaro e Placira Favaretto. Foto: Arquivo Pessoal da Família Zanatta.

Equipe de Liturgia no interior da segunda capela. Foto: Arquivo pessoal da Família Zanatta.

Equipe de Liturgia em 30/10/2017. Interior da atual capela. Fonte: Página do Facebook da Comunidade Santana.

3.2.2 O lazer

No decorrer dos anos, decidiram construir também um lugar próximo à capela para o lazer, uma "bodega" como era chamada por eles, onde jogavam baralho, mora e, ao lado, uma cancha para os jogos de bocha.

Jogo de mora, no interior do salão. Foto: Arquivo pessoal da família Zanatta.

Em 1976 foi construído o atual salão, porém com algumas reformas e ampliações para melhor acolher as pessoas de outras comunidades.

Também foi construído o primeiro campo de futebol, onde os homens se reuniam aos sábados à tarde. Arrancaram árvores com picaretas, picões e cortaram as raízes com machados. Guerino Hungaratto fez a doação do terreno para o campo, que permaneceu no mesmo lugar por 30 anos. No entanto, o campo de futebol foi posteriormente realocado para outro local.

Organização da cancha de bocha. Fonte: Página do Facebook da Comunidade Santana.

3.2.3 A escola

Com o aumento da comunidade, uma vez que as famílias costumavam ser numerosas e continuavam a chegar de várias regiões, essa situação levou as pessoas a perceberem a relevância de ter um local específico para que as crianças pudessem estudar.

Assim, uniram-se novamente e construíram, em 1938, uma modesta escola feita de madeira que levou o nome de Escola João Ramalho. Esta, pertencia ao Município de Passo Fundo, pois, na época Tapejara era ainda Distrito. Dino Três foi o primeiro professor a lecionar nesse local. Frequentavam as aulas cerca de 30 alunos.

Interior da primeira escola de madeira em Santana. Foto: Arquivo de Gilberto Moresco.

Mais tarde, o prédio de madeira foi substituído por uma nova construção de alvenaria, mantendo-se o mesmo nome. A mesma foi desativada no ano de 2000.

3.2.4 Eventos tradicionais da comunidade

- Campeonatos

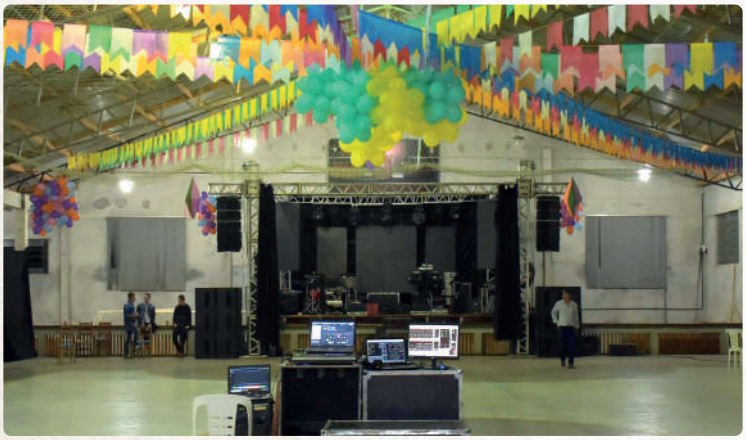
Desde o ano de 2000, é realizado o Campeonato de Futsal Entre Comunidades, em três categorias: Feminino, Veteranos e Livre. Os jogos são realizados na quadra de esporte do salão da comunidade nas quartas e aos sábados à noite, onde reúne pessoas de toda a região.

Jogos no Campeonato de Santana. Fonte: Página do Facebook da Comunidade Santana.

- Festa Junina

Há muitos anos iniciou-se uma Festa Junina nas residências dos moradores da comunidade. A primeira foi realizada na casa de Alesio Galina (em memória), onde se reuniam algumas famílias, que levavam as comidas típicas para compartilhar. Sempre faziam a tradicional fogueira de São João, onde passavam por cima das brasas sem calçados nos pés.

Com o passar dos anos, decidiram realizar a festa na comunidade, convidando também as pessoas das comunidades vizinhas. A cada ano a festa foi aumentando e hoje é uma das maiores da região, com participação de mais de três mil pessoas, tornando, assim, a tradicional Festa Junina de Santana.



Tradicional Festa Junina de Santana em 2018. Fonte: Página do Facebook da Comunidade Santana.

Tradicional Festa Junina de Santana em 2019. Fonte: Página do Facebook da Comunidade Santana.

A Comunidade de Santana (como passou a ser chamada com a junção das palavras Santa Ana) conta hoje com aproximadamente 60 sócios, sempre unida para a oração, trabalho e lazer. É também uma comunidade acolhedora, onde todos são recebidos com muita alegria. As atuais ministras da Eucaristia da comunidade são: Marlene Zanatta, Marta Zanatta Galina e Lusandra M. Fontana.

Entrevista com descendentes das primeiras famílias da comunidade. Na imagem, da esquerda para a direita: Nelson Três, Arcelino Suzin, Widerico Moresco, Maximino Zanatta (em memória), Marlene Zanatta, Rosimbo Pelissaro, Molacir Moresco e Marta Zanatta Galina. Foto: Arquivo de Marta Zanatta Galina.

Comunidades de Santana, Santa Cecília do Sul. Foto: Arquivo da equipe do projeto do livro.

3.3 Comunidade de São Sebastião – Vista Alegre

A história da comunidade começou a ser registrada através dos grupos de família da época com a colaboração do Pe. Valter Baggio (em memória). Vista Alegre teve seu início por volta do ano de 1915, onde nesta região só havia mato e espécies de animais selvagens. Na mata virgem havia muita madeira de lei e uma grande quantidade de araucárias; a região tinha dois nomes: no meio da mata tinha uma clareira coberta de grama, isto para o leste e se chamava Gramado e, na parte oeste, se chamava Linha Seca. Nesta época residiam aqui as famílias Florêncio, Chaves, Lima, Chagas e Correa de Mello, que se reuniam nas casas para conversar, tomar chimarrão e rezar. Eram devotos de São Sebastião e tinham uma pequena imagem dele.

Em 1920, chegaram as famílias Pegoraro, Scariot, Gratieri, Zotti e Basqueira, vindas de Antônio Prado-RS e Nova Prata-RS, as quais enfrentaram muitas dificuldades para chegar à comunidade. Viajaram de carroça, percorrendo picadas, enfrentando as intempéries, a mata e os animais selvagens. A viagem durou cerca de oito dias. Ao chegarem aqui, começaram a construir suas casas de pau a pique, utilizando pinheiros para fazer as tábuas dos telhados.

Em entrevista com um dos primeiros moradores do local, o Sr. Ernesto Gratieri, confirma o texto acima e trouxe, com detalhes, a viagem de seus pais, Luis e Maria Rampon Gratieri (ambos em memória): *"Meus pais moravam em Nova Prata, mas era muito perau, então meu pai pegou uma mula e veio vindo, marcando a estrada. Chegou onde hoje é Santa Cecília, deixou a mula, pegou o facão e a espingarda e foi indo a pé, abrindo caminho, até que chegou ali por Vista Alegre, parecia ser uma terra boa, com árvores e pinheiros. Voltou para casa, pegou uma carroça, a mãe, meu irmão mais velho, umas panelas e chaleira e se instalaram. De dia abria terra, de noite queimava galho para clarear o local, até que construíram uma casinha de madeira, coberta de tabuinha. Não foi fácil, logo queimou a casinha e começou tudo de novo"*.

Casal Luis e Maria Rampon Gratieri. Foto: Arquivo pessoal de Ernesto Gratieri e Idenes Gratieri Tres.

Junto com os moradores que aqui já residiam, as famílias sentiram a necessidade de construir uma pequena capela para as suas orações. Eram pessoas de muita fé, acreditavam em Deus e Nossa Senhora e tinham uma devoção muito grande no santo guerreiro, protetor da peste e das doenças contagiosas, São Sebastião. Uma bela imagem foi trazida de Passo Fundo, para a nova capela, pelo Sr. José Pegoraro. No dia 20 de janeiro de 1935 foi feita a primeira grande festa de inauguração da nova capela e do barracão para lazer e alimentação.

Foto do primeiro barracão. Da esquerda para a direita não se tem a certeza das duas mulheres, na sequência, o casal Rosa e Constante Mazaro e Luiz Pelissaro. Foto: Arquivo pessoal de Santo Pelissaro.

No ano de 1934 ocorreu um grande vendaval que derrubou a capela e quebrou a imagem de São Sebastião. O povo não desanimou e, com muita fé, coragem e luta, se uniu e construiu a nova capela.

Moradores reunidos na frente da nova capela. Foto: Arquivo pessoal de Ilanir Zotti Pelissaro.

Imagem da igreja vista de outro ângulo, numa campanha de vacinação de cães contra a raiva, promovida pela Prefeitura Municipal de Tapejara. Foto: Arquivo pessoal de Nédio Marcon.

Casamento de Cirlei Gratieri e Jair Scariot ao lado das torres da antiga igreja. Foto: Arquivo pessoal de Cirlei Scariot.

Nas primeiras festas, a comida era de panela, como, por exemplo, galinha assada e sopa de pão com mondongo, além de bolachinhas e outras comidas caseiras. As festas eram muito animadas e bonitas, contando, também, com artistas locais.

Da esquerda para a direita: Ernesto Gratieri, Aristolino Bascheira (em memória) e Antonio Ruaro (em memória). Foto: Arquivo pessoal de Ernesto Gratieri.

Imagem de uma procissão em homenagem a São Sebastião na rua em frente a igreja. Foto: Arquivo pessoal de Nédio Marcon.

Durante a procissão havia estouros de canhão. Como não tinha meios de comunicação, dois dias antes da festa era solto o tiro que chegava o estrondo até Tapejara. Isso era o aviso que ia acontecer a Festa em Vista Alegre, já que a comunidade pertencia a este município e reunia muita gente.

A comunidade sempre foi um ponto de encontro e as pessoas vinham de longe para festejar e pela devoção a São Sebastião. Por ser um lugar hospitaleiro e alegre, passou a ser chamado de Vista Alegre.

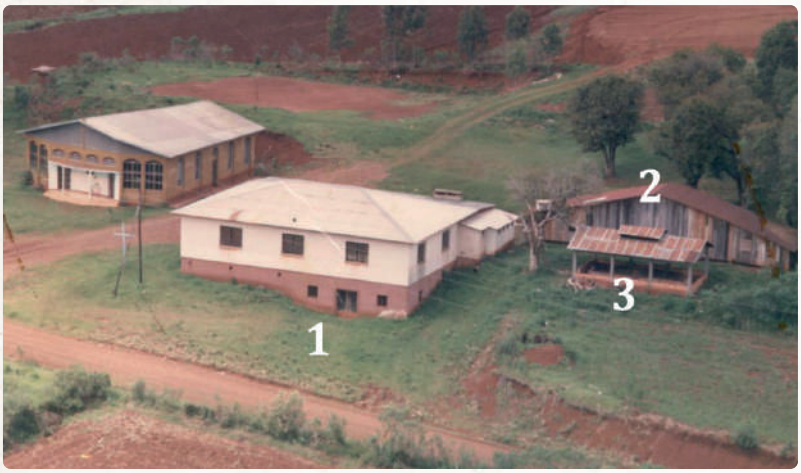
Da esquerda para a direita: Bortolo Cechin (em memória), Ernesto Pegoraro (em memória), Luis Gratieri (em memória) e José Pegoraro (em memória). À direita, o canhão alto, feito em aço. Foto: Arquivo pessoal de Ernesto Gratieri.

Primeira Comunhão no ano de 1964. À direita, a catequista Maria Comparin. Foto: Arquivo pessoal de Ilanir Zotti Pelissaro.

Em 1939 aconteceu a primeira visita pastoral, quando, na oportunidade, foram crismadas 345 crianças. Uma das catequistas, muito lembrada pelos moradores, foi a Sra. Maria Comparin, conforme foto ao lado. Ainda, no ano de 1948 aconteceram as primeiras missões na comunidade com os Padres Palotinos de Vale – Vêneto, Santa Maria, reafirmando a fé e a devoção do local.

Na década de 60 foi construída na comunidade a Escola Estadual de Ensino Fundamental Barão do Rio Branco pelo então governador Leonel de Moura Brizola, conhecida como "Brizoletas", a qual funcionou por mais 50 anos, encerrando as atividades em dezembro de 2004. Embora fechada há mais de 20 anos, a mesma é a única "Brizoleta" que, mesmo deteriorada e inativa, mantém suas estruturas originais.

As famílias foram crescendo e novas famílias chegaram à comunidade, o que gerou a necessidade de construir um salão comunitário. Com a união de todos, o salão foi inaugurado em 1973.



1: Parte térrea do salão utilizada para carnear o gado para as festas
2: Cancha de bocha
3: Churrasqueira
Foto: Arquivo pessoal de Ilanir Zotti Pelissaro.

Frente ao crescimento da comunidade e seus eventos, construiu-se um salão ainda maior, inaugurado no ano de 2000 com a 1ª Festa do Costelão, sendo este o atual salão comunitário.

Junção das famílias para a limpeza do novo salão antes da inauguração. Foto: Arquivo pessoal de Ilanir Zotti Pelissaro.

Em 1974 foi fundado o Grupo de Jovens "Lutando pela Felicidade" de Vista Alegre, com grande participação na liturgia, catequese e congressos, frente à proatividade jovem.

Da esquerda para a direita: Eloir Bascheira, Célia Gratieri, Zenilde Gratieri, Wilson Zotti, Nédio Marcon e Cleusa Felini. Foto: Arquivo pessoal de Nédio Marcon.

O Clube de Mães "Sonhar é Viver" também era presença marcante na comunidade, promovendo encontros e participando dos encontros da região.

Apresentação de teatro no 4º Encontro de Mulheres na Linha Calegari em 1985. Foto: Arquivo pessoal de Ilanir Zotti Pelissaro.

As atividades de lazer na comunidade eram diversificadas; existia uma raia de carreira que juntava muitas pessoas, inclusive para apostar dinheiro nos cavalos bons de corrida; nos arredores da capela, havia um total de cinco canchas de bocha, sendo duas da capela e outras três particulares. Aconteciam, também, os torneios de futebol promovidos pelo time local, "Independente".

Da esquerda para a direita: Santo Pelissaro, José Zanin (em memória), Derli Cardoso, Valdir Zotti (em memória), Irineu Zotti (em memória), Antônio Zanin e Luiz Zanin (em memória). Foto: Arquivo pessoal de Santo Pelissaro.

Pertencente ao Município de Tapejara até a emancipação de Santa Cecília do Sul, no ano de 1975, a Comunidade de Vista Alegre foi cenário de gravação do filme Tapejarense "O fim dos Bandoleiros", dirigido e produzido por Domingos Dallagasperina e Pedro Hugo Sitta (ambos em memória), com duração de um pouco menos de 2 horas, sendo, posteriormente, apresentado numa sessão de cinema à comunidade.

Por ser rota de transportes, Vista Alegre tornou-se centro comercial. Na época, foi cogitada a hipótese de ser Distrito de Tapejara, embora isso não tenha acontecido. O Sr. Ernesto Gratieri contou que as ruas da comunidade eram iluminadas e que seu irmão Julio montou uma pequena usina e depois uma ferraria. Havia um armazém (secos e molhados) de propriedade do Sr. João Zotti e outro de José Comparin, além de um casarão que era hotel, não lembrando o nome da família, apenas que era de origem alemã.

Screenshot da capa do filme. Fonte: YouTube.

A quantidade de bodegas era grande (cerca de dez), e a comunidade chegou a ter 200 sócios na época. Outros moradores acrescentaram que vinham nas bodegas viajantes a cavalo, vindos da região de Passo Fundo, vender ferragens e outros utensílios. Em uma das passadas por Vista Alegre, mataram um viajante para tirar-lhe o dinheiro das vendas.

Nas palavras dos moradores, assim como havia o "lado bom" da religião, da participação e ajuda entre a vizinhança, na comunidade também havia o "lado ruim", por aqueles que dominavam, amedrontavam, chegando a tirar terras, pertences e, até, a vida de pessoas do bem.

Em contraponto, a comunidade sempre buscou evoluir tendo como premissa a participação ativa das pessoas, se destacando pela liderança, pela maneira amiga e alegre de trabalhar e acolher. Com o apoio do Pe. Valter, em 1995 foi criada a Festa Italiana, objetivando resgatar as origens de um povo sofrido que, com força e coragem, construiu grande parte da história de Vista Alegre e do estado.

Mulheres na organização do Jantar Italiano. Foto: Arquivo pessoal de Ilanir Zotti Pelissaro.

Gravação do programa de rádio do Pe. Valter na tarde que antecedeu o Jantar Italiano. Foto: Arquivo pessoal de Santo Pelissaro.

Imagem que mostra a animação da festa que se estendia até o anoitecer. À esquerda Pe. Valter e, à direita, José Marcon (em memória). Foto: Arquivo pessoal de Nédio Marcon.

Orientados pelo padre de que poderiam ter até três festas por ano, a comunidade se propôs e não mediu esforços para no ano de 2011 criar outro tradicional evento: a Festa do Costelão, como forma de valorizar a cultura gaúcha, chegando a ter mais de mil pessoas em uma de suas edições.

Festa do Costelão. À esquerda, Nesir Bortolotto e, à direita, Laurindo Scariot. Foto: Arquivo pessoal de Cleusa Scariot Felini.

Pelo fato da comunidade ser fervorosa na fé e pelo seu engajamento comunitário, cabe mencionar uma personagem popular que marcou época, a "Bastianinha", Sebastiana Chaves de Moraes (em memória). Ela residia sozinha em uma casa simples, de chão batido no meio do mato, com poucas condições financeiras, mas de

Imagem de Sebastiana Chaves de Moraes. Foto: Arquivo pessoal de Ilanir Zotti Pelissaro.

imenso carisma. Na sua humildade e religiosidade, visitava todas as famílias da comunidade, as quais sempre a ajudavam. Os moradores contam que Sebastiana costumava chegar nas casas próximo ao meio-dia e dizia *"bom dia ou boa tarde, não sei que hora que é"*. Essa frase era porque não havia almoçado, então as pessoas sempre davam algo para ela.

A forma de liderar e conduzir as atividades comunitárias fizeram e fazem de Vista Alegre uma grandiosa comunidade. Desde os tempos do grupo de jovens, de mulheres, de time de futebol, liturgia, teatro, eventos e festas, despertam e constroem uma formação sólida das famílias e seus valores, os quais certamente influenciaram na criação da Copercicla, à qual pertence esta comunidade e merece destaque a seguir.

Diversas foram as lideranças que aqui nasceram: secretários municipais, vereadores, representantes sindicais, até mesmo o atual prefeito, João Sirineu Pelissaro, filho de Ilanir Zotti e Santo Pelissaro e, também, filho de Vista Alegre.

Atualmente, a diretoria é formada pelos Srs. Nédio Marcon, Santo Pelissaro, Rodrigo Rech, Mateus Vidal e Valnir Luis Pegoraro, contando com 60 sócios, quatro ministros da Eucaristia, duas catequistas e três capelinhas que visitam as famílias. São realizadas três festas tradicionais: no mês de janeiro, em homenagem a São Sebastião; no mês de maio, o Jantar Italiano, o qual está em sua 26ª edição; e, no mês de setembro, o Costelão, em sua 21ª edição.

Imagem da igreja atualmente. Foto: Arquivo da equipe do projeto do livro.

3.3.1 Copercicla

A Cooperativa dos Recicladores de Resíduos Orgânicos e Inorgânicos de Santa Cecília do Sul (Copercicla) foi constituída em 11 de julho de 2003, porém a forma de trabalho coletivo dos que hoje integram a cooperativa remonta a outros anos.

Em 1991, um grupo de oito famílias de pequenos agricultores constituiu uma associação na forma de Condomínio Rural, com o objetivo de evitar o êxodo rural e dar sustentabilidade a essas famílias, que, na época, pertenciam ao Município de Tapejara. O grupo sempre buscou alternativas diferentes para seus integrantes, com várias iniciativas no meio rural. Com a mecanização da agricultura, veio também a baixa necessidade de mão de obra no setor agrícola. O grupo precisava utilizar a força de trabalho disponível, sem sair do meio rural. Então, foi formado um grupo para prestar serviços de carregamento de frangos aos produtores integrados da região, serviço este prestado por um período de cinco anos. Durante este período, vislumbraram outras alternativas.

A ideia de reciclar surgiu em 1997, junto ao poder público da região e outras instituições. Buscaram informações, procedimentos e formas de agir para poder ingressar neste segmento. Em 1998, o grupo encaminhou um projeto à Fundação Maurício Sirotsky Sobrinho e foi atendido com um galpão para reciclagem. No ano de 2000, um consórcio de prefeituras viabilizou a constituição de uma central de triagem com equipamentos para operacionalização.

Inicialmente, contava com 12 pessoas trabalhando com os seguintes objetivos: proporcionar renda às famílias, preservar o meio ambiente, a fauna e a flora e otimizar o aterro. Porém, o grupo foi crescendo e a constituição da cooperativa surgiu naturalmente no ano de 2003, diante do espírito empreendedor e de cooperação das 24 pessoas fundadoras.

No ano de 2007, foi assinado o convênio de concessão de uso do empreendimento que estava sob domínio da Prefeitura de Santa Cecília do Sul para a Copercicla. Com a posse do imóvel e a garantia de permanência na atividade, com o passar dos anos, a cooperativa apresentou crescimento, tanto de estrutura física quanto de associados, bem como de abrangência no estado.

Em 2024, a cooperativa conta com 140 associados em plena atividade, processando, em média, 2.000 toneladas de resíduos ao mês, atendendo a 130 mil habitantes. A Copercicla presta serviços para os municípios de Santa Cecília do Sul, Tapejara, Vila Lângaro, Ibiaçá, Capão Bonito do Sul, Caseiros, Muliterno, Ciríaco, David Canabarro, Mato Castelhano, Coxilha, Sertão, Estação, Charrua, Floriano Peixoto, São João da Urtiga, Paim Filho, Maximiliano de Almeida, Machadinho, Carlos Gomes, Sananduva e Lagoa Vermelha, atendendo à Lei n.º 12.305, da Política Nacional de Resíduos Sólidos, de forma efetiva e exclusiva, garantindo aos municípios que está cumprindo esta lei.

A Copercicla é composta por um Conselho Administrativo, Conselho Fiscal e coordenação por setores e equipes, com recebimento de resíduos na sede própria em Santa Cecília do Sul. Dispõe de equipamentos para coleta, transporte, triagem, compostagem, destinação e disposição final de resíduos domiciliares. Também atua no recolhimento de resíduos de várias empresas. Com um reaproveitamento de cerca de 60% dos resíduos coletados, são feitas 24 classificações de diferentes

tipos de materiais. Desta forma, os reciclados agregam valor, qualidade e aceitação no mercado, gerando mais oportunidade de trabalho.

A Copercicla possui assessoria contábil, jurídica, técnico em segurança do trabalho, medicina, técnico ambiental, químico e aterro sanitário próprio.

3.4 Capela de São Valentim

A história da Comunidade de São Valentim tem como ponto de partida o livro "Raízes e Histórias de uma comunidade: Água Santa", visto que a referida Comunidade de São Valentim pertencia ao Município de Água Santa até o ano de 2000, quando Santa Cecília se emancipou.

Nas páginas 66 a 68 do referido livro, os primeiros moradores deste local foram as famílias de Gabriel Generoso e seu pai e Graciliano Padilha, em meados de 1910, supostamente refugiados da Revolução de 1893. Anos mais tarde, por volta de 1919, vieram as famílias de Valentim Peruzzo, Pedro Girardi, também a família Pegoraro e outras, em sua maioria da região de Antônio Prado-RS e Nova Prata-RS.

Nas terras de Graciliano Padilha, foi construído o primeiro capitel, dedicado a Santo Antônio. Devido ao mesmo ter se deteriorado e caído com o tempo, surgiu a ideia e o desejo de construir a capela, pois parte dos moradores frequentava a Capela de Santa Cecília e outros frequentavam a de Vista Alegre. No entanto, antes da construção da capela, pensou-se na escola. Era uma casinha de chão batido, localizada em frente ao capitel Santo Antônio, nas divisas das terras que hoje são propriedade de Sabino Girardi e Vicente Fontana.

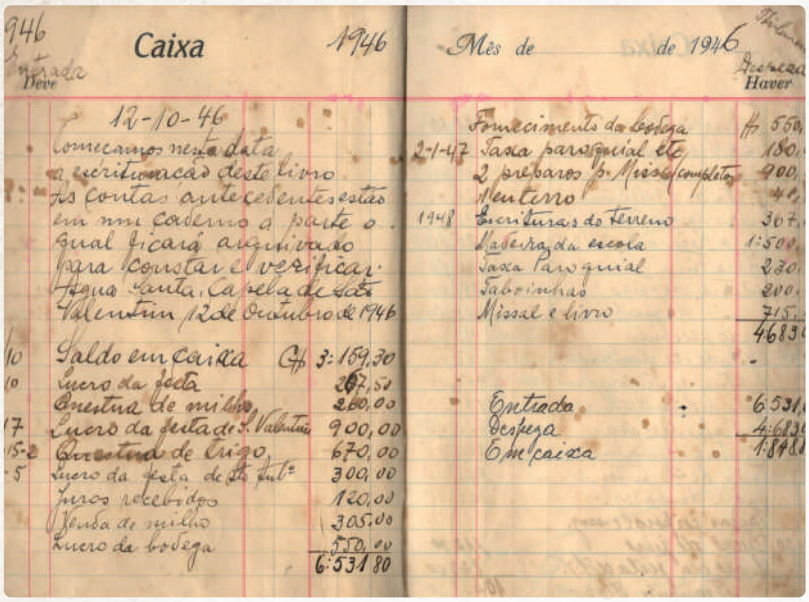
O primeiro professor foi o Sr. João Vieira (em memória) e o segundo foi o Sr. Moreno Inácio Bandeira (em memória), os quais ainda são lembrados pelos métodos utilizados na época, como grão de milho, régua de madeira, puxões de orelha, vara, entre outros mencionados na reunião com a comunidade realizada no dia 30 de novembro de 2023.

Bispado de Santa Maria
Livro Caixa
de
São Valentim
Termo de Abertura
O presente livro há de servir para o registro das receitas e despesas da capela São Valentim
Passo a abrir e rubricá-lo, com o meu cognome que dia: Thielmann e no fim lançarei o competente termo de encerramento.
Santa Maria, 13 de Dezembro de 1944
Thielmann
pelo Secretário Geral do Bispado

Fonte: Arquivos da comunidade.

Por volta do ano de 1932, as famílias de Antônio Michelon, Alexandre Pegoraro, Romano Pegoraro e Valentim Peruzzo, entre outras, construíram a primeira capela no terreno de 2.500 m^2 doado pelo Sr. Antônio Michelon, no local onde está a atual capela. O carpinteiro foi o Sr. José Veronez.

O motivo que levou os moradores a construírem a capela foi o aumento da população, a distância das outras capelas e a necessidade de entrosar os filhos no caminho da religião. A primeira missa foi rezada no ano de 1932, na inauguração da nova capela, pelo pároco da Sede Teixeira, padre Calogero Tortorici, de cuja paróquia a capela passou a fazer parte.


946
Caixa 1946
Mês de de 1946
Entrada
Deve
Haver
12-10-46
começamos nesta data
a escrituração deste livro
as contas antecedentes estão
em um caderno a parte o
qual ficará arquivado
para constar e verificar.
Igreja Santa Cecília de Sta
Valentim 12 de Outubro de 1946
Saldo em caixa Cr$ 3:169,30
Juro da festa 267,50
Questua de milho 260,00
Juro da festa de S. Valentim 900,00
Questua de trigo 670,00
Juro da festa de Sta Ant.ª 300,00
Juros recebidos 120,00
Venda de milho 305,00
Juro da bodega 500,00
6:531,80
Fornecimento da bodega Cr$ 560,
2-1-47 Taxa paroquial etc 180,
2 sobrepelizes p. Missa completa 900,
Enterro 40,
1948 Escrituras do terreno 367,
Madeira da escola 1:500,
Taxa Paroquial 230,
Tabuinhas 200,
Missal e livro 715,
4683,
Entrada 6:531,
Despesa 4:683,
Em caixa 1:848,

Fonte: Arquivos da comunidade.

Sua primeira diretoria foi constituída pelos Srs. Antonio Michelon, Romano Pegoraro, Alexandre Pegoraro e Valentim Peruzzo. O primeiro capelão foi o Sr. Bortolo Peruzzo.

Como o Sr. Antonio Michelon, que sofria de ataques, tinha a promessa de adquirir a imagem do santo protetor dos doentes de epilepsia e o Sr. Valentim Peruzzo quisesse o padroeiro com seu nome, uniram as forças e compraram a imagem atual de São Valentim, que também passou a dar o nome definitivo à localidade.

A escolha do local onde situa-se a capela não foi pacífica. Uns queriam um lugar mais ao norte do atual e outros mais ao sul, ligando-se com os moradores de Santa Catarina do Ligeiro, tornando a sociedade mais numerosa e forte.

Ao lado da capela foi construído um pequeno galpão, coberto de tabuinhas, onde havia uma pequena bodega para os domingos e dias santos. Tempos depois, foi destruído pelo fogo e então a comunidade construiu um galpão maior, semiaberto, de chão batido, com algumas mesas, ao redor das quais os homens jogavam baralho aos domingos. Na parte externa havia a cancha de bocha ao ar livre, na sombra de um Umbu, ponto de encontro e namoro também da juventude da época.

Cancha de bocha da época. Foto: Arquivo pessoal da Sra. Ana Maria Pegoraro.

A catequese, nos primeiros tempos, era dada nas casas, pelos próprios pais. Só após a construção da primeira capela, a primeira catequista do lugar, Maria Peruzzo, começou a dar alguns encontros para preparar a primeira comunhão.

No início da comunidade, só havia missa duas vezes por ano: uma no dia do padroeiro, em meados de fevereiro. Aos domingos, a comunidade se reunia para rezar o terço com as ladainhas que, às vezes, eram cantadas em latim. Quando aconteciam secas, intempéries ou pestes, recorria-se mais intensamente às orações e se faziam procissões com a cruz à frente, visitando as comunidades vizinhas.

As festas e diversões eram simples como o povo. Rezava-se a missa ou o culto. Havia o churrasco, jogo de bochas, canções italianas, animadas por gaita ou violão. Os bailes, quando aconteciam, eram nas casas ou galpões, animados por gaita e violão. O comércio, compra e venda de produtos, no começo, era feito em Passo Fundo, aonde se ia de carroça de mulas ou com cargueiros. O mesmo acontecia em casos graves de saúde.

Nesta época em que não havia maquinários para o trabalho na lavoura, a ajuda mútua fazia parte do dia a dia da comunidade quando da necessidade de plantio/colheita/limpeza da roça, chamados de "puxirões", reunindo, assim, famílias e suas "juntas de boi".

Junção de famílias da comunidade e seus animais. Foto: Arquivo pessoal do Sr. Vicente Fontana.

Em 1976, sendo membros da diretoria da capela os Srs. Pedro De Cesaro, Vicente Fontana e Olimpio Pelissaro, foi construída a atual capela de alvenaria, inaugurada e benta em 7 de novembro de 1976. O pedreiro construtor foi o Sr. Faustino Zanlucchi e o carpinteiro, o Sr. Claudino Scalcon.

O salão atual foi construído em 1985/86, nos meses de agosto a janeiro, pelo pedreiro Carlos Alberto Alves Leite e irmãos. A diretoria da época era composta por: Rosalino Pegoraro, Ivalino Pegoraro e João Girardi. Todas as construções foram feitas em sistema de mutirão e os recursos vieram dos próprios moradores. No decorrer dos anos foram feitas ampliações no salão, bem como construída a cancha de bocha junto ao mesmo.

Na década de 50, anterior aos jogos e torneios de bocha, a comunidade possuía dois times de futebol, sendo o primeiro o Flamengo e, após, o Vasco. O campo era um "potreiro" cedido pelo Sr. Arthur Pegoraro (em memória) e o transporte para os campeonatos era de trator e de carroção.

Time do Flamengo. Em pé, da esquerda para a direita: José Pegoraro (em memória), Sérgio Pegoraro, Pedro Girardi (em memória) Alberi Pegoraro, Onofre Girardi, João Girardi e Rosalino Pegoraro. Agachados: Genuir Girardi, Pedro De Cesare, Elio Madalozzo, Guerino Pegoraro, João Sasset e Geraldo Madalozzo (em memória). Foto: Arquivo pessoal da Sra. Solange Girardi.

No decorrer dos anos foi criado um Grupo de Jovens e, também, o Grupo de Mulheres "Juntas Venceremos", as quais se reuniam aos domingos para os jogos de bocha em duplas femininas e, também, para participar dos tradicionais Encontros de Mulheres na região.

Grupo de Mulheres da comunidade reunidas. Foto: Arquivo pessoal da Sra. Libera Pegoraro.

Nesta localidade havia, também, um moinho, inicialmente construído e tocado pela família do Sr. Silvio Veronez, que produzia farinha de milho por meio da roda d'água, mediante um valo feito do Rio Santo Antônio até o moinho.

Esta imagem retrata um mutirão para abrir valetas e evitar alagamentos no moinho do Sr. Veronez. Da esquerda para a direita: Argentino Pegoraro, Ivanir Pegoraro, Irineu Pegoraro, Ildo Pegoraro (em memória) e Ernesto Dalzotto. Foto: Arquivo pessoal do Sr. Ivalino Pegoraro.

3.4.1 Fato marcante

É claro que, ao longo desta caminhada, aconteceram alguns incidentes, mas o que mais marcou a comunidade foi a morte de um rapaz com um tiro de revólver na cabeça. Este foi dado por outro rapaz, por ciúmes de uma moça, disputada pelos dois. Isso aconteceu no terreno da capela, em dia de festa da comunidade.

3.4.2 A pombinha que acompanhava a capelinha

A fé e oração sempre foram marcas das famílias desta comunidade e cabe destacar uma conhecida história contada pelos moradores e muitas outras pessoas sobre o fato da capelinha de Nossa Senhora de Fátima.

Numa das visitas da capelinha na residência da Sra. Aurora Pegoraro (em memória), uma "pomba-carijó de mato" pousou perto de seu pequeno filho de 3 anos, o qual a pegou com suas mãozinhas e, a partir de então, se aninhou próxima à capelinha.

Nos dias seguintes, a pombinha ia junto com a capelinha e, então, o Sr. José Pegoraro (em memória) construiu uma caixinha para o pássaro que, por aproximadamente, sete anos permaneceu acompanhando a imagem de casa em casa. As famílias foram se habituando com a pomba e, em cada casa, a caixinha era limpa e a pomba alimentada.

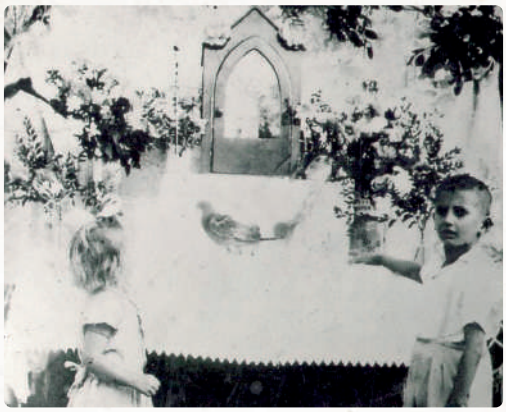


Foto: Arquivo pessoal da família Pegoraro. Gentileza da Sra. Alzira Madalozzo Pegoraro.

3.4.3 Laticínios Aurora - 1° laticínio na região

Fundado em 1991, pelos irmãos Sérgio Pegoraro e José Antônio Pegoraro (em memória), onde homenagearam o laticínio com o nome da matriarca familiar, a Sra. Aurora Zotti Pegoraro.

Foto: Arquivo pessoal da família. Gentileza da Sra. Alzira Madalozzo Pegoraro.

Inicialmente, uma empresa familiar, localizada na zona rural, pertencente a Tapejara. Com o tempo foi crescendo e ganhando destaque na região e no estado, chegando a ter 30 funcionários e absorvendo a produção leiteira de diversos municípios próximos, bem como oferta de emprego.

Foto: Arquivo pessoal da família. Gentileza da Sra. Alzira Madalozzo Pegoraro.

A coleta de leite era feita em tarros em cima de um caminhão e o mesmo era refrigerado em geladeiras. Posteriormente, utilizaram os resfriadores e tanques. Os principais produtos fabricados eram: ricota, nata, iogurte, queijo fatiado e queijo colonial.

Foto: Arquivo pessoal da família. Gentileza da Sra. Alzira Madalozzo Pegoraro.

Familiares do Sr. Sérgio Pegoraro relembram que foram mais de uma década de trabalho e dedicação. No entanto, devido à instalação de outras empresas em Tapejara, como a então Bom Gosto, o mercado se tornou mais competitivo e houve a necessidade de investimentos significativos, levando ao encerramento das atividades no ano de 2004.

Atualmente, a Comunidade de São Valentim é composta por 48 sócios, com uma diretoria formada pelos senhores: Ivalino Girardi e Solange, Izalino e Ana Maria Pegoraro, Calires de Cesare e Clauciane Pegoraro, Domingos Spagnol e Rejane Spagnol. Contam com a colaboração de uma catequista e cinco ministros, e realizam três festas tradicionais por ano: a festa do padroeiro no mês de fevereiro, a festa de Santo Antônio no mês de julho e o Jantar do Capeletti no mês de agosto.

Imagem da capela e do salão da comunidade atualmente. Foto: Arquivo da equipe do projeto do livro.

3.5 Linha Fernandes

A Comunidade de Nossa Senhora das Dores, localizada em Linha Fernandes, tem sua história registrada no livro "Raízes e História de uma comunidade: Água Santa" (p. 73), de que ela está situada na linha divisória entre as terras de campo da Fazenda Santa Cecília e a região do mato. Esta linha foi demarcada pelo engenheiro agrimensor Maximiliano de Almeida, durante a medição das terras para a colonização. É uma linha reta que parte do Rio Santo Antônio, em Santa Cecília, e se estende até próximo ao Rio Carreteiro, na altura da Capela do Faxinal. Originalmente, essa linha era chamada de Picadão, o que deu nome ao lugar.

Antonio Fernandes, um dos filhos do Sr. Satyro José Fernandes, foi o pioneiro na abertura da estrada. Conforme relatos dos moradores em reunião na comunidade em novembro de 2023, foram cerca de quatro anos levados para abrir caminho e construir cercas neste trajeto, em uma distância aproximada de dez quilômetros.

A primeira imagem retrata o trabalho dos homens da comunidade e, também, da região para abrir o trajeto com suas foices e facões. Foto: Arquivo pessoal de Maria Santina Chaves.

Esta imagem traz outro grupo de trabalhadores com armas, possivelmente detinham pelo fato de terem animais selvagens nas terras desbravadas. Foto: Arquivo pessoal de Odila Guerra Iaskievicz.

O livro de Água Santa traz, ainda, que o nome da comunidade foi mudado na segunda administração do prefeito de Tapejara, José Maria Vigo da Silveira. Como eram seus parentes, ele quis prestar uma homenagem à família Fernandes, proprietária da Fazenda Santa Cecília, denominando o local de Linha Fernandes. Neste período, a comunidade pertencia a Tapejara, já que Água Santa ainda não havia sido emancipada.

Mausoléu onde está sepultado o Sr. Satyro José Fernandes. Fonte: Arquivo da equipe do projeto do livro.

A Fazenda Santa Cecília, que faz parte desta comunidade, foi adquirida em 1924 por Satyro José Fernandes com uma extensão de 8.554 hectares, se estendendo desde Cruzaltinha até os morros de Santa Cecília. Em 1935 Satyro fez doação da fazenda aos seus 12 filhos e faleceu em 31 de março de 1945. Esta família é a mais antiga da região do campo que a comunidade conhece e possuem um cemitério onde estão sepultados os familiares, além de Satyro na foto a seguir.

As primeiras famílias de colonos que aqui se estabeleceram foram as de Hermenegildo Felipi, João Prigolli e Pedro Guerra. Vinham da região do Turvo, Município de Nova Prata. Eram atraídos pela terra a preço acessível, a riqueza da erva-mate e dos pinheiros. No entanto, conta o livro de Água Santa, que os colonos procuravam as terras do Picadão porque eram baratas e cobertas de Angicos. Antigamente, falava-se que onde havia Angico as terras eram boas e férteis. Porém, não eram Angicos e, sim, Bracatingas.

Todo o comércio, no começo, era em Passo Fundo. Era feito com carroças de terno de mulas e cargueiros. Levavam os produtos e traziam sal e outras mercadorias. A viagem demorava três dias. Os moradores desta região lidavam unicamente com o gado de corte, matriz e, consequentemente, produziam queijo.

"Ao mesmo tempo que vinham as carroças de Passo Fundo cheias de sal para o gado, voltava cheia de queijos"

"Ao mesmo tempo que vinham as carroças de Passo Fundo cheias de sal para o gado, voltava cheia de queijos". Relato e foto disponibilizada pela Sra. Odila G. Iaskievicz.

Uma das primeiras preocupações dos colonizadores foi a escola, que foi montada no porão de uma casa. A primeira professora foi a Sra. Armelinda Menegaz, e outras que foram lembradas, como a Sra. Madalena Pelissoni, Moreno Inácio Bandeira e Iolanda da Silva Guerra.

Os primeiros colonizadores, Hermenegildo Felipi, João Prigoli, Pedro e Guerino Guerra, por volta do ano de 1921, construíram um capitel nas terras de Pedro Guerra. Ali se reuniam aos domingos e em outras ocasiões para fazerem suas rezas. Neste capitel foi rezada a primeira missa, em 1923. Foram buscar o padre em Passo Fundo, na Igreja da Conceição. Este capitel teve como diretoria os Srs. Hermenegildo Felipi e Pedro e Guerino Guerra e foi dedicado a São Roque, protetor dos animais domésticos, em cumprimento de promessa dos moradores. O Sr. Alexandre Agnoletto doou o terreno do cemitério onde está localizado atualmente.

Anos mais tarde, uma das lideranças, o Sr. José Iaskiewicz, junto com as famílias de Hermenegildo Felipi, Pedro e Guerino Guerra e José Tondello, pensaram em conseguir um terreno para construir a escola e a capela. Este terreno foi doado pelos irmãos Osvaldo e Otilia Fernandes, denominando a escola com o nome de Satyro Fernandes.

A escola foi construída pelos próprios moradores, que providenciaram a madeira e a mão de obra. Dentro desta escola, por alguns anos, também realizaram o culto, a catequese e a celebração da missa. Só mais tarde foi construída a capela de madeira. A padroeira da capela, Nossa Senhora das Dores, foi promessa de José Iaskiewicz, que doou a imagem, sendo que a missa era feita uma vez por ano na festa da padroeira. A Sra. Maria Felipi Guerra foi a primeira catequista, e também a Sra. Maria Maculan Guerra, sua nora, a qual foi lembrada por moradores e marcada a seguir.

Turma de catequizandos com suas catequistas Sra. Maria Felipi Guerra e Sra Maria Maculan Guerra.

A comunidade se reunia aos domingos e dias santos para a reza do terço em italiano e as ladainhas cantadas. A língua italiana só foi usada no começo da colonização. As festas eram mais de confraternização, com comida de panela, cucas, tortas, bolachas e vinho. O local era preparado com ramadas feitas com taquaras abundantes na região.

Os bailes aconteciam nas casas de família, com convites e animados pela gaita e violão. Dizem que, às vezes, aconteciam brigas, pois os malandros tiravam a escada da casa, davam o alarme e o pessoal se jogava para fora, para escapar da briga e sem a escada caíam um por cima do outro.

Imagem dos irmãos de Paula. À esquerda, no violão, Paulo da Silva de Paula (em memória) e, na gaita, João Maria de Paula, também chamado de "Jango". Fonte: Arquivo pessoal de Irani de Paula.

Na comunidade, a família de Paula sempre foi pioneira na música, animando bailes no pequeno salão da época e, também, em toda a região.

De família grande, Seu Apolinário de Paula (em memória), pai dos meninos da foto, também tocava gaita e ensinou todos seus filhos homens a tocar, bem como suas duas filhas moças. Apolinário também era um conhecido benzedor e conhecedor de ervas medicinais na época chamadas de "ervas de mato". Pessoa muito católica, utilizava arruda, manjericão e, até mesmo, fumo, que plantava e fazia remédio, dentre sua vida simples de plantio de erva-mate e algumas cabeças de gado.

Em 1978 foi construída a capela de alvenaria e, na mesma época, o salão de madeira, sendo da diretoria os Srs. Angelo Guerra (em memória), João Germi, Odair Iaskiewicz (em memória) e Luís Oliboni. Por ser na época uma comunidade de muitas crianças, funcionaram três escolas: Satyro Fernandes, Pedro Eduardo Iaskiewicz e São João, no Erval.

Na década de 80 foi construída a Escola Pedro Eduardo Iaskiewicz, em homenagem ao expedicionário morador da comunidade pelo fato de Pedro ter servido o exército e foi convocado a ir à guerra. Foi então para se apresentar no Rio de Janeiro, no entanto, estando na cidade carioca, um dia antes da saída veio a notícia que a guerra na Itália havia acabado.

Imagem do Sr. Pedro Eduardo Iaskiewicz, (em memória) que levou o nome da escola. Foto arquivo pessoal de Odila Guerra Iaskievicz.

Na imagem, da esquerda para a direita: o aluno Odimar Iaskievicz e a primeira professora, Denise Panisson. Foto: Arquivo pessoal de Odila Guerra Iaskievicz.

3.5.1 Grupos da comunidade

O Grupo de Jovens "Lutando por um futuro melhor" teve muita relevância na construção histórica da comunidade pela sua organização e união, chegando a ter 65 integrantes. Um fato marcante lembrado, foi do grupo de jovens se reunirem para carpir/limpar a soja nas terras da família Soares e, assim, arrecadar fundos para aquisição de mangueira e encanar água para o salão da comunidade.

Imagem do grupo de jovens em janeiro de 1981. Foto: Arquivo pessoal de Irani de Paula.

O grupo de jovens se reunia aos domingos na capela para preparar o culto, a missa e encontros, assim como também participavam de congressos em outros municípios. Em uma das gincanas que participaram na Gruta do Erval, ganharam na premiação uma imagem de Nossa Senhora Aparecida e, após, tiveram a ideia de fazer a capelinha com a imagem. Desde então, esta capelinha passa nas casas da comunidade até os dias atuais.

Posteriormente, também foi criado o Grupo de Mulheres "Unidas Venceremos" onde participavam dos encontros de clubes de mães da região.

Havia, também, um time de futebol, mas este esporte não era forte na Linha Fernandes e não se têm registros.

3.5.2 Fatos curiosos

- Uma inauguração peculiar

A foto abaixo elucida um momento marcante, a inauguração de um módulo sanitário chamado, na época, de "patente". À direita está o Sr. Valdemar Arcari, representando o Programa de Desenvolvimento de Comunidades Rurais do Ministério da Agricultura (PRODECOR), que instruiu a construção e a turma de alunos da Escola São João, que na época, pelo local ter muitas crianças, o Sr. Apolinário doou um terreno para a construção da mesma.

Ao centro, na foto de chapéu, o Sr. Inocêncio de Paula e a sua esquerda seus pais: Sra. Januária de Paula (em memória) e o Sr. Apolinário de Paula (em memória), doador do terreno. Foto: Arquivo pessoal de Inocêncio de Paula.

- A tapera assombrada

Descendentes da família Fernandes contam histórias antigas da casa, onde por volta de 1925 começaram a notar aparições estranhas na propriedade do Sr. Osvaldo Fernandes (em memória), como escritas de carvão, possivelmente, direcionadas a Osvaldo, dizendo haver um "encanto", tendo que procurar um "tesouro" enterrado no canto esquerdo da cozinha. O mesmo não acreditava e, por vezes, ficava até bravo quando alguém tocava no assunto; nunca o procurou.

Muita gente que sabia da história, tanto de familiares como outros, tentaram procurar o tal tesouro, mas acredita-se que, até o momento, nunca foi encontrado. As escritas de carvão também apareciam nas paredes com a mensagem pedindo que rezassem um terço cantando, possivelmente da mesma "alma" do tesouro.

Dentre outras histórias da família, frequente eram os acontecimentos estranhos, a exemplo dos terneiros que à noite eram recolhidos e trancados os portões, porém amanheciam abertos e os animais soltos; pertences das visitas que posavam na casa amanheciam cortados, em especial os chapéus que, por vezes, até sumiam; a lavoura com rastros gigantes, onde Osvaldo largou em cima gravetos em forma de cruz e, após, os rastros começaram a aparecer também em forma de cruz. Ficando receoso, Osvaldo chamou padres para rezar missa e depois de um tempo as aparições foram sumindo.

Foto da casa supostamente assombrada da família Fernandes. Da esquerda para a direita: Oscar Fernandes, sentado; Sr. Osvaldo Fernandes, com uma criança não identificada em seu colo, em pé; Lídia Favaro Fernandes, mãe da criança, sentada; Sra. Tereza Fernandes, Placida Fernandes e Fredolina Fernandes Telles (todos em memória). Foto: Arquivo pessoal de Arthur Osmar Fernandes Telles.

3.5.3 Rio Vespeira

O Rio Vespeira nasce na Comunidade de Linha Fernandes, mais precisamente na propriedade do Sr. Arduino Zancan, próximo à divisa territorial com o Município de Água Santa.

A origem do nome "Vespeira" está relacionada a um fato ocorrido há muitos anos, quando alguns peões de fazenda saíram a cavalo de tardezinha para recolher o gado. No entanto, ao bater sem querer em um balão de vespas e serem atacados pelo enxame, os cavalos saíram em debandada. Os peões, por outro lado, não tiveram escolha a não ser entrar em um banhado que, posteriormente, formava um córrego abundante. Assim, o local ficou conhecido popularmente como "Vespeira".

Ele deságua no Rio Santo Antônio, na propriedade de Luiz Miotto (em memória). É formado, em sua maioria, pelas chamadas "sangas de banhados" e pequenos córregos que se unem a alguns arroios conhecidos como: Arroio do Soque, que nasce na "tapera velha", antiga sede do Sr. Luis Silveira Telles (em memória); Sanga do Lambari, próxima à ponte do Rio Vespeira; e Sanga do Picadão, na propriedade do Sr. Luis Sadi de Souza. Além destes, unem-se ao curso do rio outras sangas sem denominação.

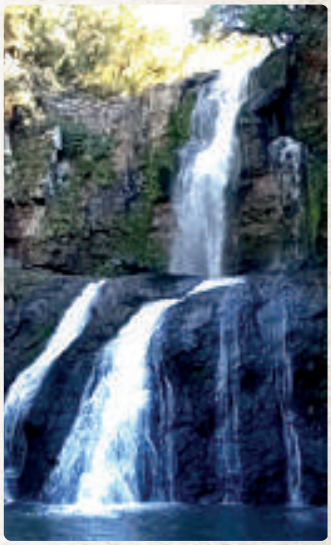
Moradora antiga da região, a Sra. Eloir Terezinha Piffer contou que há algumas décadas havia um pequeno desvio do curso da água deste rio, que servia para tocar uma roda d'água de um moinho, situado próximo aos pinhais da atual Comu-

nidade de Linha Fernandes. Havia também um "monjolo" para socar erva-mate, que também era movido pela água do rio.

Imagem ilustrativa de monjolo. Fonte: Blog Olho Aberto Curitiba.

Assim como os demais rios têm seu papel fundamental, seja para os seres humanos, fauna e flora, o Rio Vespeira foi crucial para a história do município também no povoamento, pois era usufruído de sua água abundante e límpida para o consumo das famílias, que no seu serpenteado fixavam moradia, bem como a pesca, a caça de animais selvagens como alimento e, também, extração de areia no local, lavada com a própria água do rio para remover as impurezas.

Em seu curso, o rio possui uma pequena corredeira cujas pedras formam uma espécie de degraus para escalada; além desta, há uma belíssima cascata com duas quedas, ambas são de propriedade particular e de difícil acesso, evidenciando em seu curso a beleza de suas características naturais, dentre diversas outras cachoeiras situadas no município.



No curso do rio há uma cascata de propriedade particular. Foto: Arquivo de Veronica Heloisa Panisson.

Por fim, atualmente a diretoria da capela da Linha Fernandes é formada pelos Srs. Ricardo Cerezoli, Luís Sadi de Souza e Volnei Vilson Bizutti. A comunidade conta com 27 sócios, duas catequistas e três ministros, realizando duas tradicionais festas por ano, sendo uma no mês de março, em Honra a São Pedro e, outra, em setembro, em Honra a Nossa Senhora das Dores, cabendo elucidar que, territorialmente, a comunidade pertence ao Município de Santa Cecília do Sul, embora tenha parte da comunidade ainda pertencente ao Município de Água Santa.

Capela N. Sra das Dores, Linha Fernandes. Foto: Arquivo da equipe do projeto do livro.

3.6 Comunidade de Santa Terezinha

Entre as cordilheiras, os campos e rios que banham a parte leste de Santa Cecília do Sul localiza-se a Comunidade de Santa Terezinha, cujo primeiro nome foi Linha Tamagno em homenagem aos colonizadores.

Grande parte das terras formava a Fazenda Taymbé, adquirida entre 1890 e 1900 por Antônio Bento Lopes da Rosa (em memória). Na parte sul, além da Fazenda Taymbé, a comunidade abrangia parte da antiga Fazenda Santa Cecília. Tempos depois, Bento vendeu partes da fazenda a Hildebrando Machado da Silveira (em memória), popular Hildebrando Machado. Conforme descrito no livro "Raízes e História de uma comunidade: Água Santa" (p. 69 e p. 70) estas terras foram colonizadas pelas famílias Lopes da Rosa, Silveira e Bertolin. Posteriormente, colonizadores provenientes da região de Antônio Prado, nas décadas de 40 e 50, adquiriram propriedades, instalando-se aqui as famílias de João Risson, Antônio Bomfilho e Caetano Tamagno (todos em memória).

De acordo com relatos da Sra. Clementina Fontana, de 79 anos, entre as décadas de 60 e 70 havia na comunidade as famílias de: Francisco Lara, Guilherme Fontana, Jacinto Machado, Felício Pasquali, Marcelo Pasquali, Arquiles Tamagno, Celso Mezomo, João Risson, Laurindo Risson, Mário Risson, Fernando Miotto, Guerino Miotto, Vitório Bonora, Vitório Miotto, Laurindo Passarin, Maurílio Passarin, Raimundo Passarin, Arquimedes Ciolatto, Geraldo Tamagno, João Prigolli, Osvaldo Rodrigues da Silva, Francisco Viola, Firmino Borges, família Variza, Francisco Lopes, Mario Lopes, Darci Merotto (todos em memória), entre outras.

3.6.1 Escola

Em meados de 1945, sentindo a necessidade de levar conhecimento aos seus filhos, os moradores da comunidade decidiram construir uma escola de madeira e, com a ajuda de Arnaldo Testel (em memória), que havia montado uma serraria nas terras de Israel Vigo da Silveira (em memória), conhecido como "Lolinho Machado" para cortar o pinhal que ali havia, o prédio escolar tomou forma. Lolinho também

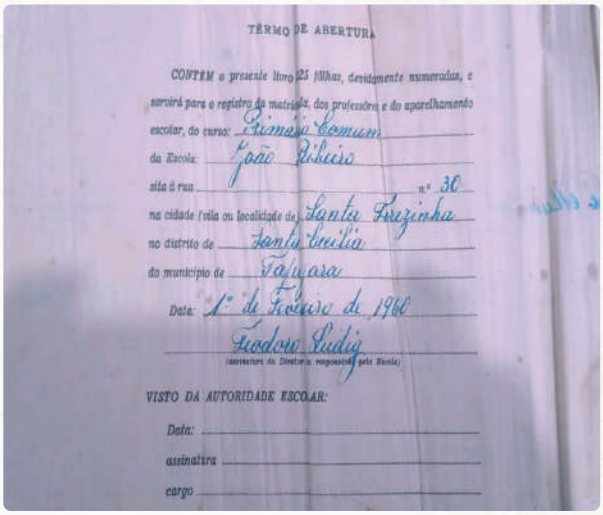
contribuiu. A escola começou a funcionar com 40 alunos e o primeiro professor foi o Sr. Moreno Inácio Bandeira (em memória), remunerado pelos pais dos alunos no valor de 2 cruzeiros mensais por estudante.

Após ser construída a igreja de madeira, lá pelo ano de 1954, a escola passou a funcionar por um determinado tempo na capela. Liderados pelo Sr. Mario Risson, a comunidade decidiu então construir um novo prédio escolar: uma construção não muito grande, com porão de tijolos onde funcionava a bodega nos encontros dominicais.

Na parte alta, de madeira, composto por uma sala única, sem cozinha ou banheiros e, em sua lateral externa, uma escadaria com 20 degraus com uma pequena cobertura, que levava ao andar de cima onde se tornou a escola, com paredes brancas e classes com bancos de madeira. Sobre a construção do barracão, Dozolina Risson, filha de Mario discorre: *"para juntar dinheiro para fazer o barracão, a mãe fazia bolachas e, no final de semana, vendia-as embaixo de uma árvore. O pai tinha um rádio movido a pilha para animar o local"*.

"O pai tinha um rádio movido a pilha para animar o local"

Encontram-se registros de funcionamento das atividades escolares a partir de 1960, conforme documento abaixo.



TÊRMO DE ABERTURA

CONTÉM o presente livro 25 fôlhas, devidamente numeradas, e servirá para o registro de matrícula, dos professôres e do aparelhamento escolar, do curso: Primário Comum

da Escola: João Ribeiro

sita à rua ____ n.º 30

na cidade (vila ou localidade de) Santa Firzinha

no distrito de Santa Cecília

do município de Taquara

Data: 1º de Fevereiro de 1960

Teodoro Ludig

(assinatura do Diretor ou responsável pela Escola)

VISTO DA AUTORIDADE ESCOLAR:

Data: ____

assinatura ____

cargo ____

Arquivo da Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Duque de Caxias de Santa Cecília do Sul.

Professor Teodoro Ludig e esposa Adelina Turco Ludig (ambos em memória). Foto: Arquivo pessoal de Suzana Maria Girardi Felicio.

O lanche era levado de casa e consistia em batata-doce assada ou cozida, pão com melado ou puro, frutas e até polenta era levada por alguns. Em muitas ocasiões, compartilhavam com colegas que, frequentemente, não possuíam algo para levar consigo.

Existia uma certa rigidez em relação à disciplina, de forma que o professor detinha a autoridade em sala de aula e podia aplicar punições aos estudantes rebeldes, como: ajoelhar-se sobre grãos de milho e tampinhas de garrafa, utilizando-se,

também, varas de vime e réguas. *"E se um aluno se comportasse mal, toda a turma ficava sem recreio"*, complementou Graciema Tamanho Silipi.

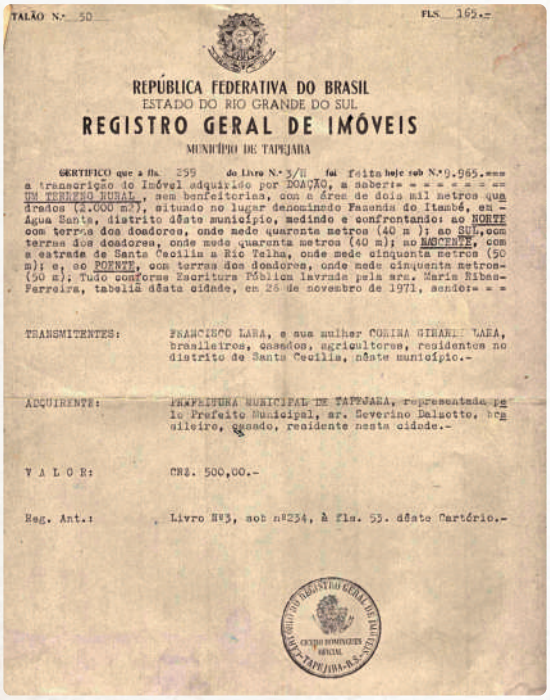
Um dos hábitos escolares era a prática da oração: *"a primeira coisa que se fazia ao entrar na sala de aula era rezar. Além disso, era obrigatório decorar o Hino Nacional Brasileiro"*, relataram Antônio, de 67 anos e Rosalino Pasquali, com 69 anos.

Verão ou inverno, perto ou distante, o trajeto de casa até a escola era feito a pé, pois não havia transporte. O material escolar era transportado em embalagens de plástico ou tecido e, confeccionadas pelas mães, também conhecida como "bissaca". Utilizavam um caderno pequeno que, segundo Antônio Pasquali, *"enchia de orelhas por conta da sacola"*, lápis e borracha, sendo essa muitas vezes substituída pela borracha de frascos de penicilina injetável e *"pedaços de chinelo de dedo, que mais borrava do que apagava no caderno"*, declarou Graciema.

Glória Tamagno acrescentou: *"não tinha uniforme e, devido a falta de agasalhos no inverno, enfrentava-se muito frio. A maioria das crianças vinha apenas de chinelo ou tamanco"*.

Com o passar dos anos ampliaram o espaço na parte inferior, com uma cobertura de telhas para os encontros da comunidade, comemoração das festas e jogos de baralho. Além do professor Theodoro Ludig, lecionaram nesta escola: Cleusa Pavin, Joana de Mello e Natalina Variza. Atualmente, relembram carinhosamente da escola João Ribeiro, como "escolinha do barracão".

No ano de 1972, o novo prédio escolar foi construído cerca de meio quilômetro, em um terreno doado por Francisco Lara (em memória), conforme consta no documento abaixo.



TALÃO N.º 50 FLS. 165.-

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
REGISTRO GERAL DE IMÓVEIS
MUNICÍPIO DE TAPEJARA

CERTIFICO que a fls. 259 do Livro N.º 3/H foi feita hoje sob N.º 9.965.=== a transcrição do Imóvel adquirido por DOAÇÃO, a saber:= = = = = = = = = UM TERREIRO RURAL, sem benfeitorias, com a área de dois mil metros quadrados (2.000 m²), situado no lugar denominado Fazenda do Itambé, em - Água Santa, distrito dêste município, medindo e confrontando: ao NORTE com terras dos doadores, onde mede quarenta metros (40 m); ao SUL, com terras dos doadores, onde mede quarenta metros (40 m); ao NASCENTE, com a estrada de Santa Cecília a Rio Telha, onde mede cinquenta metros (50 m); e, ao POENTE, com terras dos doadores, onde mede cinquenta metros (50 m); Tudo conforme Escritura Pública lavrada pela sra. Maria Ribas Ferreira, tabeliã dêsta cidade, em 26 de novembro de 1971, sendo:= = =

TRANSMITENTES: FRANCISCO LARA, e sua mulher CORINA GIRARDI LARA, brasileiros, casados, agricultores, residentes no distrito de Santa Cecília, dêste município.-

ADQUIRENTE: PREFEITURA MUNICIPAL DE TAPEJARA, representada pelo Prefeito Municipal, sr. Severino Dalsotto, brasileiro, casado, residente nesta cidade.-

V A L O R: CR$. 500,00.-

Reg. Ant.: Livro Nº3, sob nº234, à fls. 53. dêste Cartório.-

Documento de doação do terreno no Registro Geral de Imóveis. Fonte: Arquivo da Escola Duque de Caxias.

Com nome Independência, a escola possuía formato retangular, com dois banheiros, sala de aula e uma pequena cozinha.

Entre as atividades desenvolvidas, a escola possuía a autonomia de realizar pequenas promoções para angariar fundos para o custeio de comemorações ou aquisição de algum material.

Havia, ainda, a coroação de rainha da escola, cuja escolha era feita por meio de uma contribuição em dinheiro (denominada voto), onde quem arrecadasse o maior valor recebia um posto na corte. Todo o valor recebido pelas candidatas era agregado ao caixa escolar para aquisição de materiais e custeio de comemoração das datas, como Dia das Mães, Pais e Dia das Crianças.

Professor Alfredo Norberto Cauduro (em memória) com os alunos. Primeiro professor da Escola Independência em 1973. Foto: Arquivo pessoal de Deoclides Piffer de Oliveira.

Lecionaram nesta escola, os professores: Alfredo Norberto Cauduro (em memória) em 1972, Adorindo Variza (em memória), Leonice M. Bolsonelo, Catarina Bolsonelo, Lidia Concolatto, Cleci Machado, Ivania Spader, Zelia Ana Zanatta (em memória) e Adelides Teresinha Lara Piffer.

A escola manteve suas atividades até o fim do período letivo de 2001, quando os alunos foram transferidos para a Escola Municipal de Ensino Fundamental Duque de Caxias, sede do município. Hoje, resta apenas o prédio escolar e as memórias criadas no decorrer das aulas.

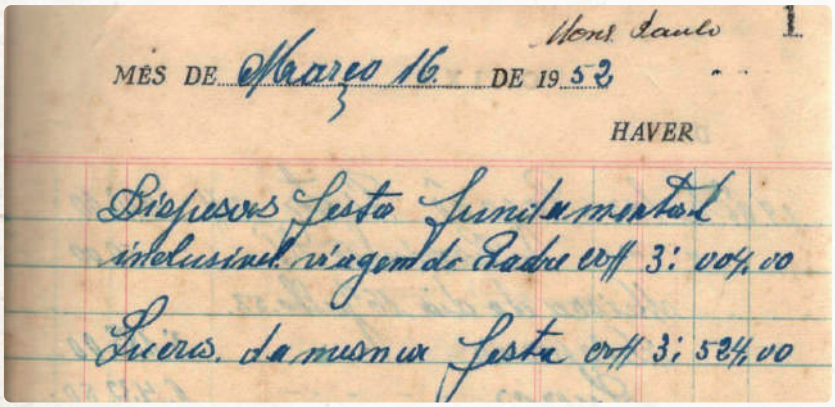
3.6.2 Igreja

No início, assim como nas demais localidades, as orações eram feitas em casa pela família, nos capitéis construídos em pagamento de promessas e, em ocasiões especiais, como batizados e casamentos, buscava-se a igreja mais próxima,

Figura 14: Desenho ilustrativo feito por Yasmin da Silva (12 anos).

como em Água Santa e Santa Cecília. Havia um pequeno capitel de madeira, construído a partir de uma promessa de Arquiles Tamagno (em memória). A imagem presente neste era de Santa Lúcia.

Entre os anos de 1951 e 1952, sentindo a necessidade de um local de encontro para oração e convívio fraterno, as famílias Risson, Pasquali, Tamagno, Variza, Prígoli, Carraro, Testel, entre outras, deram corpo à ideia de construir uma nova capela. Organizaram uma festa à sombra de um capão de mato, em frente à casa de Mário Risson, onde, no dia 16 de março de 1952, o Pároco de Água Santa, Pe. José Kusminski (em memória) celebrou a primeira missa na Linha Tamagno. A festa ocorreu em estilo da época, com churrasco, doces caseiros e o tradicional vinho colonial, que não podia faltar.



Mons. Paulo 1

MÊS DE Março 16 DE 1952

HAVER

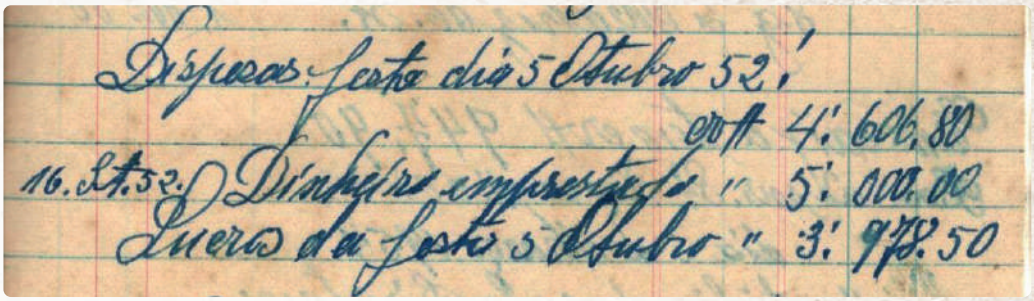
Despesas Festa Fundamental inclusive viagem do Padre Cr$ 3.004,00

Lucros da mesma Festa Cr$ 3.524,00

Demonstrativo do livro caixa da capela em março de 1952, com registros da primeira festa. Fonte: Arquivo da Capela Santa Terezinha.

À tarde deste mesmo dia, todos os sócios começaram a desmatar parte do terreno de 5.000 m² doados pelo Sr. Mário Risson, onde seria realizada a construção da primeira capela de madeira. Além do terreno, Mário doou também a madeira para construção e o Sr. Mario Lopes (em memória) doou um tronco de Tarumã para os cepos. Segundo Ivalino Bonora: *"Mário Risson fez a planagem do terreno com uma junta de bois e um arado americano"*. Zeli Tamanho de Almeida, que também foi catequista na comunidade, contou que seu pai, Caetano Tamanho, era carpinteiro, sendo ele um dos construtores da capela.

A sociedade foi formada por 32 famílias, conforme livro de inscrições datado de 21 de novembro de 1952. Neste mesmo dia, formou-se, também, a primeira diretoria: Luiz Variza, João Risson e Mario Risson. A capela foi inaugurada no dia 5 de outubro de 1952.

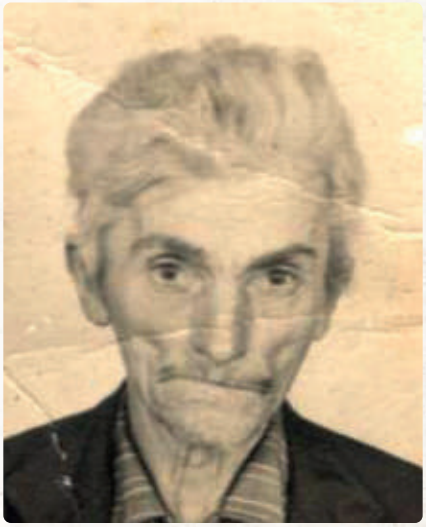

Despesas festa dia 5 Outubro 52.
em 4:606,80
16.Set.52. Dinheiro emprestado " 5:000,00
Lucro da festa 5 Outubro " 3:978,50

Demonstrativo do livro caixa da capela em março de 1952, com registros da primeira festa. Fonte: Arquivo da Capela Santa Terezinha.

Com pé direito alto, o interior da capela possuía uma escadaria que levava a um segundo andar chamado de cantoria, onde os músicos se posicionavam para entoar os cantos durante as celebrações. Internamente, era pintada a cerca de um metro e meio num tom marrom e o restante, até o teto, em azul.

Rosalino Gratieri contou, também, que o sino estava em uma casinha de madeira e, segundo Valentim Pasquali: *"quando chegou o sino, foi feita uma arrecadação e quem dava mais dinheiro seria o padrinho. Quem ficou foi o Sr. João Risson"*.

De acordo com relatos de Clementina Fontana, Marcelo Pasquali era responsável por tocar o sino entre os anos que ela residiu na comunidade com a família. Havia um tipo de batida diferente para cada fato, como, por exemplo, no falecimento de crianças possuía menos batidas e pessoas mais velhas possuía mais batidas. Também, o Osvaldo Risson era responsável pela batida três vezes ao dia: às 6 horas da manhã, ao meio-dia e às 18 horas.



Marcelo Pasquali (em memória). Foto: Arquivo pessoal de Antonio Pasquali.

A escolha da padroeira foi fruto da esposa de Arnaldo Testel, mas a imagem foi comprada e paga por toda a comunidade. A partir da entronização da imagem, a

localidade de Linha Tamagno passou a se chamar Santa Terezinha.

Homem religioso, dedicado ao crescimento de sua comunidade, Mario Risson foi também o primeiro capelão, rezava o terço e a Ladainha de Nossa Senhora.

Mario Risson e a esposa Santina Ciolatto Risson (ambos em memória).
Foto: Arquivo pessoal de Dozolina Risson.

As maiores concentrações ocorriam por ocasião das secas ou outras calamidades, onde realizavam procissões que todos acompanhavam de pés descalços. Iam até o capitel de Nossa Senhora dos Navegantes, junto ao Rio Santo Antônio, na Capela de Santa Cecília e no Capitel de Santa Lúcia, sempre rezando e cantando. Grande era a fé desta comunidade, onde faziam da oração sua base para superar os momentos difíceis que a vida apresentava-lhes.

Nos primeiros anos a missa era rezada a cada dois meses. Membros da diretoria iam a cavalo buscar o padre em Água Santa. "O padre se locomovia no lombo do cavalo. Tempos bons aqueles..." Pe. Darcy Zanolla (p. 72).

A primeira catequista foi Adelinda Sareta Tamagno que ensinava aos catequizandos os primeiros ensinamentos religiosos, a memorização dos Dez Mandamentos da Lei de Deus, os Sete Sacramentos, Ato de Contrição e leitura da Bíblia. Depois de seis anos de estudos, os catequizandos apresentavam-se ao bispo para serem crismados.

Adelinda Sareta Tamanho e Caetano (ambos em memória).
Foto: Arquivo pessoal de Zeli Tamanho de Almeida.

Em março de 1954 ocorreu a primeira visita pastoral do Bispo Diocesano Dom Claudio Colling (em memória). De acordo com Sadi Miotto, popular Dolar, *"o Bispo vinha a cada dois anos e a comunidade organizava-se em procissão e ia encontrar numa altura do caminho. As mulheres cumprimentavam o bispo e beijavam o anel"*.

A música fazia parte do cotidiano religioso das famílias, principalmente dos mais jovens. Antônio Pasquali, contou que começou a acompanhar a equipe na cantoria, com cerca de 16 anos. Mais tarde, juntamente com os irmãos, fundaram uma banda local, cujo nome era Conjunto Musical e Vocal Alvorada.

Conjunto Musical e Vocal Alvorada. Da esquerda para a direita: Olívio Pasquali (em memória), Rosalino Pasquali, Antonio Pasquali e Luis Pasquali (em memória). Foto: Arquivo pessoal de Antonio Pasquali.

3.6.3 Os fabriceiros e as festas

Os grupos que organizavam festas eram conhecidos como fabriceiros na época. Entre eles, destaca-se Álvaro dos Santos, popular Tato Bibiano (em memória) que, além de capelão, muitas vezes produzia mandolates no sábado para vender no domingo na comunidade e angariar dinheiro para a capela. Muito presente nas atividades religiosas, auxiliava nas orações, cantos e promoções.

Gentil e Álvaro dos Santos. Foto: Arquivo pessoal de Lurdes Pasquali.

Para as festas, os fabriceiros encomendavam bebida com o Bilibio que as trazia de Passo Fundo. Ivalino Bonora lembrou que o refrigerante era da marca

Mirinda, existindo também xarope de framboesa *"que a piazada pegava um copinho, colocavam o líquido doce dentro de uma garrafa e iam encher o que faltava na sanguinha do Mário Risson"*.

As famílias compravam o churrasco, que era espetado em varas de madeira retiradas no dia e assado em valas feitas especificamente para isso. *"Eu sempre era escalado pra juntar lenha para assar a carne, já que havia em abundância na minha terra"*, revelou Argentino Gratieri. Levavam de casa os acompanhamentos: saladas e pães caseiros. O almoço ocorria embaixo das árvores, sentados em círculos, espeto de carne assado fixado no solo e compartilhado entre as famílias. Nair Gratieri complementou: *"com o tempo, passaram a fazer tortas para vender. Eram recheadas com chimia, creme de Ki-Suco e pó de pudim. Atualmente evoluiu muito... Mas era bom!!!"*.

Valentim Pasquali relatou: *"certa vez, Seu João e Terezinha Prigoli, já falecidos, levaram polenta, que foi repartida com todos os que estavam na roda. A gente dividia tudo. Era divertido tudo isso"*. Ivalino Bonora complementou: *"logo pra baixo do barracão tinha um barranco e, logo abaixo, um poço, que tirava água de manivela. Em dia de festa, colocava a cerveja numa cesta, pendurava numa corda e deixava lá dentro pra refrescar. Não tinha geladeira naquela época"*. Além disso, o poço servia como ponto de namoro.

Sadi Miotto contou um fato ocorrido em uma festa: *"o Jacinto Machado foi fabriceiro da 3ª Festa. Vivia de revólver na cinta. Organizaram a festa e depois o Jacinto queria repartir o lucro dela entre os três fabriceiros, de qualquer jeito, ainda bem que os outros não aceitaram"*.

Em 1975 foi construído o salão da capela, todo em alvenaria, inaugurado em 8 de fevereiro de 1976, com um grande baile animado pelo conjunto musical Grenal. O pedreiro foi o Sr. Faustino Zanlucchi e a diretoria era composta pelos Srs. Valentim Pasquali, Raimundo Passarin (em memória) e Itacir Mezomo (em memória).

Em 1983, foi construída a atual capela em alvenaria, tendo como construtor o Sr. Carlos Alberto Alves Leite, auxiliado pelos seus familiares. A diretoria da época era formada pelos Srs. Valmir Miotto, Rosalino Gratieri e Jandir da Silva. Esta foi inaugurada em 9 de outubro de 1983. No ano de 1993, a mesma foi rebocada e pintada.

Atualmente a comunidade possui duas festas principais: uma em comemoração à Corpus Christi, com o tradicional tapete ao ar livre, confeccionado pelos sócios da comunidade, com serragem colorida, símbolos católicos e doações, o chamado "tapete solidário"; e, a segunda, em honra a padroeira que acontece anualmente no mês de outubro. Além disso, é realizada a tradicional ceia de Natal com sócios e seus convidados, onde se confraterniza compartilhando pratos típicos da época natalina.

3.6.4 O Rodeio

Em 9 de abril de 1988, realizou-se um Torneio de Laço em homenagem ao Lolinho Machado. O genro, Luíz Sopran (em memória), pediu ao Valdir Piffer: *"Chicão, se tu organizar uma festa em homenagem ao meu sogro, dou esse pedaço de terra pra capela"*.

Valdir contou que trabalhou vários dias na construção da cancha de laço,

além de criar um cenário específico para a imagem de Santa Terezinha, que ganhou um vestido de prenda confeccionado por Corina Girardi (em memória), com mesa forrada de couro salino emprestado por Odete Sartoretto (em memória), irmã do homenageado.

Em meio à cozinha de chão, bandeirolas, pessoas da comunidade e de vários municípios, realizou-se no evento a 1ª Missa Crioula da região.

Celebração da Missa Crioula no 1º Rodeio da comunidade. Foto: Arquivo pessoal de Valdir Piffer.

Procissão com a imagem de Santa Terezinha. Foto: Arquivo pessoal de Valdir Piffer.

3.6.5 Esporte Clube Flamengo

Entre as diversões da comunidade, incluía-se o futebol. A juventude da época, motivada pelo professor Teodoro Ludig, treinador e juiz nas partidas, Celso Mezomo entre outros desportistas, formaram o time de futebol Flamengo. O número de integrantes era grande, de modo que se podia formar dois times. Participavam em torneios, campeonatos e jogavam, também, nas comunidades vizinhas. O time do Flamengo permanece atuante, com integrantes da própria comunidade e comunidades vizinhas.

1º time de futebol da comunidade: Flamengo de Santa Terezinha. Primeiro à esquerda, em pé: Celso Mezomo. Os dois últimos, Vitalino Variza (em memória) e professor Teodoro Ludig. Demais integrantes do time seriam das famílias Miotto, Pasquali, Risson, Tamanho, Passarin, Ciolatto, Variza, entre outros cujos nomes não foram lembrados. Foto: Arquivo pessoal de Valentim Pasquali.

3.6.6 Fatos e poesia sobre a comunidade

Nona Ana Miotto, esposa de Fernando Miotto (em memória), descreve com exatidão a rotina diária das famílias residentes na comunidade: *"quando a gente ia trabalhar na roça, levava as crianças no balaio e lá uns cuidavam dos outros. Brincavam com terra, bonecas de milho e pedrinhas, embaixo de uma sombra. De diversão, me lembro das festas aqui, do galpão do Chico Lopes (em memória), onde faziam bailes até com gaitinha de boca. A gente dizia uns versinhos pra alegrar ainda mais a festa: ''andei por campo afora, andei por campo bom, mas nunca encontrei um rapaz lindo, igual você ainda não!"*. Dona Ana reside atualmente na cidade de Santa Cecília do Sul e completou cem anos em maio de 2023.

"levava as crianças no balaio e lá uns cuidavam dos outros"

O espírito de fé e união foi a principal motivação para que as famílias pioneiras se organizassem e arranjassem recursos para construir toda a estrutura de que a comunidade necessitasse para sentir-se bem e crescer. Segundo Zanolla (p. 72), "aqui tudo funcionava na base do mutirão". A atual diretoria é formada pelos Srs. Narciso Silipi, Rosalino Pasquali, Nilson Panisson e Gloria Tamagno.

Salão Comunitário e Capela Santa Terezinha em 2023. Foto: Arquivo da equipe do projeto do livro.

Homenagem do conterrâneo Deoclides Piffer de Oliveira, à comunidade.

Revivendo a minha infância

I
Lembranças me vêm à mente
da minha infância, vivida
me refiro à terra querida
de saudades, quase choro.
cheiro do mato, ainda sinto
tô igual um guri faminto
falo sério, eu não minto
d'um lugar, perto d'onde eu moro.

II
Saudades da olaria
herança do meu finado pai
não esquecerei jamais
do meu tempo de escola.
no sobrado, em cima da bodega
eu gosto de ser brega
por isso a gente nunca renega
aquilo que nos consola.

III
Me refiro, na rima destes versos
da alegria que se tinha
minha comunidade, Santa Terezinha,
da igrejinha ao lado do sino.
das catequistas: a Justina e a Cleci
também do padre Darci
como me sinto feliz
da ajuda deles, para o meu destino.

IV
Com os pés descalços, ia na escola
no rigor da geada fria.
éramos vizinhos do José Maria.
passava na Corinda do telefone
os caquís liguentos, na beira da estrada
comia, "não dava nada"
às vezes me engasgava,
era meio-dia, estava com fome.

V
Os jogos de bola, na escola
os "de cima" contra os "de baixo"
eu, com os "garrão", cheios de rachos
e os joelhos esfolados.
nos dias de festas, alegria, sem fim
os espetos de pau de guamerim
fincados no chão, eram bem assim
e ali nos pelegos,
churrasqueávamos, sentados.

VI
Meu pai era rude, ainda bem
me dava castigos severos
apanhava com vara de marmelo
assim era a prática e o costume.

"ai de ti", se não obedecer na escola!
de saco de açúcar, era nossa sacola
meia cheia de trapos, fazíamos a bola
que bons tempos, a gente assume.

VII
Santa Terezinha dos Tamanho,
assim era chamado o lugarejo
de noite, sonho e parece que vejo
a minha infância, lá perdida.
jogos de bochas, quanta lembrança
uma garrafa de cachaça, nos fundos da cancha
que às vezes, sem tolerância,
os guapos tomavam, entre as partidas.

VIII
Recordo dos professores, meus mestres
a Cleuza, a Natalina e o Alfredo Cauduro
que cuidaram do nosso futuro
e, como eram exigentes!
de nada me arrependo, deste tempo
pois tudo que aprendi, foi a contento
é o meu maior testamento
ser alfabetizado por esta gente.

IX
E agora, já no arremate
destes humildes versos rimados,
espero que tenham gostado
quem sabe até "aflorescеu" a lembrança.
vai lá e mate a saudade
participe da comunidade
e se sentirá com menos anos de idade
voltará a ser uma eterna criança.

3.6.7 Famílias, momentos e pessoas que passaram pela comunidade

Catequistas Clementina Fontana e Jurema Miotto. Aos fundos, o altar da 1ª capela. Foto: Arquivo pessoal de Valentim Pasquali.

Luiz e Olivia Variza. Integrantes da primeira diretoria da capela. Foto: Arquivo pessoal de Maria Pasquali Variza.

Dona Lucia Camargo, benzedeira, solicitada pelas pessoas da comunidade e outras, para orações, benzimentos e chás. Dona de um carisma indescritível, Dona Lucia deixou o legado de amor incondicional a todos que a procuraram. Faleceu em fevereiro de 1999. Foto: Arquivo pessoal de Lurdes Tres Lopes.

João Risson e Isolina Tamanho, integrantes da primeira diretoria da capela. Vindos da Itália, instalaram-se, primeiramente, na Comunidade de Rio Telha e, posteriormente, na Linha Tamanho. Na mudança havia uma carroça, uma mesa e um cavalo. São pais de Mario e Laurindo Risson. Foto: Arquivo pessoal de Dozolina Risson.

Serraria de Arnaldo Testel na propriedade de Lolinho Machado. Foto: Arquivo pessoal de Adelides Teresinha Lara Piffer.

3.6.8 Linha Miotto

Pertencente à Comunidade de Santa Terezinha na ERS-430, sentido Santa Cecília à BR-285, cerca de 3,5 quilômetros da Sede, localiza-se a entrada da Linha Miotto, cujo nome foi atribuído em razão de ser o sobrenome das primeiras famílias que ali residiam: Vitório Miotto (em memória) e Guerino Miotto (em memória). Posteriormente, vieram morar Emirita Lopes da Rosa (em memória), João Batista Bonora (em memória), Vitório Bonora (em memória), José Gratieri (em memória), Rosalino Gratieri, Argentino Gratieri, Eloir de Mello, Neudi João Piffer (em memória), Reinaldo Sareta (em memória), entre outros.

Parte da segunda família de Guerino Miotto com a esposa Belmíria Miotto. Da esquerda para a direita: Marcia, Antonio, Luíz (em memória), Sadi, Ildo, Altair. No colo: Celso. Foto: Arquivo pessoal de Sadi Miotto.

João Batista Bonora (em memória) e Assunta Genoveva Manica Bonora (em memória). Foto: Arquivo pessoal de Ivalino Bonora.

3.6.8.1 A escolinha

Ivalino Bonora, de 74 anos, filho de João Batista Bonora (em memória) e Assunta Genoveva Manica Bonora (em memória), relembrou do primeiro prédio escolar. Como havia muitas crianças nas redondezas e João Batista dispunha de uma

pequena casa para agregados próxima à residência da família, ofertou, na década de 50, o espaço para servir como escola.

A professora Vanda de Melo ficava na casa da família Bonora. Cerca de dois anos após o início das aulas, construiu-se, cerca de 500 metros mais adiante, a Escola Municipal de 1º Grau Incompleto Pio X. Além de Vanda, lecionaram: Valmira Gomes, Alzira Madalozzo Pegoraro, Tercila Pegoraro, Adorindo Variza, entre outros. *"Quando eu lecionava na escolinha, não havia banheiro, apenas uma patente. Além disso, não tinha água, então às vezes pedia aos alunos para buscar no rio"*. Aos risos, a professora Alzira Madalozzo Pegoraro seguiu contando: *"era um trecho curto, mas demoravam uma hora para ir e voltar"*, recordou a professora. Ivalino acrescentou, ainda, de um dos lanches que levava na escola: *"nós levava farinha torrada, uma parte para comer e outra para assoprar nos colegas"*.

3.6.8.2 O capitel de Santa Luzia

Próximo ao colégio, havia um capitel, fruto de promessa de moradores locais. João Batista Bonora e Vitório Miotto uniram esforços e construíram o pequeno local para orações há mais de 60 anos. A primeira imagem era de Nossa Senhora das Graças, que acabou quebrando e sendo substituída por uma nova imagem desta santa. Por infortúnios, a nova imagem também acabou quebrando. Ivalino contou: *"eu tinha me machucado o olho e fiz promessa pra Santa Luzia de melhorar, então coloquei essa imagem lá"*. A religiosidade era tão marcante que diversas famílias se reuniam para fazer suas orações quando passavam as capelinhas, indo de casa em casa fazendo novenas.

Capitel Santa Luzia. Foto: Arquivo pessoal de Adelides Teresinha Lara Piffer.

3.6.8.3 O Angico e a Dona Mita

Descendentes de moradores da linha também lembram de fatos, como o antigo cemitério do Angico e as carreiras da Mita. Belíssimo por conta dos anos que possui, no alto da propriedade de Sadi Miotto, um Angico solitário numa curva da estrada chama a atenção. Mal sabem os transeuntes que poucos metros abaixo havia um antigo cemitério.

Não se sabe ao certo quem eram as pessoas que ali jaziam e nem as histórias que as cruzes de ferro guardavam, mas acredita-se que fossem luso-brasileiros, colonizadores ou, até mesmo, tropeiros. Os mais antigos, que já viram ou ouviram sobre o tal cemitério, falam em medidas aproximadas em 1200 m^2. O que se sabe ao certo é que, após quase quatro décadas desativado, sobrou ao cemitério virar lavoura.

A família que herdou a propriedade recordou-se, com respeito, ao local e à sua história, compreendendo que aquele pedaço de chão foi responsável pela última morada de muitos viventes da época.

Emirita (em memória), conhecida como Mita, filha de Bento Lopes da Rosa (em memória), herdeira das serras da Fazenda Taymbé, possuía propriedade na entrada da Linha Miotto e, também, próximo à margem direita do Rio Santo Antônio. Nesta parte de terras havia as pistas de carreiras de cavalo, um tipo de corrida realizada em linha reta, com dois ou mais cavalos. Herança do pampa gaúcho, com distinção apenas de nomes na Argentina e Uruguai, as carreiras contavam com dois árbitros, um para dar a largada e outro na chegada dos cavalos, para observar qual era o animal mais rápido. Nos dias de corridas, era uma diversão.

As apostas deixavam os jogos mais acirrados, não apenas para os apostadores, mas também para os donos de animais que chegavam ao ponto de vendê-los caso fossem mais lentos. Com o tempo, as corridas foram diminuindo, restando apenas nas lembranças daqueles que participaram. Emirita, casada com Belarmino Américo da Veiga (em memória), deixou a propriedade ao filho Francisco Lopes da Veiga (em memória), conhecido como Chico Lopes, que foi comissário de polícia e grande incentivador e parceiro na educação e desenvolvimento da vila e da Comunidade Santa Terezinha. Chico residiu na propriedade até seu falecimento. Mesmo com novos donos, a floresta da entrada da Linha Miotto é, até hoje, conhecida pelas pessoas como o mato do Chico Lopes.

3.7 Comunidade de Santa Catarina

Banhada pelo Rio Ligeiro e Rio Santo Antônio, conhecida primeiramente como Barra do Rio Ligeiro, a Comunidade de Santa Catarina se situa a sete quilômetros da Sede de Santa Cecília do Sul.

Segundo o relato de Alberi Gomes, os primeiros moradores foram: André Bertolin (em memória), que ficava mais próximo ao rio, e Manoel Constante (em memória), proprietário das serras do local. Além destes, havia também a família de Luiz Lenzi (em memória). Com o tempo, outros moradores passaram a residir ali com suas famílias, como as famílias Colussi, Fontana, Capra, Dalzotto, Sasset, Pegoraro, Gratieri, Gomes, Zancan, Negreti, Rebelatto, Basso, Vieira, Moretto e outros.

Por se tratar de terras pouco desbravadas, havia apenas estreitos carreiros para passar a cavalo. Após algumas pessoas adquirirem carroças, viu-se a necessidade de abrir uma estrada com acesso às comunidades vizinhas. Alberi relatou histórias do pai, João Gomes Sobrinho (em memória): *"O pai ajudou a abrir essa estrada que passa aqui na frente. Na época fizeram ela na base da picareta"*.

Antes de possuir igreja, alguns moradores deslocavam-se até um galpão improvisado ao lado esquerdo do Rio Ligeiro, na comunidade que chamavam de "Cinamomos", que servia de escola e ponto de encontro para fazer suas orações. Com o aumento da população, alguns líderes locais, engajaram-se para construir uma igreja e, assim, reunir a comunidade e catequizar suas crianças. Enquanto a ideia da construção da capela amadurecia, as lideranças foram à procura de um padre que viesse rezar a missa e fazer o atendimento. "Foram à Sede 35, hoje David Canabarro, cuja paróquia pertencia à localidade Cinamomos e contataram o vigário, Pe. Carlos Beldermann que os atendeu" (Zanolla, p. 63).

De acordo com o livro "Raízes e História de uma comunidade: Água Santa"

(p. 63) "em 1959, a capela foi construída no atual lugar, à margem direita do Rio Ligeiro, em terreno doado por André Bertolin e Luiz Lenzi". O lugar foi escolhido pelo Sr. André Bertolin. A primeira diretoria foi formada por Tranquilo Gambin e Sebastião Artuzo.

A escolha da padroeira foi em virtude da família Lenzi. Na época, Luiz possuía uma serraria movida por uma roda d'água, na propriedade do Sr. João Capra, onde hoje é a divisa de Santa Cecília do Sul com Ibiaçá, a uns trezentos metros da capela.

Em sinal de devoção, havia no galpão um quadro com a foto de Santa Catarina. A esposa de Luiz, Vitória Rebelatto (em memória), em promessa, doou o quadro à capela. Anos mais tarde, com lucro de festividades, Hilário Fontana comprou uma imagem de Santa Catarina, protetora contra acidentes provocados por rodas, que está na capela até os dias atuais.

Várias pessoas ajudavam nas orações da igreja. Entre elas, Ana Rebelatto, uma das primeiras catequistas, Raimundo Bertolin "Momo" (em memória) que foi capelão e outros.

Além disso, havia um capitel na propriedade de Luis Lenzi, construído como pagamento de promessa, tendo como padroeiro o Santo Antônio.

Em períodos de seca, a comunidade costumava reunir-se e fazer procissões. "*Essas procissões se dirigiam às capelas vizinhas, principalmente Vista Alegre. (...) às vezes, se encontravam no meio do caminho. Aí trocavam os santos padroeiros. Quando chovesse, cada comunidade ia buscar o seu"* (Raízes e História de uma comunidade: Água Santa, p. 64).

Como as missas ocorriam apenas duas vezes por ano, os velórios e enterros eram conduzidos pelos capelães da comunidade, sempre em latim. Já os casamentos eram realizados em Água Santa. *"Quando meu irmão (João Sasset) foi casar, de manhã teve café na casa do noivo. Depois, seguiram de rural do Avelino Gratieri para Água Santa"*, contou Marilene Sasset.

André Bertolin, pioneiro e grande incentivador da comunidade, dizia: *"Pota diabo, não quero morrer sem ver a capela construída, a serraria funcionando, a ponte do Rio Ligeiro acabada e a lavoura de arroz pronta. E conseguiu..."* (Zanolla, p. 64 e p. 65).

"Pota diabo, não quero morrer sem ver a capela construída, a serraria funcionando, a ponte do Rio Ligeiro acabada e a lavoura de arroz pronta"

Atualmente, a comunidade está na sua terceira capela construída, feita no ano de 1978, contando com um salão para festas em sua lateral, cancha de bochas e um pequeno campo doado por Atílio Negretti.

No começo das festas, alguns moradores não se acostumaram com a ideia de pagar pelo churrasco. Levavam de casa pães, doces, bolachas e outros produtos coloniais. Atualmente, a comunidade celebra duas festas anuais, uma em honra a Padroeira Santa Catarina que ocorre no mês de dezembro e, outra, em Honra a São Roque, que ocorre no mês de julho.

3.7.1 Escola

A maioria das famílias era de origem humilde. O Sr. Assis Sasset, com 97 anos, relatou que na época dormiam em colchões de palha, além de possuírem poucas roupas: *"nós usava a roupa de dia santo pra ir na missa e quando chegava em casa trocava pra não sujar"*. Contudo, o esforço para dar qualidade de vida aos filhos era grande. Assis pagou ao professor Bibiano dos Santos para dar aula em casa aos filhos, outros tiravam do próprio bolso o salário do professor João Marques no período em que a escola funcionou no pequeno galpão improvisado.

De acordo com o relato de Ivalino Pegoraro, havia em Santa Catarina, na década de 50, duas escolas: uma na propriedade de Pedro Pegoraro com nome de Escola Luiz Carlos e, outra, atrás da igreja com nome de Rui Barbosa, com cerca de 60 alunos.

Entre as professoras, moradores do local recordaram-se de Ordalha, que veio de Passo Fundo e ficava na casa de Hilário Fontana. Com o tempo, as duas escolas foram unificadas, criando-se a Escola João Sasset, que permaneceu até a implantação da Escola Municipal Duque de Caxias na sede do município.

3.7.2 O Lagarto Pintado

Para diversão, alguns moradores resolveram criar um time de Santa Catarina. Segundo Ivalino Luiz Pegoraro, o time foi fundado na década de 70, durando cerca de 15 anos. Em meio a risos, Ivalino contou: *"nós não ganhava nada, mas se divertia"*.

"nós não ganhava nada, mas se divertia"

Time Lagarto Pintado no ano de 1974. Em pé, da esquerda para a direita: Paulo Marques (em memória), Ernesto Sasset, Ivanir Pegoraro, Ildo Pegoraro (em memória), Ivalino Luiz Pegoraro, Avelino Dalzotto e Irineu Pegoraro. Abaixados: José Gratieri (em memória), Irineu Machado, Natalino Dalzotto, Antonio Gratieri, Ivalino Pegoraro (Dega) e Geraldo Madalozzo. Foto: Arquivo pessoal de Ivalino Luiz Pegoraro.

3.7.3 Economia

Entre as atividades desenvolvidas, destacava-se a agricultura. Para subsistência, a maioria das famílias cultivava milho, trigo e arroz irrigado. Assis Sasset recordou do trabalho com arado e bois para preparar a terra. Parte da produção era trocada por tecidos e alimentos encontrados em vendas e o restante era consumido

pela família. *"... naquele tempo não existia meio de transporte, então tudo era na base do lombo de cavalo ou carroça. Preparava a terra com bois e, onde era mais plano, o meu pai, João Sasset (em memória), pagava um trator para preparar"*.

Dos costumes e dificuldades da época, seu Assis comentou: *"as roupas íntimas eram tudo feita em casa com bolsa de açúcar, a criançada ia pra escola de chinelo de dedo e quando se machucava era curada com banha pura, camomila, maçanilha, funcho... Nos finais de semana ia todos na igreja rezar. Brincadeiras, era de pega-pega, se esconder, bolita..."*, lembrou.

Ao adquirir a propriedade em 1954, a família Capra, de João Vitório Capra e Zelinda Paulina Pergazolo Capra (ambos em memória), instalou um moinho movido à roda d'água, no local onde era a Serraria do Lenzi. Nele, moíam milho para farinha de dois tipos, comercializada, principalmente, para as cidades de Vacaria e Lagoa Vermelha, quirera e canjica, além de descascar arroz. Segundo Ovídio Julio Capra, *"mais tarde colocamos, também, um descascador de arroz e o movimento era intenso. Além dos arredores, a gente atendia também pessoas vindas de outras cidades. A cada 50 kg de arroz bruto, voltava limpo ao produtor cerca de 40 kg"*. Com o encerramento das atividades do moinho, as moegas[12] foram vendidas a moageiros da região.

Além disso, havia uma bodega do Sr. Hilário Fontana (em memória), onde algumas pessoas se reuniam nos finais de semana. Havia, também, a Bodega da Nena, pertencente à família Bortolin, próximo ao moinho.

Com o êxodo rural, muitas famílias mudaram-se para outras cidades. Atualmente, a comunidade conta com poucos sócios.

Família de João Capra. Ao fundo, moinho entre a casa e demais benfeitorias. Foto: Arquivo pessoal de Ovídio Julio Capra.

Trilhadeira adquirida em 1973 sendo utilizada em 2014 por Ildo Pegoraro (em memória) de costas e Ivalino Luiz Pegoraro. Foto: Arquivo pessoal de Ivalino Luiz Pegoraro.

[12] Define-se "moegas" como "peças de moinho, em forma de pirâmide invertida, onde se coloca o grão para ser moído".

Trabalho na agricultura realizado na propriedade de Ernesto Pegoraro. Foto: Arquivo pessoal de Ivalino Luiz Pegoraro.

Comunidade de Santa Catarina em dezembro de 2023. Foto: Arquivo da equipe do projeto do livro.

Cancha de bocha da comunidade. Foto: Arquivo da equipe do projeto do livro.

3.8 Comunidade de Santo Antônio

A Comunidade de Santo Antônio iniciou por volta da década de 40, a partir da chegada dos primeiros moradores. Segundo o livro "Histórias e Memórias" do Município de Ibiaçá (p. 322), "as terras onde iniciou a comunidade eram bastante onduladas, com presença de pinheirais e madeiras de lei, além de rios de águas límpidas".

As primeiras famílias que ali se estabeleceram, conforme o histórico da comunidade, foram Leôncio Camargo (em memória), Adelino Oberosler (em memória), Pedro De Paula Moreira (em memória), Guilhermina Leal Moreira, Adelaide Oberosler, Anacleto Pereira Viana (em memória) e Luiz Mazetto, que foram atraídos pelo baixo valor das terras e as mesmas serem favoráveis à agricultura.

Segundo alguns moradores locais, as casas eram feitas com tábuas lascadas a machado, cobertas de tabuinhas, talhadas manualmente com uso exclusivo do

machado, única ferramenta adequada para esse serviço. As estradas, assim como em toda a região, eram feitas em mutirão, com o auxílio de foices, picão, machado e enxada.

Para o preparo da lavoura, eram utilizados o arado de tração animal e carroça. A semeadura era feita à mão e usavam enxada para cobrir o trigo. A colheita dos grãos era feita manualmente e malhada com o manguá. Somente mais tarde é que surgiram as trilhadeiras, facilitando o trabalho da colheita. Das culturas cultivadas, algumas destinavam-se para o consumo próprio, outras para os animais e o excedente era comercializado nos armazéns da região.

No ano de 1942, os moradores decidiram construir a primeira igreja nas terras de Graciliano Camargo, tendo como padroeiro o Santo Antônio, devido à grande devoção das famílias do local. Posteriormente, a igreja foi transferida para o local atual. Na página 323 do livro de Ibiaçá, há o relato do Sr. Pedro Pegoraro que descreveu com precisão a pequena igreja: "Há aproximadamente 60 anos, foi construída a primeira capela neste lugar, com bodega ao lado. A bodega era perto da cancha de bocha fechada ao redor e a cancha era aberta. Não havia campo de futebol. (...) Tinha raia de corrida de cavalos. A raia era do Pedro Moreira, que doou a área para construir a igreja, o cemitério e a escola, que levou o nome dele".

Com o tempo, novos moradores foram estabelecendo-se na comunidade, tais como: os irmãos Aristides e Pedro Pegoraro, Tranquilo e Tereza Silvestre Mezomo, Peruzzo, Zago, Merusco que tinha uma serraria, a família Cecchin, entre outros.

Entre as saudosas lembranças sobre a capela registradas no livro de Ibiaçá, os moradores recordaram-se da derrubada dos pinheiros do Sr. Guerino Fracasso para a construção, da doação do forro e da visita do primeiro vigário, Pe. José Busen de Passo Fundo que realizava visitas domiciliares abençoando as residências. De acordo com Pedro: "Quando o padre estava chegando, ele usava uma corneta para avisar. Fazia barulho. A gente tinha outra corneta e respondia" (p. 324). Ainda lembrou da "piazada" reunida na varanda da casa de Seu Pedro e o Virgínio Rampazzo dando catequese, os bailes e filós nas residências onde, após rezar, serviam pipoca com mel, batata, amendoim e outras guloseimas, entre tantas outras lembranças que estão registradas na memória das famílias e que contribuíram para a cultura atual.

As dificuldades da época também foram registradas. Luz elétrica, não havia. A iluminação ficava por conta dos lampiões e "tiaretos" tendo querosene como combustível. Para a roça de mato ia-se à base de enxada, porque não dava passagem; parte da estrada era toda escura, só taquaral; máquinas para maiar trigo vinham de Vista Alegre, puxadas por meia dúzia de mulas e faziam o giro na redondeza.

Em Santo Antônio, muitas das dificuldades foram superadas com a ajuda, característica própria dos imigrantes italianos e luso-brasileiros. Capela, salão, lavouras, campo de futebol, entre outras construções e atividades, foram construídas em mutirão. Os famosos "puxirão" que ocorriam confirmam a união que havia entre os moradores da comunidade. Conforme consta no livro de Ibiaçá (p. 326), na fala do Sr. Pedro Pegoraro: "Uma vez teve um puxirão com 29 juntas de boi. Se reuniam umas 40 pessoas nas lavouras para trabalhar".

Puxirão na lavoura. Foto: Arquivo pessoal de Narciso Pegoraro.

Trabalho na lavoura. Foto: Arquivo pessoal de Narciso Pegoraro.

Ao longo do tempo, a comunidade formou novos grupos de convivência, a exemplo do Jusa-Juventude, União Santo Antônio e Grupo de Mulheres que atuavam nas atividades religiosas, esportivas e culturais. Destes grupos, muitas foram as lideranças que surgiram: vereadores, prefeitos (a), lideranças sindicais, entre outras não elencadas aqui.

A prioridade na educação dos filhos, assim como em todas as localidades, não foi diferente em Santo Antônio. Segundo consta no histórico encontrado nos arquivos da Escola Pedro de Paula Moreira, a primeira professora foi Solange e quem pagava seu salário eram os pais dos alunos.

A escola pública surgiu em 1948 e as aulas eram dadas nas residências. Em 1953 a Prefeitura de Passo Fundo construiu um prédio de madeira onde possuía uma sala de aula, despensa e uma área aberta, com a denominação de Escola de 1º Grau Incompleto Justiniano da Rocha. 45 alunos frequentavam a escola. O primeiro professor da rede pública foi Angelo Lângaro.

Na data de 2 de julho de 1987 a escola passou a chamar-se Escola Municipal

de 1º Grau Incompleto Pedro de Paula Moreira conforme a Lei n.º 10-87 em homenagem ao senhor que doou o terreno onde a mesma foi construída. Desativada no ano de 2022, o prédio sedia atendimentos da equipe de saúde aos moradores da localidade.

Havia, também, a Escola São João Bosco, situada na propriedade particular do Sr. Aurélio Peruzzo (em memória), iniciada em 1967.

Professora Jurema Ramos e alunos da Escola João Bosco, na propriedade do Sr. Aurélio Peruzzo (em memória). Foto: Arquivo pessoal de Jurema Ramos.

Cabe destacar que o resgate histórico completo da Comunidade de Santo Antônio consta no Livro "Histórias e Memórias" do Município de Ibiaçá, citado nas páginas 322 a 329, de autoria de Andreia Telles, Bruna Copelli e Carina Copatti.

Comunidade de Santo Antônio. Foto: Arquivo da equipe do projeto do livro.

3.8.1 Várzea Bonita

Entre as cordilheiras ao lado da margem direita do Rio Ligeiro, localiza-se um lugar conhecido como Várzea Bonita. Com uma bela cascata, a localidade possui, ao longo do curso do Rio Ligeiro, belas paisagens das várzeas, o que, supostamente, pode ter originado o nome. No caminho ao local, uma das estradas de acesso conta com dois mata-burros, construídos com o propósito de segurar o gado sem ter a necessidade de porteiras.

Primeiramente, o local recebeu o nome de Fundo Quente. Anos mais tarde, na época que ainda pertencia ao Município de Ibiaçá, recebeu o nome de Várzea Bonita.

De acordo com relatos de Luis Rodrigues da Silva, o primeiro morador local foi seu avô, o Sr. Tibúrcio Rodrigues da Silva, casado com Delina Rodrigues da Silva

(ambos em memória). Quando chegaram ao local, depararam-se com muito mato. *"Meu avô derrubou esses mato a machado, depois começou a plantar"*. Nestas áreas, cultivava feijão, milho, trigo e cevada. Por um tempo cultivou arroz, porém não durou muito. Algumas safras foram boas, outras nem tanto: *"uma vez ele fez uma taipa com tábua no rio e foi fazendo valeta e bica pra irrigar uma lavoura de arroz, mas deu uma chuva muito forte e levou tudo embora"*, complementou o neto Luis.

O casal teve ao todo 14 filhos: Iracil (em memória), Aristilde (em memória), Assis (em memória), Osvaldo (em memória), Tarcisio (em memória), Noel (em memória), Manoel (em memória), Antoninho (em memória), João Maria (em memória), Silvano, Emília (em memória), Olinda (em memória), Orides (em memória) e Nilson.

Não havia estradas, apenas carreiros. Com o tempo, foram se reunindo com outros moradores e familiares para abrir as estradas a picão.

Na margem à esquerda do rio, havia uma escolinha, onde os alunos locais estudavam. Antes desta, as crianças iam até o "São Pedro", uma pequena comunidade vizinha que desapareceu com o tempo. Lá, uma senhora lecionava em um pequeno paiol de madeira, ensinando o que sabia. Mais tarde, foi construída uma escola melhor e um pouco mais organizada, administrada pela Secretaria de Educação de Ibiaçá. O local contava, também, com uma pequena igrejinha. Com o êxodo rural, ficaram poucos moradores que se dirigem a outros locais para atendimento religioso.

Familiares do primeiro morador ainda residem no local, entre eles dois netos, Luis e Julieta, que são irmãos, além da família Ribeiro dos Santos na outra margem do rio. Várzea Bonita pertence à Comunidade de Santo Antônio.

3.8.2 Secção Fracasso

A Secção Fracasso, inicialmente pertencia à Comunidade de Santo Antônio. Nair Maria de Lima, de 69 anos, esposa de Onelso Lourenci de Lima, moradora mais velha, nasceu nesta localidade. Emocionada, contou que seus pais Guerino (em memória) e Alzira Piscinin Fracasso (em memória), seguidos, também, pelas famílias de Vitório (em memória) e Dorandina Scariot Fracasso (em memória), Domingos (em memória) e Amábile Fracasso Perondi (em memória) foram os primeiros moradores, estes últimos, primeiramente residentes na Comunidade de Santo Antônio. A secção leva o nome "Fracasso", como homenagem aos seus primeiros fundadores.

Entre as décadas de 50 e 60, a família Fracasso decidiu fundar uma nova comunidade, mais próxima da sua residência, pois o trajeto até outras comunidades era longo e estes apreciavam uma boa conversa em finais de semana, um joguinho de baralho e, principalmente, a oração.

Em um breve relato, Nair descreveu: *"Aqui, tudo era mato, meus pais abriram as picadas. Vieram de Sananduva com mudança numa carroça. Imagine trazer uma mudança em cima de uma carroça. Eu nasci aqui neste lugar. Quando ainda não tinha igreja perto, as famílias se deslocavam de carroça ou a pé para comunidades vizinhas para a oração e festividades, também para surpresas aos aniversariantes,*

"Imagine trazer uma mudança em cima de uma carroça."

com direito a brodo e tudo o mais".

As famílias que aqui residiam levavam sua produção à Vila Santa Cecília, parte para comercializar, parte para transformar em alimentos: *"faziam farinha, que já vinha embalada em um saco de pano. Umedeciam a bolsa, socavam bem dentro das tuias*[13] *de madeira e guardavam no porão. Durava um ano"*, contou Dona Nair.

Sobre saúde, discorreu: *"Médicos eram mais difíceis, então curavam-se à base de chás, ervas e benzimentos em casa. Minha mãe ganhou sete filhos, todos em casa, acompanhada de uma parteira que vinha de longe. Enxoval de bebê não existia. Enfaixavam o bebê, colocavam pijaminhos, enrolavam numa baieta e, assim, iam criando os filhos"*.

Atualmente, a comunidade possui 11 sócios e, destes, somente um reside em área territorial de outro município. As demais famílias: Mendes, de Lima, Perondi, Fracasso, Spagnol e Brock pertencem à sociedade da Secção Fracasso, mas residem e dependem administrativamente do Município de Santa Cecília do Sul.

Guerino e Alzira Piscinin Fracasso, um dos primeiros moradores e fundadores da Secção Fracasso. Foto: Arquivo pessoal de Nair Maria de Lima.

3.9 Sede

3.9.1 Capela Santa Cecília

Durante o período de colonização, os moradores da Vila, acostumados com o atendimento de padres em suas antigas moradas, buscaram atendimento religioso em Passo Fundo. Na época, o Pe. Valentin Rumpel (em memória) deslocava-se ao pequeno povoado duas vezes por ano a cavalo, acompanhado de um coroinha. A primeira missa "foi celebrada na casa de Trindade Bandeira" (Zanolla, p. 81), na Linha Mazaro.

Algum tempo depois, iam buscar o padre em Passo Fundo e, como o povo-

[13] Define-se "tuia" como "uma espécie de caixa de madeira com divisórias, utilizada antigamente para armazenamento de grãos e farinhas para consumo".

ado estava mais centralizado, passaram a celebrar as missas na residência do Sr. Bortolo Grando (em memória).

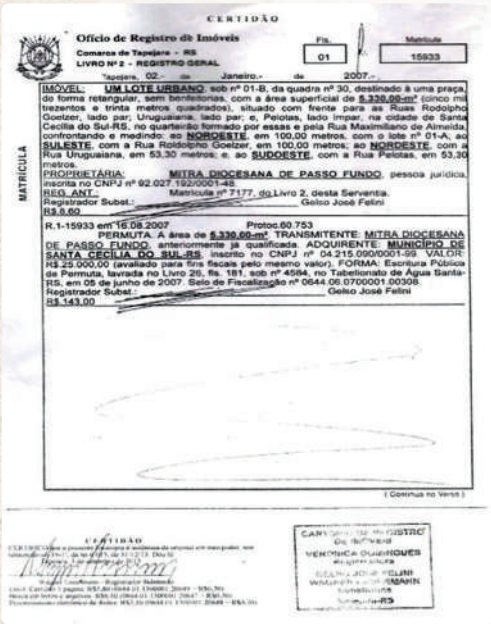
Com uma sociedade mais estruturada e liderada pelos Srs. Frederico Hank (em memória), Eugênio Bortolotto (em memória), Guilherme Martini (em memória) e Bortolo Grando (em memória), no ano de 1924 construíram "a primeira capela situada onde hoje se encontra o galpão das máquinas do Sr. Sergio Tieppo" (Zanolla, p. 82). Era uma capela pequena, feita de tábuas serradas manualmente e coberta de tabuinhas de pinheiro lascadas. Tinha como padroeira, Nossa Senhora do Caravágio. Seu Luís Pelissoni contou: *"meu pai Amadeus colaborou na construção da pequena igrejinha. Muitas pessoas apoiaram e trabalharam juntas, pois tudo dependia de mão de obra manual. Desde tirar a madeira do mato, preparar as tábuas e o coberto"*. Em 1927, foi criada a Paróquia de Sede Teixeira e a capela passou a pertencer a esta paróquia, sendo atendida pelo Pe. Júlio Marin.

Na abertura do primeiro livro caixa oficial da capela, consta: "este livro há de servir para nele serem lançadas as receitas da capela Nossa Senhora do Caravágio, sita no lugar chamado Rio Santo Antônio, Fazenda Santa Cecília da Paróquia de Sede Teixeira, aos 8 de março de 1928. Pe. Júlio Marin, vigário."

Maximiliano de Almeida, sócio da firma colonizadora Schilling, Goelzer & Almeida Ltda., delimitou os lotes para as famílias moradoras, traçando o quadro da mesma. Segundo Zanolla: "Neste quadro reservaram 10.000 m² para ser a praça e doaram à Mitra Diocesana de Santa Maria. Devia servir para os moradores da capela de Nossa Senhora do Caravágio. A escritura desta doação foi lavrada em 17 de novembro de 1928 no cartório de imóveis de Passo Fundo" (p. 81).

Sobre a doação, o primeiro prefeito de Santa Cecília do Sul, Neurí Dalsolio, discorre: *"a empresa colonizadora, que eram proprietários das terras, foram vendendo títulos na época, pois o governo do estado ainda não havia autorizado a lavração das escrituras, doaram o terreno da praça, com reserva do nome Praça Santa Cecília como homenagem à esposa do primeiro dono destas terras. Então, o agrimensor da época, o Sr. Antônio Grando, subiu numa árvore para verificar qual o ponto mais alto e o local mais adequado para a praça: trepou e disse: aqui vai ser a Praça Santa Cecília!"*. Conforme Certidão de Registro Geral, n.º 15.933, de 2 de janeiro de 2007, a área da Praça Santa Cecília, medindo de 5.330 m², pertence à Prefeitura Municipal de Santa Cecília do Sul e 4.670 m², onde está localizada a capela e o salão da sede, pertencem à Mitra Diocesana de Passo Fundo.

"aqui vai ser a Praça Santa Cecília!"



CERTIDÃO

Ofício de Registro de Imóveis
Comarca de Tapejara - RS
LIVRO Nº 2 - REGISTRO GERAL

Fls. 01 | Matrícula 15933

"Tapejara, 02 de Janeiro de 2007."

IMÓVEL: UM LOTE URBANO sob nº 01-B, da quadra nº 30, destinado à uma praça, de forma retangular, sem benfeitorias, com a área superficial de 5.330,00-m² (cinco mil trezentos e trinta metros quadrados), situado com frente para as Ruas Rodolpho Goetzer, lado par; Uruguaiana, lado par; e, Pelotas, lado impar, na cidade de Santa Cecília do Sul-RS, no quarteirão formado por essas e pela Rua Maximiliano de Almeida, confrontando e medindo: ao NOROESTE, em 100,00 metros, com o lote nº 01-A; ao SULESTE, com a Rua Rolldolpho Goetzer, em 100,00 metros; ao NORDESTE, com a Rua Uruguaiana, em 53,30 metros; e, ao SUDOESTE, com a Rua Pelotas, em 53,30 metros.

PROPRIETÁRIA: MITRA DIOCESANA DE PASSO FUNDO, pessoa jurídica, inscrita no CNPJ nº 92.027.192/0001-48.

REG. ANT.: Matrícula nº 7177, do Livro 2, desta Serventia.

Registrador Subst.: Gelso José Felini

R$ 9,60

MATRÍCULA

R.1-15933 em 16.08.2007 Protoc.60.753

PERMUTA. A área de 5.330,00-m² TRANSMITENTE: MITRA DIOCESANA DE PASSO FUNDO, anteriormente já qualificada. ADQUIRENTE: MUNICÍPIO DE SANTA CECÍLIA DO SUL-RS, inscrito no CNPJ nº 04.215.090/0001-99. VALOR: R$ 25.000,00 (avaliado para fins fiscais pelo mesmo valor). FORMA: Escritura Pública de Permuta, lavrada no Livro 26, fls. 181, sob nº 4594, no Tabelionato de Águas Santas-RS, em 05 de junho de 2007. Selo de Fiscalização nº 0644.06.0700001.00308.

Registrador Subst.: Gelso José Felini

R$ 143,00

(Continua no Verso)

CERTIDÃO

Certidão de Registro Geral. Fonte: Arquivo da Prefeitura Municipal de Santa Cecília do Sul.

Conforme Zanolla (p. 82), Maximiliano de Almeida expressara o desejo de que o nome da localidade se chamasse Santa Cecília, para que o nome da fazenda ficasse para sempre lembrado na vida de quem viesse a nascer. Como já havia feito a doação do terreno e da praça, resolveu-se construir uma segunda capela maior e localizada no canto esquerdo da praça, em frente à rua principal.

No seu interior, introduziu a imagem de Santa Cecília como padroeira da capela. Em 2 de abril de 1930 foi realizada a primeira festa em homenagem à nova Padroeira Santa Cecília, mudando, também, o nome da Vila.

A imagem custou 760$000 (setecentos e sessenta mil réis). A partir desta data, passou a atuar como pároco da Sede Teixeira o Pe. Calógero Tortorici (em memória), atendendo, também, a Vila Santa Cecília.

Turma de Eucaristia com as catequistas em frente à segunda capela. Foto: Arquivo pessoal da família Martini.

Em 1936 a sociedade reuniu-se para mais um passo importante: adquirir o sino. No dia 9 de junho, chegava à cidade, o grandioso e sonoro sino da capela, tendo custado 5$344,500 (cinco contos trezentos e quarenta e quatro mil e quinhentos réis), pesando 400 kg. Segundo os irmãos Meneguini, este era especial: *"estava instalado numa torrezinha, muito bonita. Este sino teria vindo da Alemanha"*.

Na festa de 10 de outubro de 1936, o sino foi abençoado pelo Pe. Paulo Chiaramonte. Foram padrinhos e madrinhas: Mansueto Canali, Elias Biasi, Ampélio Mezzomo, Gil Monteiro, Major Deiro, Alexandre Pegoraro, Eduardo Sasset, Stefano Biasi, Ernesto Rampazzo, Albino Rampazzo, Humberto Roncatti, Cipriano Bernardi, Angelo Miotto, Rosa Bertolin, Gentile Bertoldo, Luís Machado, Luiz Bertoldo, José Iskiewicz e Lolinho Machado. Todos em memória.

A construção da terceira capela foi iniciada no ano de 1942 por Davide Menin (em memória) e seus filhos, Ernesto e Antônio, ambos carpinteiros da época. Com planta de Segundo Bertolin (em memória), a capela possuía mais espaço e pé direito alto e cantoria, que possuía um "harmônio" (espécie de piano).

Em 22 de novembro de 1944, foi inaugurada pelo Pe. Aquiles Luiz Bertoldo,

tendo como orador da primeira missa o Pe. Paulo Chiaramonte, grande animador desta construção. O prédio prevaleceu até o ano de 1973, quando, "no dia 7 de dezembro, às 13 horas, um forte vento entortou a capela de Santa Cecília. Não tinha mais jeito. Era só a demolição" (Zanolla, p. 87). Segundo alguns entrevistados, foi preocupante, pois o ocorrido se deu próximo à data de uma festa. O jeito foi escorar a igreja com várias varas bem resistentes e só depois arrumar.

Interior da terceira Capela Santa Cecília. Na foto: Neurí Dalsolio e Francisca Biasi Ferronato. Foto: Arquivo pessoal de Neurí Dalsolio.

Logo após o incidente, formou-se uma comissão para a construção da nova capela, tendo como responsáveis os Srs. Rosalino Felini (em memória), Santo Panisson (em memória), Danilo Caumo (em memória), Valdomiro Riva (em memória) e Onofre Biasi. Em 16 de abril de 1974, iniciou-se a nova construção, com planta do arquiteto Emílio Zanon, baseada nas tendas do povo de Israel, tendo como pedreiro Faustino Zanluchi e carpinteiro Agostinho Vanzella. Em 24 de novembro do mesmo ano, realizou-se a missa com festa na nova capela, tendo, posteriormente, em 22 de fevereiro de 1976, a grandiosa festa com bênção do Bispo Dom Cláudio Colling.

Sobre a festa de inauguração, contam os entrevistados: *"foi um festão! Galinha chegava de monte. No dia de carnear, se enchia um panelão e limpava no tanque. Depois recheava com uma farofa de miúdos. Tinha até brodo para vender na cozinha. Montavam uma espécie de tenda com taquaras e cobertas com folhas de coqueiro, que servia de cozinha, de bodega. No dia, rezaram a missa e depois, dele festa!"*. A sociedade dispunha de um canhão que era carregado com carbureto e água. Ao detonar, fazia um enorme barulho, que era ouvido por toda a vila e arredores, anunciando a festa. O responsável por carregar e detonar o canhão era o Sr Máximo Pasquali (em memória).

"No dia, rezaram a missa e depois, dele festa!"

Festa de inauguração da nova capela em 24 de novembro de 1974. Foto: Arquivo pessoal de Nelson Artuso.

Ao lado da capela existia um pavilhão de madeira, utilizado para reuniões dos sócios da capela. Em 1986, sob administração da diretoria de Luiz Grando (em memória), Danilo Caumo (em memória), Rosalino Mazaro e Nildo Panisson, iniciou-se a construção do atual salão, este em alvenaria, de estrutura ampla e melhor organizada, com cancha de bochas, futebol de salão e três salas de catequese, para melhor atender às necessidades da comunidade. Relatos confirmam: *"a diretoria se organizou, convocou os sócios e trabalhamos em mutirão. Uma diretoria começou e a outra seguiu com os trabalhos. Hoje, temos um espaço grande, bem organizado, que serve para a realização de diversos eventos"*. A construção foi concluída no mandato da diretoria dos Srs. Orestes Comparin, Nelson Artuso, Roni Biasi e Sergio Tieppo.

3.9.1.1 Catequese e festas

As primeiras catequistas foram Luiza Roncati (em memória) e Catarina Martini (em memória). Antes destas, as famílias davam catequese em casa ou, até mesmo, embaixo de uma árvore. Catarina também foi a primeira responsável pelos terços da comunidade. Era uma espécie de capelã. Também foram capelães o Sr. Angelo Mascaragna (em memória), Jacó Frozi (em memória), João "Joanim" Guerra (em memória) e Victório Piffer (em memória).

Duas vezes ao ano reuniam-se para festas presididas pelos padres, que vinham a cavalo. Avisados pelos tiros de canhão, a população se reunia em grande estilo. *"Era gente de tudo que é lado"*, afirma Seu Ivo Guerra. Nas comemorações, vendia-se churrasco, cucas, bolachas e vinho. Além desses, havia a festa do rio. A vizinhança reunia-se nas casas para oração do terço da capelinha, muitas vezes seguidos de brodo e bailinhos nas casas, animados por moradores da época que possuíam gaita e violão.

3.9.1.2 Histórias que marcam

Quando a vila chegou às décadas de 50 e 60, equiparava-se ao tamanho da vizinha Água Santa. Por conta disso, alimentavam o desejo de possuir uma paróquia. Diversas vezes procuraram a Diocese de Santa Maria demonstrando seu desejo, que fora negado, fazendo surgir, na época, uma certa rivalidade entre as duas localidades e, até, uma certa recusa no atendimento religioso, que voltaria ao normal em alguns anos. Além disso, ao descobrir que a congregação religiosa da Sagrada Família buscava um novo local para instalar um seminário-noviciado, o povo do local começou a adquirir vários terrenos, recebendo visita do Pe. Carlos Beldermann e Antônio Hammelstein para vistoriar o lugar.

No dia 15 de março de 1949, deslocaram-se até o Passo das Pedras os Srs. Stéfano Biasi (em memória), David Miotto (em memória) e Guilherme Meneguini (em memória), acompanhados de outras pessoas, para conversar com o Bispo Dom Antônio Reis e expor a ideia do seminário. Chegando lá, depararam-se apenas com o secretário do Bispo, Pe. Aquiles Bertoldo, que disse que apenas seria possível se fosse um seminário diocesano, não da Sagrada Família. Assim, ruiu-se o sonho de um seminário.

O cultivo das vocações sacerdotais rendeu frutos para a Vila Santa Cecília. Cestílio Miotto (em memória), nascido em 18 de abril de 1930, filho de Guerino

Miotto (em memória) e Alexandrina Pegoraro Miotto (em memória), na época residentes mais próximos à vila, trabalhava na roça. Com o desejo de estudar em um seminário, no dia 14 de março de 1944, com apenas 13 anos, ingressou para o Seminário dos Padres Missionários Carlistas, em Guaporé–RS. No ano seguinte, seu irmão Vivaldo também seguiu para o seminário, porém não se tornou padre.

Cestílio, ordenou-se sacerdote no dia 8 de dezembro de 1948. Celebrou sua primeira missa solene na Comunidade de Santa Cecília em 21 de dezembro de 1958. Destaca-se, também, que na família Miotto, as filhas seguiram o chamado vocacional e tornaram-se freiras, dentre elas Iraci Miotto, que ingressou na Congregação Gizeldas. Segundo Sadi Miotto, irmão dos vocacionados: *"dizem os mais antigos que foram sete dias estourando canhão, pois Cestílio foi o primeiro padre a se formar na Vila Santa Cecília. Foi um festão"*, conclui Sadi.

Atualmente, o atendimento religioso, tanto na sede, como nas demais comunidades, é realizado pelo Pe. Domingos Treviso, da Paróquia Santo Antônio de Água Santa, com missa quinzenal na sede e mensais nas capelas. A atual diretoria da Capela Santa Cecília é composta pelos Srs. Gilvan Defaveri, Paulo Tres, Volmir Pegoraro e Joel de Melo. Auxiliam os serviços religiosos duas catequistas e sete ministros da Eucaristia.

Atual capela da Sede. À esquerda, parte do salão comunitário. Imagem de dezembro de 2023. Foto: Arquivo da equipe do projeto do livro.

3.9.2 Festa do Rio, mais de 80 anos de história

"Era um sucesso!"
Ernesto Gratieri

Lembrança dos 50 anos da festa em Honra à Nossa Senhora dos Navegantes. Foto: Arquivo pessoal de Adelides Teresinha Lara Piffer.

Para resgatar esse tradicional evento religioso no município, tem-se como ponto de partida o livro "Raízes e História de uma comunidade: Água Santa" (páginas 84 e 85), que descreve a festa do rio com sua origem no ano de 1942, quando o carpinteiro Davide Menin construiu uma ponte de madeira sobre o Rio Santo Antônio no passo velho da estrada que liga Santa Cecília com a BR-285, com Rio Telha e Ibiaçá.

Durante a construção da ponte e após sua conclusão o Pe. Paulo Chiaramonte realizou diversas visitas e, numa destas, Davide Menin disse ao pároco *"agora vamos fazer uma festa"*. O rio formava um poço fundo e havia um frondoso mato, assim, o povo gostou da ideia.

Ocorre que, na época da construção da ponte, um forte temporal atingiu o local. A chuva foi tanta, que o rio transbordou. Preocupado, Davide Menin fez uma promessa que se a água não levasse a ponte, construiria um capitel e, dentro dele, colocaria a imagem de Nossa Senhora dos Navegantes. Menin cumpriu sua promessa e construiu o capitel de madeira, na entrada da ponte. Dentro do capitel, colocou a imagem prometida.

O livro conta, ainda, que foram dois dias de festa, 3 e 4 de maio de 1942, presidida pelo Pe. Paulo Chiaramonte, nascendo assim, a Festa do Rio, como popularmente é chamada.

Em entrevista, a Sra. Dolorita Miotto, relatou que foi seu pai, Marcelo Miotto (em memória), que doou a terra tanto para a construção do capitel quanto para a realização da Festa do Rio.

O professor Ildo Aldino Lamb contou que o seu pai e a banda de instrumentos de sopro se deslocaram de Charrua até o local, no sábado, junto com o padre em cima da balsa. Aconteceu um incidente e todos foram parar dentro do rio, molhando, inclusive, os instrumentos. Após o incidente, a banda não teve outra opção a não ser recolher-se ao antigo hotel de propriedade de Benedito Azzolini, onde aguardaram até que suas roupas e instrumentos secassem.

Festa no Rio Santo Antônio em Santa Cecília do Sul em 1942 com a presença da Banda de Cachoeira Alta. Foi neste mesmo dia que a balsa naufragou com as pessoas em cima. Não houve vítimas. Foto: Arquivo pessoal de Ildo Aldino Lamb.

Muitos são os relatos desta mesma festa, em que o Sr. Serafim de Melo (em memória), na época uma autoridade, "tipo delegado", combinou de levar o Pe. Júlio Marin em um passeio na balsa e que ele prontamente aceitou. Havia muitas pessoas que se colocaram no mesmo lado. Desta forma, devido à concentração de peso em um só local, a balsa acabou virando e as pessoas caíram dentro da água, incluindo o Pe. Júlio, o qual foi retirado da água pelas pessoas ali presentes com a ajuda de uma

vara de, mais ou menos, cinco metros de comprimento, assim como os demais que não conseguiam nadar.

Pe. Júlio, com sua batina molhada, não teve outra opção senão usar a fatiota (terno) do Sr. Cipriano Bernardes, antigo morador e dono de comércio na vila. Neste episódio, não houve vítimas, mas Serafim foi advertido por várias pessoas em relação ao fato, pois na época o padre era considerado autoridade e, como tal, devia ser respeitado. Há quem diga que, devido a este fato, o padre amaldiçoou o lugar, por isso o apelido "sumidouro" que o rio possui e já teve diversas mortes no decorrer das décadas.

Imagem da missa acontecendo na balsa. Foto: Arquivo pessoal de Ovidio Capra.

Os ritos religiosos organizados por ocasião das festas eram repletos de emoção e devoção: procissões com saída em frente à Igreja de Santa Cecília em direção ao rio, crianças vestidas de "anjinhos", papel picado e a missa realizada em cima da balsa.

A imagem seguia na frente e todo o povo acompanhava cantando e rezando durante todo o trajeto, num misto de fé, louvor e gratidão até o local da festa, em frente ao capitel de Nossa Senhora, onde se realizava a missa festiva que era celebrada em cima de uma balsa. Esta balsa foi construída com tambores de ferro, muito bem amarrados às tábuas para compor o assoalho e uma cerquinha de ripas ao redor, garantindo a segurança do padre e das crianças que o acompanhavam. Estas seguravam cestinhas cheias de papéis coloridos para jogar na água, além dos remadores, pessoas responsáveis pela condução da mesma dentro do rio.

Imagem da balsa durante uma missa. Foto: Arquivo pessoal de Clarice Fontana.

Dona Bifalda Caumo recordou que havia "caícos", uma espécie de embarcação pequena para acompanhar a balsa. A construção das embarcações (caíco e balsa) era responsabilidade de seu esposo, Danilo Caumo (em memória) e seu cunhado, Eliseu Fontana (em memória). Recordou-se, também, da visita do Pe. Narciso Zanatta em uma das festas.

Jonerlei Sasset contou que, em uma das festas, os Srs. Izaú Sasset e Antônio Defaveri estavam dentro do caíco, então as moças, Catarina Grosseli e Maria Basso, tinham desejo de dar uma volta. Assim, depois que adentraram nas águas, o rio estava "brabo" então tomaram a decisão de agarrarem-se num cipó na descida do rio e depois sair pela lateral.

Os demais assim conseguiram, com exceção de Maria, que, além de perder um sapato, caiu e foi levada rio abaixo. Os demais companheiros foram salvá-la e, felizmente, nada aconteceu. Após este incidente, o Sr. Izaú e Catarina começaram a namorar, formando família e são pais do Sr. Jonerlei que, assim, relatou o episódio.

Imagem do jogo do cavalinho. Foto: Arquivo pessoal de Nair Cecchin Zago.

As festividades seguiam com almoço e bebidas, estas trazidas pelo Sr. Bilibio de Passo Fundo. O Sr. Valério Cadore contou que *"nas festas, a bebida vinha em um caminhão, dentro de caixas cheias de gelo e eram vendidas ali na carroceria do caminhão mesmo, até acabar a festa. Muitas vezes, a animação ocorria por conta de toca-discos e, também, de auto-falantes que eram pendurados nas árvores"*.

O alto-falante da época, lembrado por muitos, consistia em uma corneta à pilha, presa nos galhos das árvores para anunciar as promoções da festa e, também, tocava as músicas. Moradores lembram, ainda, que nas Festas do Rio havia o jogo da roleta e do "cavalinho".

Moradores de comunidades vizinhas contaram dos períodos de estiagem, onde muitas foram as procissões piedosas realizadas pelos agricultores que se deslocavam, a pé, até o capitel implorando por chuva. Durante o caminho que seguiam de pés descalços, a reza do terço e cânticos religiosos faziam parte.

A visita do Teixeirinha na Festa do Rio, possivelmente no seu início de carreira, também foi fato lembrado por muitos e, simploriamente, o Sr. Valério Cadore discorreu: *"chegou um baixinho, violão velho e chinelo de dedo... era o Teixeirinha"*, o qual animou a festa. Neste mesmo dia, há relatos de que, após seu show, tomou uns goles e foi tirar um cochilo no "potreiro" ali perto, além do fato de que estava de olho em uma moça moradora de Santa Cecília.

Na década de 80, as margens do Rio Santo Antônio também foram palco para a gravação de um programa da RBS TV de Passo Fundo, chamado de "Programa Planalto Grande do Sul". No dia da gravação, muitos moradores se fizeram presentes e algumas mulheres encenaram a confecção de "sporta", tear com fio de

lã de ovelha para fazer blusas. Além disso, contou com muita música gaúcha.

Embora a Festa do Rio inicialmente não tivesse estrutura, as famílias deslocavam-se de diversas localidades para festejar, de modo simples, a fé e a religiosidade, conforme confirmaram as palavras de Diles Dalsolio Caumo: *"Toda a família ia de carroça e se levava vinho de casa. Comprava só um guaraná pra todos; aí fincava o espeto na grama. Não tinha cadeira, aí nós se ajeitava e comia ao redor"*.

Muitas foram as crianças batizadas na missa da Festa do Rio, a exemplo do Sr. José Guerra. Na época, nem sempre era só alegria e harmonia, as vezes ocorria desentendimentos, os quais eram apaziguados pelos comissários da época e, também, "brigadianos", uma vez que juntava centenas de pessoas de diversas localidades.

Foto em uma das Festas do Rio. Da esquerda para a direita: Antonio Artuso "Pimpi" (em memória), Tarcio Sasset (em memória), Antônio Defavari, Luis Barbon, Mario Basso, Adelino Basso (em memória), de chapéu, Izaú Sasset e, ao volante, Remoaldo Miotto. Foto: Arquivo de Antônio Defaveri.

Alexandre e Rosa Fim posando para foto em uma das Festas do Rio. Foto: Arquivo pessoal de Rosane Ludig Vargem.

No decorrer dos anos foi construído barracão, churrasqueiras, banheiros e duas "pinguelas", embora hoje não exista mais nenhuma das pinguelas das fotos a seguir.

Foto: Arquivo pessoal de Sergio Fontana.

Foto: Arquivo pessoal de Sergio Fontana.

A fé e devoção sempre reuniram famílias em torno do rio, assim como este mesmo rio reuniu tantas pessoas para momentos de lazer e convivência. Alguns desfechos trágicos fazem parte de sua história, bem como uma breve interrupção da festa durante o período de pandemia nos anos de 2020 e 2021. Entretanto, os elementos positivos se sobrepõem e fazem brilhar os olhos de quem externaliza as vivências da Festa do Rio.

Conforme Rubia Caumo Crespi, *"certamente podemos afirmar que nossa tradicional Festa do Rio consagra-se por marcar gerações nos seus 81 anos de história, pois, ao resgatar este evento tradicional, trouxe a tona uma completude inimaginável de fatos, relatos, memórias e histórias, enaltecidas de emoção e afeto"*, frisou.

Capitel de Nossa Sra. dos Navegantes. Foto: Arquivo da equipe do projeto do livro.

Atual barracão onde acontecem as festas organizadas pela diretoria da Igreja Matriz. Foto: Arquivo da equipe do projeto do livro.

3.9.3 Linha Roncador

Pertencente à Sede, o início da Linha Roncador está, supostamente, situado a partir da propriedade do Sr. Egídio Dalprá, à esquerda da ERS-430, sentido Santa Cecília do Sul, BR-285.

Um dos primeiros moradores da linha teria sido o Sr. Andrelino Fogaça (em memória), pai do Sr. Dionísio Fogaça (em memória), seguidos de João Guerra (em memória), Eduardo Sasset (em memória), João Mezomo (em memória), Atílio Ciolatto (em memória), Alexandre Fim (em memória), Rosa Tamanho (em memória) e a família Defaveri. Posteriormente, estabelecera-se Francisco Girardi (em memória), Laurindo Dalsolio, Mario Basso, entre outros.

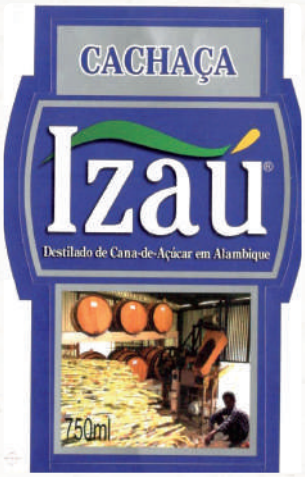
Segundo o Sr. Laurindo Dalsolio, a mesma leva este nome *"por conta do barulho que a água fazia nos peraus em dias de muita chuva, nas quedas-d'água que existem no rio. Como na época era muito mato, existia também muito macaco bugio, o que contribuiu para o nome"*.

Por volta de 1958, foi construída uma hidrelétrica que abastecia toda a Comunidade de Santa Cecília, tendo como proprietários os Srs. Francisco Girardi (em memória), Estéfano Biasi (em memória), Reinaldo Gratieri (em memória) e Vitório Miotto (em memória). O valo da usina iniciava na propriedade do Sr. Eduardo Sasset e a mesma ficava localizada na propriedade do Sr. Francisco Girardi, no Rio Santo Antônio, mais precisamente no local onde dava acesso à Comunidade de Santa Terezinha e à BR-285. Izaú Sasset, de 88 anos, filho de Eduardo Sasset, contou: *"eu lembro quando fomos buscar a usina que foi comprada em Água Santa para instalar aqui. José Dalsolio, popular Diepe (em memória), era quem comandava a mesma. O Reinaldinho Gratieri trabalhou muito na montagem da usina"*. Em meados de 1984, a usina encerrou suas atividades e a Coprel passou a suprir a necessidade de energia para a vila.

Antônio Defaveri e Izaú descreveram a linha na época de sua juventude: *"as famílias se reuniam mais. Faziam jantas, bailes, se divertiam bastante. O Adelino Basso (em memória) e o Toni Defaveri eram os músicos. Tudo iluminado com lampião e depois com luz da usina. A gente fazia muita festa"*.

Festa de amigos na residência do Sr. Pedro Defaveri. Detalhe: o meio de transporte mais utilizado da época: a bicicleta. Da esquerda para a direita, a contar da terceira pessoa: Adelino Sasset (em memória), Antônio Defaveri, Aristide Sasset (em memória), Mario Basso e Izaú Sasset. Foto: Arquivo pessoal de Antônio Defaveri.

No ano de 2001, foi fundada a Fábrica "Cachaça Santa Cecília", incentivada pelo Poder Público Municipal, em parceria com alguns sócios, sendo um deles,



Rótulo da garrafa. Foto: Arquivo pessoal de Jonerlei Sasset.

Jonerlei Sasset, filho de Izaú Sasset. De acordo com Jonerlei: "a fábrica produzia derivados da cana (melado, cachaça e licor) cultivados na propriedade de meu pai. A marca Izaú é uma homenagem a ele, que, além de ceder o local da sede, era responsável por toda a produção".

Atualmente, a Linha Roncador possui uma área de camping e alguns sítios de propriedade particular. Descendentes de antigos moradores ainda mantém as propriedades herdadas, dedicando-se à atividade agropecuária.

Dos antigos moradores, alguns já falecidos e outros que se mudaram para a cidade sede ou outros municípios, permanece a memória de um pedaço de chão que carrega consigo uma singularidade: os tempos passados. Este mesmo chão relembra a todos que aqui passam, os que contribuíram para a colonização de Santa Cecília do Sul.

Família de Pedro e Tereza Defaveri (em memória) no casamento do filho Antônio com Lourdes Grosseli. Foto: Arquivo pessoal de Antônio Defaveri.

Casamento de Catarina Grosseli e Izaú Sasset no dia 26/8/1967. Foto: Arquivo pessoal de Izaú Sasset.

Armelinda Tófoli Sasset e Eduardo Sasset, antigos moradores da Linha Roncador. Foto: Arquivo pessoal de Izaú Sasset.

3.9.4 Linha Mazaro

Com nome de Cerro Azul, devido à abundância de pinheiros Araucária que existia, a linha iniciou-se em torno das décadas de 20 e 30 com a chegada das primeiras famílias colonizadoras, dentre elas: Gomes, Oliboni, Martini, Miotto, Mazaro, Biasi e Barbon. Mais tarde, o nome Linha Mazaro consolidou-se devido o grande número de pessoas com este sobrenome que se estabeleceram na região.

Lurimar Martini relatou que *"quando eles chegaram aqui era tudo mato, o trabalho era nos morros e, assim, foram se estabelecendo. As primeiras casas eram feitas a serrote e machado"*.

Havia uma serraria de propriedade do Sr. Júlio Zanatta (em memória), cujos equipamentos eram tocados com o vapor de caldeiras, um trabalho árduo, exigindo um número expressivo de funcionários. Segundo o Sr. Rosalino Antônio Mazaro: *"lá era uma vila, devido à quantidade de casas nos arredores da serraria, em todas elas moravam funcionários"*. O transporte da madeira até o engenho ocorria através da tração animal. *"Nas proximidades da serraria muitas crianças que residiam ali se juntavam para brincar. As capelinhas que passavam pela linha iam de casa em casa, onde os vizinhos se reuniam para rezar todas às vezes que ela passava, todos iam na casa de todos, rezavam, depois faziam filó"*, contou a Sra. Francisca Biasi Ferronato.

Lorines Mazaro Risson, recordou-se: *"Todos os anos eram realizadas fogueiras de São João no potreiro da família Martini. Faziam bastante brodo naquela época, quando alguém aniversariava, todas as famílias da linha se reuniam, era muito divertido. As mulheres faziam aqueles pães de forno, era uma delícia, depois aproveitavam o calor para torrar amendoim e cozinhavam batata-doce, que eram servidos nos filós de antigamente"*.

O Sr. Mario Mazaro, com 82 anos, complementou: *"enquanto vizinhos, um ajudava o outro nas lidas da roça. E, nos filós, além de brodo, tinha gaita, pra animar e dançar"*.

Existem relatos que a linha também foi morada de familiares de Marcos

Bandeira (em memória). Segundo Lurimar Martini, há uma sanga na linha chamada pelos moradores de Sanga Bandeira, em razão da família citada.

Atualmente, a extensão da Linha Mazaro abrange diversas famílias, tais como: Dalsolio, Biasi, Martini, Morelo, Mazaro, Miotto, Moreira e Leal. A divisa entre a Linha Mazaro e a Sede ocorre no Rio Lajeado - Arroio Bonito, à direita da ERS-430.

Foto de novembro de 1976 onde hoje é propriedade do Sr. Rosalino Antonio Mazaro, na Linha Mazaro. Na foto estão os filhos de Constante Mazaro e Rosa Mulinari Mazaro, os primeiros moradores da família naquela época. Da esquerda para a direita: Artemio Domenico Mazaro (em memória), Angela P. Mazaro (em memória), José Jacob Mazaro (em memória), Lucia Mazaro (em memória), noiva Olga Cecília Slongo Mazaro, noivo Ivanir Mazaro, Luis Salvador Mazaro (em memória), Santo Natal Mazaro (em memória) e Mario Onofre Mazaro. Foto: Arquivo pessoal da família.

Família Mario e Maria Mazaro (em memória) no trabalho na agricultura. Foto: Arquivo pessoal da família.

Casamento de Mario e Maria Mazaro (em memória). Foto: Arquivo pessoal da família.

Família Miotto: Guerino (em memória), Vitório (em memória), Martielo (em memória), Fernando (em memória), Davi (em memória), Helena (em memória), Hosana (em memória), Rosina (em memória), última pessoa não identificada. Crianças: netos Gema, Altair e Leonir. Quarta criança não identificada. Angelo e Catarina Miotto. Duas últimas senhoras sentadas não identificadas. Foto: Arquivo pessoal de Sadi Miotto.

3.10 Igrejas que contemplam o município

A diversidade religiosa se manifesta nas diferentes crenças, cultos e rituais ao redor do mundo, não diferente da realidade de Santa Cecília do Sul que, embora a

Igreja Católica prevaleça em termos de proporção, também é presente no município outras, conforme levantamento das congregações e contato com seus responsáveis, tais como: Igreja do Evangelho Quadrangular, Igreja Batista Independente, Igreja Evangélica Assembleia de Deus e Motivação Divina Igreja Cristã.

3.10.1 Igreja do Evangelho Quadrangular

A pastora Edite Vanin Moreira trouxe, em seu relato, mais informações sobre a Igreja do Evangelho Quadrangular, a qual foi fundada no dia 16 de junho de 2007 em um salão anexo à residência de Francisco de Paula Moreira, na Comunidade de Santo Antônio. Iniciou com cinco membros, onde o pastor Francisco de Paula Moreira ficou como titular por dez anos. Frente ao seu crescimento, no ano de 2011 foi concluído o templo sede da igreja nesta mesma comunidade e, anos depois, a Sra. Edite assumiu como pastora titular da igreja, trazendo novos projetos que foram concluídos, a exemplo da implantação de uma congregação na cidade de Santa Cecília do Sul.

Ao passar dos anos, a Igreja do Evangelho Quadrangular vem crescendo e ajudando o município, cuidando de pessoas e levando almas para Cristo.

Igreja do Evangelho Quadrangular da Comunidade de Santo Antônio. Foto: Arquivo pessoal da pastora Edite Vanim Moreira.

Filial da Igreja do Evangelho Quadrangular na cidade de Santa Cecília do Sul. Foto: Arquivo pessoal da Pastora Edite Vanim Moreira.

Igreja Batista Independente. Foto: Arquivo da equipe do projeto do livro.

Igreja Evangélica Assembleia de Deus. Foto: Arquivo da equipe do projeto do livro.

Motivação Divina Igreja Cristã. Foto: Arquivo da equipe do projeto do livro.

CAPÍTULO 4

GRUPOS E ENTIDADES

CAPÍTULO 4
GRUPOS E ENTIDADES

4.1 Grupo da Terceira Idade "Sonhar é Viver"

A história do grupo iniciou antes mesmo da emancipação, em meados do ano de 1999, quando Santa Cecília era Distrito de Tapejara, pela então primeira-dama, Melânia Sossella, a qual recordou que nesta época foi criado primeiramente um grupo de trabalho onde algumas pessoas vinculadas à administração de Tapejara foram a Passo Fundo fazer uma formação para trabalhar com este público. Em seguida, fizeram o convite e as inscrições aos interessados em participar das atividades semanais, sendo então oficializado o Grupo da Terceira Idade de Santa Cecília do Sul.

Após sua emancipação político-administrativa, em seu primeiro ano de governo, a primeira-dama, Jani Shirley Dalsolio, deu continuidade às atividades semanais do Grupo da Terceira Idade, constituindo diretoria e reforçando o convite a todas as comunidades, aumentando, assim, o número de participantes. Inicialmente, os encontros aconteciam no salão comunitário, com cerca de 50 pessoas, tendo como professor Paulo Junior Rodrigues.

Imagem do grupo anos atrás. Foto: Arquivo da Prefeitura Municipal de Santa Cecília do Sul.

As atividades eram diversificadas, pois, além dos exercícios físicos, aconteciam palestras, passeios, teatros, datas comemorativas, amigo secreto, atividades informativas, visitas às empresas da região, além da escolha das soberanas do grupo e participação nos bailes da Regional. Na primeira coroação das soberanas no ano de 2001, a Sra. Leonora Felini (em memória) ficou com o título de rainha, seguido das princesas Maria Girardi (em memória) e Angelina Pietrobeli (em memória).

Rainha Leonora e as princesas Maria Girardi (em memória) e Angelina Pietrobeli (em memória). Foto: Arquivo pessoal de Cilia Artuso Felini.

As fotos abaixo elucidam as atividades mencionadas, bem como a publicação no Jornal de Tapejara, em 2008, sobre o grupo.

Passeio nas Thermas de Machadinho-RS. Foto: Arquivo da Prefeitura Municipal de Santa Cecília do Sul.

Festa Junina com casamento caipira. Foto: Arquivo da Prefeitura Municipal de Santa Cecília do Sul.

Desfile de carnaval. Da esquerda para a direita: professor Paulo Junior Rodrigues, Delvina Marsiglio, prefeito da época, Neurí Dalsolio e Ilanir Zotti Pegoraro. Foto: Arquivo da Prefeitura Municipal de Santa Cecília do Sul.

Viagem à praia. Foto: Arquivo da Prefeitura Municipal de Santa Cecília do Sul.

Participação em baile na Regional. Foto: Arquivo pessoal de Clementina Deolinda Rampazzo.

14 • Santa Cecília do Sul, Junho de 2008

anota!

Santa Cecília do Sul

Santa Cecília do Sul reuniu 36 mil anos de história

anota!

Santa Cecília do Sul, Junho de 2008 • 15

Santa Cecília do Sul

Depoimentos das Soberanas

Matéria do Jornal Anota. Arquivo disponibilizado por Jani Shirley Dalsolio.

O grupo sempre foi marcado pelo entrosamento, alegria e união, sendo criado alguns anos depois, o Coral da Terceira Idade, regido, inicialmente, pelo professor Marcos de Jesus e, após, pelo professor Ervandil Silveira da Silva "Ervan", somando as atividades de música e canto nas quintas-feiras, mesmo dia do Grupo da Terceira Idade, facilitando, assim, o transporte e horário para seus participantes.

Atualmente, ainda sob regência do músico e professor Ervan, o grupo conta com 25 coralistas, os quais se apresentam em eventos a nível municipal e, também, nos encontros de corais a nível regional. *"É isso que a gente sente, a valorização, a integração com os outros grupos, o aprendizado que a gente tem, a amizade que a gente faz participando dos festivais. Ah, não tem preço!"*, destacou a coralista Neli Favretto Girardi.

"É isso que a gente sente, a valorização, a integração com os outros grupos, o aprendizado que a gente tem, a amizade que a gente faz participando dos festivais. Ah, não tem preço!"

Cabe destacar que no ano de 2016 o Coral, juntamente com o professor Ervan, criou o Hino do Município, descrito e já mencionado neste livro, sendo motivo de orgulho devido à construção coletiva e sua representatividade.

Imagem do Encontro de Corais no Município de Tapejara. Agachados, da esquerda para a direita: Genilde Marsiglio, Idalino Marcon, Agostinho Girardi, Neli Girardi, Marines Spagnol, Alzira Pegoraro, Margarete Pasquali, Ilanir Pelissaro, primeira-dama Suzana Zanin, Dilva Martini, Neusa Sasset e Ines Bernardi. De pé, da esquerda para a direita: professor Ervan, Idalino Gratieri, Jucilene Canali, Maria Mazaro (em memória), Nelson Pegoraro, Maria Panisson, Teresinha Fontana, Leonilce Girardi, Cleusa Girardi, Odila Iaskievicz, Vanir Lindner, Idalina Gratieri, Marilene Marcon, Lurdes Pasquali, Beloni Mazaro, Rosalino Mazaro e Paulo Mazaro. Foto: Arquivo da Prefeitura Municipal de Santa Cecília do Sul.

Constituindo um dos grupos mais antigos e marcantes na história de Santa Cecília do Sul, o Grupo da Terceira Idade mantém semanalmente suas atividades realizadas no Salão da Escola Municipal Duque de Caxias, com mais de 110 participantes, atendendo o município em sua totalidade, pois abrange todas as comunidades do interior e da cidade.

Atualmente, o grupo conta com a diretoria formada pela presidente, Ilanir Pelissaro; vice-presidente, Lurdes Pasquali; secretária, Neli Girardi; tesoureiro, Olimpio Pelissaro e coordenadora, Alzira Pegoraro.

Atual corte da Terceira Idade do município. Foto: Arquivo da Prefeitura Municipal de Santa Cecília do Sul.

A corte é formada pela rainha, Odila Guerra Iaskievicz e as princesas, Zenilde Gratieri Zotti e Cleusa Gratieri. A Sra. Odila também é a atual rainha regional.

Ao longo dos mais de 20 anos, desde sua criação, o Grupo "Sonhar é Viver" se consolidou tanto pelo seu tamanho em termos de maior grupo em atividade do município, como, também, pela sua importância social, no trabalho de integração e convivência a este público por meio de distintas atividades.

Enfatizar sua trajetória e, principalmente, as pessoas que assim o constituíram, é valorizar "os mais antigos" que detém a história única de Santa Cecília do Sul. *"Para mim, a Terceira Idade foi a melhor coisa que surgiu no município, porque antigamente as pessoas ficavam em casa, não saiam muito e nem participavam dos grupos. E, hoje, quem participa parece até mais jovem, pelas atividades, pela amizade, por trocar ideias e conversar. Temos que agradecer aos professores, a administração por animar e incentivar esse grupo no município que faz bem a todos"*, enfatizou Alzira Madalozzo Pegoraro, participante do grupo desde sua criação.

Imagem do encerramento das atividades em 2023. Foto: Arquivo da Prefeitura Municipal de Santa Cecília do Sul.

4.2 Cavaleiros da Amizade

O Grupo Cavaleiros da Amizade foi fundado em 25 de junho de 2005, quando os tradicionalistas Leonardo Panisson, José Antônio Pegoraro (em memória), Neudi João Piffer (em memória), Marcelino Sasset, Leandro Biasi, José da Silva e Claudemir Fontana (em memória), organizavam-se para uma tropeada, na qual carregariam os animais para deslocarem-se rumo à cidade de Passo Fundo e retornariam a cavalo.

Durante o encontro, Leonardo propôs a criação de um grupo de cavaleiros, aprovado por todos. Ele então ofereceu um livro para registrar as atas, já que era importante documentar a decisão do recém-fundado grupo. Na época, o sobrinho Vinícius Panisson, ainda um menino, foi buscar o livro de registro disponibilizado pelo seu tio na casa da Sra. Rita Bonora Panisson. A ata foi então redigida nesse mesmo dia pelo próprio Leonardo.

Em uma janta de farofa de tatu, no galpão da residência de seu Neudi, no

Picadão (Linha Fernandes), levantaram-se duas possibilidades para a escolha do nome: Cavaleiros da Integração ou Cavaleiros da Amizade, prevalecendo a segunda opção. Nasceu, assim, o Grupo Cavaleiros da Amizade do Município de Santa Cecília do Sul.

Posteriormente, novos integrantes foram incorporando-o, tornando necessário estabelecer os princípios e valores que guiariam o grupo. Neste mesmo ano, iniciaram, também, a busca da centelha da Chama Crioula e realizaram a primeira cavalgada em honra à Padroeira Santa Cecília, padroeira do município, passando em todas as comunidades do interior.

1ª Cavalgada em honra à Padroeira Santa Cecília no ano de 2005. Da esquerda para a direita: José Ramos (Tene), Marcelino Sasset, José da Silva, Vinicius Panisson, Neudi João Piffer, Leonardo Panisson e João Luiz Vargem (mais conhecido como João do Anibal). Foto: Arquivo pessoal de Leonardo Panisson.

Finalizando a cavalgada, com celebração e devolução da imagem de Santa Cecília. Da esquerda para a direita, em pé: Neudi João Piffer, Marcelino Sasset, José Antônio Pegoraro (em memória), Gelson Girardi (em memória), Leonardo Panisson, Nildo Tres (em memória), Beto Rovani e Carlitão (em memória). Agachados: José da Silva, José Ramos (Tene), Leandro Biasi, Vinícius Panisson. Foto: Arquivo pessoal de Leonardo Panisson.

Nos anos seguintes ficaram tradicionais as Cavalgadas em Honra a Santo Expedito, a Cavalgada em Honra a São Pedro e a Cavalgada em Honra a Nossa Senhora de Lourdes em Água Santa, entre outras.

Um acontecimento marcante, relatado por Leonardo, foi quando o grupo decidiu realizar a Cavalgada em Honra a Nossa Senhora de Lourdes, que coincidia com a festa da Gruta de Água Santa. Para participar da procissão, o representante do grupo Neudi João Piffer (em memória) foi à Sede Paroquial falar com o Pe. Darci Zanolla (em memória) a fim de pedir permissão. O padre aceitou, porém, estabeleceu algumas condições que foram aceitas. Organizaram-se e estenderam o convite aos Cavaleiros de Água Santa e de Tapejara.

Cavalgada em Honra a Nossa Senhora de Lourdes, em 2006. Cavaleiros da Amizade e grupos de Água Santa e Tapejara. Foto: Arquivo de Leonardo Panisson.

Entre tantos eventos, merece destaque a homenagem feita pelos 50 anos de Ordenação Sacerdotal do Pr. Darci Zanolla (em memória), fato emocionante, quando o homenageado se posicionou para registro do momento.

Ao longo do tempo, diversos patrões assumiram o grupo, realizando um excelente trabalho dentro do tradicionalismo: Leonardo Panisson, Marcelino Sasset, Neudi João Piffer, Izaú Sasset, Sergio Pegoraro, Antoninho Machado de Azevedo (em

Homenagem do Grupo Cavaleiros da Amizade por ocasião dos 50 anos de vida sacerdotal do padre Darci Zanolla. Foto: Arquivo pessoal de Leonardo Panisson.

memória), Luis Marcon e Rodrigo Três. Assim, o grupo consolidou-se honrando os princípios e valores, sempre fiel ao tradicionalismo e à cultura, proporcionando oportunidades aos jovens dentro desses valores.

As cavalgadas em Honra à Santa Cecília ocorrem nos dias 21 e 22 de novembro, sendo este último dia dedicado à padroeira. Foto: Arquivo pessoal de Leonardo Panisson.

4.3 Moto Clube Picadão em Duas Rodas

O Moto Clube Picadão em Duas Rodas de Santa Cecília do Sul foi fundado no dia 21 de julho de 2013, com objetivo de reunir amigos em seu esporte favorito: trilhas de moto. No início, eram oito sócios, sendo eles: Fabio Telles, Lucas Fontana, Evandro Favaretto, Edileus Tieppo, Laurimar Fontana, João Pedro Guerra, Norton Silvestri e Teilor Colussi.

Neste dia, foi realizada a primeira reunião oficial do grupo no Bar do Nadir Silvestri na Comunidade de Vista Alegre, sendo este um grande apoiador do grupo. Desde então, o grupo foi crescendo e participando de vários encontros de trilheiros na região.

Primeiros sócios fundadores do grupo em 2013. Da esquerda para direita, em pé: Laurimar Fontana (Fuxo), Norton Silvestri, Evandro Favaretto, Jean Negri e Cleiton Silvestri. Agachados: Edileus Tieppo, Deivid Rothen, Mateus Sasset e Fabio Telles. Foto: Arquivo pessoal de Fabio Telles.

Atualmente, o grupo conta com 34 sócios de Santa Cecília do Sul e de Tapejara: Alexandro Fontana, Amado Oliboni, Andrei Fontana, Bruno Zancheta, Carlos Favaretto, Cledimar Moresco, Cleiton Silvestri, Daniel Gratieri, Ediclei Martin, Edivan Fiabani, Edileus Tieppo, Evandro Favaretto, Evandro Pigatto, Everton Passe, Everton Suzin, Fabio Telles, Gabriel Simplício, Giovani da Silva, Gustavo Coronetti, Gustavo Dalmina, Jean de Césare, João Pedro Guerra, Laurimar Fontana, Lucas Fontana, Matias Miotto, Norton Silvestri, Odinei Rampazzo, Odirlei Rampazzo, Rafael Zanquetta, Sandro do Prado, Silmar Zanquetta, Teilor Colussi, Tiago Brasil e Vinícius Gasparin.

Grupo Moto Clube Picadão em Duas Rodas. Foto: Arquivo pessoal de Fabio Telles.

Durante este tempo, foram realizados alguns passeios pelas trilhas do município e duas trilhas noturnas. O primeiro evento oficial do grupo foi realizado no dia 21 de maio de 2022, a 1° Meia Trilha do Picadão, na Comunidade de Santana, percorrendo as trilhas do município. Este evento contou com a participação de 239 trilheiros de 40 municípios da região.

O segundo encontro de trilheiros aconteceu no dia 20 de maio de 2023, também na Comunidade de Santana, com números mais expressivos, foram 436 pilotos de 46 grupos e mais de 40 municípios de três estados.

Além das diversões e momentos de lazer que o grupo proporciona, participam das comemorações do município, como os desfiles, eventos de Natal, fazendo entregas de cestas de doces para crianças e idosos no interior e doações para entidades.

Grupo reunido no Natal de 2022. Foto: Arquivo pessoal de Fabio Telles.

Os integrantes do Grupo Picadão em Duas Rodas têm participado de grande parte dos eventos realizados no estado, principalmente na região norte do Rio Grande do Sul, sendo muito bem recebidos em todas as cidades que se fazem presentes.

4.4 Companhia do Pedal Bikers

Tudo iniciou com uma brincadeira de amigos em 2019, onde foi criado um grupo de WhatsApp a fim de combinar horários para pedalar, os quais eram sempre no final do dia. Passado algum tempo, novos amigos foram integrando o grupo e este crescendo, sendo então decidido dar um nome e, assim, intitulado "Companhia do Pedal Bikers".

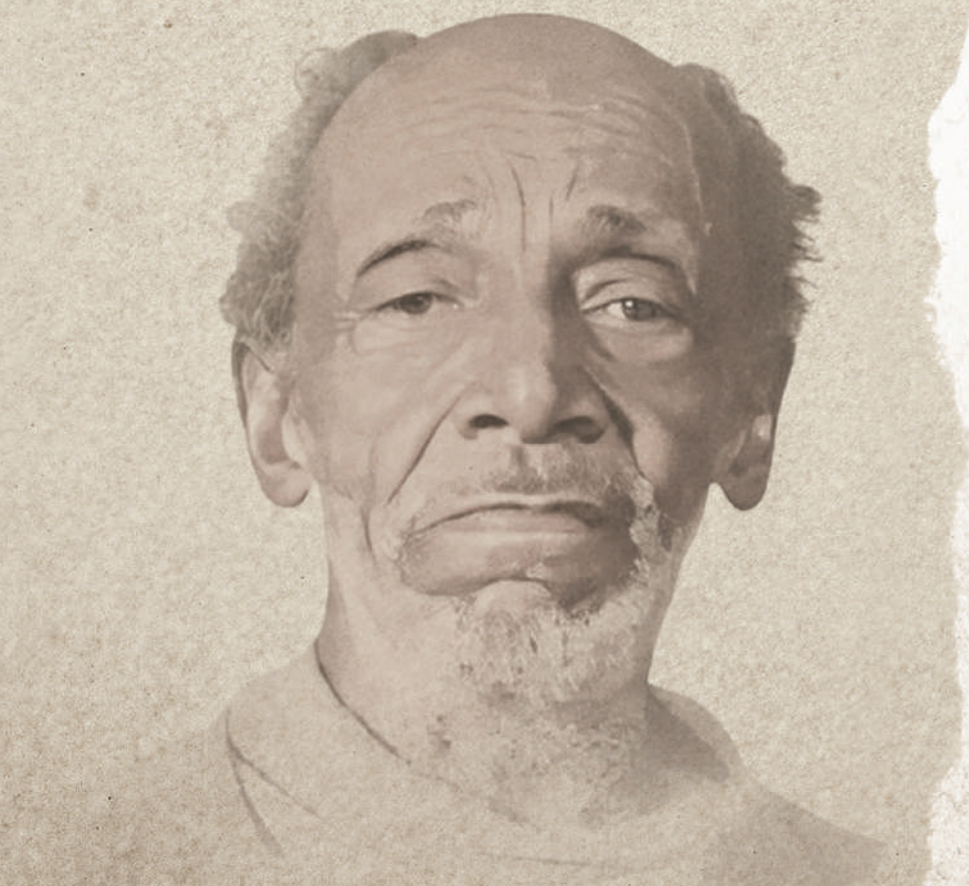
Embora o começo tenha sido com apenas três integrantes, as atividades e passeios foram crescendo, bem como o grupo, que também se tornou uma família, onde casais, filhos e demais integrantes participam e interagem. Hoje, é composto por 24 integrantes ativos que representam o município em vários encontros de ciclismo, tanto regionalmente como, também, fora do estado.

Cabe destacar que no dia 10 de abril de 2022 foi realizado o 1º Pedal de Santa Cecília do Sul em parceria com o SESC e Prefeitura Municipal, tornando-se um evento a ser realizado todos os anos, na semana do município, efetivando, assim, este esporte no município, evidenciando as belas paisagens e cachoeiras de Santa Cecília do Sul.

Grupo Companhia do Pedal Bikers no 2º Pedal de Santa Cecília do Sul. Fonte: Prefeitura Municipal de Santa Cecília do Sul.

CAPÍTULO 5

PERSONAGENS POPULARES E HISTÓRIAS CURIOSAS



CAPÍTULO 5
PERSONAGENS POPULARES E HISTÓRIAS CURIOSAS

O município, ao longo de seus mais de cem anos de história, acolheu diversas pessoas que, de alguma forma, ficaram conhecidas na cidade. Além disso, em conversa com cecilienses, diversas histórias curiosas foram contadas.

5.1 Miguel Picareta

Foto: Arquivo pessoal de Neurí Dalsolio.

Miguel Vieira, mais conhecido como "Miguel Picareta", foi um antigo morador de Santa Cecília, conhecido por toda a população, o qual supostamente tem origem de descendentes de escravos africanos. Era casado com "Bastiana", com quem teve alguns filhos, porém, devido às situações desconhecidas, não sobreviveram. Segundo relatos, existe um filho de Bastiana vivo, "Gito" que reside, atualmente, em Passo Fundo-PF.

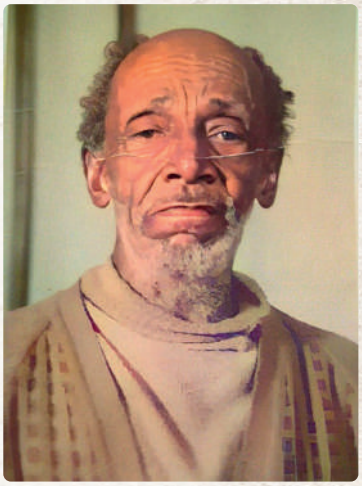
A família residia na conhecida "Vargem" ao final da Rua Cruz Alta. O trabalho de Miguel consistia em fazer lavouras de feijão nas terras dobradas de propriedade do Sr. Francisco Lopes da Veiga e do Sr. Mario Lopes, além de outros locais cedidos por moradores. Também gostava de ajudar a fazer limpezas e organizar o cemitério, como também andava pelo interior da vila.

Miguel em evento do CTG Fogo de Chão em São Marcos. Da esquerda para a direita: Neuri João Caumo (em memória), Luis Colela (em memória), Guerino Slaviero, Miguel Picareta (em memória), as crianças Claudio Negri e Paulo da Rosa, Guilherme Pegoraro (em memória), Laurindo Fontana (em memória), João Belmiro "Nego Bilo" (em memória) e Iraci Caumo (em memória). Atrás, da esquerda para a direita: Maurilio Artuso (em memória), Sebastião Tavares da Silva "Mudinho" (em memória) e Nildo Panisson. Foto: Arquivo pessoal de Verônica Heloisa Panisson.

O Sr. Sadi Mioto contou que, quando pequeno, estudou na escola do município e encontrava Miguel indo para a roça trabalhar e, ao retornar da escola, encontrava-o novamente com um pau de lenha nas costas, um de seus objetos característicos.

Ainda, Seu Mario Mazaro relembrou que, quando era novo, Miguel ajudava sua família a cortar trigo e ouvia fazer benzimentos, a exemplo de tempo feio e de cobras. "SÃO BENTO, SÃO BENTO, LIVRAI-ME DESSE BICHO PEÇONHENTO". O dito era feito em três cantos da roça, deixando um livre como saída para as cobras, que eram comuns em épocas de plantio e colheita.

Miguel Picareta tinha uma irmã, a Joana, que morava sozinha em uma casinha de uma peça só e de chão batido. Para se aquecer, fazia fogo de chão e aquecia ali mesmo sua comida. Em determinadas épocas, perambulava sem destino nos arredores da vila, muitos moradores ofereciam-lhe alimentos.



Miguel Picareta. Foto: Arquivo pessoal de Neurí Dalsolio restaurada pelo arquiteto Geisson Brusso.

Conforme o relato de Seu Ivo Guerra, o seu pai, Joanin Guerra, fazia lenha e o mandava levar de carroça para Joana fazer fogo. Joana gostava de criar galinhas, o Sr. Celestino Meneghini assim a descreveu: *"Alta, magra, voz forte, descendente de escravos; usava meias coloridas e gostava de conversar com minha mãe e o assunto era costura. Tinha um misto de espiritualidade, era benzedeira e tinha um mantra de São Miguel Arcanjo".*

Ainda, o Sr. Celestino compartilhou a história de seu cachorrinho companheiro e inseparável, que o queimaram com água quente; pela proximidade que tinha com Dona Joana, a mesma benzeu dizendo *"quem queimou este cachorro, estou amaldiçoando"* e, assim, curou o animal com ervas e benzimento.

Miguel e Joana contavam que haviam participado da Revolução de 1935 e que, na guerra, tiravam as crianças das mães e as matavam com uma adaga, arma usada na guerra; teriam sido obrigados a fazer isso, embora no tempo residido no município não se tenham relatos de atitudes maldosas. Através das entrevistas, ambos transpassaram uma imagem de pessoas boas dentro de suas dificuldades, ajudados por inúmeras pessoas e, em especial, pela família Dalsolio.

Seu Laurindo Dalsolio também relatou sobre a passagem do Miguel Picareta durante a guerra, o qual teria ido para tratar os animais. *"Ele tinha muito medo de armas e que supostamente tinha um irmão que era bandido".* Como na época gostavam de contar façanhas, mais para se dizer importante, nos dizeres de Seu Laurindo: *"era um pobre coitado".*

Na maioria da sua vida, Miguel limpava o cemitério e dizia fazer isso até morrer como forma de pagar seus pecados quando foi obrigado a tirar a vida de inocentes, pois na época era "capanga" do comissário Marcos Bandeira.

Segundo relatos de Leonardo Panisson, seu pai, Tercílio Panisson (em memória), levava Miguel Picareta no banco em Tapejara para receber a aposen-

tadoria e depois passava no mercado comprar alimentos, auxiliando-o, pois o mesmo já estava cego.

Estima-se que teria vivido até uns 90 e poucos anos e hoje Miguel Picareta e Bastiana estão sepultados no Cemitério Municipal de Santa Cecília do Sul, assim como Joana, a qual faleceu em casa, numa Sexta-feira Santa, não sendo possível localizar qualquer foto sua.

Na vila, além desses personagens populares como Joana, Tabunda, Miguel, Mudinhos, entre outros, existia também a Dona Zula e o Gerôncio, pessoas pobres, humildes, que não faziam mal a ninguém. *"Viviam das doações e um biscate aqui e ali. Tinha muita gente carente por aqui e a gente vai lembrando devagarinho..."*, falou Seu Laurindo Dalsolio.

Identidade de Miguel. Destaque para o ano de seu nascimento em 1895, sendo ainda muito lembrado pelas pessoas. Foto: Arquivo pessoal de Laurindo Dalsolio.

5.1.1 Miguel em poesia

O Sr. Sadi Dalsóglio, bem como sua família, conheceu e conviveu com Miguel e de modo esplêndido retratou, em seu livro de poesia, a vida deste, assim autorizada para divulgação e denominada:

"PICÃO"

Preto que nem carvão
Com cem anos de idade,
Parecia que o negrinho
Estava na mocidade.

Tem um passado bem triste
Que é difícil de contar
Participou de revoltas,
Sentiu prazer em matar.

Sem nenhuma instrução,
Assim ele foi criado.
Por isso que facilmente
Podia ser enganado.

Além de sua resistência,
Medo não conhecia.
Tinha muita persistência
Naquilo que pretendia.

E assim ele cresceu
E no mundo foi jogado.
Trabalhava dia e noite
Para tropear o gado.
Na época de revolta,
Era quem se destacava.
Para o grande coronel
Como soldado atuava.

Este foi o triste início
De uma viagem desgraçada
Vejam só o que acontece
Com uma pessoa alienada.
Mais tarde da triste fase
Começou a lembrar
Alguns fatos marcantes
Que passo a relatar

Das batalhas do passado
A partir da primeira vez,
Contava emocionado
O barbarismo que fez.
Pegava as criancinhas e
As jogava para o ar,
Quando vinham descendo
A espada ia encontrar.

Contava as aventuras
Das tropas que participou,
Quando nas casas chegavam
Em tempo de revolução,
Iam logo pro galpão
Saquear o alimento
Que servia de sustento
Para o barbarismo em vão.

Outras vezes eles chegavam e,
Para poder se alimentar,
Pegavam a vaca de leite
E faziam ela tombar.
Retiravam apenas uma parte,

Vejam só que judiação,
O restante ficava perdido
Ali bem junto do chão.

Foi uma fase da história
Em que a crueldade reinou e
Em nome de mudanças,
Muita gente se aproveitou.
Pobre nego Picão
Sem consciência, sem saber
Ajudava o coronel
A sua fama manter.

E o tempo foi passando...
O capitalismo implantado.
Por quem ele tanto lutou
Também foi abandonado.
Ficou sozinho no mundo
Mendigando seu sustento, pois
Com sua própria força
Não ganhava o alimento.

E assim, anos ele viveu
Nesta vida sem valor,
Sempre cheio de tristeza,
Sofrimento e dor.
Mais tarde envelheceu e
Muita fome passou.
Os amigos do passado
Nenhum lhe ajudou.

Sua crença não perdeu.
Na virgem acreditava.
Até comida pros mortos
O pretinho levava.
Em seu rancho de madeira
Uma estátua conservava:
Pra imagem da Consoladora
Toda noite ele rezava.

Talvez quando era novo
Não podia imaginar
O quanto de sofrimento
A vida iria lhe reservar.
Sofria fome e solidão.
Se não fosse a vó Ernesta

Que sua fome matou,
Acabaria antes do que acabou.

Três panelas enferrujadas
Foi toda sua herança
Partiu desta miséria,
Só ficou a lembrança.
É um exemplo a ser seguido
De luta, fé e dedicação,
Porém, não tão enganado
Como enganaram o Picão.

5.2 Tereza e "os mudinho"

De descendência afro-brasileira, dona Tereza residia com seus filhos, Narciso e Osvaldo, a qual os criou sozinha numa casa de chão batido e janelas de madeira, localizada nas proximidades da Várzea, onde hoje é a Rua Cruz Alta.

Um dos filhos possuía deficiência física e na fala, o qual se "rastejava" e dormia em uma parte do chão mais alta, porém sem cama; usava "vestido", o que subentende que se tratava de uma peça única feita com vários tecidos, a qual facilitava a vestimenta já que o mesmo era "atrofiado".

Dona Tereza fazia pequenas rocinhas aqui e ali, em meio às capoeiras, plantando um pouco de feijão, batata e mandioca. Os distintos relatos evidenciam que a família vivia da solidariedade dos moradores, a exemplo da Sra. Nilce de Mello, ao relatar que quando pequena, levava leite e pão e que eles tinham duas latinhas. Quando ela chegava, eles esperavam na porta, cada um com uma lata e ela enchia com leite e repartiam o pão que ganhavam.

Em seu relato, a Sra. Diles Dalsolio Caumo ratificou: *"a mãe me mandava de burro ou de cavalo no Moinho em Santa Cecília, aí aproveitava e levava comida para eles; de São Marcos dava, mais ou menos, 1 hora de viagem, eu não entrava na casa, só deixava os alimentos na frente"*, contou.

Ademais, a Sra. Francisca Biasi Ferronato verbalizou que quando sua família carneava porco, seu pai, Sr. Jacó Biasi, ajudava essa e demais famílias com os derivados. O Sr. Valdir Girardi relembrou que para eles se ocuparem, os irmãos faziam bonequinhas de madeira e as colocavam próxima à cama, todas enfileiradas e que eles não tinham convivência social, permaneciam sempre em casa.

A origem desta família ainda é desconhecida e, após a Dona Tereza falecer, levaram os irmãos para um "asilo", embora sem saber o local exato, possivelmente em Passo Fundo.

5.3 Florenal Alves Ramos

Imagem de Florenal. Foto: Arquivo pessoal de Jurema Ramos da Silva.

Nascido em 6 de janeiro de 1940, filho de João Alves Ramos e Mercedes Vieira Ramos, Florenal foi acometido da doença meningite aos sete dias de vida. Por conta da precariedade de atendimentos e tratamentos, a maioria das pessoas que contraiam a doença, na época, acabavam por falecer. Por empenho dos pais, entre medicações caseiras, orações e benzimentos, Flor, como o conheciam, sobreviveu.

Em sua juventude, morou com os pais na Comunidade de Santo Antônio. No decorrer dos anos virou andarilho, passando de casa em casa e, segundo o relato de sua irmã, Jurema Alves Ramos da Silva, de 73 anos, seu irmão perambulava pelas estradas, quase como uma opção, mesmo tendo um local para morar.

Passando de casa em casa, Flor oferecia-se para cortar lenha em troca de alimentação ou algum dinheiro. Como característica marcante, destaca-se o fato de sempre levar consigo um pedaço de madeira para defender-se dos cães nas residências e carregar um saco em suas costas contendo alguns itens que considerava indispensáveis em suas andanças, como: alimentos, café com leite, um par de chinelo e alguns objetos que adquiria no comércio com o fruto de seu trabalho.

Elias Nunes, relembrou que o Flor visitava sua família com frequência: *"boas lembranças de um senhor muito prestativo, gostava de lascar lenha e ficar de caseiro. Não gostava de carne de gado e, como exigência para cuidar da casa, solicitava uma cabeça de porco assada. Era pra fazer uma festa, dizia ele"*. Acrescentou que Flor tinha atração por facas e carteiras, presenteando aqueles a quem lhe dispensava abrigo, trabalho e atenção, na maioria das vezes, as mulheres. Não admitia piadinhas irônicas quanto à escolha das pessoas que queria presentear, pois nutria um profundo respeito pelas mesmas.

Em sua enfermidade, aceitou morar próximo à residência de sua irmã Jurema, a qual se dedicou aos seus cuidados, acompanhando-o sempre que necessário nas consultas e internações. Faleceu no dia 25 de março de 2017 e seu corpo está sepultado no Cemitério da Comunidade Rio Telha, em Ibiaçá-RS.

5.4 Tabunda (Otávio Fagundes)

Otávio Fagundes, mais conhecido como "Tabunda" morava numa casa de costaneira e chão batido nas proximidades onde hoje é a entrada da casa de Leonardo Panisson. No meio de sua casinha, fazia fogo a noite toda para se aquecer, iluminar o ambiente, cozinhar ou, na maioria das vezes, esquentar algo para se alimentar. Conforme a Sra. Diles Dalsolio Caumo, o Tabunda *"era uma pessoa calma, baixinho, sempre andava de chapéu de pano e um saco/mala com agasalhos. Sempre dando risada. Não era de maldade"*.

Dentre os diversos relatos, Leonardo contou que *"quando éramos pequenos, íamos incomodar o Tabunda, daí ele saía gritando e correndo atrás"*. A Sra. Cecília Pereira Albuquerque, afirmou, também, que a meninada toda tinha muito medo, pois quando mexiam com ele, revidava atirando pedras.

A Sra. Cecília Grando relatou que por aproximadamente 13 anos auxiliou Tabunda com alimentos. Se recordou, ainda, que ele gostava muito de café e, frequentemente, ia até o Bar do Seu Benedito Azzolini o qual, através da janela, servia-lhe uma boa dose de pinga: *"o Benedito pegava um litro, ele abria um bocão enorme e engolia a cachaça que era derramada em sua boca. Após fazer isso por duas vezes, ele juntava sua "trouxa", que era um saco cheio de roupas e outros pertences, e seguia para casa".*

Relatos da professora Francisca Biasi Ferronato evidenciaram que Tabunda morava sozinho e não tinha parentes por aqui. Adorava lascar lenhas e aparentava ter deficiência mental, não falava, somente balbuciava algumas meias-palavras. Demais moradores locais trazem presente uma frase corriqueira de Tabunda: *"Passo Fundo fiadaputa"*, pois ele mesmo contava, do seu jeito, que teria sido preso na cidade de Passo Fundo e que, quando batiam em sua casa para entregar comida, ele usava esta frase, como sendo um receio que fossem pessoas de Passo Fundo à sua procura.

O Sr. Arthur Osmar Fernandes Telles relatou que, quando seus pais vieram residir em Santa Cecília do Sul, em meados de 1965, Otávio já morava aqui. Havia uma planta chamada "pé de unha de gato" que sobressaía a sua casinha. Era visto como uma pessoa humilde, onde trabalhava pela comida e estadia. Acredita, também, que ele possuía algum tipo de deficiência, tanto na fala, quanto física. O Sr. Arthur acrescentou que Tabunda tinha um irmão chamado Pedro Fagundes, que morava na região de Vista Alegre, mas não se tem informações atuais do mesmo.

Outros relatos de entrevistados também confirmam que Tabunda tinha um irmão de nome Pedro. Conforme Dona Eloir Teresinha Piffer, ele morava com a família de Segundo Oliboni. *"Era uma pessoa que trabalhava para garantir seu sustento. O Pedro adorava tomar um chimarrão e a esposa de Seu Segundo garantia a ele esse momento. Era uma pessoa bondosa. O Segundo Oliboni residia, mais ou menos, ali onde hoje é a morada dos Madalozzo, entre São Valentim e Vista Alegre"*.

Ainda, sobre o Tabunda, o Sr. Nelson Artuso contou que, em determinado período, diariamente ele e sua esposa separavam um prato de comida para ele; sua filha Cilia levava a refeição e num tronco próximo à residência da família, comia e ia embora. Às vezes, davam-lhe um pedaço de sabão, roupa limpa e mandavam-no tomar banho no rio perto da casa e, assim, ele voltava vestindo as roupas do Seu José, pai de Nelson.

No final de sua vida, a casa onde morava pegou fogo e dizem que morreu em consequência das queimaduras que possuía pelo corpo. O seu velório aconteceu no salão velho da Vila Santa Cecília.

Deoclides Piffer de Oliveira, antigo morador de Santa Cecília do Sul, conheceu Tabunda e, no ano de 2023, compartilhou nas redes sociais o seguinte poema, autorizado a compor este livro:

TABUNDA

I
SEU NOME ERA OTÁVIO FAGUNDES
MORAVA NUM CASEBRE DE CHÃO BATIDO
POR TODOS, ERA CONHECIDO
FIGURA FOLCLÓRICA DO LUGAR.
BAIXINHO, MEIO CORCUNDA
DE ORIGEM DE GENTE MIÚDA
NÓS O CHAMÁVAMOS DE TABUNDA,
A SUA HISTÓRIA VOU CONTAR.

II
SEU BENEDITO, QUE DEUS O TENHA
PARA O TABUNDA SERVIA CACHAÇA
E O POVO ACHAVA GRAÇA
DO "BOCÃO" QUE ELE ABRIA.
NUM GOLE, TOMAVA A "CANHA"
E AGRADECIDO PELA BARGANHA
COM SUA VOZ, BASTANTE FANHA
PARA O RANCHO SE DIRIGIA.

III
COM UM SACO EM SUAS COSTAS
PELA VILA, PERAMBULAVA
O ALIMENTO, A VIZINHANÇA LHE DAVA
EM TROCA DE UM SORRISO.
AS CRIANÇAS SE "MORRIAM" DE MEDO
PARECIA QUE ELE GUARDAVA UM SEGREDO
NUM GEMIDO OU NUM GRITEDO
SENTIA ASSIM, UM AVISO.

IV
...E O RANCHO PEGOU FOGO
E O TABUNDA, FOI ATINGIDO
ATÉ ELE FOI SOCORRIDO
MAS PASSOU MUITO MAL.
TODOS TÊM O SEU NORTE
LOGO VEIO A SUA MORTE
QUE DEUS ETERNAMENTE LHE CONFORTE
NO SEU REINO CELESTIAL.

5.5 Severino Colella

Severino Colella era um antigo morador de Santa Cecília, descrito como um senhor alto, magro e que residia sozinho em uma casinha simples, nas redondezas da vila. Sobrevivia do pouco que ganhava, fruto de seu trabalho fazendo "bicos" e, em sua maioria, das doações que recebia, já que na época não existia aposentadoria.

Severino é muito lembrado por ser benzedor, conforme retratam seus sobrinhos Pedro e Juraci Cerezoli Colella. *"O tio era uma pessoa muito querida, simples e de um coração grande, que já curou muitas crianças pelos seus benzimentos"*. Era solicitado para benzer bicha de criança, torcicolo, verrugas em animais, picada de aranha, de cobra, cobreiros, dor de cabeça, dentre outros.

O Sr. Dino Gratieri contou que toda a vizinhança procurava o Severino, pois ele tinha um pilão, onde, manualmente, socava para descascar arroz e fazer canjica.

O Sr. Ovídio Capra, trouxe, em seu relato, que no final da vida de Severino, ele foi morar com o "Tenente Peregrino Agnholeto", homem com limitações em suas pernas, mas que não as via como empecilho para trabalhar com trilhadeira, assim ajudava-o no seu dia a dia.

Em entrevista, o Sr. Ivalino Pegoraro compartilhou que Severino chegou a trabalhar no posto de combustível da época, descrevendo que a bomba de gasolina era tocada a manivela, sendo esta a função dele. Acrescentou que, como na época havia mais tratores e poucos carros, o posto durou apenas alguns anos.

Severino foi velado no Clube Fluminense. Não se encontram registros fotográficos seus e a data de seu falecimento.

5.6 Angelin Grosseli

Descrito como um homem alto, barbudo, Angelin Grosseli perambulou (por um curto período) nos arredores de Santa Cecília. Não possuía residência fixa, apresentava dificuldades na fala e, por isso, evitava conversas.

Possivelmente, por apresentar problemas mentais, Angelin era visto como um "cachorro louco" por ficar gritando frequentemente, fazendo com que crianças e adultos não chegassem perto, além de levar consigo sempre um pedaço de madeira que chamavam, na época, de "porrete", assim tachado de agressivo.

Por ser um homem forte, era solicitado para trabalhar em diversos trabalhos e, embora com suas dificuldades, as pessoas sempre o ajudavam com doações e, assim, ele carregava num saco de tecido nas costas e seguia sua viagem.

Não se tem registro fotográfico de Angelin e nem dados sobre seu falecimento.

5.7 Origem da música "O colono" de Teixeirinha

"Música tem que ter história, tem que tocar a alma, inspirar o gosto pelas virtudes."

(João Prado, proprietário do Galpão Temático, Teixeirinha. Parque da Roselândia/ Passo Fundo).

Todos os anos, no último domingo do mês de janeiro, acontece a tradicional Festa do Rio, em honra à Nossa Senhora dos Navegantes. Conta-se que, mais ou menos, 71 anos atrás, Teixeirinha esteve presente na festa, animando a todos com seu repertório único e voz inigualável.

Na segunda-feira, ao retornar para Passo Fundo, no ônibus de Seu Agostinho Panisson (em memória), que fazia o trajeto Santa Cecília, Água Santa e Passo Fundo, Teixeirinha avistou, nas proximidades do Capitel Santa Lúcia, na localidade de São Marcos, um jovem colono capinando na lavoura.

No interior do ônibus havia um "gran-fino" (pessoa elegante), muito bem-vestido, que começou a rir deste colono que estava tra-balhando para seu sustento, cedinho da manhã.

Teixeirinha, com todo seu talento e brilho artístico, não pensou duas vezes:

- "vou fazer uns versos para este fulano de tal".

Levantou-se, dirigiu-se ao motorista do ônibus, pediu papel e caneta e, inspirado pela cena que presenciara, compôs a música "O colono". Dizem que ao chegar em Passo Fundo, a letra da música já estava pronta.

O colono, que inspirou esta letra, ainda reside na Comunidade de São Marcos, próximo ao Capitel Santa Lúcia. Atualmente, Seu Luís Pelissoni possui 94 anos e muita saúde, sendo um agricultor que muito contribuiu com exemplos e trabalho na comunidade onde reside. A pesquisa deste texto foi realizada por Valdir Girardi, aluno do "Projeto Retomando Aprendizados", em abril de 2023.

Seu Luís Pelissoni, 94 anos, personagem que inspirou a letra da música "O Colono". Foto: Arquivo da equipe do projeto do livro.

O Colono (Teixeirinha)

Eu vi um moço bonito, numa rua principal
Por ele passou um colono, que trajava muito mal
O moço pegou a rir, fez ali um carnaval
Resolvi fazer uns versos, pra este fulano de tal.
Não ri seu moço daquele colono
Agricultor que ali vai passando

Admirado com o movimento
Desconfiado lá vai tropicando
Ele não veio aqui te pedir nada
São ferramentas que ele anda comprando
Ele é digno do nosso respeito
De sol a sol vive trabalhando
Não toque flauta, não chame de grosso
Pra ti alimentar, na roça está lutando.
Se o terno dele não está na moda
Não é motivo pra dar gargalhada
Este colono que ali vai passando
É um brasileiro da mão calejada
Se o seu chapéu é da aba comprida
Ele comprou e não te deve nada
É um roceiro que orgulha a pátria
Que colhe o fruto da terra lavrada
E se não fosse este colono forte
Tu ias ter que pegar na enxada.
E se tivesse que pegar na enxada
Queria ver que mocinho moderno
Pegar no coice de um arado nove
E um machado pra cortar o cerno
E enfrentar doze horas de sol
Num verão forte tu suavas o terno
Tirar o leite, arrancar mandioca
No mês de julho no forte do inverno
Tuas mãozinhas finas delicadas
Criava calo e virava um inferno.
Este colono enfrenta tudo isto
E muito mais eu não disse a metade
Planta e colhe com suor do rosto
Pra sustentar nós aqui na cidade
Não ri seu moço mais deste colono
Vai estudar numa faculdade
Tire um "dr", chegue lá na roça
Repare lá quanta dificuldade
Faça algo por nossos colonos
Que Deus lhe pague por tanta bondade.

5.8 Relatos de Celestino Meneghini

5.8.1 Dorvalino Brum

Conforme relato do Seu Celestino Meneghini, residente do Município de Santa Cecília do Sul até os 7 anos, sua mãe contou-lhe a história de quando ele não era nem nascido. *"Em Santa Cecília, minha terra natal, havia predominância de status social entre colonizadores de origem italiana, brasileiros e negros. Na nossa casa, meus pais conviviam em clima de respeito e justiça social, independente de cor ou outras diferenças. Dorvalino Brum era um jovem negro, de alta estatura e magro. Mãos e pulsos fortes identificavam sua lida olímpica. Domador, ou domador de burro. Tipo de vida livre e severa, frequentava a bodega de meus pais nos dias de folga. Foi batizado e teve meu pai e mãe como padrinhos. Era da casa. Um dia, meu pai viajava e veio à tarde com minha mãe no comando do estabelecimento. Chegaram dois agricultores, pessoas de poder econômico e elevada consideração. Beberam até anoitecer. Minha mãe suspendeu a bebida e disse que estava fechando o atendimento. Os dois fregueses zombaram da determinação, insistindo em continuar bebendo. Determinada, passou a mão na tranca da porta e ordenou a saída dos desrespeitosos. Era mulher valente, embora pequena estatura. Os dois embriagados zombaram novamente. Vendo que ela erguia a voz, Dorvalino Brum levantou-se de facão em punho e bradou: Madrinha. Deixa que resolvo. O humilde afilhado fez reluzir a folha do três listas e tocou por diante os dois atrevidos. Desferiu pranchaços até o meio da rua. Depois voltou e se apresentou à madrinha. Com cinco anos, conheci Dorvalino que cortava fumo para seu crioulo com o mesmo facão e ria seguidamente contando causos de suas domas e fazia gestos entre um trago de canha. Minha mãe contou-me essa história que guardo com brilho e gratidão. Dorvalino, o negro Dorvalino, é memória heroica de respeito, talento e dignidade"*, contou Meneghini.

Imagem do Seu Dorvalino Brum. Foto: Genir Rodrigues de Mello.

5.8.2 Mãe coragem

Outro fato, relatado pelo Seu Celestino Meneghini, foi uma história contada pelo seu irmão do meio, Onofre Antônio, há oito anos falecido, quando lhe falava repetidamente sobre o momento vivido com sua mãe. *"Ela estava grávida e resolveu visitar uma comadre no Rincão dos Lopes, em Santa Cecília do Sul. Com o piá na garupa, a mãe Ermelinda atravessou o Rio Santo Antônio que corria no meio da mata. No meio da tarde, o céu começou a escurecer e, na cabeceira do rio, uma nuvem densa prenunciava o aguaceiro. Despediu-se rapidamente para alcançar logo o local de passagem do rio. A marcha trotada do tostado não foi suficiente. O rio transbordava e era muita água elevando o nível. A velocidade das águas aumentava e levantava névoa ao tocar as margens. A mãe parou e ouviu o relincho do tostado, cavalo majestoso e dócil.*

Advertência! Resoluta, debaixo de chuva intensa, fez meu irmão descer e indicou que se segurasse nos tentos, com fé. Apalpou o escapulário que o piá trazia no pescoço e afrouxou as rédeas. O tostado entrou na correnteza e nadou levando a mãe e o guri sobre a água. Pescoço erguido, em poucos segundos o tostado atingiu a parte mais rasa, soltando um relincho solene e triunfante. A mãe, firme nos bastos, estendeu a mão para o menino subir na garupa e, sem medo lá, se foi para casa, onde meu pai já esperava com um cavalo encilhado, preocupado com a mulher grávida e o filho. Os dois sorriam. No ventre de minha mãe estava eu, poucas semanas antes de nascer. Às vezes penso em minha vida como encontrei coragem para enfrentar momentos difíceis. E me vem à lembrança, a história que meu irmão contava, marcada pela coragem da mãe que atravessou o rio cavalgando o nosso legendário tostado. Foram muitas às vezes em que aquela mulher pequena, cheia de ternura, mas com coragem e amor, empurrava pra frente a vida. Nasci com uma bela carga de coragem, herança de minha mãe!", enalteceu Meneghini.

5.9 Poesia: "Homenagem a Santa Cecília"

Conheça a poesia "Homenagem a Santa Cecília", escrita pela ceciliense Diles Dalsolio Caumo em 2006.

Nosso município está de parabéns
Pelos seus 6 anos de idade
Com o sucesso que ele fez
Deu inveja a muitas cidades

O povo de Santa Cecília
Sofreu com a emancipação
Mas agora está colhendo
Os frutos de sua dedicação

Temos muitos produtores de frango
Que comem carne no espeto
Sempre no mês de abril
Tem o Festival do Galeto

Aqui nesta terra
Se produz muito milho e soja
Temos os silos que recebem esses grãos
No Danielli e na Cotrisoja

Tem os nossos vereadores
Que sempre nos dão as mãos
Fazendo seus projetos na Câmara
Resolvem nossa situação

Com o prefeito Neurí e o vice Luiz
Sabemos que é um sucesso
Dando oportunidades para o povo

Que fazem o progresso

Temos o querido professor Junior
Trabalhando com a Terceira Idade
E a Jane na Ação Social
Temos muita qualidade

Nosso município está crescendo
Tem suas ruas asfaltadas
Tem um povo unido
Pra seguir essa jornada

Venham conhecer Santa Cecília
Povo de muita amizade
Acolhe toda sua família
Com muita hospitalidade

5.10 O avião que caiu

O fato do avião ocorreu há mais de 50 anos com um bimotor de capacidade para quatro pessoas que começou a sobrevoar a Vila de Santa Cecília devido a falhas no motor, o que chamou a atenção dos moradores da redondeza que também o avistaram; ele fazia o trajeto de Santa Catarina e precisou fazer um pouso forçado na lavoura do Sr. José Artuso.

O Sr. Nelson Artuso, filho de José, contou com detalhes que o piloto, vendo que o avião estava com aquecimento no motor, pensou em aterrizar no campo do Fluminense, mas por ter pouca extensão sobrevoou novamente e desceu na lavoura de seu pai. *"Era um sábado à tarde, por volta das 15h30, e eu era piá, sai correndo pra ver, cheguei quase junto com "os Riva" que tinham uma kombi e encheram de gente para ver o avião. O "Darézinho" foi lá e, também, chamaram a Polícia de Tapejara"*. Nelson acrescentou que o piloto estava sozinho e não se feriu. A noite pagou para um morador daqui fazer a segurança e pernoitar no local. Ao amanhecer, o próprio piloto, sabendo do problema mecânico, consertou, trouxe o avião para a estrada de chão e seguiu viagem.

O Sr. Alcides Concolatto relembrou que no dia estava acontecendo a missa e, ao ver o avião que rodeava a cidade bem baixo, as pessoas começaram a sair da missa, deixando o padre desgostoso. Por conta disso, Alcides acrescentou que não saiu da missa, mas assim que a mesma acabou, eles saíram correndo ver e, assim, cada vez juntava mais pessoas curiosas para conhecer de perto um avião.

Há relatos, também, de que havia uma "piazada" (jovens) jogando baralho escondido, um jogo chamado "montinho", próximo ao local do pouso, pois na época jogar baralho era somente para adultos. No decorrer do jogo o avião pousou e "fez saltar correndo" os meninos, dentre eles estavam Valdir Cadini e Gilberto Felini.

Embora não se tenha encontrado algum registro do fato, o mesmo está na memória de muitos moradores que presenciaram o pouso do avião em terras cecilienses.

5.11 A construção do paraquedas

O Sr. Alcides Concolatto contou que Alfredo Cauduro foi seu professor e que Elton Cauduro, filho do professor, era seu colega e que teve a ideia de fazer um paraquedas.

Juntamente com os demais colegas iniciaram a construção. Foram alguns dias juntando papelão, colando e amarrando materiais que acharam viável até o momento da experimentação do paraquedas que chegou a medir mais de dois metros.

Elton, autor do projeto, se dispôs a testá-lo, subindo no pequeno salão da igreja da época e tomando impulso, no entanto, ao pular, foi direto ao chão, fazendo com que se machucasse, mas também rendesse boas risadas para os que estavam assistindo o teste.

5.12 O caminhão que caiu na ponte do Rio Ligeiro

Não se tem conhecimento preciso sobre em qual década o evento ocorreu, porém, relata-se que na Comunidade de Santa Terezinha, precisamente na ponte de madeira sobre o Rio Ligeiro, que na época servia como limite entre os municípios de Ibiaçá e Tapejara, um veículo FNM produzido em Brasília, durante a gestão de Juscelino Kubitschek, seguia sua rota carregado com uma grande quantidade de sacas de feijão.

Segundo Seu Ovídio Capra: *"a ponte era fraca, a carga era pesada. A dianteira do caminhão passou, foi de boas, alcançando a margem da ponte. A traseira, por ser traçada, pesada e muito bem carregada, a ponte quebrou. O caminhão ficou pendurado. Tinha um passo logo abaixo dessa ponte, então, para ir até a cidade ou trabalhar na lavoura, as pessoas passavam por ali"*.

Dona Gentil dos Santos lembrou do acontecido: *"as pessoas envolvidas no acidente vieram jantar aqui na minha casa, só não lembro mais de quem era esse caminhão"*. O fato foi relembrado pelo Sr. Gilberto Felini.

Imagem do caminhão caído. Na época, na divisa entre os municípios de Ibiaçá e Tapejara. Foto: Arquivo pessoal de Adelides Teresinha Lara Piffer.

5.13 Santa Cecília do Sul - A Sibéria

Assim chamada por muitos e, na busca dos motivos pelos quais tantas pessoas referenciam Santa Cecília à "Sibéria", têm-se duas versões trazidas neste livro, segundo relatos e histórias dos entrevistados.

A primeira, trata de Sibéria como um local da Rússia, marcado por muitos conflitos, assim como era em Santa Cecília, neutralizados neste livro, mas presentes na memória das pessoas entrevistadas, como em torneios de futebol, nas brigas nos bailes, nos tiros em festas, nos conflitos políticos, nas brigas de facão nos bares e alguns óbitos acontecidos em diferentes locais e causas.

Outra versão trata de Sibéria como um local que "não tem nada" haja vista que nas décadas de 60 e 70, a vila oferecia um comércio forte e diversificado e, aos poucos, "foi se terminando". Há quem diga que um dos fatos dessa decadência comercial e socioeconômica se deu em função de não ter energia elétrica, o que, supostamente, confirma-se nos relatos da família Sasset, quando o patriarca Eduardo vendeu dois terrenos que tinha na Vila Zanella, por não dispor de luz na época, indo instalar-se na região de Tapejara e construindo moinho neste local.

Há relatos, também, da família Riva, que tinha uma frota de caminhões que, entre idas e vindas entre os estados do sul do Brasil, tiveram a ideia de instalar uma fábrica de calcário em Santa Cecília. No entanto, pela ausência de eletricidade, a mesma não prosperou e, a partir de então, a família foi residir em outros lugares, assim como os demais comércios em declive.

Uma fala conhecida pelos moradores e entrevistados foi a do Sr. Santo Salomão, que se referia a Santa Cecília como um lugar onde nada ia para frente. Dizia, brincando, que se aqui abrisse uma fábrica de chapéus, era capaz das crianças começarem a nascer sem cabeça.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o intuito de resgatar memórias e eternizar histórias de Santa Cecília do Sul, a presente obra traz a trajetória de uma vila quase centenária, em intensos dez meses de trabalho, entre meio a escutas, gravações, documentos, fotografias, leituras, pesquisas e mais de cem entrevistas.

Inicialmente, não havia como mensurar este resgate e, no decorrer, surpreendeu a todos pela grandiosidade e riqueza do material. Ao mesmo tempo, sabemos que muito tem a ser resgatado e não foi possível contemplar neste livro. Embora muitas pessoas tenham partido e levado consigo também suas histórias, o tempo é hoje, e que bom que ainda deu tempo de escrever esta obra e de desfrutar de cada detalhe aqui contado.

Agradecemos a cada pessoa ou família que concedeu uma imensidade de informações, permitindo à equipe adentrar em suas casas e, também, em suas vidas. Sentíamos e víamos a satisfação, a emoção e a memória que brotava entre meio aos causos contados, estendendo a entrevistas e solicitando o retorno para juntos relembrarmos o passado.

Agradecemos, também, imensamente à equipe de colaboradores que tornou possível este livro ao dar todo suporte na busca, elaboração, leitura e revisão de cada texto, que a partir de cada informação coletada, foram se desenhando ou escrevendo as particularidades de Santa Cecília do Sul. Assim, como as famílias compartilhavam e traziam suas histórias, havia sempre o desejo da equipe em ir além e tornar cada texto único. Isso tornou-se um diferencial do grupo nesta caminhada coletiva.

Findando esta obra, em comemoração também aos 24 anos de emancipação político-administrativa de Santa Cecília do Sul, cabe-nos exaltar e valorizar as pessoas e famílias que fizeram do trabalho árduo, em tempos difíceis, a força para a construção de um município, marcado pela fé, ajuda, participação comunitária e muita coragem.

Todas as histórias, memórias e registros ficarão à disposição desta e das próximas gerações, com um sutil desejo de que elas possam resgatar ainda mais sobre a vida deste lugar e que estas páginas não se encerrem por aqui, pois em cada canto que se passa de Santa Cecília do Sul, há muita história para ser contada.

EQUIPE DO LIVRO

Ao reconstruir a história de vida das famílias pioneiras de Santa Cecília do Sul, preserva-se a memória de uma comunidade que construiu o seu próprio caminho, deixando suas marcas nas ruas, praças, igrejas, carregando dentro de si, uma história mesclada de trabalho, vida familiar e relações sociais. Para tanto, precisava-se de alguém que pudesse ouvi-las e registrá-las. Esse momento enfim chegou e contou com uma equipe de colaboradores entusiasmados e incansáveis.

Equipe que contribuiu para a execução desse livro. Da esquerda para a direita, em pé: Juliana Dahm, Eliane Maria Simioni Comparin, Nilton Mazaro, Suelen Defaveri, Adelides Teresinha Lara Piffer, Rubia Caumo Crespi, Marcieli Perera Marcon e Veronica Heloisa Panisson. Agachados: Elias Nunes, Gabrieli Panisson, Ana Caroline Piffer, Fernanda Caumo Telles e Valéria Marsilio.

DEPOIMENTOS

Adelides Teresinha Lara Piffer
Professora e pesquisadora

"Sonhar é maravilhoso. Compartilhar e realizar é indescritível!"

Era o ano de 2015 e eu trabalhava como docente na Escola Municipal Duque de Caxias. Enquanto organizava meu material de trabalho, surgiu a imagem na tela do computador e nela a frase: "histórias que a vovó conta". Tão rápido, veio em meu pensamento: Santa Cecília do Sul, histórias que o povo conta. Porque não, pensei!

Compartilhei a ideia com o então secretário de Educação, Silvio Posser, que demonstrou seu entusiasmo e incentivou-me a abraçar este desafio. E a jornada desafiadora então começou. O trabalho era longo e um suporte maior se fez necessário. As primeiras pesquisas surgiram, assim como as primeiras colaboradoras também.

Com base no livro Raízes de uma Comunidade do Pe. Darci Zanolla e alguns documentos, dei início a elaboração do texto. Surgiram os imprevistos: o intenso trabalho docente, o qual sempre priorizei e o início da pandemia e tudo foi arquivado. No início de 2021, o projeto ressurgiu outra vez. Nova onda pandêmica e as informações coletadas foram novamente guardadas.

Recém aposentada, em 2022 recebi o convite da administração, através da secretária da Assistência Social, Rubia Caumo Crespi, para coordenar o Projeto Intersetorial de Alfabetização de Idosos, um desafio totalmente novo, mas que abracei com muito carinho.

Rubia, uma pessoa indescritível e sonhadora, incansável defensora e admiradora da vasta experiência de vida, sabedoria e coragem de nossos idosos, foi e continua sendo inspiração e motivação. É imprescindível frisar, que, a partir deste momento, o sonho adormecido despertou e com maior intensidade. O resgate das origens e as histórias de nosso município estavam a um passo de reiniciar. A imagem é nítida: ambas na varanda de minha casa, entre detalhes do Projeto Retomando, a Rubia, saboreando um cacho de uva e com o Toby (meu cãozinho de estimação) em seu colo, compartilhei o sonho de escrever um livro sobre o município. A parceria foi então selada. Quanta sabedoria, quanto aprendizado, quanto admiro você, Rubia. Serei eternamente grata!

Algumas reuniões, elaboração e apresentação do projeto, formação de um grupo de colaboradores e o trabalho de "resgatar memórias e eternizar histórias" tomou forma.

A conexão mais profunda com o passado não se limita apenas a livros, documentos ou artigos, mas emerge das lembranças preservadas, reveladas através das histórias contadas pelos nossos antepassados. Assim, ao longo dos anos, testemunhei parte da história do município, desempenhando meu papel como uma cidadã ceciliense. A outra parte, a mais emocionante e gratificante, fixei na memória

por meio das narrativas compartilhadas em reuniões familiares, na vizinhança e conversas informais, transmitidas de geração em geração, que merecem ser registradas, pois resgatar a memória de uma região é a forma mais respeitosa de honrar seu povo.

Cabe ressaltar que o resgate histórico foi construído por diversas mãos. Pessoas colaboradoras, que foram além de seu profissionalismo, que abdicaram de seu tempo para mergulhar em um dos mais comoventes resgates: o passado da antiga Colônia Santa Cecília, também conhecida como Paiol Grande. E, assim, entre visitas aos lugares mais inusitados, pesquisas, gravações e entrevistas, registros rabiscados, trocas de ideias, chimarrão, revelações e apreciação de fotos e lembranças, até então esquecidas no fundo do baú, a história foi se constituindo.

Meus agradecimentos à administração municipal, na pessoa do prefeito João Sirineu Pelissaro e, ao vice-prefeito, Leonardo Panisson, por acreditarem no nosso sonho; à incansável equipe de colaboradores: vocês foram nosso alicerce, nossa certeza e nossa segurança nos momentos em que a ansiedade tomou conta e os limites estavam por um fio. De todos registro uma das frases que tantas vezes ouvi: **"vai em frente, prô, estamos com você!"**

À equipe da Secretaria da Educação, representada na pessoa da Sra. Marta Zanatta Galina pelo apoio, incentivo e palavras de motivação.

À minha família, que soube compreender cada momento em que estive distante, ansiosa e, muitas vezes presente, meus pensamentos e atitudes estavam direcionados ao trabalho; à minha filha, Ana Caroline: foste meu braço direito em todos os momentos, principalmente naqueles em que as forças se esvaíram, lágrimas escorriam e a vontade de desistir ganhou espaço. Foste categórica: **"você recomeçou mãe e irá até o fim, pois estamos juntas para o que der e vier!"**.

Às famílias que abriram, gentilmente, as portas de suas casas, acolhendo-nos e compartilhando conosco o que há de mais precioso: as lembranças, as experiências de vida e a sabedoria, transmitidas ao longo de nossas conversas, repletas de emoções, humor e imenso aprendizado. Meu coração transborda de gratidão pela coragem dessas famílias que ousaram plantar as primeiras sementes e, ao desbravarem este chão, acreditaram em um futuro promissor.

Um carinho todo especial aos alunos do "Projeto Retomando Aprendizados": vocês foram minha fonte de inspiração, dia após dia. Grata por tudo! Aos meus ex-alunos, que com carinho me perguntavam: **"e aí profe, como vai o livro?"**

Considero o presente livro uma obra de inestimável valor, pois resgatar a história é perpetuar valores que o tempo ameaça apagar por completo. Dentre tantas afirmações que registrei, concluo com uma frase proferida pelo Sr. Ivo Guerra, *"muita coisa vai escapar de vocês, mas o que vocês escreverem ficará para sempre, servirá como exemplo e a gente vai saber quem foram aqueles que vieram antes de nós!"*

A todos, que direta ou indiretamente fizeram parte desta emocionante jornada, minha eterna gratidão!

Rubia Caumo Crespi
Secretária da Habitação e Assistência Social

Ao assumir a Secretaria da Habitação e Assistência Social de Santa Cecília do Sul em 2021 já me sentia feliz por retornar e trabalhar na minha cidade natal; estar à frente na gestão e coordenação das ações da Política de Assistência Social, embora desafiador, foi um trabalho construído coletivamente com a equipe, gerando conquistas e crescimento.

Lembro de uma professora da graduação que dizia para sempre irmos além do que está posto. Levo isso comigo e, possivelmente, tenha me levado a este caminho, que, por sinal, cruzou com o da professora Adelides, num projeto intersetorial de alfabetização de idosos. Dentre um planejamento e outro, um breve resgate histórico do município foi feito pelos participantes do projeto, o que reacendeu o sonho de uma professora e o desejo de uma gestora de deixar registrada a história de Santa Cecília, já que é a minha história também.

A partir daí, a dedicação foi tamanha em meio ao tempo curto para escrever um livro. Nas primeiras entrevistas, tive a certeza da história linda daqui, mas também do trabalho que ia ser transmitir tudo isso para páginas de um livro. **Cada visita era um misto de sentimentos vindo das pessoas, entrelaçando as histórias, com o amor por Santa Cecília e a satisfação em compartilhar as lembranças, por vezes, quase esquecidas.** A acolhida era constante, entre uma cuia de chimarrão ou um gole de vinho, as pessoas se emocionavam e, também, nos emocionavam.

Ao tomar conhecimento da vida das pessoas que fizeram e fazem parte daqui e das dificuldades enfrentadas, me fez reconhecer e valorizar ainda mais esse território de existência, que ultrapassa a dimensão físico-territorial. Me aproximar desse território, tendo as famílias como referência e centralidade, trouxe um aprendizado imensurável, permitindo compreender seus arranjos, relações, organização e convivência comunitária, das pessoas e desse lugar, num processo de formação e transformação até os dias atuais, o qual também estou inserida. Ao percorrer esse caminho, sublinho novamente o aprendizado pessoal e profissional, cabendo fazer alguns agradecimentos aos que estiveram juntos nessa intensa caminhada.

A administração municipal, em especial ao prefeito João Sirineu Pelissaro, por ter dado a confiança e a oportunidade de resgatar, preservar e difundir a história de Santa Cecília do Sul; a minha família, que por tantos momentos estive ausente e por outros, presente, mas distante e ansiosa; a equipe de colaboração, por estarem sempre prontos a buscar informações, a fazer a leitura dos textos, a criar mapas, a tirar fotos nos mais inusitados locais, a buscar fotografias e documentos, indo, além do profissionalismo, como diz a colega Fernanda: ***"a gente se envolveu de um jeito que não tem explicação"***; em especial, a minha parceira incansável Adelides, idealizadora desse livro, que, recém aposentada, aceitou o desafio de coordenar o projeto acima descrito, e que a partir disso, nossos laços e ideias só aumentaram. O convívio diário fez ver em ti uma fonte inesgotável de entusiasmo, sabedoria e superação. Aprendi contigo que sonhos exigem coragem e você é o exemplo disso. Rimos juntas, choramos juntas e, acima de tudo, nos fortalecemos e crescemos.

Ao findar esse trabalho, fica a realização e o sentimento de deixar, juntas, um baú impresso à comunidade. Hoje, olho para Santa Cecília não como um município novo e de pequeno porte, mas um lugar com uma vasta extensão de famílias constituintes e constitutivas, que trabalharam arduamente, se divertiram intensamente e construíram coletivamente um lugar bom para se viver.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APETRECHO. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2009-2023. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/apretecho/>. Acesso em: 17 nov. 2023.

ARRIBADOR. In: DI, Dicionário inFormal. 2006-2023. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/significado/arribador/1799/>. Acesso em: 17 nov. 2023.

BARROS, Eliane Cruxem et al. RS: Imigração & Colonização. 3.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1996.

BENTO, Cláudio Moreira. O negro e descendentes na sociedade do Rio Grande do Sul (1635-1975). Em co-edição com o Instituto Estadual do Livro, Grafosul Indústria gráfica e Editora Ltda. Porto Alegre, 1976, pp. 51-75.

BLOGSPOT, Carijo o filme. 2012. Projeto Carijo. Disponível em: https://carijoofilme.blogspot.com/2012/09/carijos-pelo-estado.html. Acesso em: 18 jan. 2024.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.

CAPELÃO. Wikipédia, a enciclopédia livre. 2023. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Capel%C3%A3o. Acesso em: 25 nov. 2023.

CHAIBEN, Márcia Ximenes Nunes. Agro Floresta Amazônia: Os tropeiros tiveram participação importante na formação do Rio Grande do Sul e do Brasil. (2020). Disponível em: https://agroflorestamazonia.com/noticias-recentes/os-tropeiros-tiveram-participacao-importante-na-formacao-do-rio-grande-do-sul-e-do-brasil/#:~:text=Os%20tropeiros%20al%C3%A9m%20de%20conduzir%20o%20gado%20eles,Rio%20Grande%20do%20Sul%20e%20em%20outros%20estados. Acesso em: 20 set. 2023.

CHIARADIA, Clóvis. Dicionário de Palavras Brasileiras de Origem Indígena. Barbaquá. Disponível em: https://www.dicionariotupiguarani.com.br/dicionario/barbaqua/. Acesso em: 10 jan. 2024.

CINCERRO. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2009-2023. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/cincerro/>. Acesso em: 17 nov. 2023.

CURITIBA, Olho Aberto. 2013. Monjolo. Edu Ambiental. Disponível em http://olhoabertocuritiba.blogspot.com/2013/07/width420-height360-srcht-tpswww.html. Acesso em: 07 dez. 2023.

DALSÓGLIO, Sadi. Meu Grito. 1986.

DONATO, Hernâni. Prefeitura de Passo Fundo. Batalha do Pulador - História e encenação.
Disponível em: https://www.pmpf.rs.gov.br/cultura/batalha-do-pulador/. Acesso em: 11 jan. 2024.

EDUCAÇÃO, Rede Jesuíta de. 2016. História da Educação Jesuíta no Brasil.
Disponível em: https://redejesuitadeeducacao.com.br/historia-da-educacao-jesuita-no-brasil/. Acesso em: 08 nov. 2023.

FLORA, Sossego da 2023. Debulhar feijão com o manguá. Disponível em https://sossegodaflora.blogspot.com/2023/04/debulhar-feijao-com-o-mangua.html. Acesso em: 10 jan. 2024.

FLICKER. 2013. Mapa de municípios 1809. Disponível em: https://www.flickr.com/photos/fotosantigasrs/11019684856. Acesso em: 13 jul. 2023.

GLOBO RURAL. Os tropeiros: II travessia. São Paulo: Globo, 2006.

HALBWACHS, M. Les cadres sociaux de la mémoire. Paris: Félix Alcan, 1925. A MEMÓRIA COLETIVA. São Paulo: Vértice Editora, Revista dos Tribunais, 1990.

HISTÓRICAS, Imagens. 2011. Tropeirismo. Disponível em: http://imagenshistoricas.blogspot.com.br/2011/02/tropeirismo.html. Acesso em: 10 nov. 2023.

JASKULSKI, Ana Luiza . Rio Grande de São Pedro: História do Rio Grande do Sul. 4ª Série, [s.d.]. Disponível em: Rio Grande de São Pedro.pdf - Google Drive. Acesso em: 28 set. 2023.

LAM, Lauro. 2022. Olhar Digital: Cheiro de álcool na sala: você sabe o que era um mimeógrafo? Disponível em: https://olhardigital.com.br/2022/01/26/tira-duvidas/cheiro-de-alcool-na-sala-voce-sabe-o-que-era-um-mimeografo/. Acesso em: 02 jan. 2024.

LANDO, Aldair Marli; BARROS, Eliane Cruxên. A colonização alemã no Rio Grande do Sul- uma interpretação sociológica. Porto Alegre; Movimento, Instituto Estadual do Livro, 1996.

LEGALIDADE. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2009-2023. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/legalidade/>. Acesso em: 17 nov. 2023.

LETRAS. O Colono de Teixeirinha. Disponível em: https://www.letras.mus.br/teixeirinha-musicas/203135/#:~:text=78.778-,O%20Colono,algo%20por%20nossos%20colonos%0AQue%20Deus%20lhe%20pague%20por%20tanta%20bondade.,-Adicionar%20%C3%A0%20playlist. Acesso em: 08 nov. 2023.

MAESTRI, Mário. Os senhores da serra: a colonização italiana do Rio Grande do Sul. 2ª ed. Passo Fundo: UPF, 2000.

MAPAS DE SANTOS. 1766. Carta corográfica - Cap. de S. Paulo.

MAZZORANA, Tafona. Disponível em: https://cooperbelluno.com.br/tafona-mazzorana/. Acesso em: 09 jan. 2024.

MEMORIAL, Acervo. Santa Cecília. Disponível em: https://acervomemorial.al.rs.gov.br/index.php/santa-cecilia. Acesso em: 25 jan. 2024.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL E COMBATE À FOME. (2014). Tipificação nacional de serviços socioassistenciais. Brasília: MDS.

MIRANDA, Fernando e ZANOTTO, Gizele (Orgs.). A Morte não é o fim: Culturas e identidades no cemitério Vera Cruz. Passo Fundo: Projeto Passo Fundo, 2018.

MISSÕES, Portal das. 2024. Café de Cambona em São Nicolau. Disponível em https://www.portaldasmissoes.com.br/site/view/id/1635/cafe-de-cambona-em-sao-nicolau.html. Acesso em: 10 nov. 2023.

MOEGA. In: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2024, Disponível em: https://dicionario.priberam.org/Moegas. Acesso em: 24 jan. 2024.

MULHALL, Michael G. O Rio Grande do Sul e suas colônias alemãs. Porto Alegre: Bels, 1974. p. 104.

MULTIDEA (2023). Quem Foram Os Tropeiros. Disponível em: https://multidea.com.br/quem-foram-os-tropeiros/. Acesso em: 20 set. 2023.

NORMA OPERACIONAL BÁSICA DO SISTEMA ÚNICO DE ASSISTÊNCIA SOCIAL - NOB/SUAS. Secretaria Nacional de Assistência Social. Brasília, 2012.

OLIIVEIRA, Francisco Antonino Xavier e. Annaes do município de Passo Fundo: Aspecto Geográfico. 1990.

ORO, Ari. "Religiões Afro-Brasileiras do Rio Grande do Sul: Passado e Presente". In: Estudos Afro-Asiáticos, 2002.

PAIXÃO CÔRTES, João Carlos. Danças Birivas do Tropeirismo Gaúcho. Porto Alegre: CORAG, 2000.

PASSO FUNDO (RS). Prefeitura. 2015. Disponível em: http://www.pmpf.rs.gov.br. Acesso em: 25 jan. 2015.

PÊGA, Blog do. 2013. Resgatando o Patrimônio Tropeiro. Disponível em https://jumentoemuar.blogspot.com/2013/06/resgatanto-o-patrimonio-tropeiro.html. Acesso em: 17 out. 2023.

PINTEREST. Disponível em https://br.pinterest.com/pin/899734831781486842/. Acesso em: 10 nov. 2023

PMSB. Limites municipais. Disponível em: PMSB Plano de Saneamento Básico SCS. pdf. Acesso em: 01 ago. 2023.

POLÍTICA NACIONAL DE ASSISTÊNCIA SOCIAL – PNAS/2004; Norma Operacional Básica – NOB/Suas. Brasília, 2005.

PORTAL DE LEGISLAÇÃO DO MUNICÍPIO DE SANTA CECÍLIA DO SUL. Símbolos Municipais. https://santaceciliadosul.cespro.com.br/pesquisaLegislacao.php?cdMunicipio=7850&cdTipo=3760&byIndiceAssunto=SimbMuni. Acesso em: 10 out. 2023.

SANTOS, Thamires. Colonização Espanhola. Educa Mais Brasil, 2020. Disponível em: https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/historia/colonizacao-espanhola. Acesso em: 26 set. 2023.

SÃO JOAQUIM ONLINE (2019). Os colchões de antigamente com palhas de milho. Disponível em: https://saojoaquimonline.com.br/destaque/2019/11/30/os-colchoes-de-antigamente-com-palhas-de-milho/. Acesso em: 03 jan. 2024.

SEYFERTH, Giralda. A colonização alemã no Brasil: etnicidade e conflito. In: FAUSTO, Boris (org.). Fazer a América. São Paulo: Edusp, 2000.

SELIM. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2009-2023. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/selim/>. Acesso em: 17 nov. 2023.

SILVA, Daniel Neves. Descobrimento da América. Histórias do Mundo, [s.d.]. Disponível em: https://www.historiadomundo.com.br/idade-moderna/descobrimento-da-america.htm. Acesso em: 26 set. 2023.

SILVA, Daniel Neves. Descobrimento do Brasil. Histórias do Mundo, [s.d.]. Disponível em: https://www.historiadomundo.com.br/idade-moderna/descobrimento-do-brasil.htm. Acesso em: 26 set. 2023.

SILVA, Hugo. (11 de setembro de 2017). Ainda Sou do Tempo…de usar uma Lousa/Ardósia escolar. Disponível em https://www.aindasoudotempo.com/2017/09/de-usar-uma-lousa-ardosia-escolar.html Acesso em: 29 nov. 2023.

SILVEIRA, Edgar Bueno. 2005. ABrasOFFA: Tropeiros da Vacaria. Disponível em http://abrasoffaong.blogspot.com.br/2011/06/tropeiros-da-vacaria.html. Acesso em: 18 out. 2023.

SOUSA, Priscila. (5 de Julho de 2022). Fazenda - O que é, conceito e definição. Conceito.de. Disponível em https://conceito.de/fazenda. Acesso em: 29 nov. 2023.

SUL, Câmara Municipal de Santa Cecília do. (2022, 09 de setembro). Na manhã de hoje (09) recebemos em nosso Município o grupo Comitiva Paulista. Facebook: https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=pfbid02fnik31zr5bE7sEcL3pUChL3njCpMQooHn9ySYRxnDnBef4CSM542HwKsCAXtk4A6l&id=100009226583379&sfns-n=wiwspwa&mibextid=RUbZ1f.

SUL, Governo do Estado do Rio Grande do. Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão. Organizadores: Fernando Dreissig de Moraes e Laurie Fofonka Cunha – Genealogia dos Municípios do Rio Grande do Sul, 1ª edição, Porto Alegre SPGG 2018.

TAPEJARA. Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal de Educação, Desporto e Cultura. Tapejara: origens e desenvolvimento: 60 anos de emancipação político-administrativa: mais de 100 anos de história / organizadores: Angélica Manica Bortolini, Itamar Antonio Spanhol e Suelen Defaveri – Tapejara: Editora de Comunicação Norte Gaúcho, 2016.

TELLES Andreia; COPELLI Bruna; COPATTI Carina. História e Memórias do Município de Ibiaçá. 50 anos de emancipação político-administrativa. Passo Fundo: Saluz, 2015.

TITÁRA, Ladisláo dos Santos. Memórias do grande exército alliado libertador do sul da América. 1852. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/242449. Acesso em: 11 jan. 2024.

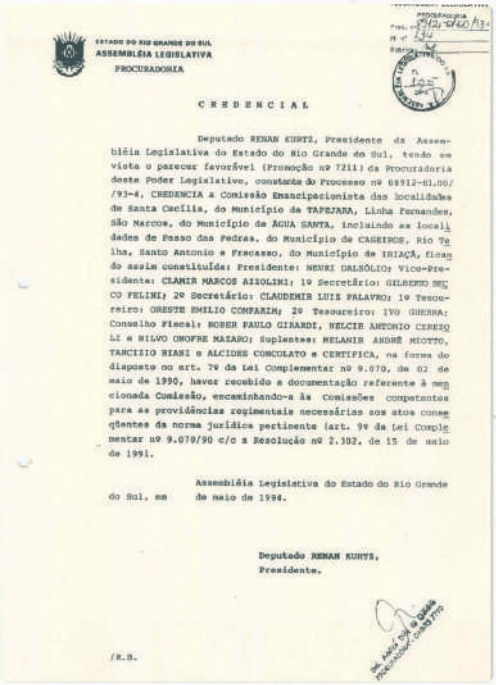
TURISMO, Giordani. 2021. Tradição do Filó Italiano é destaque em roteiro turístico. (20 de julho de 2022). Disponível em https://blog.giordaniturismo.com.br/2022/07/20/tradicao-do-filo-italiano-e-destaque-em-roteiro-turistico/. Acesso em: 29 nov. 2023.

VILA LÂNGARO. Prefeitura Municipal. Município de Vila Lângaro, Uma história de sonhos, trabalho e fé.. Tapejara: Revista Comunicação, 2020.

YOUTUBE. 2019. O fim dos Bandoleiros. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=pha6xgzsKa8. Acesso em: 23 jan. 2024.

ZANOLLA, Pe. Darcy. Raízes e história de uma comunidade. 50 anos da Paróquia Santo Antônio. Água Santa, 1994.

ANEXOS



ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA
PROCURADORIA

CREDENCIAL

Deputado RENAN KURTZ, Presidente da Assembléia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, tendo em vista o parecer favorável (Promoção nº 7211) da Procuradoria deste Poder Legislativo, constante do Processo nº 68912-61.00/93-4, CREDENCIA a Comissão Emancipacionista das localidades de Santa Cecília, do Município de TAPEJARA, Linha Fernandes, São Marcos, do Município de AGUA SANTA, incluindo as localidades de Passo das Pedras, do Município de CASEIROS, Rio Velha, Santo Antonio e Frascasso, do Município de IRIAÇA, ficando assim constituída: Presidente: NEURI DALSÓLIO; Vice-Presidente: CLAMIR MARCOS AZZOLINI; 1º Secretário: GILBERTO SECCO FELINI; 2º Secretário: CLAUDEMIR LUIS PALAVRO; 1º Tesoureiro: ORESTE EMILIO COMPARIN; 2º Tesoureiro: IVO GUERRA; Conselho Fiscal: NOBER PAULO GIRARDI, NELCIR ANTONIO CEREZOLI e NILVO ONOFRE MAIARO; Suplentes: MELANIE ANDRÉ MIOTTO, TARCIZIO BIASI e ALCIDES CONCOLATO e CERTIFICA, na forma do disposto no art. 79 da Lei Complementar nº 9.070, de 02 de maio de 1990, haver recebido a documentação referente à mencionada Comissão, encaminhando-a às Comissões competentes para as providências regimentais necessárias aos atos consequentes da norma jurídica pertinente (art. 9º da Lei Complementar nº 9.070/90 c/c a Resolução nº 2.302, de 15 de maio de 1991.

Assembléia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, em de maio de 1994.

Deputado RENAN KURTZ,
Presidente.

/R.B.

Credenciamento da Comissão Emancipacionista. Fonte: Arquivo do processo de credenciamento disponível no acervo memorial da Assembleia Legislativa.

Quinta-feira, 11 de janeiro de 2001 POLÍT

SANTA CECÍLIA

O novo município de Santa Cecília do Sul também empossou os componentes da Administração Municipal para a gestão 2001/2004, no dia 1º de janeiro, no salão comunitário, o prefeito Neuri Dalsolio, e seu vice Gilberto Secco Felini, da coligação PDT/PPB/PTB.

Declarou o prefeito que no início de uma Administração, onde uma comunidade está iniciando seu crescimento, o desenvolvimento local é o principal objetivo. "Primeiramente, quero fazer saúde, além de educação, agricultura, investir nas agroindústrias e no setor primário. O prefeito e os vereadores devem criar projetos para incrementar nossa produção, temos uma bacia leiteira muito forte, inclusive com uma fábrica de laticínios, buscar a diversificação de culturas e o desenvolvimento rural sustentável".

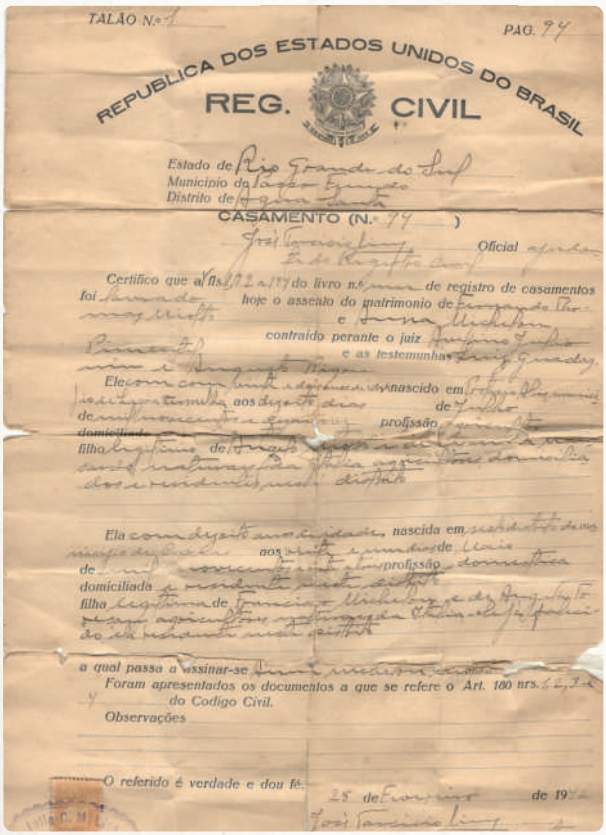
COXILHA

O novo prefeito de Coxilha tomou posse no dia

Matéria de jornal referente à posse da primeira administração do município. Foto: Arquivo pessoal de Neurí Dalsolio.

Primeiro dia na prefeitura. Na imagem, o primeiro prefeito, Neurí Dalsolio, em uma sala simples, evidenciando os poucos recursos do início da administração. Foto: Arquivo pessoal de Neurí Dalsolio.

Primeiro carro da família de Marcelo José Miotto. Foto: Arquivo pessoal de Dolorita Catarina Miotto.



TALÃO N.º 1

PAG. 94

REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

REG. CIVIL

Estado de Rio Grande do Sul
Município de Passo Fundo
Distrito de Água Santa

CASAMENTO (N.º 77)

Oficial

Certifico que a fls. 172 a 177 do livro n.º ___ de registro de casamentos foi lavrado hoje o assento do matrimonio de Fernando Thomas Miotto e Anna Michelon contraido perante o juiz Antonio Carlos Pinto e as testemunhas Luiz Quadros e Augusto Magon.

Ele com vinte e dois anos de idade, nascido em Cerro Branco, município de Caxias, aos dezoito dias do mês de Junho de mil novecentos e quarenta e um, profissão agricultor, domiciliado e residente neste distrito, filho legitimo de Angelo Miotto e Clara Miotto, ambos de nacionalidade italiana, residentes neste distrito.

Ela com dezoito anos de idade, nascida em Nova Petrópolis, município de Caxias, aos vinte e quatro de Maio de mil novecentos e cinquenta e um, profissão doméstica, domiciliada e residente neste distrito, filha legitima de Francisco Michelon e de Angelina Michelon, de nacionalidade italiana, residentes neste distrito.

a qual passa a assinar-se Anna Michelon Miotto.

Foram apresentados os documentos a que se refere o Art. 180 nrs. 1, 2, 3 e 4 do Codigo Civil.

Observações

O referido é verdade e dou fé.

28 de Fevereiro de 1972

José Francisco Lima

Certidão de Casamento de Anna Michelon e Fernando Thomas Miotto. Dona Anna possui atualmente 100 anos de idade, sendo a pessoa mais idosa do município. Foto: Arquivo pessoal de Genaides Miotto.

Modelo de Carteirinha do CTG de antigamente. Foto: Arquivo pessoal de Paulo Cesar Caumo.

Título Eleitoral de antigamente, frente e verso. Foto: Arquivo pessoal de Rubia Caumo Crespi.

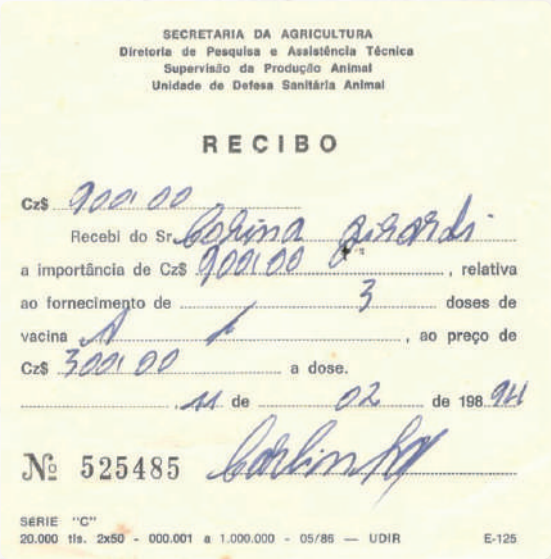
Argemiro Gratieri com seu cavalo Petiço, nas terras onde residia em Vista Alegre. Foto: Arquivo pessoal de Lorineide Gratieri Panisson.

Olímpio Riva e Francisco Lopes da Veiga (ambos em memória) recolhendo o porco de nome "Granfino" que pesou 386 kg. Foto: Arquivo pessoal de Neusa da Veiga Pereira.

Santo Panisson no CTG Fogo de Chão, ensinando os costumes gaúchos para seu neto, Arilson Panisson (ambos em memória). Foto: Arquivo pessoal de Verônica Heloisa Panisson.

Os amigos Clair Fontana "Quilo" e José Luís Telles (ambos em memória) supostamente no Centro da Vila Santa Cecília. Foto: Arquivo pessoal de Fernanda Caumo Telles.

Os garçons de uma festa, Onofre José Tamagno (em memória) e Afonso Tamagno, usando aventais. Foto: Arquivo pessoal de João Luís Tamagno.



SECRETARIA DA AGRICULTURA
Diretoria de Pesquisa e Assistência Técnica
Supervisão da Produção Animal
Unidade de Defesa Sanitária Animal

RECIBO

Cz$ 9.000,00

Recebi do Sr. Corina Girardi

a importância de Cz$ 9.000,00 (...), relativa

ao fornecimento de 3 doses de

vacina A, ao preço de

Cz$ 3.000,00 a dose.

11 de 02 de 198 94

№ 525485

SÉRIE "C"
20.000 tls. 2x50 - 000.001 a 1.000.000 - 05/86 — UDIR E-125

Recibo referente ao pagamento da vacinação de gado de propriedade de Corina Girardi (em memória). O Sr. Carlinhos Ferronato era o vacinador. Foto: Arquivo pessoal de Adelides Teresinha Lara Piffer.

Lembrança do sapatinho de Francisca Biasi Ferronatto feito por sua madrinha. Foto: Arquivo pessoal de Francisca Biasi Ferronatto.

Angelino Rampazzo, conhecido popularmente como "Mando" era solteiro e possuía um irmão gêmeo, que faleceu ainda pequeno, o que teria lhe causado algumas limitações. Foto: Arquivo pessoal Clementina Deolinda Rampazzo.

Os irmãos Lírio e Arestides Sasset mateando. Foto: Arquivo pessoal de Izaú Sasset.

Casamento de Marcelino André Grosseli e Gema Bidesi, acompanhados dos pais da noiva, Maria Meneghini Bidesi e Ernesto Bidesi (ambos em memória), moradores da Vila, sendo Ernesto o primeiro alfaiate que trabalhou no ramo entre as décadas de 40/70. Foto: Arquivo pessoal de Marcelino André Grosseli.

Casamento de Nelson Artuso e Ivaci Panisson. Da esquerda para a direita: Nildo Panisson, Avelino Rampazzo, Izaú Sasset, Santo Pelissaro, Nelson Artuso, Marcelino Grosseli, Vanir Panisson, Dorvalino Grosseli e Antônio Defaveri. Agachados: Santo Panisson, Osvaldo Schaefer e Olímpio Artuso. Ao fundo a residência do noivo comemorando o evento ao jogo de "mora", churrasco e bebida. Foto: Arquivo pessoal de Nelson Artuso.

À esquerda Angelene Panisson e Maria da Luz Alves, popular "Injara" (em memória), muito conhecida na década de 80. Foto: Arquivo pessoal de Nildo Panisson.

Diretoria e catequistas nos anos 75. Da esquerda para a direita: Antonio Pasquali, Rosalino Miotto, Guilherme Prigoli (em memória), Marcia Miotto, Marli Prigoli e Valentim Pasquali. Aos fundos entrada da Sacristia da primeira Igreja de Santa Terezinha. Foto: Arquivo pessoal de Antonio Pasquali.

Casamento de Inerina Risson (em memória) e Valentim Pasquali. Da esquerda para a direita: Felicio Pasquali (em memória) e Tereza Pasquali (em memória), crianças não identificadas, Teresinha Pasquali (em memória), pessoa à esquerda da noiva não identificada, Inerina Risson, Valentim Pasquali, Olivio Pasquali (em memória), Augusto Passarin, Raimundo Passarin (em memória) e José Pasquali. Sentados: Ivo Fontana, Laurindo Risson (em memória) e Vitalino Variza (em memória). Foto: Arquivo pessoal de Antonio Pasquali.

Albertina Bertolin Pacheco e o esposo Laudelino Pacheco e netos. Uma das primeiras professoras da Escola Santa Cecília. Foto: Arquivo pessoal de Roberto Ivan Bertolin.

Neurí Dalsolio na década de 70 com sua lambreta, a qual o levava para namorar com sua atual esposa, Jani Shirley Dalsolio. Foto: Arquivo pessoal de Neurí Dalsolio.

Imagem do famoso baleiro de vidro de antigamente no Bar do Seu Genuino Teles de Souza. Foto: Arquivo da equipe do projeto do livro.

Antigo suporte de rolo de papel para embalagem dos produtos. Item ainda utilizado no Bar do Seu Genuino Teles de Souza Foto: Arquivo da equipe do projeto do livro.

Caminhão dos Riva na Festa do Rio. Da esquerda para a direita: Tarcio Sasset, Adelino Basso, Antônio Barbon e Mario Basso. Foto: Arquivo pessoal de Mario Basso.

Família de Pedro Pereira (em memória) e Joana Florêncio (em memória). Da esquerda para a direita: Pedro, Jussara (em memória), Joana Florêncio, Izanir, Eloir Terezinha e Loreci. Joana Florêncio é neta de Joaquim Florêncio, popular Florêncio Cabeça. Pedro era conhecido pelos trabalhos em couro. Foto: Arquivo pessoal de Eloir Terezinha Piffer.

Resgatar memórias e eternizar histórias de Santa Cecília do Sul

Sabemos que nosso município é ainda jovem, mas constituído de uma história que iniciou há mais de cem anos. Cada fato ocorrido durante todo esse tempo faz parte da memória das gerações que nos precederam e que muito contribuíram em exemplos e valores.

Muitas histórias foram contadas, momentos eternizados em fotos e que nossa comunidade contribuiu lindamente para esse resgate histórico de Santa Cecília do Sul. Muitas memórias e recordações foram partilhadas e orgulhamo-nos de todas as histórias do nosso povo.

Todo esse trabalho contribuiu para deixar vivo tudo aquilo que já passou, afinal, só se morre de verdade quando se é esquecido. Que você possa desfrutar de cada detalhe descrito e ilustrado aqui.

REALIZAÇÃO

PREFEITURA
SANTA CECÍLIA DO SUL
2021 2024
Por nossa terra.
Por nossa gente.